



Fragmentados

ANNE HOLT MULLER



PERIGOSAS

Fragmentados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht, vol. 5

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Fragmentados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Título original: *Split*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Notas de rodapé

Anne Holt Muller

Imagem na capa

Natalia Drepina © todos os direitos reservados

Preparação da capa

Anne H. Muller

Revisão

Camila Bergamini dos Reis

Distribuição

Amazon, Ltda.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

PERIGOSAS

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

FRAGMENTADOS /Anne Holt Muller — Rio de Janeiro:
Amazon; 2017

394p. — (Verflucht, v. 5); 14x21 cm

Tradução de: Split

ISBN 978-15-21288-99-3

I. Fantasia. II. Romance. III. Ficção. IV. Título.

CDD: B869

CDU: 821.134.3(81)

NACIONAIS - ACHERON

Para Eliza Buscher, um ser humano incrível e fonte de milhões de páginas de inspiração. E que, como Juliette, é uma lutadora fantástica que trava uma

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

batalha todos os dias contra o câncer.
Para ela, dedico toda essa saga e muitas
mais.

NACIONAIS - ACHERON

Saga VERFLUCHT:

1. [Amaldiçoados](#)
2. [Predestinados](#)
3. [Apaixonados](#)
4. [Despedaçados](#)
5. [Fragmentados](#)
6. [Entrelaçados](#)

Contos da saga VERFLUCHT:

1. [Eternizados](#)
2. [Estilhaçados](#)

3. [Arrebatados](#)

Sumário

Parte 1 — Sombras

É tarde demais para voltar para casa?

Meu amor, me lembre, o que foi mesmo que eu disse?

E, meu amor, me lembre o que foi mesmo que eu fiz?

É um tipo diferente de perigo

Mostre-me o caminho para um lugar iluminado

Alguém me disse que eu iria querer mais

Eu vou sentir sua falta provocando brigas

enquanto eu grito dizendo que tenho razão

Outra batalha que não foi vencida

PERIGOSAS

Esperando pela sua ligação

NACIONAIS - ACHERON

Parte 1

Sombras^[1]

É tarde demais para voltar para casa?^[2]

SALÉM, MASSACHUSETTS

Havia muito tempo eu não cantarolava ao ler as notícias, mas fazê-lo foi automático e só me dei conta quando parei, vendo que Harriet me observava. Ainda era muito cedo e todos estavam adormecidos enquanto eu mexia no celular e tomava café preto, forte e amargo, sentindo-me exausta: — Tudo bem, querida? — abaixei o celular e fitei-a em seu pijama infantil, segurando seu urso, balançando-o.

— Não consigo dormir, mãe — ela se aproximou e sorri, largando o café sobre o balcão. Fui até ela,

agachei-me e envolvi-a com os braços — O que aconteceu com o tio Cedrico? — foi engraçado ouvi-la chamá-lo de tio com aquela vozinha sonolenta.

— Ele vai ficar bem, meu amor — abracei-a forte, como ela precisava e ficamos daquele jeito. Fechei os olhos, simplesmente aproveitando a proximidade com minha filha naquele momento de enorme importância para nós duas.

— Você promete? — ela murmurou e passei a mão pelas suas costas, confortando-a.

— Prometo, *Schatz*^[3]. Prometo.

— Juliette — levantei a cabeça ao ouvir meu nome e ao abrir os olhos, vi Rafael parado diante de mim, com uma expressão séria, um tanto tensa. Ele parecia muito diferente depois de tudo aquilo, depois de tudo o que acontecera com Cedrico; ao menos algo indicava que ele ainda se importava com alguém no mundo que não fosse ele mesmo — Posso falar com você? — ele fitou Harriet, apreensivo, com os dedos entrelaçados como se não soubesse como se portar perto dela.

— Claro — ensaiei um sorriso e fitei Harrie — Eu volto já, querida — consertei seu cabelo atrás da

NACIONAIS - ACHERON

orelha — Quer tomar seu café?

— Não, eu vou me deitar.

— Está bem — ainda era cedo e ela não parecia se sentir confortável perto de Rafael, tanto quanto ele não se sentia perto dela, assim, beijei seu rosto e esperei que ela se afastasse para me colocar de pé, fitando Rafael com seriedade.

Ofereci-lhe café, que ele aceitou, e levei o meu para o lado de fora. O sol começava a nascer, tingindo o céu distante em suaves tons entre púrpura e laranja, ocultando a lua gradualmente quando me sentei no balanço, inconscientemente balançando-me com a ponta dos pés, e Rafael apoiou-se na pilastra à minha frente para tomar seu café, pensativo.

— O que queria falar? — segurei a caneca de porcelana branca com a mão direita e observei-o longamente.

— Não consigo parar de pensar no que vai acontecer quando ele acordar — sem querer dar o braço a torcer, aquilo também revirava as minhas entranhas.

— Eu também — expirei lentamente e Rafael se virou, ficando parcialmente voltado para o

NACIONAIS - ACHERON

horizonte, com o olhar baixo.

— E se ele não quiser... — ele deixou a frase no ar. Balancei a cabeça e pousei a caneca em meu colo.

— Tudo que podemos fazer é apoiá-lo, porque, sinceramente, eu não sei mais o que fazer... — calei-me, pois também não sabia o que dizer. Rafael me olhou de maneira embaraçosa.

— E oferecer sangue a ele? — balançou a cabeça, como se a ideia fosse repudiável — Cedrico deixou bem claro que não queria se tornar um monstro, só que isso...

— Ele não vai se tornar um monstro; ser um vampiro não significa ser um monstro. O que te torna um monstro são suas atitudes — defendi meu ponto, sentindo-me ofendida ao ser colocada naquela posição.

— Você sabe que eu estou certo, Juliette — ele me deu as costas e balançou a cabeça, fazendo parecer ser eu a pessoa que não via as coisas claramente ali, como se ele não tivesse acabado de me ofender.

— Não, você não está, Rafael — falei de modo brusco, desesperado, querendo que ele me olhasse, NACIONAIS - ACHERON

que discutisse comigo e não que me desse as costas enquanto eu falava — Cedrico pode fazer as próprias escolhas quando acordar. Pode decidir ser uma pessoa boa, pode escolher voltar para o Paquistão e ajudar as pessoas ainda mais do que já fez até agora. Ele *tem* uma escolha, e ele não é um monstro por causa disso. Assim como *eu* não sou — ele finalmente se virou, ligeiramente surpreso — Todos temos escolhas.

— Não foi o que eu quis dizer — falou sério, mas como se se explicasse. Relaxei os ombros — Você sabe que não foi o que eu quis dizer — Rafael ficou completamente de frente para mim e esperou que eu confirmasse que entendia, mas não fiz nada. Nem me movi — Cedrico sempre foi bruxo, durante toda a vida dele, você sabe como é perder esse contato com a natureza, com as coisas vivas... Isso talvez seja mais impactante e desolador do que perder o resto, do que precisar beber sangue algumas vezes por semanas e tentar manter o controle — ele gesticulava; queria que eu entendesse, mas tudo o que fiz foi encará-lo de volta.

— Você não sabe do que está falando. Nunca se

NACIONAIS - ACHERON

sentiu assim.

— Eu sei do que estou falando, e acredite, Cedrico nunca vai se alimentar. Eu o conheci durante toda a minha vida, com esse mesmo jeito, com a mesma personalidade, mesmo que às vezes seja mais duro do que outras... Ele sempre foi essa mesma pessoa altruísta...

— Eu também o conheço bem — encarei-o, interrompendo-o bruscamente. Estreitei os olhos e esperei alguma reação sua que não fosse surpresa — Eu o conheço suficientemente bem para saber que ele sabe a diferença entre certo e errado, que ele sabe que nenhum de nós é santo... — comecei a me exaltar e Rafael me interrompeu gentilmente.

— Todos temos sangue em nossas mãos, não importa por quais motivos, todos temos. Não é isso que estou dizendo, mas entenda... Eu me faria essa mesma pergunta se estivesse nessa posição: por que a minha vida valeria mais do que a das pessoas inocentes que eu precisaria matar para me alimentar? — ele finalmente me calou diante daquele dilema moral. A única resposta que eu tinha era que fazíamos o que precisávamos fazer pelas pessoas que amávamos, mas tive a sensação

NACIONAIS - ACHERON

de que aquela não era uma resposta válida daquela vez.

— Eu não sei, Rafael. Só não podemos concordar com o que ele disse e... Desistir — engoli com dificuldade e nos encaramos por um longo momento enquanto o sol nascia atrás dele, um novo e difícil dia começando.

Além de suas novas palavras, tudo o que tínhamos dito um ao outro no dia anterior mexera comigo, me abalara mais do que eu conseguia deixar transparecer, pois deveria parecer controlada diante do que estava acontecendo com Cedrico; eu deveria ser a pessoa habilitada a ajudá-lo a passar pela transição, não o oposto. E assim o faria. Eu o ajudaria a se alimentar, a controlar os instintos, a ter uma vida normal depois daquilo tudo e o que quer que fosse preciso porque eu sabia que ele faria o mesmo por mim, como tentara quando me transformara, uma vida inteira atrás.

Pensei em tudo aquilo, planejando na minha cabeça como seria, antes de tudo, convencê-lo de que ele precisaria se alimentar, o que me pareceu ser uma iminente difícil tarefa depois de tudo o que ele dissera antes de *morrer*.

NACIONAIS - ACHERON

Vai ficar tudo bem, disse a mim mesma algumas vezes enquanto segurava meu café firmemente, com as duas mãos, e alternava o olhar entre Rafael e o sol que começava a esquentar. *Vai ficar tudo bem.*

Meu amor, me lembre, o
que foi mesmo que eu
disse?^[4]

Segurei sua mão quando ela se moveu milimetricamente, agarrei-a, na verdade, sentindo o olhar de Rafael, que observava tudo de longe como se fosse a própria morte à espreita. Mas eu mal conseguia pensar, pois, na minha cabeça, tudo o que eu via era Cedrico, a conversa que tivéramos no banheiro e a possibilidade enorme de que ele se recusasse a se alimentar.

Então, até assustando-me pelo modo repentino, ele arquejou, como se se afogasse e buscasse por ar, e sentou-se. Soltei sua mão e busquei seus olhos

quando eles se abriram, mas Cedrico abaixou ligeiramente a cabeça, buscando pelo ar enquanto levava as mãos à garganta; até eu fiquei sem ar, sem conseguir me mover ou falar qualquer coisa por um segundo. Enfim, ergui o braço e pousei-o em seu antebraço: — O que aconteceu?

— Cedrico... Você está bem? — parei de respirar por um momento ao encontrar seus olhos, mais verdes do que eu me lembrava e confusos.

— O que está acontecendo, Juliette? — sua voz foi aumentando de modo gradual, ele foi descobrindo como usá-la novamente ao me olhar de modo cada vez mais intenso.

— Cedrico, nós temos que...

— Não, Juliette — falou de modo categórico, porém ainda confuso, frustrado, sem entender nada — O que *eu* estou fazendo aqui?

— Cedrico, precisamos conversar — Rafael falou, irremediavelmente mais calmo e capaz de fazer aquilo do que eu.

— Não, não temos que falar nada — ele ergueu os olhos para o irmão, profundamente perturbado, então voltou-se para mim — Juliette, o que eu te disse? O que eu ainda estou fazendo aqui?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu... Cedrico, eu não podia... — comecei com a voz chorosa, quase desesperada. Não conseguia dizer nada que explicasse o fato de que eu não era capaz de fazer o que ele queria, o que me pediu que fizesse. No fundo, acho que ele também sabia que eu não seria capaz de matá-lo nem naquela vida nem noutra — Você sabia disso no momento em que foi falar comigo, eu não podia.

— Então preciso de alguém que consiga — ele chutou os cobertores e jogou as pernas para fora da cama. Antes que se levantasse, Rafael colocou a mão em seu ombro e abaixei minha perna direita que estava sobre a cama, naquele momento, lado a lado a ele, com o rosto retorcido em agonia ao ter certeza de que suas convicções eram irremediáveis.

De que, talvez, eu não conseguisse fazê-lo voltar atrás mesmo se quisesse. Talvez não conseguisse fazê-lo voltar atrás a tempo de convencê-lo que ele precisaria se alimentar, completar a transição e se tornar uma coisa, um *monstro*, que ele, veementemente, repudiava: — Cedrico, me escuta, por favor... — minha voz começou, implorando-o ao repousar minha mão em seu antebraço — Você tem que...

NACIONAIS - ACHERON

Ele balançou a cabeça e me olhou como se para me alertar que eu deveria calar a boca antes que dissesse algo e fosse tarde: — Por favor... *Por favor*, não me diga que eu *tenho* que me alimentar — seu tom foi ligeiramente arrouqueado e transtornado.

Então, Cedrico se virou e inclinou-se, enfiou o rosto entre as mãos e ficou daquele jeito; ergui o olhar para Rafael: — *O que nós fazemos?* — movi os lábios sem emitir som. Rafael parecia estranhamente calmo de um jeito que eu não conseguia ficar, até invejava-o por ter toda aquela calma e sensatez.

Ele balançou a cabeça e voltou-se para o irmão.

— Está tudo bem, irmão — ele agachou e colocou a mão no ombro de Cedrico — Você fez a sua escolha — Cedrico ergueu a cabeça e os dois se olharam.

— Rafael! — pulei da cama e parei de pé ao seu lado — Você não pode dizer isso! Cedrico — busquei seu olhar e engoli em seco —, nós precisamos de você. Você não pode... Simplesmente *desistir*. Sem lutar. Você não pode! — minhas palavras soaram desconectas até para

NACIONAIS - ACHERON

mim, como se tudo que eu dissesse fosse um grito no vazio, para alguém que não estava escutando o que eu dizia — Por favor, me escuta...

— Juliette! — foi a voz de Rafael em tom de alerta, ao que ele se virou — Pare com isso — murmurou, com uma cara de poucos amigos.

Rafael ficou de pé e coloquei os cabelos atrás das orelhas com as duas mãos ao mesmo tempo, frustrada, incrédula. Ele deveria estar do meu lado, deveria querer o irmão vivo, não guiá-lo na direção da porta, aceitar, falar que estava tudo bem e deixá-lo fazer escolhas ruins; mortais.

— Eu não vou parar. Escute a si mesmo... — olhei para Cedrico — Cedrico, me escute... Se alimentar, não é a pior coisa no mundo. Pode parecer, mas depois...

— Juliette, eu não vou fazer isso — vi em seus olhos que ele estava confuso, que mesmo afirmando aquilo, não tinha certeza e agachei a sua frente, buscando fazer contato visual, aproximá-lo de mim e das minhas convicções.

— Cedrico — respirei fundo para parecer controlada, para passar a ele a impressão de que sabia do que estava falando; afinal, eu tinha vivido

NACIONAIS - ACHERON

quase dez anos da minha vida sendo uma vampira e não matava ninguém para me alimentar — Eu sei o que você está pensando, mas vampirismo não é assim. Eu vivo assim e eu posso ser a pessoa mais normal no mundo. E se você der uma chance, eu vou estar aqui — coloquei a mão perto da sua, mas não tomei a iniciativa em segurá-la, dei a abertura para que ele o fizesse quando se sentisse pronto — Eu vou te ajudar a passar por isso, apenas dê uma chance.

— Juliette... Eu não posso — vi em seus olhos que ainda tinha uma chance de convencê-lo, afinal, ainda tínhamos 24hrs antes que ele precisasse se alimentar e disse a mim mesma que aquele era tempo o suficiente. Vinte e quatro horas eram o suficiente até para fazer a terra girar ao contrário se aquilo significasse salvar a vida dele — Eu sou um bruxo. Desde que eu me conheço, eu sou um bruxo. Tenho meu contato com a natureza, com tudo... Posso até sentir a vida pulsar em você... Mas quando acordei agora, tudo que consegui sentir foi morte a minha volta. Dentro de mim mesmo. Então não posso... — seu rosto ficou retorcido pelo dor, pela agonia — Não consigo.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu prometo que vai ficar tudo bem — respirei fundo. Não tinha muito mais que eu pudesse fazer naquele exato momento, assim, respirei fundo e me levantei — Vou te deixar sozinho para você pensar, está bem? — ele fez que sim. Me virei para Rafael com meu melhor olhar de poucos amigos e saí, seguida por ele.

Na cozinha, Harriet estava andando de um lado a outro com seu urso, os cabelos presos em uma trança bonita, provavelmente feita por Dahlia, porque ultimamente eu nem sabia mais o que acontecia com minha própria filha; tudo o que eu via a minha frente eram conflitos e mais conflitos. Me sufocavam o tempo inteiro.

E, meu amor, me lembre,
o que foi mesmo que eu
fiz?^[5]

— Mamãe... — ela foi até mim com aquele rostinho carente, demonstrando que ela precisava da atenção que eu não lhe dava há tempos — Está tudo bem?

— Está, sim, querida — sorri para ela e pousei os dedos em seus cabelos, acariciando-os enquanto a levava até a mesa — Onde está a sua avó?

— Ela saiu com a sereia quando eu acordei.

Ela se sentou a mesa e colocou o ursinho na cadeira ao lado. Inconscientemente, enquanto eu dava a volta na bancada, estava cantarolando

Mother, mais para engolir aquela raiva sinistra e cegante que eu sentia de Rafael do que por qualquer outra coisa, mesmo que, em parte, aquele fosse um hábito. Mesmo assim, Rafael se sentou de frente para Harriet, que, sob aquele ângulo, estava de costas para mim enquanto eu abria o armário e catava um biscoito de chocolate que Dahlia fazia e eu simplesmente adorava.

— O que você quer comer, querida?

— Ahn... — ela pensou por um segundo — Cereal — falou com um entusiasmo infantil; com o canto dos olhos, vi-a mexer na toalha da mesa enquanto Rafael a encarava, bebendo café, avaliando-a como se buscasse por alguma coisa; encarava-a sério, de modo que me incomodei.

Se ele não gostava dela, tudo bem, ele não era obrigado, mas se tínhamos que ficar perto um do outro por objetivos em comum, não queria que ele a olhasse daquele jeito, como se ela o incomodasse de algum modo. Tive vontade de enfiar a mão na cara dele ainda mais do que antes pelo fato de, daquela vez, se tratar da minha filha. Engoli toda a minha raiva e coloquei o cereal em uma tigela sobre a bancada, adicionando o leite aos poucos

NACIONAIS - ACHERON

enquanto olhava para Rafael, que manteve o meu olhar de modo frio, centrado.

— Nós precisamos falar — ele falou enquanto eu despejava o leite lentamente sobre o cereal e retorcia os lábios.

— Nós precisamos — falei, com uma raiva contida em minha voz — Certamente precisamos.

— Você não pode pressioná-lo com esse papo furado de que tudo vai permanecer como é, não é certo.

— Não é certo dizer a alguém que está em dúvidas, se equilibrando em uma corda bamba, que está tudo bem desistir sem lutar. Não achei que fosse assim que fazíamos as coisas — saí de detrás do balcão muito devagar — Não seja hipócrita, Rafael, até parece que não foi você quem me convenceu a me alimentar quando *eu* estava nesta mesma posição — contive-me pelo fato de Harriet estar bem ao meu lado, com os olhos erguidos para me observar com a atenção de uma criança curiosa.

— Não é a mesma coisa.

— Como, não é? — aquilo era simplesmente um absurdo vindo dele, pois eu podia me lembrar com riqueza de detalhes como tinha sido a primeira vez

NACIONAIS - ACHERON

em que me alimentara, qual era o gosto do seu sangue e todos os detalhes.

— Você nunca foi como nós, Juliette, achei que, a essa altura, já soubesse bem disso — mantive seu olhar por um momento, respirando fundo, contendo-me e apertando a tigela de porcelana marrom-clara, em minhas mãos com tanta força que poderia quebrá-la — Além disso, você ainda tem poder — ele balançou a cabeça e jogou os ombros para trás, como se tivesse toda a razão do mundo, mas, ao mesmo tempo, centrado em seu ponto de vista — Não finja como se se importasse tanto assim, porque nada disso faz parte do que você é, como faz parte de nós. Então deixe meu irmão em paz, isso não cabe a você decidir.

Nem eu entendi como fiquei com tanta raiva a ponto de me descontrolar na frente da minha filha, mas quando dei por mim, atirei o leite com cereal na cara dele com força. Nem eu acreditei no que tinha feito quando ele me olhou, tomado pela surpresa, com o rosto coberto de leite, assim como sua roupa.

— Mas... *O que é isso?* — ergui os olhos para ver uma Lauren em choque surgir a porta, como se

NACIONAIS - ACHERON

tivesse um radar e aparecesse nas horas mais incertas e impróprias; ela foi caminhando na direção de Rafael, mais surpresa do que ele ao se deparar diante daquela cena — O que está acontecendo aqui? — muito séria, ela me encarou e esperou que eu me explicasse quando eu não tinha nenhuma vontade, menos ainda dever, em fazê-lo, pois ainda segurava a tigela e, sem me dar conta ao manter o olhar de Lauren, apertei-a com tanta força que ela trincou e se quebrou em minhas mãos.

— Juliette, saia daqui, por favor — Dahlia surgiu do mesmo corredor que Lauren e me olhou, depois a Harriet, tão séria quanto irritada. Transtornada, abri minhas mãos cheias de sangue e desapareci dali.

— Mas *o que diabos* deu em você? — Dahlia esbravejou comigo enquanto eu andava de um lado para o outro em seu quarto, com os dedos da mão direita espalmados na minha testa, o rosto voltado para o chão de modo quase paranoico.

— Eu não sei, desculpe... Eu...

— Peça desculpas a sua filha, por favor — ela estava sentada em uma poltrona perto da janela
NACIONAIS - ACHERON

segurando uma caneca de chocolate quente enquanto eu fitava o céu nublado do lado de fora — Você não gosta de Rafael, certo. Vocês podem se matar e você pode jogar nele o que bem quiser... Mas *não* na frente da Harriet.

— Eu sei, Dahlia! Droga. Eu perdi a cabeça, estou meio que surtando com essas coisas que estão acontecendo... — balancei a cabeça e respirei fundo, tentei manter o controle ténue — Eu estou morrendo de fome e isso faz com que eu fique irritada e impulsiva. Não é porque eu quero, mas eu preciso me alimentar.

— Então se alimente, Juliette, pelo amor de Deus. Por que ainda não fez isso? Você precisa estar pronta para o que precisar — fiz que sim, já ciente daquilo há muito tempo.

— Vou fazer isso assim que puder, enquanto isso, eu preciso me preocupar com Cedrico e com o fato de que ele está irredutível com relação a se alimentar. E eu não tenho todo o tempo do mundo para convencê-lo — respirei fundo, peguei um lápis sobre o criado, ao lado da poltrona onde Dahlia estava, observando com o olhar de águia a cada movimento meu, e preendi o cabelo em um coque

NACIONAIS - ACHERON

alto.

— Espero que esteja certa e que ele esteja inclinado a aceitar o sangue, pois ainda precisamos dele — ajeitei o cabelo e tirei alguns fios desordenados do meu rosto.

— Porque ele é nossa família também — falei de modo incisivo, ao que Dahlia se limitou a dar de ombros.

— Isso também, mas mais porque precisamos dele do nosso lado — e bebeu seu chocolate. Como me sentia um pouco descontrolada, saí dali para procurar Harriet antes discutíssemos. Encontrei-a no balanço nos fundos da casa, conversando com Lauren como se fossem melhores amigas, ambas com canecas de chocolate quente entre as mãos.

— Querida? — encostei-me ao batente da porta e ela se virou para mim. Lauren continuou como estava como se eu não estivesse lá, o que foi bom, porque ela não parecia estar muito feliz comigo, embora seu rosto estivesse tomado por um expressão serena e tranquila — Posso falar com você?

— Está bem — ela se levantou e me seguiu para dentro. Já estava vestida, usando um vestido verde

NACIONAIS - ACHERON

rendado e bonito que eu me lembrava ter sido Joseph dar a ela.

Levei-a para a sala de estar para falar com ela sem interferências e sentamo-nos lado a lado no sofá.

— Querida... Me desculpe pelo que aconteceu, pelo que eu fiz... — não sabia se pedir desculpas era exatamente o que eu queria dizer, mas precisava começar por algum lugar — Não devia ter feito aquilo.

— Eu não gosto do Rafael — ela falou em um tom estranhamente magoado, crescido demais para o meu gosto — Ele pode ser o meu irmão, mas eu não gosto dele.

— Ele não é uma pessoa ruim, meu amor — acariciei seus cabelos lentamente e tentei sorrir, mas fechei os olhos por um segundo — Só não estamos nos entendendo muito nos últimos dias, é só isso.

— Mesmo assim, eu não gosto dele. Eu quero que voltemos para casa, onde só estejamos nós duas.

— Eu entendo, querida. Eu estou fazendo tudo o que eu posso para que isso aconteça o mais rápido possível — ela sorriu e concordou, inesperadamente largando o chocolate sobre a mesa

NACIONAIS - ACHERON

de centro para envolver-me em um abraço apertado, repousando a cabeça em meu peito — Eu vou fazer de tudo para que você possa ter a sua vida de volta. Uma vida normal — beijei seus cabelos e fiquei daquele jeito por um momento — Você confia em mim, *Schatz*?

— Sim, mãe — sorri.

— Então, *eu prometo* que tudo vai voltar a ser como era antes.

É um tipo diferente de perigo^[6]

Abri os olhos e ergui a cabeça ao escutar o som de passos se aproximarem. Em um segundo, vi meu pai a porta ao lado da minha... *Irmã*. Harriet se afastou de mim apenas o suficiente para olhar para o avô e a tia que era poucos meses mais velha que ela. Ergui o queixo e engoli em seco.

— Pai? O que está fazendo aqui?

— Vim ver minha garotinha — ele tinha um sorriso encantador, estonteante, e Hope me olhava com seus olhos verdes idênticos aos da minha mãe, os cabelos castanho-escuros caindo em cachos leves pelos seus ombros.

Mesmo depois de tanto tempo, eu não conseguia

sentir uma gota de empatia por aquela menina, assim, segurei minha filha pelos ombros como se ela fosse uma ameaça a minha garotinha, mesmo que tão pequena e inofensiva.

— Rafael me disse que você precisava de ajuda — meu pai continuou quando não falei nada, seus olhos passeando por Harriet somente por tempo o suficiente para notá-la antes de voltarem a mim, diretamente aos meus olhos — Como está indo tudo aqui?

—Muito mal, pai. Por que a trouxe aqui? — não a mencionei, mas ele sabia que eu estava falando de Hope, pois ficou tão sério quanto ficava quando eu fazia aquilo.

— Ela é minha filha, *sua irmã*, além disso, achei que fosse bom que ela e Harriet se dessem bem — ele deu de ombros e engoli em seco, balancei a cabeça.

— Tudo bem — balancei a cabeça de modo sutil e me virei para Harriet — Harrie, querida, esta é sua tia, Hope.

— Tia? — ela franziu o cenho como se não entendesse — Ela não se parece com uma tia — e olhou bem para Hope, que nem parecia ter voz pelo

NACIONAIS - ACHERON

modo como só ficava olhando para nós duas e para o ambiente a sua volta. Harriet, por sua vez, olhou-a completamente desconfiada, como se esperasse que todos nós ríssemos e disséssemos que aquilo era uma piada.

— É que... — respirei fundo, preparando-me para me explicar — Quando ela nasceu, eu já era bem grande. Bem maior do que você é agora, por isso ela não se parece com uma tia, mas é — Harriet sorriu, empolgada, e levantou-se do sofá.

— Eu posso brincar com ela?

— Claro, querida — de frente para mim, mexi em seu cabelo e beijei sua testa. Rapidamente, elas se entrosaram e desapareceram pelo corredor que levava a cozinha e aos fundos da casa — Então, pai, que conversa é essa de você ter falado com Rafael? — meu tom foi calmo, contido, muito embora estivesse curiosa. Jon se aproximou com aquele jeito casual e relaxado, tomando seu lugar ao meu lado.

— Nós conversamos, lindinha, e ele estava preocupado com seu comportamento quando nos falamos ontem — franzi o cenho, temendo que meu pai estivesse alucinando e confundindo as coisas,
NACIONAIS - ACHERON

falando de outra pessoa que não fosse a que eu estava pensando.

— *Lindinha?* Que conversa é essa, pai? Achei que vocês não se dessem bem — relaxei os ombros, aguardando por uma resposta convincente que, no mínimo, fizesse sentido.

— Eu nunca disse que não nos dávamos. Tudo o que eu já disse é que ele é instável, o que é verdade, e que eu me preocupava com isso em um passado distante, quando vocês estavam... *Envolvidos*, mas até que nos damos bem.

— Certo — remexi-me desconfortável, não muito convencida — Mas não precisava ter vindo ou ter trazido Hope com você.

— Por que essa resistência toda? Ela é sua irmã e vai ser bom para Harriet conviver com ela...

— *Eu sei* o que é melhor para minha filha e ela esteve muito bem até agora sem nenhum de vocês dominando a nossa vida ou a cabecinha dela — falei calmamente e respirei fundo — Mas não vou discutir por isso agora, estou mais preocupada com Cedrico do que com questões familiares.

— É, está certo, vamos voltar a isso mais tarde — ele se virou para frente e mordeu o lábio. Estava

NACIONAIS - ACHERON

certo, eu não queria discutir com ele sobre aquilo. Nem com ele nem com ninguém sobre nada, na verdade.

— Não precisa se preocupar comigo, Juliette — virei-me um pouco para ver Cedrico surgir detrás do sofá e dar a volta nele. Parecia bem, mesmo que um tanto pálido, o que destacava seus olhos, que estavam mais verdes do que nunca, quase faiscando.

Mesmo assim, eu sabia como ele se sentia, pois sentia-me quase do mesmo jeito naquele momento. Minhas veias pareciam lixas grossas, esfregando-se umas contra as outras, me deixando louca, irritada, faminta, paranoica, transtornada. Era enlouquecedora a sensação e, se pudesse, eu morderia o pescoço do primeiro que surgisse a minha frente:

— Posso falar com você por um momento? — Jon ergueu os olhos para ele.

— Entendi — e levantou-se devagar, lançando-me um último olhar — Vou ver como as meninas estão se dando — ele tinha aquele sorriso positivo, encorajador, que era quase irritante, ao se retirar. Não me lembrava do meu pai ser tão irritante daquele jeito, como se quisesse socializar todo

NACIONAIS - ACHERON

mundo; ele costumava ser mais pragmático antes, mas, pelo que eu podia perceber, todos a minha volta tinham mudado mais do que eu depois de tanto tempo.

CEDRICO

O sol do lado de fora entrava por uma janela lateral e pinicava a minha pele de modo irritante, incômodo, e me fez coçar o braço quando dei a volta no sofá e o sol atingiu minha pele; ignorei-o e me sentei ao lado de Juliette, que estava toda tensa e paranoica.

— Rafael me falou sobre o que aconteceu — meu rosto estava ligeiramente retorcido pela dor incômoda que acometia cada célula minha. Mesmo assim, me lembrar do meu irmão todo coberto de leite e cereal me fez sorrir quase que imediatamente — Eu gostaria de estar lá para ver a cena.

— Não foi engraçado, Cedrico. Além disso, é irrelevante — ela balançou a cabeça, mas pude ver que um sorriso despontava de seus belos lábios enquanto ela o fazia — Mesmo que ele estivesse agindo como o babaca que ele é, eu tenho pelo que

NACIONAIS - ACHERON

me desculpar. E eu quero...

— Não, sem mais conversas estranhas sobre sangue e se alimentar. Isso é nojento e, se eu souber do que estou falando, ainda tenho o dia inteiro antes de precisar tomar uma decisão — seus olhos pareceram se iluminar por um momento, tornando-se ainda mais lindos e chamativos.

— Então... Você está pensando no assunto? Ainda não desistiu? — ela quase sorriu, mas parecia estar concentrada demais em seu plano de me fazer mudar de ideia para se permitir relaxar por um segundo que fosse — Eu ainda tinha esperança, sabe...

— Estou pensando, sim. Mas antes, eu queria te pedir uma coisa — ela fez que sim rapidamente, como uma criança muito empolgada — Quero te levar para dar uma volta enquanto ainda não queimo ao sol — o meio sorriso de Juliette desapareceu gradualmente e ela inclinou o rosto para a esquerda, apoiando o cotovelo no apoio do sofá para me olhar melhor.

— Uma volta? Para onde?

— Pela cidade, sabe? Assim como você, tem oito anos que não venho até aqui. Quer vir comigo? —
NACIONAIS - ACHERON

ela parou e engoliu em seco, pensativa. Quando abriu a boca, achei que fosse aceitar, mas me surpreendeu ao falar.

— Por quê eu, Cedrico? — fiquei sem saber o que dizer por um momento, não que eu não tivesse motivos o suficiente, mas os que eu tinha eram difíceis de serem colocados em palavras.

— Porque eu gosto da sua companhia, porque você não sabe nada sobre mim pelos últimos anos oito anos além do que fuçou nos seus arquivos da inteligência e porque eu gosto de você. Minha família não é classificável no momento, mas de certo modo, você sabe que é tão parte dela quanto todos os outros. Você é a minha família e, se você não for me aborrecer, gostaria de passar o dia com você — percorri seu rosto com os olhos, movendo-os em busca do seu olhar ou de qualquer reação, mas tudo que ela fez foi ficar me olhando com os lábios entreabertos enquanto os segundos transcorriam, silenciosos — É tão ruim assim?

— Não, é que... Eu tinha pensado que hoje seria sobre... *Você*. Sobre convencê-lo e...

— Você não vai me convencer com palavras — assegurei-lhe, interrompendo suas palavras

NACIONAIS - ACHERON

desastradas. Juliette avaliou a situação por um momento.

— Está bem. Aonde você quer ir?

— Você vai ver — coloquei-me de pé e estendi a mão para ela — Venha.

Tudo o que resta é sofrimento^[7]

Ela me olhou, apreensiva: — Cedrico, eu sou uma agente do Governo, não posso colaborar com roubos.

— Shh... Isso não é roubo — murmurei antes que alguém percebesse o que estávamos fazendo. Naquele caso, o meu irmão, já que estávamos roubando o carro dele para *dar uma volta* — Só vamos pegar emprestado — falei, abaixado, enquanto fazia uma ligação direta no carro de Rafael.

— Você poderia ter roubado as chaves, Senhor Inteligência — ela falou mais baixo, finalmente concordando com o meu plano e sorri, balancei a

cabeça.

— Eu não consegui — mas consegui fazer a ligação direta, pois o carro ligou e saí dali dirigindo como um louco antes que ela me impedisse.

— Aonde vamos primeiro? — olhei-a com o canto dos olhos, sentindo que o sol me incomodava cada vez mais, que meus sentidos começavam a ficar mais aguçados. Tanto a audição ao ouvir com clareza suas palavras minimamente murmuradas, quanto à visão com relação às ruas a minha frente, e, sobretudo, os instintos vampirescos, pois eu podia ouvir o som do seu sangue correndo pelo seu corpo, sua jugular pulsar em uma cadência rítmica enquanto seus olhos estavam baixos, em seu celular.

Os meus desceram junto para suas coxas, que ficavam expostas naquele vestido branco, ligeiramente plissado na saia, e coberto por renda por cima do tecido pesado; suas pernas brancas, que não tinham visto nenhum bronzeado pelos últimos oito anos de sua vida, e acabavam em botas pretas estilosas de salto. Virei-me de volta para a rua central apinhada, exatamente como eu me lembrava.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos à casa de Jane — decidi no impulso, pois tinha muito tempo que eu não via a minha avó. Só sabia que ainda estava viva por ligações telefônicas escassas ao longo dos anos, por isso, foi fácil decidir que a casa dela seria o nosso primeiro destino.

Embrenhar-me na mata foi ainda mais. A rota parecia gravada na minha cabeça, mesmo que eu jurasse que não saberia chegar lá, que, no mínimo, me perderia uma vez antes que pudesse me lembrar por onde seguir. As folhas das árvores balançavam sob a brisa matutina quando saí do carro, seguido por Juliette, e respirei o ar fresco; já me senti melhor ao pisar meus pés naquele lugar, mesmo que tudo estivesse diferente dentro de mim. Ao fechar meus olhos por um momento, não sentia mais nada do que costumava e tratei de me conformar, senão por muito tempo, ao menos durante aquele dia, quando eu aproveitaria o último resquício da minha humanidade.

— Tudo bem? — Juliette sorriu ao tocar meu ombro e expirei.

— Sim, vamos lá — caminhamos até a porta, que permanecia inalterada pelo tempo, e bati na porta.
NACIONAIS - ACHERON

Juliette empertigou os ombros, como se se preparasse para lutar uma batalha, nunca respirava e relaxava completamente, o que me era um incômodo com o qual lidar. Contudo, minha atenção foi de Juliette a minha avó quando a porta foi aberta.

— Cedrico! Meu Deus, como você está... — *morrendo?* — *Diferente!* — ela jogou os braços a minha volta e senti como Juliette nos olhava, a espera que eu fosse fazer alguma coisa errada, como morder minha própria avó, e ela fosse precisar me arrancar de perto dela. Pensando naquilo, era até bom que eu tivesse escolhido a ela para me acompanhar durante aquele dia, pois ela poderia fazê-lo caso fosse necessário. De qualquer modo, ela se afastou antes que a coisa ficasse fora de controle e ensaiei um sorriso enquanto ela tocava meu rosto com certa curiosidade, bem mais baixa do que eu.

Seus cabelos ainda estavam curtos e lisos, na altura dos ombros, completamente brancos e seu rosto envelhecido, ainda mais do que eu me lembrava, mas ela tinha certo ar de juventude no modo como me olhava. Tocou meu pescoço e

NACIONAIS - ACHERON

maxilar, deslizando os dedos pelo meu rosto e fazendo cócegas em minha barba ao fazê-lo, o que me fez sorrir, largando do peito o peso que eu sentia por conta de todas aquelas as que tinham acontecido.

— Como você cresceu, meu menino! — me abraçou de novo e daquela, fui eu a me afastar. Jane olhou para Juliette por cima do meu ombro e sorriu-lhe amplamente — E você, minha querida, como você mudou — Juliette abraçou-a, meio tensa, mas com uma expressão agradável — Está tão diferente loira que eu nem a reconheceria — na verdade, nem um único traço em Juliette tinha mudado, exceto pela cor dos cabelos. Absolutamente nada..

Não importava quantas vezes a olhasse, e o quanto ela tivesse crescido e mudado em torno de tudo, poderia olhar para ela a minha vida toda e continuaria afirmando que ela tinha dezoito anos: — Estou tão feliz em vê-los — Jane alternou o olhar entre nós com os olhos brilhando, felizes.

— Nós também — Juliette exibiu um estonteante sorriso e cruzou os dedos ao me olhar, como se sorrisse para mim de modo que só eu entenderia

NACIONAIS - ACHERON

suas palavras.

— Por que Rafael não veio com vocês?

— Ele está resolvendo uns assuntos agora — finalmente falei — Mas tenho certeza que ele e Lauren virão vê-la quando puderem.

— Claro, ele está casado com aquela sereia — falou em um tom que me intrigou, mas, como eu tinha muitos lugares para ir, calculei rapidamente que não faria perguntas para não entrar em uma discussão familiar como a que me cercava por todos os lados — Entrem, sentem-se — ela deu a volta por Juliette, fechou a porta e sentamo-nos no sofá, lado a lado, fitando seriamente a tela da TV desligada como se fosse uma grande atração até que minha avó se sentou na poltrona ao lado do sofá.

Mesmo que não quisesse falar sobre aquilo, seu comentário me manteve intrigado, suas palavras ficaram na minha cabeça e me distraíram; não tinha muito a dizer a ela, não queria aparecer, recomeçar e fingir que aquele tempo não tinha passado, que eu não tinha ido embora por conta própria, só queria vê-la como parte de um roteiro que eu tinha traçado na minha própria cabeça.

NACIONAIS - ACHERON

— Nós temos que ir — falei dez minutos depois da conversa fiada. Não falei a Jane nada do que ela já não soubesse. Esme, família reunida e toda aquela conversa. Sem vampirismo, sem a coisa de que eu precisava me alimentar ou morrer. De novo.

Já estava de pé quando falei, de modo que apenas lancei um olhar a Juliette, que também se levantou, surpresa pelo modo abrupto como encerrei a visita.

— Tão rápido, querido? — Jane encolheu os ombros, decepcionada.

— Sim, nós temos alguns lugares para ir — como ela parecia hesitante, agarrei Juliette pela mão e puxei-a comigo, dei um beijo no rosto da minha avó antes que ela pudesse se levantar e demos a volta no sofá — Eu volto depois.

— Sim, claro, eu vou esperar — falou em tom abatido quando fiz meu caminho até a porta rapidamente, levando Juliette comigo.

— O que foi aquilo? — Juliette abriu a porta do carro com um junco entre as sobrancelhas; queria parecer intrigada, talvez até com raiva, mas só me fez rir naquele estado, pois estava engraçada. Abri a porta e entrei balançando a cabeça.

NACIONAIS - ACHERON

— Nada, mas vamos nos apressar.

— Para onde? — observei atentamente sua expressão curiosa, toda lindinha, enquanto dava a ré e voltava pelo caminho por onde tínhamos chegado até lá.

— Ver um amigo — decidi rapidamente na minha cabeça.

— Posso perguntar uma coisa? — ela começou a mexer na barra do vestido nervosamente enquanto eu erguia as sobrancelhas.

— Claro.

— Qual o sentido disso tudo? Uma rota de despedida? Ou estava se sentindo nostálgico ao retornar a essa cidade? Porque eu topei, estou totalmente dentro, mas gostaria de entender os seus motivos se quiser me contar — seu tom, de algum modo, me afetou. Eu gostava de ouvi-la falar, ainda mais quando conseguia permanecer tão calma, pois sua voz era belíssima e seu sotaque a tornava ainda mais adorável e aprazível.

— Acho que... — inflei o peito de ar — Um pouco dos dois. Se posso ser sincero com você, Julies... — não a chamava daquele jeito há muito tempo, mas me veio à boca de modo espontâneo;
NACIONAIS - ACHERON

balancei a cabeça, um tanto perturbado, e expirei — Eu não sei. Estou confuso sobre tudo isso, sobre o que está diante de mim e o peso de tudo isso... Estou preocupado sobre o futuro, estou preocupado com Esme e a nossa família... E o que você me disse mais cedo, sobre precisarem de mim, me fez pensar sobre tudo isso.

— Em parte, eu preciso admitir que Rafael estava certo... Um pouquinho certo, mas ele tinha sua razão — parecia muito difícil para ela dizer aquilo, ainda mais depois de ter atirado cereal nele, mas ela o fez; hesitante, o fez. Houve uma pausa estranha, um silêncio pacífico entre nós enquanto percorríamos a estranha estrada através da floresta aberta, de árvores altas e espaçadas — Não é justo te pressionar, te colocar nessa posição e... Eu sinto muito — sua voz foi se tornando emotiva; toda a contenção que ela tinha se esforçado para manter desaparecera num longo suspiro.

— Você não tem pelo que se desculpar, ou pelo que sentir — falei devagar, inconscientemente diminuindo a velocidade para prestar atenção nela, no modo como parecia emocionada e como ajeitou seu cabelo detrás da orelha, meio cabisbaixa como

NACIONAIS - ACHERON

que para conter suas emoções. Ao vê-la daquele jeito, uma pergunta passou pela minha cabeça de modo automático: — Como você está?

— Como assim? — ela ergueu o rosto de repente e voltei minha atenção a estrada a frente diante da sua voz surpresa.

— Depois de tudo... Sem sentimentos, sabe você... Deve ter sido duro tê-los de volta de uma vez — ela exprimiu um “*ah*” longo e surpreso e ergueu o queixo, balançando a cabeça como se lhe viessem a cabeça memórias que quisesse reprimir.

— É complicado, acho que agora você pode entender um pouco como os sentimentos podem ser *intensos*... — Juliette deslizou a língua pelos lábios e afundou no banco com um meio sorriso desgostoso em seus lábios sensuais — *Intensos demais* — falou com o sotaque acentuado.

— Em parte, eu sempre te entendi... Mas, intensos, como?

Ela hesitou e tomei a autoestrada, indo em direção ao centro da cidade enquanto ela pensava sobre se abrir ou não. De algum modo, aquela conversa era melhor do que ficar preso em meus próprios pensamentos sobre morte e tudo o mais. Falar com

NACIONAIS - ACHERON

ela era sempre muito interessante e, sobre aquilo, sentia-me particularmente curioso e interessado.

— Quando eles *voltaram*, eu estava no chão do galpão depois de Esme ter me dado alguma droga... *Ervas*. Eu não sei o que eram, achei que fosse algum veneno ou algo assim, mas quando acordei, Joseph estava lá — sua voz estava embargada, murmurada, tornando difícil entender o que ela dizia, de modo que me esforcei muito — Eu não sei como, mas... Foi o suficiente para meus sentimentos, minha humanidade, voltar e quase me arrasar por inteiro — ela balançou a cabeça, embaraçada, triste. Não consegui dizer nada, queria que ela continuasse, mas quando não o fez, falei.

— Você estava alucinando, não estava? — lembrava-me de tê-la encontrado com Rafael naquele galpão, mesmo que a memória me parecesse um tanto enevoada.

— Estava — ela fez que sim e ergueu o queixo, como se respirasse um novo fôlego, tomasse coragem para continuar: — Foi horrível, eu... Comecei a chorar como um bebê e agarrei Rafael achando que ele era... Meu marido morto — a dor e o embaraço eram mais do que evidentes em sua

NACIONAIS - ACHERON

voz e era impossível não me sentir mal com suas palavras, mesmo que não me afetassem diretamente, não sabia porquê ou como.

“Sentia como se doesse tanto que eu fosse morrer, como se *pudesse* morrer a qualquer segundo. E não me lembro de me sentir daquele jeito desde *o motel* — ela diminuiu a voz, denotando que não se orgulhava nem um pouco do momento que compartilháramos naquele motel de Charlotte, uma vida inteira atrás — Se eu me senti assim, não imagino como Rafael deve ter se sentido — ela riu cruelmente, balançou a cabeça e me olhou como se eu devesse sentir vergonha dela, do que ela dizia, tanto quanto eu via aquele sentimento pelo jeito como seus olhos faiscavam; enfim, quando desviou o olhar do meu, ela voltou a falar: — Eu sei que ele esteve com raiva de mim desde que chegamos à Charlotte, mas por um momento, eu pude sentir que aquilo não era raiva ou irritação, ou ódio... Ele estava magoado comigo. *Eu* o machuquei e quando me dei conta disso, eu não sabia o que fazer para consertar.

“Porque ele não me disse como se sentia e eu fiz o mesmo e... Mesmo que tenhamos passado tanto

NACIONAIS - ACHERON

tempo juntos, era como ver um murro e tentar derrubá-lo com sopros — ela apoiou o cotovelo na janela aberta do carro — E eu, estupidamente, tentei. Em Langley, em Nova Orleans... Em todos os lugares, mas eu não consigo fazer isso, Cedrico. Porque depois que eu o deixei saber como eu me sentia, depois de saber como *ele* se sentia, apesar disso... — Juliette engoliu em seco com dificuldade, levando seus sentimentos junto — Não posso fazer nada com relação ao fato de que eu menti para ele e agora ele se sente traído, porque... — ela arquejou como se sentisse uma dor profunda — Confiança é importante, sabe?!

— Eu sei que tudo vai se resolver, que o que ele sente por você é mais importante, maior do que isso. Você não deveria sentir culpa — falei baixo, sem olhar para ela, pois ela não queria ser olhada.

— Sabe pelo que eu sinto culpa? — Juliette enxugou o rosto e se virou, mas permaneci com a atenção voltada para a estrada, já perto do nosso destino — Por Joseph. Por ele é que tenho esse sentimento de culpa, de traição... E não posso nem parar para *sentir* isso porque preciso ter a cabeça focada em outras coisas. Mas me sinto assim

NACIONAIS - ACHERON

porque isso não é certo.

— E o que é certo, Juliette? — ela não falou nada, apenas me olhou tristemente — Nada. A gente só se ferrou na vida até agora, todos nós. Você morreu mais vezes do que eu consigo contar... Perdeu sua mãe, seu avô. Você perdeu *tanto*, então... Por que se sentir culpada ao se permitir ser feliz por um momento?

— Eu não sei... — ela balançou a cabeça, aturdida.

— Eu sei que vocês dormiram juntos — desviei o olhar dela, mas vi com o canto dos olhos sua expressão surpresa, quase chocada.

— Você sabe?! E por quê...

— Eu teria que ser cego para não saber, para não ver que vocês se amam apesar de tudo isso; de todo o tempo, os corações partidos, a separação, as decepções, as mentiras... Contra toda a razão, a racionalidade, vocês se amam e isso é inegável; irrevogável. E não se pergunte por quê ele está casado com Lauren, apenas acredite no que você sente e vocês dois, parem de ser infantis, encarem tudo isso como dois adultos, admitam o modo como se sentem — ela escutava a tudo atentamente, NACIONAIS - ACHERON

certa de que era tudo verdade.

Quando parei o carro, ela se virou e olhou em volta: — Que lugar é esse? Cedrico, você me disse que iríamos visitar um amigo seu — ela ergueu as sobrancelhas, boquiaberta.

— Eu disse, e vamos vê-lo. Meu amigo é técnico de MMA — expliquei o motivo de estarmos parados na frente de uma academia em uma rua do centro, ao que ela deixou o ar sair — Você vai gostar dele.

Mostre-me o caminho para um lugar iluminado^[8]

O sol estava quase me fritando no caminho do carro a porta da academia, que estava aberta, muito embora vazia, e, mesmo sem nada para me orientar, calculei que ainda fosse cedo; antes mesmo das nove. Quando entrei, dei vários passos antes de perceber que Juliette não me seguira. Virei-me e vi que ela estava parada na ponta com os dedos entrelaçados.

— Cedrico! — Alaric exclamou meu nome e foi na minha direção para me cumprimentar com um meio e rápido abraço — Cara, quanto tempo! — ele

deu um tapinha no ombro.

— É, muito tempo... — ele olhou para Juliette e refletiu por um momento.

— Pode entrar — falou por fim e se virou completamente para ela, que foi caminhando na nossa direção como se fosse uma supermodelo em uma passarela, elegante, com aquele vestido branco desenhando sua silhueta perfeitamente, delineando seus contornos quase que inexistentes por conta do tecido pesado coberto pela renda; os saltos da bota de couro lhe davam um ar diferente e vi que meu amigo a olhou de cima a baixo até que ela chegasse até ele e lhe estendesse a mão cordialmente.

— Alaric, esta é a Juliette...

— Dispensso apresentações, claro que eu a conheço — ela ergueu as sobrancelhas com um sorriso de quem não estava entendendo, puramente educado, pois seus olhos me diziam que ela não estava muito contente.

— Conhece?

Ric deu-lhe uma rápida olhada, ficando entre nós dois: — Um pouco menos loira, mas, claro. Vamos conversar no escritório — dando-lhe uma última olhada, ele nos guiou até a lateral esquerda de sua

NACIONAIS - ACHERON

academia, onde havia um corredor, com uma saída de emergência ao fundo, e abriu a primeira porta, convidando-nos a entrar — Fiquem a vontade — na sala, sentamo-nos nas duas cadeiras diante da mesa de madeira pesada e Ric ocupou-se com a cafeteira sobre o aparador ao nosso lado, de costas enquanto a operava.

— Como têm ido as coisas por aqui?

— As mesmas — ele entregou uma caneca de café a Juliette, com sorrisos demais, e outra a mim — Besteiras entre bruxos e lobos, todos mais felizes sem os ancestrais — Ric deu de ombros e se sentou detrás de sua mesa.

Juliette observou-o por cima da caneca com extrema desconfiança; ela não confiava em ninguém, mas estava claro que queria saber o que Alaric era. Claro como a luz do dia.

— Ric é um... — franzi o cenho e abaixei a caneca até meu colo, mantendo o olhar do meu amigo.

— Um dragão — ele falou quando fui incapaz de terminar a frase.

Sem mover a cabeça, Juliette alternou o olhar entre nós dois; Alaric inclinou-se para trás e bebeu

NACIONAIS - ACHERON

seu café.

— Vocês estão brincando, não estão?

— Não. Por que brincaríamos com você, linda?

— Juliette o olhou com uma cara horrível de poucos amigos, relaxando os ombros aos poucos, absorvendo a informação. Só pelo modo como ela o olhava, com profunda curiosidade, eu podia ver como tinha um milhão de perguntas passando por aquela linda cabecinha.

— Pode perguntar, Juliette — relaxei os ombros com um sorriso perverso.

Ela queria saber tudo. Se ele se transformava em dragão como na ficção, se ele cuspia fogo, como era ser um dragão e era interessante ver o modo como seus olhos brilhavam sob aquela curiosidade toda, diante das respostas vagas que Alaric lhe oferecia e assim, o tempo foi passando como se não passasse, como se estivéssemos presos no mesmo momento por quase uma hora, entre as divagações, minhas perguntas sobre os últimos anos naquela cidade horrorosa e as perguntas de Juliette; infindáveis, cada uma a seu modo.

Quando me dei conta, muito, muito tempo já tinha se passado desde que entráramos naquele lugar.

NACIONAIS - ACHERON

Juliette superou suas desconfianças com relação à Alaric e os dois conversaram animadamente, como se se conhecessem durante a vida inteira, como se ele conseguisse entender e interpretar suas inquietações mais profundas. Fiquei mais como um espectador, mas contente por sê-lo.

Por fim, disse a Juliette que tínhamos mais lugares a ir e ela concordou sem relutância; para enfatizar que *tínhamos* que ir, coloquei-me de pé enquanto anunciava. Rapidamente, ela fez o mesmo e sorriu para Ric, dizendo-lhe que queria continuar a conversa outra hora. Antes de lhe dar tempo para mais cordialidades, fiz como fizera na casa de Jane: segurei sua mão e puxei-a para longe dali, com tempo apenas para dizer tchau a Alaric antes de sairmos dali.

— Cedrico, calma, vai devagar... — ela sorriu quando voltamos ao carro — Para onde vamos agora?

— Surpresa, Julies — sorri-lhe diabolicamente e entramos juntos no carro.

— Oh, não! — ela exclamou assim que se deu conta da direção pela qual estávamos seguindo,
NACIONAIS - ACHERON

erguendo a mão esquerda até o painel como se aquilo fosse me fazer parar — Dê a volta, Cedrico... Eu não quero ir até lá, por favor.

— Faz parte da rota, Julies, sinto muito, mas nós *temos* que ir até lá.

— Mas...

— Não — afirmei de modo categórico, não lhe dando espaço para contestar. Era aquilo e pronto. Eu estava morrendo e ela tinha que aceitar, pois aquele era o único argumento que eu tinha.

Em menos de cinco minutos, parei na porta da enorme mansão Hamilton e saltei rapidamente, sem dar a Juliette tempo para mais protestos. A contragosto, ela me seguiu, segurando seu celular com força, com passos pesados ao me seguir até a porta. Quando paramos, ela olhou para a porta com demasiada atenção, fitando a porta de madeira pesadíssima com atenção aos detalhes, a aldrava, e suspirou com força.

— Seria legal da sua parte abrir a porta — por um momento, quando ela inflou o peito de ar como se não fosse ter mais chances de fazê-lo outra vez, imaginei que ela não se lembrasse ao certo qual era o conjuro, mas Juliette ergueu a mão um momento

NACIONAIS - ACHERON

depois e destrancou-a — Obrigado, Juliette — estendi a mão, oferecendo-lhe a passagem quando a porta se abriu — Primeiro as damas.

— Obrigada — ela retorceu os lábios com o rosto tomado pelo sarcasmo ao entrar. Fi-lo em seguida e fechei a porta atrás de mim.

A uma primeira vista, tudo permanecia inalterado, como se nenhum dia sequer tivesse se passado. Parei ao lado de Juliette, pois ela estava paralisada perto do degrau que conduzia a sala: — Está tudo bem?

— Sim, claro — ela deu um sorriso meio triste — O que você quer fazer?

— Tomar um uísque — falei a primeira coisa que me passou pela cabeça ao esquadrihar atentamente a sala de estar. Não tinha certeza se Elena ainda morava ali, só sabia que Cassandra morava na Áustria, Renée perto do meu apartamento em Seattle e Rafael em Charlotte com Lauren. E aquilo era tudo o que eu sabia sobre todos eles; de Elena, eu não tinha notícias, só a tinha visto no apartamento de Rafael por breves minutos há poucos dias — Uísque envelhecido que Joseph guardava no escritório dele.

NACIONAIS - ACHERON

— É, com certeza é uma boa escolha — consegui arrancar um sorriso dela, assim, sentei-me no sofá e Juliette foi pegar uma garrafa de uísque para, em seguida, servir-nos uma dose e beber enquanto olhava para a poltrona ao lado da lareira, de pé, como se se lembrasse de algo que lhe causasse profunda nostalgia.

Quis perguntar o que era enquanto tomava o uísque, mas senti que não devia, pois Juliette já parecia magoada o suficiente sem falar sobre. Além de tudo, suas palavras ainda ecoavam na minha cabeça, tudo o que ela tinha me dito no carro. Tudo tão profundo, doloroso, carregado de uma onda de emoção que até me doía o coração, pesava-o em meu peito. Se aquele fosse o meu último dia na terra, eu gostaria de saber o que se passava pela sua complexa cabecinha.

— O que a gente faz agora?

Juliette se sentou ao meu lado, largou o copo sobre a mesinha de bebidas ao lado da garrafa, e cruzou as pernas com os dedos entrelaçados sobre o joelho: — Ficamos aqui.

— Assim? Não podemos ficar aqui parados...

Olhei-a bem nos olhos, estreitei os meus para
NACIONAIS - ACHERON

observá-la bem, com o merecido cuidado: — Eu tenho um último desejo... — diminuí minha voz para um tom mínimo, ao que ela me encarou, curiosa, mordeu o lábio, e esperou com paciência enquanto eu passava o tempo olhando-a nos olhos.

— E tem uma coisa que eu quero muito fazer...

— Eu primeiro — ela ergueu o queixo, sorrindo debilmente, e anuiu.

— De acordo, mas depois, faremos o que eu quero.

— De acordo — como estava de lado, passei o copo vazio para a mão esquerda e coloquei-o na mesa detrás do sofá, aproximando-me milimetricamente. Inclinei-me e apoiei a mão esquerda no sofá — Imagine que eu sou um moribundo às portas da morte e que o meu último desejo é ser beijado como eu gostaria de ser beijado pela mulher que eu amo. E que não haverá outra chance quando eu morrer. *Este* é o meu último desejo.

Olhei-a bem, gravei suas feições doces e suaves na minha memória para o caso de nunca mais vê-la, ou não ter mais a chance de apreciá-la com aquela mesma insanidade que me acometia naquele

NACIONAIS - ACHERON

momento e que me fazia dizer aquelas loucuras a ela. Nem conseguia distinguir mais nada dentro de mim, tamanha era a minha fome. Parecia uma doença que me acometia, dominava meu ser, pouco a pouco, até que não restaria mais nada.

Lentamente, apreciando a cadência do tempo a minha volta de um modo como eu nunca tinha me dado conta antes, levei a mão direita a sua nuca, imobilizando seu rosto na altura do meu, fitando seus olhos como se os visse pela primeira vez, ao mesmo tempo em que tentava me lembrar do que sentira ao vê-la pela primeira vez; impossível, uma década se passara desde que aquela mulher tinha entrado na minha vida, colocado tudo de pernas para o ar e saído dela tão abruptamente quanto o tinha feito.

Cada sensação que me provocava era peculiar; quando fechou os olhos, aquele incrível verde que brilhava como esmeraldas, e inclinou milimetricamente a cabeça para trás, entreabriu os lábios, algo dentro de mim gritou tão forte que era enlouquecedor. O som do sangue pulsando pelo seu corpo era mais alto do que qualquer coisa e assim, toquei minha boca a sua. Sentindo-a aos poucos,
NACIONAIS - ACHERON

inicialmente, então, aos poucos e extremamente devagar, sem pressa nenhuma de acabar com aquele momento, senti seu lábio inferior entre os meus como se o sentisse pela primeira vez.

Fechei os olhos e me aproximei, tocando suas coxas com as minhas de tão perto que estávamos, e sua mão direita foi se enfiando no meu cabelo, bagunçando-o enquanto inclinava os ombros e chegava mais perto, como se os instintos a guiassem; puramente os instintos. E sua língua foi penetrando os meus lábios, encontrando a minha, tornando o beijo mais quente, sensual. Desci a mão direita até sua cintura e puxei-a firmemente, arfando contra a sua boca, minha mão esquerda segurou seu cabelo com força e puxei-a de modo tão abrupto para mais perto que ela arquejou, como se não tivesse certeza sobre o que eu estava fazendo enquanto minha boca descia da sua até seu pescoço, minha língua perto demais da sua veia, o som do seu sangue pulsando preenchendo tudo na minha cabeça, quase fazendo tudo explodir.

Antes que eu pudesse me dar conta do que fazia, como se flutuasse em algum lugar no espaço, sem sentir mais nada que não fosse o cheiro do seu

NACIONAIS - ACHERON

sangue e o pensamento preenchendo minha cabeça, ou até mesmo o fato de eu tê-la, cravei minhas presas em seu pescoço. Um gemido rouco escapou da sua garganta, contido, mas estava lá, como se, de alguma maneira deturpada, aquilo lhe causasse algum tipo de prazer.

— Cedrico... — ela murmurou com a voz derretida. Senti que seus dedos ainda estavam em meus cabelos, movendo-se por entre eles enquanto eu segurava seu corpo magro com força como se fosse minha própria vida, com um impulso selvagem se apossando do meu ser. Ela jogou o pescoço ainda mais para trás, ligeiramente, oferecendo-se a mim até que me satisfiz e comecei a voltar a mim, a pensar direito.

Jesus Cristo, que diabos eu tinha acabado de fazer?

Alguém disse que eu iria querer mais^[9]

— Que cena mais bonita! — Juliette quase deu um pulo de onde estava quando se virou e viu Lauren descer a escada, sorrindo como se realmente tivesse aquela felicidade toda que estampava em seu rosto — E por que eu esperaria algo diferente de você? — ela olhou para Juliette e afastei-me, limpando o sangue que escorria pelo canto da minha boca.

— Do que você está falando? — Lauren parou no último degrau e apoiou o cotovelo no fim do corrimão, séria, com um olhar quase assassino.

— Acha que eu não sei que dormiu com o meu marido?

Vi-me na posição de colocar-me entre elas, pois,
NACIONAIS - ACHERON

embora ambas agissem pacificamente depois das inimizades iniciais, todos sabíamos que Rafael era o ponto fraco das duas. Contudo, Juliette levantou-se ao mesmo tempo em que eu e, naquela posição, fiquei atrás dela, mais como um espectador do que de alguém que poderia estabelecer paz entre elas. Afinal, eu era apenas um reles semi mortal, ex-bruxo e vampiro em transição... Muitos meios termos para me meter entre uma vampira híbrida necromante e uma sereia superpoderosa.

— E, me deixe adivinhar, você veio aqui ameaçar arrancar o meu coração se eu não ficar longe do seu amado? Porque, no que depender de mim, estamos longe o suficiente...

— Que doce, Juliette! — Lauren retorceu os lábios, abandonando sua expressão pacífica, indicando que ela estava muito tentada a partir para agressão física e homicídio, talvez não na mesma ordem, e talvez não os dois, mas um deles aconteceria. Afinal, Juliette também não fazia a menor ideia de em que momento deveria ficar quieta — Mas não estou em posição de ameaçar ninguém. Só queria ser a sua consciência dessa vez — ela ergueu as sobrancelhas para enfatizar o que

NACIONAIS - ACHERON

dizia; mesmo que o veneno escorresse por cada uma das suas palavras, havia um ar de inocência em seu tom, em seu semblante de falsa mulher traída — Para que você se desse conta do quão hipócrita você é depois de toda aquela conversa, depois de ter ido à *minha casa* como se fosse uma amiga.

— Eu posso ter a consciência pesada — Juliette cruzou os braços na altura do peito — Mas não por isso, Lauren.

Por fim, Juliette se virou para mim, como se não pudesse passar nem mais um segundo ali, olhando para aquela mulher, agarrou meu pulso com ferocidade e me fez girar na direção da saída: — Venha, mais embora daqui — quando estava irritada, seu sotaque soava tão carregado para o alemão, porque já era europeu o suficiente na maior parte do tempo, que eu mal conseguia entender o que ela dizia.

De qualquer modo, limitei-me a segui-la para fora.

O sol me queimava mais intensamente do que antes, mas mesmo assim, era mais como uma

NACIONAIS - ACHERON

alergia forte, deixando-me todo vermelho, do que como se eu fosse um vampiro; não queimei até chegar ao carro e me sentar no banco do carona, dando a Juliette a chance de dirigir, mesmo que ela estivesse tão irritada que não parecesse apta para tanto.

— Você está bem? — eu teria perguntado a mesma coisa dentro de dois segundos, mas Juliette falou primeiro.

— Estou. Não me sinto um... — deixei a frase no ar, incomodado em dizer aquela palavra. Ainda estava em choque, na verdade, surpreso comigo menos por tê-la atacado daquele jeito.

— Você não é. Ainda — Juliette apertou a mão direita no volante, mantinha a esquerda no colo e ergueu-a até seu pescoço, do outro lado, onde eu a tinha mordido.

— Desculpe por tê-la atacado daquele jeito... — falei, com o ressentimento explícito em minha voz.

— Está tudo bem, Cedrico — ela falou como se realmente estivesse, como se aquilo tudo não tivesse significado nada.

Queria gritar alguma coisa com ela, não sei por qual motivo, mas, ao mesmo tempo, não queria

NACIONAIS - ACHERON

perder tempo *discutindo* com ela, assim, fiquei quieto, em silêncio, concentrado em meus próprios pensamentos.

— O que eu faço então? — finalmente falei e Juliette me olhou por nada mais que um segundo, dirigindo que nem uma maluca.

— Bem, você só *provou* o meu sangue. Para completar a transição, você precisa de sangue humano — e me olhou de novo, contudo, daquela não olhei para ela, mantive minha atenção em meu colo — Não se preocupe, você ainda tem até o fim do dia para se decidir.

Parecia falar com pesar, como se quisesse ser humana apenas para que eu não tivesse mais aquela escolha e, de qualquer modo, aceitei aquilo. Aceitei que ela quisesse tanto aquilo a ponto de me deixar beijá-la e mordê-la e possuí-la enquanto fingia que não, que a decisão ainda era minha; que eu tinha escolha, de fato, mesmo que me sentisse tão pressionado a fazer não sei o quê.

Talvez viver, no fim das costas, pudesse ser um pouco superestimado.

— Para onde você está me levando? — perguntei
NACIONAIS - ACHERON

quando consegui pensar, dez minutos depois.

— Eu disse que também queria te mostrar uma coisa — ela nem segurava o volante com as duas mãos para dirigir, parecia que poderia enfiar o carro num poste a qualquer segundo, ou, naquele caso, em uma das muitas árvores que nos cercavam por todos os lados. Finalmente, ao olhar pela janela, dei-me conta do lugar para onde estávamos indo.

— Não... — falei com o tom arrastado e me virei para Juliette — Não, Juliette... Esse lugar, não. Quer que eu me sinta nostálgico?

— Um pouquinho — ela deu uma risada gostosa — Deixei que você me levasse para onde quisesse a manhã inteira, agora, *eu* quero que você vá a um lugarzinho comigo. Não é pedir demais e você concordou — franzi o cenho. Sim, no ápice no êxtase eu concordara com aquela loucura; tinha que aguentar o que estivesse por vir.

— Está certo, mas esse sol está me queimando. Podemos almoçar e voltar mais tarde? — certamente, se eu não estivesse morto *mais tarde*, aquela era uma boa alternativa. E o sol não estava nem de longe quente, mas qualquer raio mínimo de sol era como se um isqueiro fosse aceso próximo a

NACIONAIS - ACHERON

minha pele. Juliette suspirou, claramente decepcionada com a minha sugestão, mas me olhou de cima a baixo e provavelmente concluíra que eu estava falando a verdade, pois fez o retorno.

— Pois bem, então você tem um encontro comigo mais tarde e nem ouse fugir dele, Cedrico Hamilton.

Eu vou sentir sua falta
provocando brigas
enquanto eu grito
dizendo que tenho
razão^[10]

JULIETTE

Não tinha fome. Ao menos, não de comida humana, por isso, apenas tomei um banho, coloquei roupas mais quentes e que se pareciam mais comigo e com quem eu era ultimamente do que aquela roupa de boneca Barbie. Por algum motivo, me deitei no

NACIONAIS - ACHERON

balanço com o qual eu simpatizava tanto e fechei os olhos, deixando o braço direito descansar sobre minha testa e mantive o esquerdo esticado ao lado do meu corpo, no canto do balanço.

— Pensando demais? — inesperadamente, quando abri os olhos, vi que era Rafael quem estava acima de mim. Não qualquer outra pessoa no mundo que não fosse a que estava irritada comigo, na qual eu tinha atirado uma tigela de cereal e roubado o superestimado carro.

Qualquer pessoa, menos ele. Ainda mais com aquele toque bem humorado na voz.

— Tudo bem? — ele ficou parado ali, me olhando de cima, de maneira intensa e arrasadora — *Rafael?* — minha voz diminuiu um pouco.

— Está tudo bem — ele assegurou quase que a contragosto. Assim, levantei sentei-me, ligeiramente curvada para frente, com as palmas nas laterais do meu corpo.

— Quero me desculpar — mantive seu olhar com sagacidade, querendo que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa que tornasse o coração em meu peito mais leve — Me desculpe por ter atirado cereal em você...

NACIONAIS - ACHERON

— E leite — ele pareceu bem humorado, mas estava sério; eu não conseguia entendê-lo, simplesmente. Por fim, Rafael balançou a cabeça — Está tudo bem, Juliette — observei-o como se esperasse por alguma piada, mas ele parecia tranquilo, em paz, parado ao lado do batente da porta, me encarando com uma curiosidade genuína, ou qualquer sentimento parecido; diante disso, fiquei muito quieta. Apenas olhei-o de volta.

— Algum problema?

— Não — fora do esperado, ele saiu de onde estava e passou por mim para se sentar ao meu lado, relaxado e calmo; eu, por outro lado, estava tão tensa que não conseguia sequer falar — Na verdade, estou fugindo do falatório da Lauren — Rafael não parecia interessado em falar, embora estivesse demasiado simpático, por isso, também não falei nada.

Peguei-me imaginando se Lauren teria dito a ele o que vira na mansão e só de pensar naquilo, estremeci; se ele já se sentia como se sentia com relação a mim, o que era uma mistura de mágoa e ódio, nem queria pensar o que acharia, ou como se *sentiria*, se soubesse que eu beijara Cedrico. Tentei

NACIONAIS - ACHERON

afastar aquilo dos meus pensamentos, mas era difícil demais.

— Tem uma coisa que eu queria falar com você... — ergui o queixo para olhá-lo nos olhos — Estava pensando sobre Esme e sobre termos voltado para cá — olhei-o tanto que ele desviou o rosto, concentrando-se no horizonte acinzentado a sua frente — E acho que se vamos ficar aqui, deveríamos ficar na mansão — ergui as sobrancelhas lentamente em surpresa à sua sugestão — Eu sei, não é o seu lugar favorito, acredite, não é o meu também, mas é mais seguro. Para você e para Harriet.

— Você acha? — foi tudo que consegui murmurar.

— É. Você sabe, a mansão fica dentro de uma redoma de magia que protege o lugar... É infinitamente mais seguro lá do que aqui. Pense nisso.

— Está bem — ensaiei um sorriso amarelo quando ele me olhou mais uma vez.

— E tem mais — seu olhar passeou pelo meu rosto atentamente, a espera de alguma confirmação de que eu o ouvia e o entendia — Renée e Cass
NACIONAIS - ACHERON

estão vindo para cá; Amanda, Eva e Jack estão do nosso lado e nos reuniremos para o jantar. Vai ser ruim ter todos juntos, vai ser estressante e dramático como você sabe que pode ser, mas você e Harriet estarão seguras lá — pelo modo calmo e sóbrio com que falava, até parecia que se importava se Harriet e eu estaríamos ou não seguras.

— Você está certo, mas... Eu tenho que ir agora. E desculpe por *roubar* o seu carro — levantei-me rapidamente para me livrar do efeito que aquele olhar causava em mim.

— Tudo bem — estava até assustada com tanta condescendência da parte dele, então apenas sorri e saí.

— Você voltou com suas roupas — sorri ao entrar na sala e ver Cedrico mexer no celular.

— Como está aguentando até agora?

— Me controlando — sentei-me ao seu lado e ele abaixou o celular — Você está pronta?

— O que você está vendo? — perguntei com curiosidade e bom humor.

— Só... Coisas antigas.

NACIONAIS - ACHERON

— *Fotos* antigas? — ele fez que sim, um tanto tenso.

— Estive pensando muito nela hoje, sobre o que ela pensaria se estivesse aqui — olhando para o chão, Cedrico balançou a cabeça. Mesmo não tendo dito o nome dela, sabia que ele estava falando da sua noiva. Ou *ex-noiva* ou noiva morta; não sabia exatamente como colocar, só sabia que ela se chamava Jessica.

— Ela era uma boa garota, não era?

— Era. Ela era. A melhor pessoa que eu conheci em toda a minha vida — Cedrico se virou para mim — Renée estava certa.

Franzi o cenho, sem saber a que ele se referia: — Sobre o quê?

— Sobre a minha mãe, sobre eu ter trazido Jessica a isso como Jeremy fez com a minha mãe — coloquei a mão direita sobre seu antebraço direito, chocada com o fato de Renée ter lhe dito aquelas coisas horríveis.

— Cedrico, não acredite nisso. Você não é nada como Jeremy. Não acredite nisso nem por um segundo.

— Não... Não vamos discutir sobre isso —
NACIONAIS - ACHERON

Cedrico se desvencilhou do meu toque e colocou-se de pé — Você queria me levar a um lugar, então vamos — depois de Rafael ter começado a se comportar, agora era Cedrico que magia de maneira irritante.

Queria falar, discutir, brigar e me irritava quando eu queria e mudavam de assunto ou agiam de modo condescendente, não importando quem fosse. Odiava condescendência; queria saber o que ele pensava, mas levando em conta tudo o que estava acontecendo, deixei que ele se safasse daquela vez, enquanto estreitava os meus olhos e aceitava a mão de Cedrico.

Nós vamos discutir isso mais tarde, garanti a mim mesma ao deixá-lo me guiar apressadamente na direção da porta.

— Achei que fôssemos ao centro.

— *Nós vamos*, mas vamos à escola primeiro — girei o volante e parei — Vou te mostrar algumas coisas.

Desconfiado, Cedrico aceitou me seguir sob o céu escurecido, quase negro, do meio da tarde até as escadas na entrada da escola; quis parecer contro-

NACIONAIS - ACHERON

lada, mas voltar até ali me trazia uma onda forte e intensa de sentimento há muito enterrados. Aquele era o lugar onde tudo tinha começado e foi impossível não começar a relembrar tudo.

— O que você quer que eu veja aqui? — Cedrico perguntou enquanto eu passava os dedos pelos passadores da calça, dando cada passo com uma hesitação que doía meus ossos, relembrando coisas que eu queria esquecer.

— Venha, vamos fazer uma visita ao refeitório — esperei que acompanhasse o meu passo lerdo e seguimos na direção do refeitório, vazio àquela hora.

— Juliette, não quero ficar dando voltas pelo colégio. Têm crianças aqui, não quero correr o risco de atacar alguma delas como ataquei você — suspirei e olhei para ele, que caminhava ao meu lado. Por incrível que pudesse parecer, eu tinha a impressão de que meus pés se lembravam bem do caminho até o refeitório, mesmo que meu cérebro há muito o tivesse esquecido.

— Não se preocupe com isso, eu estou aqui, Cedrico — quando chegamos, empurrei as portas. Estava vazio, naturalmente, tudo o que vi foram as

NACIONAIS - ACHERON

mulheres que trabalhavam na cantina; duas, talvez. Todas dispersas enquanto caminhávamos através do refeitório até as paredes de vidro com a vista da floresta.

— É isso que queria que eu visse? *Árvores?* — ele me olhou, sarcástico e, estreitando os olhos, balancei a cabeça.

— Quero que você veja o mundo num grão de areia. O céu em um campo florido e... Guarde o infinito na palma da mão e a eternidade em uma hora — parei até de respirar, cruzei os braços na altura do peito e fitei a imensidão do lado de fora, em parte oculta pelas copas das árvores altas; meu olhar foi deslizando até o chão, vários metros abaixo de nós, e ouvi Cedrico respirar devagar, mas irregularmente, como se o fizesse com dificuldade.

— Pela frase do William Blake.

— Não achei que conhecesse poesia inglesa — ele deu de ombros e soltei os braços, envolvendo meu corpo com eles, protegendo-me de um frio que eu sentia dentro de mim, em meus ossos e que dominava todo o meu ser — O que eu quero dizer é que... Quero que você veja o mundo, as coisas a sua volta, tudo o que você vai perder se desistir

NACIONAIS - ACHERON

assim. Quero te mostrar porquê a vida vale a pena ser vivida, por quê você é tão importante — seu olhar se moveu do lado de fora e fez o mesmo, fitando meu próprio reflexo frágil no vidro duplo temperado.

“Você é importante. Você... — capturei o lábio superior entre os dentes por um segundo e encolhi os ombros; engoli todas as lágrimas dentro de mim mesmo que meu tom tenha soado embargado por elas: — Ainda tem *tantas* coisas incríveis a fazer e isso não é sobre mim ou sobre a sua família... É apenas sobre você. A pessoa que você é, ou o que você ainda quer ser, porque ainda terá uma vida imensa pela frente — fiz uma pausa. Ele não disse nada, continuou olhando através do vidro, para longe, com o olhar perdido, de modo que eu só via seu rosto de maneira parcial, mas respirei fundo e continuei — Só quero te fazer pensar durante cinco minutos, refletir, sobre tudo o que você gostaria de fazer durante toda a sua vida...

“Você vai viajar, conhecer lugares, coisas e pessoas... Vai deixar tudo isso para trás e seguir em frente e ser feliz, porque você merece. Depois de um tempo, quando superar tudo isso, você vai

NACIONAIS - ACHERON

conhecer uma boa garota, se apaixonar... Viver eternamente dentro do seu amor e vai ser feliz com essa garota — meu nariz me incomodava, queimava na ponta pela vontade de chorar, pois me sentia estranhamente comovida pelo significado daquele momento; ele estava tão quieto que eu falava sozinha, mas falava tudo o que eu queria falar, tudo o que ele precisava escutar, tudo na tentativa de ajudá-lo a tomar sua primordial decisão.

“Quando se cansar... Talvez encontre um lugar bonito, crie raízes, tenha filhos e viva uma vida tranquila, mortal e comum. Ajudando as pessoas como você sempre fez. É quem você é, Cedrico. Talvez você descubra, um dia, que não é quem você quer ser... Mas terá toda a eternidade para descobrir — por fim, calei-me.

Aquela onda emocional passou por cima de mim como um rolo compressor, deixando tudo estranho e revirado por dentro: — Obrigado — ele falou por fim. Uma única palavra, murmurada, que me fez fungar e balançar a cabeça, como se quisesse fazê-lo entender que eu sabia o que se passava dentro dele.

NACIONAIS - ACHERON

Após um longo minuto, Cedrico se virou e largou os braços ao lado do corpo enquanto eu apertava os meus ainda mais: — Obrigado imensamente por tudo. Por ter começado a fazer a mesma aula de biologia que eu, por ter me ajudado a me safar da polícia e ter me deixado beijá-la... Por ter ido a uma festa extremamente idiota comigo, por ter aceitado tantas loucuras que aconteceram, por ter aceitado a minha família quando descobriu o quão loucos nós somos e por tudo o mais que aconteceu — ele respirou fundo brevemente, sem tirar os olhos dos meus — Obrigado... Por ter sido tão importante na minha vida, por ter sido a minha amiga quando eu precisei, por ter gritado comigo todas às vezes em que julgou estar certa.

“Obrigado. Obrigado por entrar na minha vida há dez anos e por me fazer ver em seus olhos desde o primeiro momento que você mudaria tudo. Por ter, mesmo que contra a sua vontade, me deixado saber a verdade sobre os meus pais, biológicos e adotivos — antes que eu pudesse interromper aquele discurso de despedida, Cedrico pegou minha mão direita entre as suas — Eu te amei desde o momento em que eu te vi, você sabe o quanto isso

NACIONAIS - ACHERON

mudou, o quanto *tudo* mudou, mas eu te amo; de outro modo agora, você sabe, mas ainda amo. Ainda me importo com cada respiração descompassada sua. E você tem razão, talvez isso esteja mesmo em mim — ele parou por um momento e me dei conta de que eu estava tremendo, quase fazendo-o parar de falar. Mas não consegui, pois o medo paralisou cada célula minha — E eu já tomei a minha decisão — e levou minha mão aos lábios e depositou em minha palma um beijo cálido que me fez inclinar o rosto, completamente confusa.

Outra batalha que não foi vencida^[11]

Totalmente confusa e desnorteada quando Cedrico largou minha mão, abri a boca para falar, mas ele *desapareceu* da minha frente e me virei rapidamente, tão rápido quanto eu conseguia naquele momento, para vê-lo atacar o pescoço da mulher que limpava uma das mesas. Arregalei os olhos e cobri a boca com as mãos, um bocado em choque.

Eu sabia como era se alimentar, mas não imaginei que ver aquilo fosse me chocar tanto, extasiar meu corpo além de qualquer reação. Meu queixo caiu e arregalei os olhos ao fitá-lo atrás da mulher, cur-

vando seu pescoço para trás e cravando as presas em seu pescoço, com a mão esquerda no outro lado do seu pescoço e a direita na altura do seu abdome.

Sob aquele ângulo, eu não podia ver seu rosto, mas tive um vislumbre rápido dos seus olhos verdes, cristalinos e plácidos, se tornarem negros, o vermelho tomar conta da parte branca dos seus olhos como se o sangue a invadissem, pois ele pareceu se tornar um animal irracional. Sim, eu o tinha encorajado a tanto; *eu* o tinha que convencido que precisávamos tanto dele que aquilo justificaria qualquer coisa, mas falar era uma coisa completamente diferente da ação.

Não fiquei daquele jeito por muito tempo, pois ao escutar o corpo da mulher cair ao chão, pisquei e calculei uma ação rápida quando ele, que parecia fora de controle, jogou a cabeça para trás e, como se já dominasse tudo aquilo, usou sua velocidade super-rápida para chegar à segunda mulher, com aparência mais velha, os olhos castanhos arregalados e o pequeno corpo em choque. Um grito agudo, porém parcialmente abafado, se fez ouvir e ecoou pela sala enquanto eu ia até eles, quase que me metendo entre os dois.

NACIONAIS - ACHERON

Empurrei Cedrico para longe da mulher com uma expressão feroz no rosto, usando ser o monstro que ele, outrora, julgara que eu fosse: — Já chega, Cedrico! — a dois metros de mim, ele me encarou com raiva, como se não visse nenhum limite plausível naquilo, e coloquei-me a frente da mulher ferida, disposta a defendê-la.

Senti que ela começou a andar para trás enquanto ele se aproximava, com as presas encolhidas e os olhos verdes brilhando de modo sinistro, o rosto coberto de sangue; meu peito subia e descia em uma respiração entrecortada e violenta. Sentia falta de ter me alimentado com todo aquele sangue por perto, mas, mesmo assim, eu era mais velha e mais forte que Cedrico e poderia muito bem pará-lo se fosse preciso.

— Cedrico, pare — inflei o peito de ar, mas ele parecia calmo, me olhava nos olhos como que para transmitir a confiança de que não me atacaria na primeira oportunidade, mas eu tinha que admitir que não confiava nele daquele jeito; há dois minutos, ele era alguém que eu conhecia, mas deixava de ser tão rapidamente que todos os sistemas de alerta do meu corpo estavam ativados.

NACIONAIS - ACHERON

Como um animal, Cedrico farejava o meu perfume, o meu cheiro, e tocou meu pescoço exatamente no local onde tinha mordido mais cedo, seus dedos foram patinando pelo meu pescoço até minha nuca enquanto eu buscava em seu olhar algum indício de que ele ainda fosse aquela mesma pessoa: — *Está sentindo?* — ele estava perto demais para que eu não sentisse.

O cheiro que aquele sangue em suas presas me causava, a sensação de entorpecimento e a fome que me dominava por inteiro. Mas eu era forte o suficiente para não ceder, para não me dobrar só porque estava com fome. Expirei e olhei-o. Seus dedos foram envolvendo meus cabelos e ele chegou mais perto, antes que eu pudesse calcular uma defesa, pensando que ele fosse me atacar, e me beijou. Guiou minha boca até a sua como se estivesse certo que seria muito fácil me fazer ceder; o gosto de sangue foi alterando tudo, mexendo com cada impulso elétrico e vampiro dentro de mim, bombardeando cada uma das defesas que estavam erguidas a minha volta.

Resisti por dentro, não me movi, pois queria parecer equilibrada, forte e contida. Deus do céu, o

NACIONAIS - ACHERON

que diabos estava acontecendo comigo? Tudo foi tomando conta, me invadindo, me derrubando aos poucos; o gosto de sangue em sua boca parecia ser diferente de sangue, mais intenso e foi me possuindo de tal forma por dentro que, quando me dei conta, estava beijando-o de volta; com todas as minhas forças fracas e o meu corpo debilitado.

Não havia mais nada, apenas a vontade de possuir e me deixar possuir pela sede, pelo meu lado vampiresco, selvagem e assassino; deixar-me guiar pelo instinto.

Quando consegui voltar a mim, respirei fundo e calculei um rápido movimento; ergui ambas as mãos, a direita em seu maxilar e a esquerda em sua nuca, enquanto ele me envolvia com os braços de maneira voraz, possensora, enfiei os dedos em sua pele e abri os olhos um milésimo de segundo antes de quebrar seu pescoço. Seu corpo encontrou o chão com um baque surdo e inflei o peito com força ao virar para a mulher, que estava encolhida no chão contra o balcão onde era servida a comida, com a mão em seu pescoço ferido e pálida como papel. Nem eu poderia dizer se era pelo puro terror

NACIONAIS - ACHERON

que eu via em seus olhos, pelo medo de me ver beijando Cedrico antes de quebrar seu pescoço e partir para ela ou pela perda de sangue, que estava todo respingado no chão e formava uma pequena poça onde ela estava sentada com as pernas que, ao me ver, foram sendo encolhidas enquanto tremia.

Sem lhe dar tempo para uma reação mais brusca, abaixei-me e puxei seu braço do pescoço para avaliar o ferimento; era ruim.

— Por favor... Por favor, não me mate... — ela implorou.

— Eu não vou te matar — mordi meu pulso e estendi-lhe, fazendo-a beber — Quero que saia daqui e se esqueça tudo o que viu aqui. Agora vá! — ainda tremendo toda, a mulher levantou e saiu correndo, ao que girei para vê-la sair pela porta, e ver Cedrico caído no meio do refeitório, a direita de uma mesa onde, na diagonal dela, estava o corpo da mulher morta em uma poça enorme de sangue que só crescia — Droga, seu... *Imbecil* — murmurei sozinha e coloquei-me de pé.

— Não me olhe desse jeito — meus braços estavam
NACIONAIS - ACHERON

firmemente cruzados na altura do peito e eu estava sentada na cadeira ao lado da cama com as pernas cruzadas, fitando-o duramente quando ele se moveu e imediatamente levou a mão ao pescoço.

— Ai! Eu não estou te olhando de jeito nenhum — estava olhando para o local a sua volta, na verdade é depois de esquadrihá-lo, com o cotovelo esquerdo apoiado no colchão, olhei para a janela acima da cama de seu antigo quarto no dormitório que, por algum motivo, jamais fora reocupado e perguntara-me o por quê. Mas era irrelevante demais para me fazer perder tempo.

— Por quê estamos aqui?

— Porque você matou alguém — descruzei as pernas e os braços ao mesmo tempo e me inclinei na sua direção, surpreendendo-o de imediato — Isso é pouco?! Você também não pode sair daqui até o sol se pôr — Cedrico se sentou.

— Então me faça um anel do dia — todo ereto, até me pareceu que ele estava falando sério, assim, relaxei a ri — Eu contei alguma piada? — não falei nada, apenas balancei a cabeça, sorrindo enquanto o olhava — Do que você precisa?

— Você acha que eu vou te dar um anel depois de
NACIONAIS - ACHERON

você ter matado alguém na minha frente? Só pode estar brincando, Cedrico.

— Qual a diferença? Você vai me dar um de qualquer jeito — quando lhe disse apenas com o olhar que não estava nem um pouco inclinada àquilo, ele prosseguiu em tom tranquilo, certo do que falava: — Se não você, alguém da minha *família de bruxos*.

— Tenho certeza que cada um deles vai concordar que você não tem capacidade ou *controle* para ter um anel.

— Nós dois sabemos que a primeira vez pode sair um pouco... *Bagunçada* — ele manteve meu olhar e tentei interpretar o que via no seu.

— Está bem, você está certo. Então vamos dar um tempo para você se adaptar — levantei-me com calma e passei por ele — Com o tempo, reavaliaremos a situação.

— Você está falando sério? Não vou ficar sentado esperando pela sua boa vontade...

— É exatamente o que você vai fazer, Cedrico — falei de modo firme, para manter minha palavra e coloquei a mão na maçaneta — Espere o sol se pôr.

— Juliette, como você foi deixar isso acontecer? Achei que estivesse aí para evitar que *esse* tipo de coisa — Rafael falou comigo ao telefone enquanto eu me apoiava na parede do corredor, com o braço esquerdo a minha volta e inclinada para frente, concentrada no brilho que o piso tinha.

— Sim, mas... Eu cuidei do resto. Achei que ele fosse mais... Equilibrado, sei lá. Limpei a bagunça e compeli a mulher.

— Um corpo a menos, pelo que percebo — embora controlado, ele parecia estar fora do sério com a minha falta de experiência para lidar com um novo vampiro — Olha, eu sei tudo o que eu disse mais cedo, mas agora precisamos discutir isso de verdade. Quando escurecer, leve-o lá para casa e a gente vê o que faz. Mas, com certeza, não daremos a ele um anel.

— Meu pai ainda está por aí? Com *Hope*?

— Eles estão com Harriet, não se preocupe...

— Não é com ele que eu estou preocupada — respirei fundo, olhando a minha volta, achando o lugar vazio demais; até aquele momento, não tinha visto uma única pessoa passar por ali que não fossem as duas pobres mulheres no refeitório —
NACIONAIS - ACHERON

Mas não sei se uma agradável noite em família vai ser o melhor momento para discutirmos sobre isso. É melhor Cedrico não ficar perto de ninguém agora, ele está muito esquisito.

— Ele é novo, ainda está se adaptando a tudo isso — ele expirou como se se sentisse cansado por ter que explicar — Você sabe melhor que eu como é, além da sede, ter que *se* controlar a cada segundo. E vamos estar todos lá para o caso.

— Então eu não estarei.

— Como assim? Você é... — surpreso, ele hesitou entre continuar ou não aquela frase — Uma *peça* importante. Uma reunião de família serve para tomarmos uma decisão *juntos*, como uma família.

— Você pode lidar com isso. Eu prefiro ficar com a minha filha — engoli em seco — Não estou disposta a colocá-la nisso, não só por Cedrico, mas pela sua família, e você os conhece melhor do que eu, então...

— Juliette, eu garanto... Nada vai acontecer com Harriet — sua surpresa se dissipou em tensão, como se ele *precisasse* me convencer daquilo — Ela é nossa família também, o que acha que poderia acontecer com ela, pelo de Deus? Estamos aqui

NACIONAIS - ACHERON

para protegê-la!

— Rafael, por favor... — ergui o queixo para a janela a minha frente, vendo como o sol brilhava cada vez mais fraco — Isso é difícil para mim também, equilibrar tudo, e eu respeitei cada decisão sua até aqui, então, por favor, faça o mesmo por mim — respirei devagar como se deixasse a dor que estava presa sair do meu peito ao mesmo tempo em que ele, que parecia tristemente decepcionado comigo, o fazia — Eu sei o que é melhor para ela e não quero que Harriet conviva no meio disso; não é por acreditar que vocês serão um perigo para ela.

— Está bem. Você é a mãe dela — falou entre dentes, contrariado e a contragosto — Deixe Cedrico comigo e nos falamos depois.

Senti que estava magoado comigo pelas minhas palavras duras, senti que tinha que dizer alguma coisa para desfazer aquilo, mas, no fundo, senti como se não devesse, pois acreditava estar certa ainda. Eu não queria que Harriet ficasse perto daquela família, mesmo que fizesse parte dela.

Quando Rafael chegou até lá, depois do papo de que lidaria com Cedrico, dei um jeito de cair fora

NACIONAIS - ACHERON

sem que ele me visse, deixando apenas uma mensagem de duas linhas sobre conversarmos no dia seguinte. Mesmo fraca, com minha velocidade vampiresca, cheguei a casa de Dahlia rapidamente para ver minha filha brincar com Hope, o que me fez parar a porta e observar. Jon estava sentado no balanço dos fundos enquanto elas estavam sentadas no chão, rindo e brincando de modo feliz e infantil. Ao me ver, Harriet deu um salto hábil para correr até mim e me abraçar.

— Está tudo bem por aqui, meu bem? — afaguei seus cabelos e ela levantou a cabeça.

— Sim. Por que nós nunca fomos visitar o meu avô em Nova York? — ela pareceu verdadeiramente intrigada e sorri, não pela pergunta, mas pelo *avô*. Meu pai não tinha idade nem charme para ser avô de ninguém.

Mal podiam dizer que ele era o meu pai, quanto mais avô de uma menina esperta como a minha filha e com quase sete anos.

— Bem, o meu pai trabalha muito, ele me disse que tinha muitas coisas com as quais lidar — fui caminhando na direção do balanço para me sentar ao lado do meu pai com Harriet entre minhas

NACIONAIS - ACHERON

pernas, toda dengosa e carecendo de atenção — Por isso fomos a Frankfurt em nossas últimas férias — ela pareceu se contentar com a resposta e já emendei, antes que minha garotinha continuasse com aquelas perguntas: — O que acha de sairmos para jantar?

— Nós quatro?

— Bem — virei-me para Jon enquanto segurava as mãos da minha filha entre as minhas; ele parecia calmo e feliz com tudo —, acho que seu avô precisa ir embora... Tomar conta do dinheiro dele — estava muito, mas *muito* mais do que claro que aquela sua visita não tinha me deixado nada feliz, porém, tentei soar o mais contida possível, mesmo que ele já tivesse entendido na primeira vez, mais cedo.

— *Infelizmente* — ele me olhou, muito sério, e falou quase que entre dentes —, eu tenho mesmo que ir embora — e levantou-se, ligeiramente irritado, pegando sua filha pela mão — Podem ir jantar, eu vou pegar o meu jatinho, já que eu tenho grana pra bancar todo o luxo. Até mais, Harriet, nos veremos em breve — sua voz se tornou doce por um segundo ao falar com minha filha, pois, ao

NACIONAIS - ACHERON

voltar-se para mim, seus olhos pareciam ferozes e enfurecidos.

— Tchau — Harriet murmurou, desapontada.

— Me ligue quando quiser conversar e ser uma adulta — com isso, ele saiu dali de modo abrupto.

Fiquei surpresa, mas ao mesmo tempo aliviada. Não queria que ele fosse embora daquele jeito, mas fiquei feliz quando ele foi e levou Hope consigo; quase suspirei de alívio ao me voltar para Hope, consertando seus cabelos.

— Nós vamos visitar seu avô em Nova York assim que pudermos, prometo — ela deu um meio sorriso e deitou a cabeça em meu colo enquanto eu corria os dedos pelos seus cabelos e olhava para o céu distante, sem conseguir tirar os malditos Hamilton da cabeça e a tal reunião, a qual eu também ficara dividida quanto a minha participação. Não estava querendo discutir com ninguém, e era o que acontecia naquele tipo de coisa, e além de tudo, queria passar um tempinho com a minha filha para variar a minha ausência.

Esperando pela sua ligação^[12]

Harriet e eu nos arrumamos e fomos a um restaurante perto da casa de Dahlia, na mesma rua. Convidei-a, naturalmente, sabendo que ela não iria, e ela disse que deixaria que eu recuperasse o tempo com Harriet, me deu um lindo vestido e uma lista imensa de cuidados a se tomar como se eu não soubesse cuidar da minha própria filha e, só depois de muito falatório, nos deixou ir.

Era um restaurante bonito, decorado em tons claros e que servia comida italiana; entramos e sentamo-nos mais ao fundo, numa das mesas redondas onde eu podia observar tudo muito bem,

tanto dentro como fora, e ainda me divertir. E comer. Deus do céu, eu estava faminta. Poderia comer tudo ali, mas queria parecer que tinha o mínimo de etiqueta enquanto dava atenção a minha filha, demonstrar o quanto me importava, e saber como ela se sentia com tudo aquilo; me reconectar a ela depois de tanto tempo longe, não apenas fisicamente.

Por fim, comemos uma pizza chique, com muito queijo e enorme. Claro, ela comeu dois pedaços e deixou o resto comigo enquanto falava. Fiquei feliz por me dar conta de que ela não estava surtando com aquilo, que ainda era uma criança normal mesmo sem o pai e com tanta loucura ao mesmo tempo, que sentia falta da sua vida, mas, sobretudo, por saber que ela sabia que tinha a mim e que sempre teria, não importando o quê. No fim da noite, enquanto tomávamos sorvete na calçada, voltando para a casa de Dahlia, Harriet me surpreendeu com uma pergunta: — Nós vamos voltar para Langley? — eu tinha pensado sobre aquilo, até dito a Rafael que cairia fora da CIA, mas ouvi-la me perguntar era mais complexo; ela queria uma resposta certa sobre o que faríamos.

NACIONAIS - ACHERON

E o que faríamos cabia a mim.

— Não — sorri enquanto terminava o meu sorvete de pistache, que não era o meu favorito, diga-se de passagem— O que acha que nos mudarmos para Nova York?

— Nova York? — ela retorceu o nariz, meio desconfiada.

— É, Nova York, perto do seu avô, da Hope... — aquela ideia não me agradava tanto quanto poderia parecer, mas eu queria que Harriet convivesse com eles, de verdade. E Hope, aliás, era só uma criança, não faria nenhum mal se as duas fossem próximas; sentia que Harriet era muito isolada por todos os segredos familiares e talvez aquilo a fizesse bem.

— Acho que eu iria gostar — ela exibiu um largo sorriso e sorri de volta. Harriet voltou a tomar seu sorvete — Você morou em Nova York quando tinha o meu tamanho? — ponderei sobre aquela pergunta por um segundo, retorcendo o nariz antes de olhar-lhe.

— Não, querida. Você sabe que eu nasci na Inglaterra? — ela fez que sim e expirei devagar, abaixando a colher do sorvete e enterrando-a no pote — Eu morei em um lugar chamado Bristol até

NACIONAIS - ACHERON

ter uns dez anos, com o avô, Friedrich.

— E o seu pai? — ela franziu a testa, curiosa.

— Meu pai morava em Nova York e foi para onde me mudei quando tinha dez ou onze anos.

— E morou lá até se mudar para Langley com o papai? — sorri, recordando-me de coisas que poderia até julgar ter esquecido, de tanto tempo que faziam. Mordi o lábio e voltei-me para o sorvete, assim como Harriet não tirava a atenção do seu.

— Não. Meu avô morreu quando eu tinha dezesseis e eu vim morar aqui, em Salém. Depois, voltei para Nova York de novo e, só *muito* tempo depois, seu pai e eu fomos morar em Langley, com você — ela sorriu alegremente, tendo suas curiosidade sanadas ao chegarmos na casa de Dahlia.

— Eu quero conhecer tantos lugares quanto você conhece — ela decidiu, cheia de fôlego, alegria e curiosidade. Com a colherada final, e passando pela loja que parecia mais sinistra a cada dia, joguei o pote do sorvete no lixo da cozinha — Quero conhecer a Holanda, o Paquistão, Praga... — ela citou todos os países dos quais se lembrava e ajudei-a a tirar o casaco.

NACIONAIS - ACHERON

— Nós vamos conhecer muitos lugares, mas agora, a senhorita vai para a cama porque é tarde — abaixei-me enquanto ela falava e Harriet sorria, animada com a expectativa que brilhava em seus olhos verde-escuros.

— Quando você vai me dar mais aulas de alemão, mãe? — sorri.

— Em breve, eu prometo — acariciei seu rosto e peguei de suas mãos o pote vazio do sorvete para jogar no lixo.

— Vocês demoraram — Dahlia falou, saída no nada, enquanto eu saía de detrás do balcão com um sorriso — A noite foi boa?

— Ótima! — Harriet anunciou e aproximei-me das duas.

— Foi, mas agora nós vamos dormir — afaguei seus cabelos e Dahlia observou-nos de maneira estranha; mesmo conhecendo-a há tanto, eu nunca fazia ideia do que se passava pela sua cabeça. Era tudo uma enorme confusão — Algum problema, Dahlia?

— Não. Estou feliz que esteja tudo bem, que vocês estejam tão bem — inesperadamente, ela exibiu um sorriso, contido, mas sorriu — Bem, NACIONAIS - ACHERON

vamos todos dormir — ela estava com cara de quem já estava na cama há muito, então despedi-me e levei Harriet para o quarto de hóspedes onde eu dormira naquelas noites. Pela sua insistência e a enorme cama de casal, deixei-a dormir comigo.

— *Juliette. Juliette...* — apertei os olhos, recusando-me a abri-los desde que ardiam tanto; ainda estava com sono, com a maldita impressão de que só tinha dormido durante cinco minutos — *Juliette, acorda!* — fiz que não com a cabeça e gemi qualquer coisa incoerente ao me virar para o outro lado da cama, erguendo as pernas até o peito para ficar como uma bolinha encolhida na cama — *Precisamos conversar...* — escutei sua voz mais perto de mim, como se murmurasse em meu ouvido.

— Que diabos... — abri os olhos e me virei apenas o suficiente para vê-lo pairar acima de mim — Você não dorme?

— Problemas com sono, lembra? — Rafael se afastou, parecendo estar com o humor melhor, mesmo sério, e virei-me, sentando e me lembrando de puxar o cobertor até que estivesse quase na

NACIONAIS - ACHERON

altura do meu pescoço, pois estava seminua.

— Pois bem, *eu* não tenho esses problemas, *eu* preciso dormir. Pode dizer logo?

— Bem, eu quero que você se levante — só quando ele gesticulou, notei que levava consigo um café na mão direita — Vamos lá... Harriet está esperando.

Instintivamente, olhei para o outro lado da cama, vazia, e novamente para Rafael: — Onde está a minha filha?

— Nos esperando para tomarmos café.

Franzi as sobrelanceiras, muitíssimo desconfiada.

— Ela não gosta de você...

— Está brincando? Eu descobri que dá pra comprar qualquer criança com um chocolate de menta — ele foi se afastando, todo presunçoso — Cinco minutos — e Rafael me deixou sozinha.

Inferno! Eu gostava de dormir, não via nenhum problema naquilo como ele. Mas parecia que sempre tinha algum problema, portanto, joguei-me para fora da cama e fui direto para o banheiro lavar o rosto e achar algo decente que eu pudesse vestir. No meio de fugas mortais, não tinha tido tempo para a lavanderia, o que era péssimo.

NACIONAIS - ACHERON

Como fazia calor do lado de fora, coloquei uma camisa do Pearl Jam com uma escrivadinha ou qualquer coisa parecida na frente, depois, calça e botas; fiz o melhor que pude com o meu cabelo e deixei solto para não enrolar demais, assim, depois de me olhar brevemente no espelho, saí.

A primeira coisa que vi quando cheguei a cozinha foi Rafael tomando seu café, com os cotovelos apoiados confortavelmente sobre o balcão fitando Harriet, que comia uma das dezenas de barras de chocolate de menta que estavam a sua frente, sobre a mesa.

— Deus do céu, o que é isso? — ainda nem eram sete horas e meu palpite certo era que ela não tinha comido nada de verdade antes de começar a comer porcaria logo cedo.

— Nos damos bem, está vendo? — para mim, tudo aquilo soava como um absurdo enquanto Rafael sorria.

— Harriet, por favor, pare de comer isso — falei, sem saber o que fazer enquanto ele me contrariava só no modo como olhava para mim — Vamos tomar café. *De verdade* — a contragosto, ela obedeceu, já vestida e pronta.

NACIONAIS - ACHERON

Voltei meus olhos para Rafael, fuzilando-o com o olhar enquanto pegava minha bolsa que tinha deixado sobre a cadeira, coincidentemente a mais próxima dele, e Harriet saiu correndo na frente; ele se aproximou para passar por mim e fiquei no seu caminho, muito mais baixa que ele para que pudesse soar assustadora, segurando a alça da minha mochila sobre o ombro direito. Ele também me olhou sério, com um olhar de “*saia do meu caminho*”.

— Não dê coisas a minha filha sem a permissão de novo.

— É só chocolate — ele devolveu no mesmo tom que eu.

— Eu sei o que é isso, mas Harriet é *minha* filha e sou *eu* quem decide se isso é inofensivo ou não — não o esperei responder, saí pisando duro e esperei que me seguisse.

Sentamo-nos no café parcialmente vazio e Harriet disse que iria no banheiro depois do meu café chegar. Disse a ela que não demorasse e concentrei minha atenção em Rafael, esperando pelo que ele tivesse a me dizer de tão importante para me tirar

NACIONAIS - ACHERON

da cama àquela hora da manhã.

— Bem, como você sabe, todos estavam lá ontem para concordar com um *método* para acabar com Esme e com quem quer que esteja com ela... — ele começou a falar, quase murmurando, ambos estávamos inclinados sobre a mesa pequena de madeira quadrada perto de uma parede envidraçada que dava para a rua enquanto ele o fazia.

— Juliette — estava segurando a caneca de café com as duas mãos, com os cotovelos na mesa, e quase derramei-o ao me jogar para trás, arregalei os olhos ao ver quem eu estava vendo diante de mim.

Cabelos negros sedosos e bem penteados, confere. Olhos negros e bonitos, confere. Jaqueta de couro sensual e camisa cinza por baixo, confere. Expressão fria e calculista, confere, mas naquilo tinha algo terrivelmente errado, pois mesmo que exalasse seriedade até o último fio de cabelo, havia algo de espontâneo nele, como se estivesse... *Feliz* em me ver.

Aquilo me fez arregalar os olhos e me sentar tão ereta quanto eu podia ficar.

— O que você... — apertei tanto a caneca entre minhas mãos que poderia tê-la partido em um

NACIONAIS - ACHERON

milhão de pedacinhos. O que mais não combinava com aquele homem que eu conhecia, tão bem quanto ele permitira que eu o conhecesse, era uma lata de biscoitos de aparência caseira, que lhe dava um ar estranho.

Não, tudo ali lhe dava um estranho, pois ele não fazia parte de nada naquele cenário. Nada do que eu via a sua volta tinha a ver com ele; uma lata de biscoitos parecia ser o item mais inofensivo que eu o vira segurando desde... *Sempre*.

— O que estou fazendo aqui? — ele colocou a lata na mesa, o que me fez encolher os ombros, encarando-o quase que com medo da sua presença, mantendo seu olhar sério — Você pode me responder isso, não acha?

— Eu? — gaguejei, completamente confusa — Eu... — comecei a falar, mas ele me calou ao erguer o indicador, durante apenas um milésimo de segundo.

Foi o suficiente para que ele olhasse para Rafael e eu engolisse todas as palavras e meias explicações que poderia tentar dar a ele: — Ou você achou que poderia me dispensar com uma *mensagem de texto*? Por favor... — ele balançou a cabeça, como que

NACIONAIS - ACHERON

para demonstrar o quanto estava decepcionado comigo.

— Eu sei que tínhamos que conversar...

— Não — ele me calou de novo e fui afrouxando os dedos da caneca conforme ele empurrava a lata na minha direção — Eu trouxe isso para você.

Puxei a lata, confusa, desconfiada com sua aparição, e encontrei uma linda pilha de *lebkuchens*^[13] de chocolate nela; meu queixo caiu no mesmo segundo e alternei meu olhar entre ele e os pastéis doces típicos da Alemanha: — Longas noites em Berlim, não é?

Abri a boca para falar, mas ele se virou ao escutar a voz aguda de Harriet, genuinamente feliz, que correu até ele: — Markos! — ele se abaixou para tomá-la em seus braços e eles se abraçaram como se fossem grandes amigos se reunindo após um longo período distantes, de modo que ele ficou de costas para nós.

Fechei a lata e olhei para Rafael: — *Quem é esse cara?* — ele murmurou e Markos se ergueu antes que eu pudesse responder.

— Mamãe, por que não me contou que o tio Markos estava aqui?

NACIONAIS - ACHERON

— Ahn... Eu não sabia — sorri para ela e ergui os olhos para Markos, embora sorrindo, olhei-o séria — O *tio Markos* decidiu fazer uma surpresa.

— Você não veio para levar minha mãe, não é?

— Não, claro que não — ele sorriu para ela e me olhou nos olhos com uma expressão profunda — Só tenho que ter uma *conversinha* com a sua mãe — só notei que ele segurava a mão de Harriet quando a soltou e posicionou-se ao meu lado, gesticulando para que eu me levantasse — Me siga, por favor.

Sumário

Parte 2 — Você fez um corte muito profundo

Eu conheço lugares onde não seremos encontrados
Segure firme e você lentamente vai voltando a vida
Tantas vezes eu o vi perder o caminho
Você não está no controle e não vou te dizer isso
Guerra civil
Armistício
Primogênita
Ir devagar nos fará durar mais
Tudo em família
Você decidiu que eu valia a pena ser salva

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 2

Você fez um corte muito
profundo[\[14\]](#)

Eu conheço lugares onde não seremos encontrados^[15]

Markos praticamente me obrigou a entrar no enorme SUV preto e lustroso, estacionado ao meio-fio, e deixar minha filha com Rafael.

— Dirija, Raúl — ele falou ao motorista, que eu conhecia, e ele obedeceu sem questionamentos enquanto Markos pegava alguma coisa no bolso, me deixando com um constante arrepio na espinha.

Inesperadamente, ele tirou uma arma da parte de trás da calça. *Minha* arma. E entregou-a a mim.

— Pegue — peguei-a apenas obedecendo a sua

ordem, pois não fazia a menor ideia do que estava acontecendo ali. Por que ele estava me devolvendo a arma se ele mesmo tinha me afastado e me mandado devolvê-la?

— Markos, o que você está fazendo? O que está acontecendo aqui?

— Você vai precisar disso — ele falou enquanto checava a sua e eu permanecia boquiaberta, com a mão estendida e a arma sobre ela. Tratei de fechar a boca e guardá-la, raciocinando sobre tudo aquilo — Não são balas... — ele fixou os olhos, negros como a noite, nos meus.

— *O quê?* Markos, você não está fazendo sentido. Por favor, me explique o que está havendo — ergui as sobrancelhas para enfatizar o desespero que já era evidente em meu rosto — Por favor...

— Eu não vim aqui em nome da CIA — ele relaxou os ombros, mas falou de modo firme, incisivo, quase me perfurando com aquele olhar.

— O que você está fazendo aqui, então? — arregalei os olhos e cheguei para trás até meu braço direito estar pressionado contra a porta; olhei a minha volta para onde estávamos indo, mas, àquela velocidade e com o vidro extremamente escuro, NACIONAIS - ACHERON

não pude detectar ao olhar tão rápido.

— Estou aqui porque... Eu fiz um pacto com o meu melhor amigo — ele finalmente demonstrou alguma emoção em seu tom, erguendo as sobrancelhas, deixando que seu rosto fosse contorcido pelas emoções, mesmo que contidas e breves — de que tomaria conta de você e da Harriet. E vocês precisam de mim.

— Do que você... — arquejei, abri a boca duas vezes, olhando para ele, mas sem saber o que falar — De *quem* você está falando?

— De quem mais? Do seu marido, é claro — aquele era o momento em que eu não sabia mais de nada. Se ele estava dizendo aquilo, se estava dizendo que Joseph era seu *melhor amigo* era porque sabia muito, *muito* mais do que deveria.

— Espera aí... — sentei-me direito, afastando-me da porta — Você e Joseph se conheciam? Quero dizer... Achei que só tinham se visto uma vez na vida.

— Isso foi o que a deixamos pensar, Juliette. Agora, não tenho muito tempo para explicações — olhei para frente, para a estrada a nossa frente, perturbada.

NACIONAIS - ACHERON

— Para onde estamos indo?

— Não se preocupe, vamos apenas conversar — ele também se ajeitou no banco, desconfortável com a parte de conversar, de ter que se explicar.

— Tudo bem — engoli em seco e respirei fundo — O que você é? — Raúl se embrenhou em uma mata, parecida com a estrada esquisita que levava a mansão dos Hamilton e com a qual eu estava tão familiarizada, mas bem antes dela.

Por fim, ele parou e Markos me mandou sair; obedeci-o, confusa por termos parado no meio do nada, onde tudo a nossa volta eram árvores e nada mais. Cruzei os braços na altura do peito e semicerrei o maxilar; tensão seria eufemismo para dizer como eu me sentia naquele momento quando Markos bateu a porta do carro com firmeza e foi na minha direção: — Venha comigo — ele passou por mim e fui atrás dele, completamente desconfiada.

— Markos — consegui acompanhá-lo a uma velocidade humana, quase correndo para conseguir alcançar seus passos — O que você é? E o que está fazendo aqui?

— É uma longa história, Juliette — ele me olhou, finalmente, e continuou andando rápido como se
NACIONAIS - ACHERON

fugisse de alguém — Desde que você já está familiarizada com o lugar, acho que conhece o... *Alaric?*

Franzi o cenho e inclinei o rosto com desconfiança, os olhos arregalados. O que aquele cara que eu conhecera no dia anterior teria a ver com ele? Com sua aparição repentina e com aquela estranheza toda?

— Eu o conheci ontem, mas o que ele tem a ver com *você*? Essa conversa toda não está fazendo o menor sentido para mim — ele manteve meu olhar, andando para frente enquanto olhava para mim; parecia nem precisar olhar para saber por onde seguia.

— Ele é meu irmão — entreabri os lábios e encolhi os ombros, sem ter palavras a lhe dizer diante daquela revelação — Joseph e eu nos conhecemos há muito, muito, *muito* tempo, antes mesmo de você imaginar existir. Quando nos encontramos em Langley, concordamos em não te contar sobre isso porque eu estava me escondendo da mesma organização que está te caçando agora.

— *Organização?* — naquele momento, vi-me completamente confusa com suas palavras —
NACIONAIS - ACHERON

Achei que fosse uma caçadora...

— E os suecos esquisitos, não contam? — encolhi ainda mais os ombros. Senti-me por fora do que estava realmente acontecendo, sem nenhuma informação para rebater o que ele falava quando consegui formular coisas coerentes.

— Então você sabia? — arqueei a sobrancelha esquerda em uma atitude acusatória enquanto ele metia as mãos nos bolsos, todo formal, e desviava o rosto do meu para olhar coisas que não eram importantes, apenas por fazer — Sabia sobre os suecos, a caçadora e quando eles *quase* me mataram em Langley. E a Rafael. Acha que Joseph não teria se importado com isso?

— Como eu disse — Markos se virou para mim de modo abrupto —, *eu* estava fugindo deles. Teria ido te ajudar se achasse que não conseguiria lidar com eles sozinha, acredite. Eu estava por perto.

Meu queixo caiu de vez. Ele estava *por perto*. Aparecia de repente com aquela conversa sobre proteger a mim e a Harriet, mas estava *por perto* e não fizera simplesmente nada! E aquele sentimento de revolta não era por mim, e sim, por Rafael, afinal, eu me curara muito rápido depois de ter

NACIONAIS - ACHERON

batido o carro com tanta violência. Fora só me alimentar deles, mas Rafael, não.

— Olha, Markos — comecei a andar para longe dele, que parou e me olhou de modo brusco —, eu não sei o que você está fazendo aqui e, sinceramente, não quero saber. Eu posso cuidar da minha filha *muito* bem sem a sua interferência, fiz isso até agora. Então, se não tiver nenhum assunto sobre a minha saída da CIA para tratar, fique bem longe de mim e... *Sobretudo*, da minha filha.

Não o esperei retrucar a minhas palavras furiosas, apenas lhe dei as costas e, pela primeira vez sem me preocupar com aquilo perto dele, usei minha velocidade vampiresca para dar o fora dali em um segundo.

Estava espumando de raiva, cansada, quando voltei ao café. Mal tinham se passado quinze minutos e Rafael tomava café com torradas enquanto Harriet se esbanjava com a calda de chocolate sobre as panquecas, parecendo feliz da vida. Sentei-me ao lado dela com uma respiração profunda.

— Quem é aquele cara, Juliette? — foi a primeira coisa que Rafael falou quando me sentei, tentando

NACIONAIS - ACHERON

relaxar com tudo aquilo na cabeça — Você ficou tão pálida quando o viu que parecia que tinha visto um fantasma.

— Markos e a mamãe trabalham juntos — Harriet esclareceu enquanto cortava suas panquecas.

— Na CIA?

— É, viajando — alternei o olhar entre ela e Rafael, finalmente tomando a palavra.

— Ele é o meu chefe — ele ergueu as sobrancelhas. Pelo jeito como tínhamos falado, pareceu até que ele era meu amante ou coisa pior. Finalmente refleti e me dei conta de como soáramos ambíguos — Meu chefe de operações.

— Eu não sei o que isso significa — imaginei que soubesse, como era do FBI e tudo o mais, mas tive de empertigar os ombros, sentindo a arma na parte detrás da minha calça, sob a minha blusa que era colada demais.

— Nós trabalhamos juntos em Berlim e no Paquistão. Markos é um agente, opera em campo e essas coisas... Eu sou especialista em TI. Você sabe, sem permissão para atirar e essas coisas.

— Mas você tem uma arma — ele murmurou, extremamente baixo, para que nem Harrie
NACIONAIS - ACHERON

escutasse. Fiz que sim.

— Para me defender, caso eu precise — naquele ponto, meu café estava frio como um cadáver, o que me fez chamar a garçonete para pedir outro.

— Entendi — Rafael bebeu seu vigésimo café naquela manhã e me olhou, todo desconfiado — Então, o que ele queria com você? Te implorar para ficar? — seu tom soou irônico, mas não era possível definir com exatidão.

— Ele me disse que... Ele e Alaric são irmãos — julguei que ele conhecia Alaric tanto quanto Cedrico, o que foi confirmado pela sua expressão confusa e pelo movimento rápido que ele fez ao repousar seu café na mesa.

— Irmão do Alaric? Mas *que porra* é essa?

— Rafael! — reprimi-o com o olhar pelo palavreado e ele respirou profundamente, parecendo transtornado — Olha como fala.

— Como assim, *irmão do Alaric*? Você sabe o que o Alaric é, não sabe?

— É, eu sei — inclinei-me para falar mais baixo — Ele falou alguma coisa sobre uma Organização a qual Esme faz parte, aqueles suecos esquisitos... — balancei a cabeça. Nem eu entendera o suficiente

NACIONAIS - ACHERON

para lhe explicar, mas fiz o melhor que pude — Ele disse que é *melhor amigo* do seu pai — diminuí ainda mais o tom da minha voz, o *seu pai* saindo de modo automático. Mesmo assim, foi melhor do que *meu marido*, sem sombra de dúvidas.

— Bem, eu conheço o Ric a minha vida toda e posso afirmar com toda a certeza que não fazia a menor ideia de que ele tinha um irmão. Muito menos que meu pai seria *amigo* desse irmão — a garçonne finalmente voltou com o meu café e saiu rapidamente após deixá-lo sobre a mesa.

Tomei um gole longo, segurando-o com ambas as mãos, fitando a expressão confusa de Rafael enquanto ele processava as informações devagar: — Markos vai voltar? — Harriet perguntou e, só então, percebi que a lata de biscoitos ainda estava sobre a mesa, assim, decidi comer um *lebkuchen*.

Eu adorava aqueles pastéis, ainda mais cobertos de chocolate, e Markos, de algum modo, se lembrara de que eu sempre comia aquilo como sobremesa nos restaurantes das pequenas cidades alemãs. Parecia até um lembrete de como ele me conhecia bem; comi um e me senti no céu, como se tivesse acabado de ser feito, e um daqueles de-

NACIONAIS - ACHERON

liciosos que tinham a receita secreta protegida a sete chaves.

Mas, naqueles pastéis, senti que havia algo mais. Ergui os olhos para Rafael e fiz a lata deslizar na sua direção: — Aqui, come um — ele devia achar que eu era uma esfomeada, pois estava sempre comendo muito na frente dele.

Hesitante, ele olhou para a lata, depois para mim, que terminava de comer o meu. Era mais como um biscoito redondo, quase como um *cookie* de chocolate, o qual eu comia deliciada.

— O que é isso?

— São *lebkuchen*. É um pastel típico na Alemanha — inclinei a lata para que ele visse o quanto era deliciosos.

— Pastel? — ele retorceu o nariz, repuxou os lábios, quase que me hipnotizando com aquela boca linda, aquele nariz bem feito. Fiquei boquiaberta, parecendo uma boba olhando para ele — Achei que fossem biscoitos de chocolate...

— Vai, come um. É ótimo — ele fez que não.

— Juliette, você é europeia e esquisita, e isso não parece ser bom — ele falou, quase que com um bom humor o qual eu me recusava a acreditar.

NACIONAIS - ACHERON

Diante do meu olhar insistente, ele aceitou e comeu um — É, não é ruim. Mas também não é a melhor coisa do mundo.

Ri e balancei a cabeça enquanto terminava o meu pastel.

Segure firme e você lentamente vai voltando a vida^[16]

Dahlia *pegou* Harriet assim que passamos pela porta e despedi-me dela antes de ir com Rafael e minha lata de biscoitos em mãos. Quando me sentei no carro de Rafael, e restavam somente três *lebkuchen*, apoiei-os na vertical e procurei o que haveria de especial naquela lata. Era bonitinha, com desenhos fofos, mas *tinha* que ter algo mais ali. Eu sabia, tinha plena convicção, de que Markos não me levaria *lebkuchens* só porque eu gostava deles.

Rafael me olhava com atenção enquanto dirigia,

prestando demasiada atenção em mim e na minha tarefa de revirar a lata, olhava-a sob todos os ângulos possíveis em busca de alguma anomalia: — Algum problema?

— Não, é que... — abaixei a lata até quase repousá-la em meu colo, com o cenho franzido e uma expressão demasiada perturbada — Tem alguma coisa aqui que eu... — ao enfiar a mão direita no fundo da lata, cortei meu dedo no canto — *Ai!* — exprimi um gemido e puxei a mão rapidamente para ver um corte na ponta do meu dedo médio.

— O que foi? — Rafael foi alternando o olhar entre a estrada e eu, concentrando-se na minha mão — Você se machucou?

— Não, estou bem — meu dedo curou bem rápido, na verdade, e quando o fez, deslizei-o pela palma da mão e voltei a enfiá-la no fundo da lata com mais cuidado, erguendo-a na altura dos meus olhos e virei-a para que o fundo ficasse visível — Eu sinto muito, meus amores... — falei com pesar, parecendo louca ao falar com os pastéis que tirei da lata e coloquei no meu colo, puxando o fundo e cortando meu dedo de novo.

NACIONAIS - ACHERON

Contudo, daquela vez, quando eu estava pronta para gritar por conta do fundo cortante, ele descolou e caiu como uma lâmina no meu colo. Quando o fez, vi um post-it amarelo colado no fundo verdadeiro da lata. Rafael voltou sua atenção para mim com incredulidade e arranquei o post-it, recoloquei o fundo falso e os *lebkuchens* nela para me concentrar naquele pedacinho de papel com uma pequena frase escrita em letras cursivas.

Die antwort ist drinnen.

— Que diabo de idioma é esse? — enquanto meu queixo caía, escutei a voz de Rafael ao meu lado. Ergui os olhos para ele, que, naturalmente, não falava alemão.

— Significa “A resposta está dentro.”.

— Dentro? Dentro do quê? De uma lata de biscoitos? — ele parecia tão confuso como eu e balançou a cabeça, quase como se esperasse que eu fosse ter as respostas.

— Eu não faço a menor ideia — fiquei olhando para o pedaço de papel, relendo aquela mesma linha mil vezes como se o significado fosse surgir a minha mente de repente.

— Venha, vamos — ele falou ao parar diante da
NACIONAIS - ACHERON

mansão. Deixei a lata no banco do carro e enfiei o bilhete no bolso ao sair, indo em direção a porta.

— Acabou que nem conversamos — falei enquanto caminhávamos lado a lado até a porta — Como Cedrico está?

— Alimentado, por enquanto. Ele precisa aprender lidar com a fome de outro jeito que não seja matando pessoas e eu não sei o que fazer quanto a isso — suspirei e balancei a cabeça, com os olhos fixos no chão.

— Ele mudou mais em cinco segundos do que em oito anos e se eu estiver sendo sincera, também não sei o que fazer — quando parei de modo abrupto à porta, ergui os olhos muito rápido ao me dar conta de que Rafael e eu estávamos perto demais, nossos rostos a apenas um centímetro de distância um do outro.

Abri a boca, sem saber o que lhe dizer, sem saber se queria dizer alguma coisa que o fizesse se afastar de mim, pois, naquele momento, me olhando de cima com a boca entreaberta e uma expressão suavizada. Ele também parecia incomumente vulnerável e fixar aquela fragilidade toda em seus olhos me fez parar até de pensar e me respirar;

NACIONAIS - ACHERON

inflei o peito e arqueei as costas, com os polegares nos passadores da calça, e mantive seu olhar pelo que pareceu ser uma eternidade.

Nenhum de nós ousou ao menos respirar; havia uma calma brusca a nossa volta e tudo que eu conseguia ouvir era o som das folhas sendo suavemente agitadas pela brisa matutina, o canto distante dos pássaros e o som da respiração curta e irregular de Rafael, que fechou os olhos, parecendo tão distante, mas, ao mesmo tempo, tão perto. Por fim, ele deu um passo para trás, para perto da fechadura da porta, e abriu os olhos com uma expressão dura, porém necessária.

— É melhor entrarmos logo — fiz que sim, mais do que abalada, e finalmente consegui respirar, seguindo-o para dentro da toca do coelho.

Cedrico estava na sala com Lauren e Renée quando entramos. Rafael e eu sentamo-nos no sofá oposto, de frente para eles, e contamos o que tinha acontecido até ali sobre o post-it sinistro. Lauren ainda me odiava, naturalmente, e saiu dali quando terminei de falar, enquanto Renée adquiria uma postura reflexiva, sentada ao lado de Cedrico como

NACIONAIS - ACHERON

se estivesse ali para tomar conta dele.

— Você acha que foi esse Markos quem deixou isso aí ou ele é só o mensageiro? — quando me olhou, séria, parecia que era a mais inteligente e centrada entre toda a família.

— Não faço ideia — balancei a cabeça — Mas teve uma razão para deixar em alemão e pode ser que não tenha sido ele.

— Bem, claramente a mensagem é para você. Mas será a que se refere?! — caímos em um rápido e mortal silêncio.

— Talvez à Esme — Rafael finalmente falou e Renée ergueu o queixo para manter seu olhar de forma que dizia que ela, claramente, tinha algo a dizer. Não só a ele e, fosse o que fosse, não parecia *querer* dizer — Algum problema?

— Sobre isso... Eu meio que... — ela empertigou os ombros e alternou o olhar entre nós dois enquanto Cedrico a avaliava com atenção.

— Meio que, o quê, Renée? — o tom de Rafael mudou de pragmatismo para de alerta de um segundo para o outro.

— Meio que... Sei onde ela pode estar, mas preciso da ajudinha do meu irmão — com

NACIONAIS - ACHERON

desconfiança, Rafael inclinou o rosto — E da sua gêmea... Provavelmente sua também, Juliette.

Se estava pedindo a *minha* ajuda, a coisa era grande.

— Eu tentei rastreá-la, quase consegui, mas ela é forte. Contudo, não é a toa que somos conhecidos nos quatro cantos, por isso, juntos somos mais fortes do que essa pré-adolescente mimada de quinta. Então, se me ajudarem, podemos quebrar o feitiço dela com um mais forte.

— Sobrecarregá-la com a própria magia? Estou dentro — Rafael foi o primeiro a falar, mas eu ainda analisava e pesava tudo.

— Como vamos fazer isso?

Renée aceitou minhas desconfianças e relaxou, cruzou as pernas e entrelaçou os dedos sobre o joelho: — É uma ligação especial, Juliette — o modo como falou meu nome foi enfático e esquisito.

— Está bem... Eu faço qualquer coisa para me livrar dessa *Esme*. E estou tão disposta a qualquer feitiço como vocês — havia pura desconfiança no modo como Renée me olhava, de cima a baixo, como se avaliasse se eu era ou não digna da sua

NACIONAIS - ACHERON

confiança. Ou, até mesmo, se era digna de estar entre a sua família.

— Venha, Rafael — ela se levantou muito rápido e deu a volta no sofá sem parar para falar, esperando que Rafael a seguisse: — Quero falar com você — pareceu impaciente quando desapareceu na direção da cozinha. Rafael foi atrás dela, o que deixou Cedrico e eu sozinhos ali. Tomei a iniciativa de me aproximar primeiro.

Levantei e dei a volta para me sentar ao lado dele, com as pernas cruzadas e virada na sua direção, piscando como se quisesse ser notada enquanto ele me encarava friamente; com uma frieza vampíresca.

— Como você está?

— Bem — falou simplesmente, como que para deixar claro que não queria conversar comigo, assim, relaxei os ombros. Cedrico me olhou.

Olhou-me bem. Olhou no fundo dos meus olhos; intensamente, como se quisesse me perfurar com seu olhar.

— Como está se sentindo?

— Eu estou bem, Juliette — falou lentamente — Não estou, por exemplo, com vontade de rasgar seu
NACIONAIS - ACHERON

pescoço. *Então estou bem.*

— Não estou falando disso e você sabe — ele pareceu consternado apenas por um segundo. Não saberia dizer o que via em seus olhos.

— Eu estou com fome, se é a isso que você se refere — falou com calma e respirei devagar.

— Cedrico... Você sabe que eu sempre estive aqui, sempre disposta a te ajudar com isso, então se quiser, podemos sair mais tarde... — como ele não respondeu de imediato, mas demonstrou pensar a respeito, dei continuidade: — Você sabe, se alimentar e apagar.

— Sabe... Se eu estivesse vivo, me importaria em mexer com a cabeça de alguém, mas... Acho que é melhor do que matar, eu acho.

— Isso — joguei os ombros ligeiramente para trás e ensaiei um sorriso — Eu também preciso disso, então, se quiser vir comigo...

— Você não quer ficar aqui para escutar o papo furado das minhas irmãs sobre Esme? — finalmente, uma piada ruim.

Aquele era o cara do qual eu me lembrava, sorrindo. Ofereci-lhe um amplo sorriso de volta: — Combinado. Eu te pego às oito.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sim, senhora.

NACIONAIS - ACHERON

Tantas vezes eu o vi perder o caminho^[17]

Consertei meu vestido preto enquanto Dahlia ajeitava os meus cabelos. Ela os puxou na altura das orelhas em uma linha diagonal e prendeu-o na parte de cima com um grampo, deixando-me apresentável.

— Como ele está?

— Não tenho certeza, por isso o chamei para sair — olhei para ela através do espelho da sua penteadeira, passando um batom rosado clarinho com a ponta do dedo médio.

— Espero que ele consiga se sair bem — ela pareceu realmente preocupada enquanto falava.

— Eu vou me esforçar para isso.

Sorri e me virei para ver Harriet entrar através da porta entreaberta: — Mamãe! Você está bonita — ela ficou perto de mim e colocou os braços em minhas coxas.

— Obrigada, querida. Você vai ficar bem sem mim?

— Vovó e eu vamos assistir *Enrolados* — anunciou com entusiasmo e sorri, bagunçando suavemente seus cabelos.

— Eu até que gosto daquele filme agora, depois de tê-lo visto umas mil vezes nas últimas semanas — Dahlia falou e nós três rimos.

— Eu vou comprar uns filmes novos amanhã, o que acha?

— Está bem, mas um filme legal — Harriet se afastou e me levantei, dando uma última olhada no espelho. Naquele momento, antes de eu pensar em chamar um táxi, meu celular vibrou sobre a penteadeira, mostrando o nome de Cedrico.

— Eu sei que estou atrasada... — dei um beijo no rosto de Harriet e me despedi rapidamente.

— Estou na sua porta, ande logo, Cinderela — peguei os saltos e enfiei o celular na pequena bolsa
NACIONAIS - ACHERON

preta, correndo até a porta para ver Cedrico todo bonito em uma jaqueta de couro preta e o cabelo todo arrumadinho. Quando saí na calçada, finalmente coloquei os saltos, indo até ele com um breve sorriso. Ele ergueu a mão direita e balançou as chaves — Dessa vez eu roubei as chaves.

— Você precisa parar de cometer crimes enquanto está comigo — sorri, afetada pelo seu bom humor enquanto dava um tapinha no seu peito e abria a porta do carro de Rafael que ele tinha roubado. De novo.

— Eu não tenho culpa se Esme não pegou meu carro quando me sequestrou — e me ofereceu um sorriso ao dar a volta no carro.

— Justo. Além disso, Rafael não pode reclamar muito — entramos e ele colocou uma música. Ao menos eu tinha escolhido o irmão divertido para passar a noite, assim, fomos conversando amenidades durante o trajeto até uma casa noturna. Não falamos sobre sangue nem nada do tipo, aproveitei àquela reaproximação sem forçar.

Peguei duas tequilas e me virei no balcão para entregar uma delas a Cedrico, que desaparecera em

NACIONAIS - ACHERON

meio a multidão. Virei as duas e decidi que se ele precisava de um pouco de espaço, era justo lhe conceder. Ao terminar a bebida, penetrei a multidão, caminhando ao ritmo de *Sweet Nothing* até meu querido jovem vampiro, que se alimentava de uma jovem mulher da minha altura, bem mais baixa que ele.

Quando meu olhar encontrou o dele, com as luzes multicoloridas piscando em nossos rostos, os corpos frenéticos se movendo a nossa volta o alcancei e afastei os cabelos castanhos e de ondas suaves da mulher, e cravei as presas em seu pescoço; o olhar de Cedrico estava, de alguma forma, conectado ao meu. Selvagem e intenso, cortante.

Alguns segundos depois, surpreendi-me ao ser ele a soltar a mulher, o que me fez soltá-la também; mordeu o pulso e deu-lhe seu sangue, em seguida, disse a ela para esquecer o que acontecera ali e deixou-a ir enquanto eu limpava o sangue que escorria no canto da minha boca.

Antes que eu conseguisse, contudo, ele me puxou pelo cotovelo enquanto as pessoas enchiam a pista de dança e quase nos sufocavam; quando o fiz,
NACIONAIS - ACHERON

porém, tomei impulso para frente naqueles saltos superaltos nos quais eu mal conseguia me equilibrar e quase enfiei o rosto em sua camisa, mas Cedrico me segurou com firmeza e me manteve de pé.

Como podia uma vampira ser tão desastrada? Inspirei, mas não expirei, prendi o ar no peito e meus braços foram involuntariamente em torno dele. Meu queixo estava erguido o suficiente para que meus olhos estivessem fixos nos seus. Profundamente.

— Calminha aí — Cedrico exibiu um sorriso límpido, sem aquela obscuridade vampira que eu vira em seus olhos no último dia — Você está bem? — diminuiu o tom de voz, ciente de que eu escutaria, desfazendo seu sorriso de modo despreocupado.

— Estou, claro — me afastei e forcei um sorriso, apenas para manter as aparências. Para que ele não visse o quanto tinha me afetado — Estou ótima — desviei o olhar do seu e respirei devagar, com alguma coisa dolorosa em meu peito — Vamos beber.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Você não está no controle e não vou te dizer isso^[18]

Para uma segunda vez, ele estava indo bem, a meu ver. Mas eu sabia que estava se esforçando, podia ver até no modo como estava tenso. Assim, fomos beber para relaxar e agradeci mentalmente por ter escolhido um local lotado o suficiente para fazermos aquilo sem sermos notado.

Além de me concentrar em Cedrico, eu estava faminta. Bebi um pouco mais para acalmar os instintos que fervilhavam dentro de mim, porém, um segundo depois, fui eu a pegar Cedrico pelo braço e chamá-lo para dançar. Ele foi, de bom grado e me puxou para si ao som de *Feel So Close*,

deslizando a mão direita pelo meu rosto sem tirar os olhos dos meus, guiando os meus movimentos ao som da música de batida intensa.

Seus dedos foram deslizando pelo meu rosto e queixo, penetraram nos cabelos da minha nuca e fui até ele, como se seu olhar fosse magnético e eu estivesse hipnotizada; sentia coisas que nem eu mesma sabia nomear. Só conseguia dizer que era alguma coisa muito próxima de desejo enquanto guiava minha boca até a sua. No entanto, fui ele quem me parou quando eu estava perigosamente próxima a sua boca para fazê-lo, murmurando com o rosto perto demais do meu: — *Eu quero você, não qualquer outra pessoa* — eu entendia o que ele queria dizer, pois me sentia do mesmo jeito.

Sob o som da música, tirei meu cabelo do pescoço e inclinei minha cabeça para a direita, expondo-o, oferecendo-lhe. Porque eu tinha adorado a sensação de ter mordida, pela primeira vez, ao invés de morder, quando ele o fizera na mansão. E senti-lo de novo foi uma sensação ainda melhor, de alguma forma, mais intensa e vibrante; me fez sentir viva de uma maneira inexplicável, ser tomada em seus braços e sentir seus lábios, seguidos de suas presas

NACIONAIS - ACHERON

em minha pele.

Um gemido incontrolado escapou da minha garganta e levei os dedos à seus cabelos, jogando a cabeça ainda mais para trás, deixando que ele tomasse o que quisesse. Fechei os olhos, sentindo-me completamente entregue, querendo ser tomada. Novamente, foi ele a se afastar.

Permaneci daquele jeito por um longo momento, com os olhos fechados, sentindo seus dedos apoiarem minha nuca, em seguida, seus lábios saquearem os meus sem me dar tempo de abrir os olhos e recuperar a consciência e a sanidade por completo. Ataquei sua boca com uma voracidade que eu nem sabia que tinha dentro de mim, com o monstro dentro de mim que queria sair. Mesmo com os saltos, fiquei na ponta dos pés para alcançá-lo completamente, para beijá-lo como eu queria e como desejava.

Se não estava ficando louca com aquele impulso dentro de mim, com aquela selvageria toda, não sabia de mais nada. Apenas me concentrei em manter os meus olhos fechados e minhas mãos bem firmes naqueles cabelos ruivos, macios e sedosos e com cheiro de baunilha que eu adorava; só pensava

NACIONAIS - ACHERON

em como eu queria mais e mais e mais. *E mais.*

Pisquei, confusa, ciente de que não tinha amanhecido ainda enquanto colocava o meu vestido. Quando alcancei o meio do caminho até a porta, segurando o salto em minhas mãos para não fazer barulho no escuro, Cedrico se colocou a minha frente com sua velocidade vampira. Ele parecia ter se adaptado àquilo bem mais rápido do que eu, pois estava deitado na cama, dormindo profundamente, na última vez em que eu checara.

— Fugindo tão cedo? — inflei o peito, levando um susto quando ele apareceu. Estava sem camisa e dava para ver seu rostinho bonito sonolento mesmo no escuro, assim como seus cabelos bagunçados, que estiveram tão penteados na noite anterior; tranquilamente, ele exibiu um sorriso.

— Eu não deveria estar aqui, em primeiro lugar — murmurei, estreitando os olhos para olhar para ele, muito séria. Finalmente caíra em mim, de fato.

— Não se preocupe, Juliette — Cedrico ergueu a mão e esfregou meu queixo com o polegar — Nosso segredinho.

— Que ótimo. Espero que você guarde bem os
NACIONAIS - ACHERON

seus segredos — ele abaixou a mão e passei por ele. Não queria ter que esperar mais até o amanhecer, pois corria o risco de ser vista se fosse cedo, ou tarde, o suficiente e era a última coisa que eu queria.

Dei o fora da mansão o mais rápido possível e chamei um táxi na estrada.

Quando cheguei à casa de Dahlia, de onde eu já estava pensando que poderia dar o fora em breve, pisando na ponta dos pés para que ela não acordasse; consegui me esgueirar até o quarto de hóspedes para encontrar Harriet dormindo na minha cama. Uma estranha onda de culpa me invadiu lentamente, me corroeu por dentro, e larguei os sapatos ao lado da porta para me sentar na ponta, apoiada nos travesseiros, correndo os dedos pelos seus cabelos enquanto sentia um aperto esquisito no peito. Uma sensação de que algo ruim estava prestes a acontecer e de que eu não poderia fazer nada para impedir.

— Mãe... — ela murmurou, sonolenta, e deitou a cabeça em minhas coxas, abraçando-as com o braço esquerdo.

— A mamãe está aqui — murmurei ainda mais

NACIONAIS - ACHERON

baixo, mais para mim do que para ela: — A mamãe está cuidando de você.

E depusitei um beijo em seus cabelos enquanto corria os dedos por eles. O dia foi ficando cada vez mais claro do lado de fora, e cerca de uma hora depois, o sol começara a nascer, o dia surgia lentamente conforme eu me levantava da cama sem ter dormido nem por um segundo; ficara ao lado de Harriet como se velasse seu sono, protegendo-a de qualquer coisa e de tudo ao mesmo tempo. Talvez meu tempo com aquela família maluca estivesse me deixando tão paranoica quanto eles, mas quando era sobre Harriet, eu não descansaria até saber que ela estava perfeitamente bem e segura. Poderia parecer que estava tudo bem, mas talvez fosse uma questão de tempo antes que uma ameaça batesse à porta, por isso, enquanto ia até o banheiro, liguei para Markos. A verdade é que tinha sido mal educada ao deixá-lo sozinho, e por isso, não esperava que ele atendesse, mas então, pensei que se a lealdade dele a Joseph fosse como ele fizera parecer, então ele atenderia. Eu poderia estar em perigo, afinal. Ou Harriet.

Me dava calafrios só de pensar naquilo, mas eu
 NACIONAIS - ACHERON

me aliaria a ele sem pensar muito para proteger a minha filha.

— Você demorou a me procurar — quase pulei para trás diante do espelho ao escutar sua voz.

— Precisamos conversar — consegui conter a surpresa em minha voz ao dizer.

— Sim, foi o que eu disse ontem...

— Estou falando do bilhete na lata de biscoitos, Markos — fui direto ao ponto.

— Claro, eu sei. Isso também. Raúl vai te pegar em meia hora e conversamos — sua voz não era mais tão fria, apenas controlada, como se controlasse-se para não falar algo. Hesitei por um segundo e coloquei a mão direita no mármore da pia, apertando-o, e me olhei no espelho.

— Markos... — demorei vários segundos para dizer e ele exprimiu um ruído que indicava que estava escutando — Eu posso confiar em você, não posso? — respirei por um momento sem tirar os olhos dos meus no espelho, sentindo que ele mesmo hesitava em falar: — Eu não recorreria a você se tivesse outra alternativa...

— Sei disso. Há quanto tempo nos conhecemos, Julies? Quantas vezes não me coloquei em uma

NACIONAIS - ACHERON

posição difícil para *sempre* ficar do seu lado, te defender? Quantas? — não soube como responder, só sabia que, com relação a sua pergunta, haviam sido muitas as vezes, mas limitei-me a morder o lábio — Contra bruxos do mal não é diferente. Estou do seu lado, do lado da Harriet; eu a adoro, você sabe. Então confie em mim — ainda sem resposta durante vários segundos, ele continuou, controlado: — Raúl vai buscar vocês duas e eu vou te explicar algumas coisas para que você entenda — e desligou.

Harriet ficou super feliz ao entrar no café e ver Markos. Soltou minha mão e correu direto para ele, que estava sentado em uma mesa solitária de frente para mim. Enquanto a abraçava, trocamos olhares intensos, complexos, ambos entendendo a intensidade de tudo o que se passava ali. Caminhei até a mesa me sentei de frente para ele, séria, mas não o suficiente para que Harriet achasse estranho, afinal, ela já estava sentada ao lado dele cheia de sorrisos: — Minha mãe disse que você não ia mais voltar.

— Bem, eu não ia. Mas fiquei com tanta saudade

NACIONAIS - ACHERON

que não resisti a fazer mais uma visita — claro que minha filha o adorava, ria enquanto ele fazia cócegas nela.

— Aqui — quando terminaram os *cumprimentos iniciais*, estendi o cardápio na direção dela — Escolhe alguma coisa pra comer.

— Qualquer coisa?

— Claro, querida — ofereci-lhe um sorriso para aliviar a tensão e Harriet concentrou-se em folhear o cardápio.

— Então, você vai me explicar o significado daquele bilhete? — Markos manteve meu olhar, mas ficou em silêncio por um segundo e, considerando a presença da minha filha, usei o tom mais suave que pude — Por que o deixou para mim? E o que está "*dentro*"?

— Não fui eu quem escreveu aquilo, você deveria saber — ele começou a falar em alemão. Graças a Deus, minhas aulas de alemão com Harrie ainda não tinham passado de cumprimentos e coisas mais simples, assim, ela não entenderia coisas que não precisava compreender com aquela idade — Não culpe o mensageiro, Juliette. Joseph deixou aquilo e eu posso explicar o significado se você me der

NACIONAIS - ACHERON

tempo o suficiente.

— Estou escutando, Markos — naquele momento, a garçonete surgiu, levando-me café e servindo mais a Markos, com o cenho suavemente franzido ao nos ouvir falar em alemão. Agradei-a com um aceno e Harriet pediu panquecas com calda de chocolate, muita calda, *transbordando* de tanta calda. Sorri e a moça assentiu, dizendo que voltava em dois minutos com o pedido, pedi ovos com bacon e ela se retirou.

Bebi um gole do café e me virei para Markos, que fazia o mesmo, e voltamos a falar em alemão.

— Mais cedo, você me perguntou se poderia confiar em mim — ele apoiou os cotovelos na mesa e me olhou, como que para inspirar confiança — E agora, sou eu quem vai te pedir para confiar e me deixar te dizer exatamente o que fazer para manter Harriet segura. Assim como você — ele ergueu as sobrancelhas escuras, enfatizando com cuidado o que dizia. Continuei em silêncio, atenta ao que ele dizia e esperando pelos seus planos maquiavélicos que salvariam o dia — Confie em mim, Julies — ele jogou os ombros para trás e apoiou-se no encosto do banco, bebendo seu café com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tranquilidade — Estamos juntos nessa.

NACIONAIS - ACHERON

Guerra civil^[19]

— Estamos *ferrados* juntos, Markos. Quero saber o significado daquele bilhete — ergui as sobrancelhas e esperei.

— Você está com pressa, vamos por partes — anuí. A garçonete apareceu, colocou os dois pratos diante de nós e saiu rápido. Markos colocou seu café sobre a mesa, apoiou o cotovelo sobre ela e falou em inglês: — Seja uma boa menina, Julies, coma seus ovos — a contragosto, dei uma garfada neles e me dei conta de que estava mesmo com fome — Precisamos de um plano — Markos passou rapidamente de ironia a pragmatismo — Um bem distante do que os Hamilton estão planejando.

— Como assim? — franzi as sobrancelhas e olhei para ele enquanto enfiava ovos na boca.

— Antes que você pergunte... — ele interrompeu os meus pensamentos — Eu não sei o que o bilhete significa, achei que *você* soubesse.

— Espera... O que quer dizer com planos distantes dos dos Hamilton? Achei que estivéssemos todos do mesmo lado nisso...

— Juliette, não seja boba — seu tom foi ligeiramente sarcástico, apenas um pouquinho, quase imperceptível, e Markos continuou, em alemão: — Achei que já soubesse que estão armando pelas suas costas enquanto fingem que você é da família — ele estreitou os olhos e deslizou os olhos pelo meu rosto, procurando por alguma coisa que confirmasse que eu sabia, mas tudo que encontrou nele foi choque, descrença.

— *Eles não fariam isso...* — murmurei em um alemão confuso, com o sotaque carregado.

— Não fariam? Tem certeza? — muito sério, quase irritado com a minha tola ingenuidade, ele colocou ambos os cotovelos sobre a mesa e se inclinou na minha direção, olhando-me — Então por que Renée e Rafael mentiram para você sobre
NACIONAIS - ACHERON

Esme? — abri a boca para interrompê-lo, mas Markos não deixou — Eles sabem onde ela está, todos eles. Talvez Cedrico não esteja mentindo para você, mas são todos uns hipócritas. Então, se se preocupa com Harriet como eu, confie em mim e vamos seguir nosso próprio plano para acabar com esses caçadores malditos.

— Mamãe! — Harriet me chamou depois de vários segundos em silêncio e me virei para ela, ainda perplexa, sem conseguir acreditar em tudo aquilo. Como Rafael tivera coragem de mentir para mim depois de tudo? Sabendo o quanto eu queria a cabeça de Esme, sobretudo — Não gosto quando vocês falam em outra língua que eu não entendo — ela olhou para Markos e eu, levemente zangada, emburrada — Parem de me excluir da conversa!

— Não estamos te excluindo, querida — soltei o ar preso do peito, tentando me concentrar nela, mas sem conseguir tirar os Hamilton da cabeça, imaginando se haveria uma possibilidade de Markos estar enganado. Ou de estar mentindo para mim — *Não estamos.*

— Sei que deve ser difícil para você, mas eu estou me arriscando aqui. Por vocês — a pedido de

NACIONAIS - ACHERON

Harriet, ele parou de falar em alemão; perdi completamente a fome e afundei no banco estofado, tentando registrar tudo aquilo, assimilar aquelas coisas.

— Por que significaríamos tanto assim para você? Eu não entendo...

— Eu já disse, Joseph era meu amigo, sempre foi — ele capturou a atenção de Harriet.

— Você e o meu pai eram amigos?

— Éramos, sim, linda — enquanto aquele homem sorria para a minha filha, tentei determinar se ele era amigo ou inimigo.

— Quais são os seus planos, Markos? — ele se voltou para mim enquanto Harriet cortava suas panquecas. Entrelacei os dedos e enrijei os ombros, em uma postura mais séria e pragmática — Acabarmos com eles sozinhos?

— Com sua ajuda e um bom plano, sim — ele pareceu diferente ao abaixar os olhos e, em seguida, voltá-los para mim. De algum modo, pareciam vulneráveis, completamente abertos: — Fugi deles a minha vida toda, Juliette. Deixei minha casa, meu lar, minha família... *Tudo* — ele balançou a cabeça com desgosto e vi seus olhos NACIONAIS - ACHERON

negros se fragilizarem quando Markos ergueu o queixo para fixar seus olhos penetrantes nos meus — Mataram meus pais... Para mim, chega! — havia tanta determinação em seu olhar que duvidei se eu teria aquela mesma força. Se fosse para salvar Harriet de tudo aquilo, sim — Se você estiver comigo, iremos lutar. E eles irão cair. *Um por um* — pronunciou lentamente.

— Está certo — falei com cuidado, olhando em volta um tanto paranoica — Acho que posso confiar em você, por ora. Mas antes que possamos traçar planos e fazer pactos, tem uma coisa que eu preciso fazer.

— O quê? — seus ombros ficaram rijos no mesmo segundo, como se temesse que eu fosse tomar uma atitude imbecil.

Balancei a cabeça com um sorriso irônico, quase que cruel para mim mesma: — Confrontar o inimigo.

Mordi o lábio ao entrar na mansão, depois de ter deixado Harriet com Dahlia, claro, porque eu poderia ter começado a confiar em Markos, mas não estava maluca para deixar minha filha com ele.

NACIONAIS - ACHERON

Não havia nenhuma pontinha de hesitação em meu corpo, apenas determinação para saber a verdade, se eles tinham mesmo mentido sobre tudo.

— Olha quem veio para o jantar — Renée foi quem me recepcionou na entrada com os braços cruzados na altura do peito no meio exato da sala de estar quando entrei. Não era nem hora do café ainda, então eu poderia dizer que sua piada ruim era, no mínimo, inadequada e fora de contexto.

Caminhei até onde ela estava, fitando Rafael com um grimório antigo sentado no sofá e tão aparentemente concentrado em sua leitura que mal me olhou quando o fiz; Lauren nunca parecia estar por ali ou Cassandra, tampouco. Parecia mais Rafael compactuando com a irmã mais velha pelas minhas costas.

— Algum progresso no feitiçozinho localizador? — tinha umas bugigangas para feitiços sobre a mesa de centro, onde Renée estava parada na frente, ocultando parte delas.

Renée curvou os lábios para baixo numa expressão triste, enquanto sorria, e cheguei mais perto, olhei para Rafael por um segundo: — Está tudo tão chato por aqui... — ela se sentou no sofá e

NACIONAIS - ACHERON

colocou as pernas sobre a mesa de centro. Com o canto dos olhos, vi que Rafael mordia a ponta do polegar como se tivesse achado algo que devesse ser pontuado, mas minha presença ali atrapalhava o momento entre irmãos — Não precisamos da sua ajuda — Renée prosseguiu, séria, deixando mais do que claro que eu não era bem-vinda.

— Renée! — Rafael finalmente abriu a boca, falando em tom de alerta e fechou o grimório ruidosamente. E eu, como uma ratinha presa entre dois gatos fiquei entre eles enquanto se encaravam com olhares mortais. Rafael estreitou os olhos e me olhou: — Temos magia o suficiente por aqui, pode ir... Ficar com a sua filha — foi mais como um pedido do que uma exigência e seu tom foi tão suave que tive a impressão ligeira de que queria se desculpar por algo errado que ele fizera.

— Eu *quero* ajudar — como Renée, cruzei os braços na altura do peito ao mesmo tempo em que ela, ambas com expressões incisivas e ambas encarando Rafael como se esperássemos dele uma posição.

— Nós não queremos você aqui — olhei para Renée e sua expressão de ódio — Não gostamos de
NACIONAIS - ACHERON

você. Se quer que suportemos você por ter roubado o nosso pai, ótimo, mas eu não sou os meus irmãos e por mim, você fica muito bem longe de todos nós...

— Renée, pare com isso... — Rafael se levantou e largou o grimório sobre o sofá para se aproximar de mim e tocar meu cotovelo, contudo, interrompi-o antes mesmo que começasse.

— Você sabe onde Esme está — não foi uma pergunta e ela não negou, o que me fez estreitar os olhos e continuar sem me dar a chance da interrupção: — Então qual foi a do planinho furado de precisar da minha ajuda para um feitiço?

— Eu queria canalizar de você, não é uma grande coisa.

— Então eu não sou *bem-vinda*, mas minha magia lhe serve bem? — Renée nunca gostara muito de mim, nunca fôramos amigas, mas nunca achei que me odiasse também, que pudesse guardar ressentimentos por conta de Joseph e eu. Meu tom saiu quase que uma mistura confusa de nojo, irritação, descrença e sarcasmo, junto a meu sotaque carregado, enquanto eu sentia Rafael muito perto de mim. Sentia seu toque em meu cotovelo,

NACIONAIS - ACHERON

sua respiração perto da minha orelha e, mesmo que fosse perturbadora a proximidade inesperada, não permiti que aquilo afetasse meu julgamento.

— Eu não sei de quem foi a ideia de dar tanto poder a uma tola como você, Juliette — ela se levantou com um pulo em um acesso — Se essa caçadora vai atrás da minha família, vai atrás de mim — ela foi se aproximando muito devagar — Se ela for atrás daquela coisinha irritante que você teve com o meu pai, espero que ela queime no inferno; eu mesma faria se não estivesse ocupada o suficiente — ela falou de modo convicto, seu rosto muito perto do meu quando puxei meu cotovelo do toque de Rafael, pouco antes que ela terminasse de falar, e inclinei-me de modo selvagem, brusco e assassino, na sua direção com as presas expostas.

— *Não se atreva a falar na minha filha!* — falei entre dentes e agarrei seu pescoço, fazendo-a caminhar para trás — Se você pensar em encostar nela, eu vou rasgar sua garganta, sua vadia! — Renée ergueu a mão e comecei a sentir sua magia, mas, antes que fosse o suficiente para me derrubar, agarrei seu pulso e torci-o para trás.

— Juliette, pare! — escutei a voz de Rafael atrás

NACIONAIS - ACHERON

de mim. Foi tudo muito rápido: quando apertei mais o pescoço dela e elevei-a acima do chão, sob seus gritos e grunhidos, a ponto de quebrar seu pulso, isso se já não o tivesse feito, alguma coisa me empurrou para longe.

Pela velocidade com que desceu a escada e pela força imensa com que me empurrou, concluí antes de ver que fora Cedrico quem me empurrara para longe da sua querida irmãzinha. Deslizei pelo chão e meu corpo se dobrou, fazendo com que eu me agachasse e apoiasse rápida e habilmente os dedos na mão direita no chão; meu cabelo foi para frente e joguei-o para trás com as presas ainda expostas e, naquele momento, meus olhos também mudaram de cor, as veias abaixo dos meus olhos tornaram-se enegrecidas e visíveis.

Renée estava caída sobre os quatro primeiros degraus da escada, com a mão esquerda sobre o pulso direito. Cedrico estava a sua frente como se esperasse que eu fosse atacá-la e protegesse-a, enquanto Rafael estava posicionado estrategicamente entre os sofás. Em um salto, coloquei-me de pé e fui até Cedrico, que me segurou pelos ombros com os olhos perto demais

NACIONAIS - ACHERON

dos meus: — Juliette, o que deu em você?

— Saia da minha frente! — falei com toda a raiva que tinha em meu corpo, quase tremendo.

— Olhe para mim — minhas presas encolheram e meu peito subiu e desceu várias vezes. Ele não afrouxou o toque em meus ombros, pelo contrário, apertou-me ainda mais, com receio em seus olhos; tentava me transmitir alguma coisa, me tranquilizar — Fica calma.

— Se ameaçar a minha filha de novo — olhei para Renée por cima do ombro de Cedrico, através dos balaústres —, *eu* vou garantir que será a última frase que sairá da sua boca! — com um solavanco, fiz Cedrico me largar e dei um passo para trás — Eu mesma vou encontrar essa caçadora e recomendo que fiquem fora do meu caminho. O mais longe possível dele — antes de escutar qualquer outra palavra dele, saí dali com minha velocidade vampira, deixando nada além de uma porta aberta quando ao sair.

Assim que deixei a mansão, as mensagens e ligações começaram a inundar o meu celular enquanto eu dirigia meu mais novo carro, que eu já

NACIONAIS - ACHERON

queria acertar com alguma coisa; meus punhos, de preferência. Respirei com força, mal acreditando no que eu tinha feito, lendo as mensagens de texto de Rafael no meu celular.

Me desculpe pela minha irmã e me perdoe por eu ter mentido, mas eu tive bons motivos. Por favor, me liga de volta.

Ele até mesmo me ligou, mas me recusei a atender. Entendia bem as nossas posições ali, entendia que eu também havia mentido para ele sobre Dahlia e os segredos de Joseph, mas não esperava que ele fosse fazer o mesmo enquanto nos encontrávamos naquela posição. E se encontrávamo-nos naquela posição, eu também não conseguia mais confiar nele, mesmo depois de tudo.

Estava tão maluca enquanto dirigia que só conseguia pensar em pegar Harriet e sumir dali para sempre. Nem eu entendia por quê me sentia tão traída pelo simples fato de ter sido ele, o cara que eu amava com todo o meu coração, a quem eu arriscara tanto e teria arriscado mais, ter

NACIONAIS - ACHERON

mancomunado com a irmãzinha do mal. Mas respirei, me contive para parecer controlada quando Harriet me viu e correu para me abraçar no corredor que levava a cozinha na casa de Dahlia. Abaixei-me, ajoelhei no chão e fechei os olhos enquanto apertava-a com força, trazia-a para o mais perto possível de mim.

— Mamãe... Está tudo bem?

— Está, sim. Tudo bem — mas não consegui soltá-la pelo que pareceu ter sido uma eternidade. Quando Dahlia surgiu a minha frente com uma expressão enigmática, de quem precisava falar alguma coisa e precisava falar longe de Harriet, afastei-a e segurei seus braços enquanto olhava em seus olhos — Quero que arrume suas coisas.

— Para onde vamos?

— Por favor, meu anjo — consertei seu cabelo, quase chorando e me descabelando de tanta agonia que sentira por dentro até poder sentir seus bracinhos a minha volta de novo; parecia que ia sufocar no meio do caminho — Apenas faça o que estou pedindo, eu explico no caminho — depus um beijo em seu rosto e Harriet concordou, cabisbaixa, desaparecendo no corredor enquanto eu

NACIONAIS - ACHERON

me colocava de pé e ia até Dahlia, mais séria.

— Que conversa é essa de arrumar as coisas? Para onde diabos você pensa que está indo?

— Eu vou... — tomei um longo fôlego e enfiei as mãos nos bolsos da calça — Me mudar para a casa do meu pai.

— Isso é uma imprudência, Juliette — seu tom soou como uma alerta, mas balancei a cabeça — Você sabe que ela estará mais segura aqui. Aconteceu alguma coisa?

Ela sabia que tinha, contudo, limitei-me a balançar a cabeça: — Eu agradeço por tudo o que fez por mim, pela Harriet, mas eu preciso ir. Preciso encontrar uma saída para isso... — suspirei longamente, cansada — Eu só quero que isso acabe e vou me certificar disso. Harriet não pode viver desse jeito, sabíamos que era só por algumas semanas e ela precisa de um lar.

— Aqui é o lar dela, comigo — de algum modo, sua voz soou emotiva; mordi o lábio.

— Eu agradeço por ter tomado conta dela quando eu não pude, mas este é o *meu* dever, Dahlia. Joseph e eu juramos protegê-la, não importando do quê, e agora que ele se foi, preciso fazer isso sozinho.

NACIONAIS - ACHERON

nha... Preciso que isso acabe para que possamos ir embora daqui e recomeçar — ela abriu a boca e inclinou o rosto, desviou o olhar do meu momentaneamente.

— Não posso fazer nada para mudar sua decisão, posso?

Fiz que não com um sorriso triste. De alguma forma, encontrando forças dentro de mim para respirar fundo sem que doesse tanto: — Obrigada por tudo, Dahlia... — surpreendi-a ao me inclinar impulsivamente para frente e abraçá-la. Ela demorou a fazer o mesmo, mas me abraçou e sorriu.

— Me diga se precisar de alguma coisa — fiz que sim, imaginando quanto tempo poderia adiar, ciente de que, em algum momento, iria precisar dela.

Armistício^[20]

Meu sono era profundo naquela casa. Meu pai dissera que *pessoas* trabalhavam para manter a manutenção do lugar, assim como sua limpeza, que, embora impecável, fazia a casa cheirar a desinfetante. Harriet tinha adorado o quarto de frente ao meu, sendo assim, fiquei com o meu antigo quarto. Logo depois de trocar todos os lençóis dos dois quartos, caí na cama e adormeci rápida e tranquilamente, mesmo com todos os pensamentos paranoicos que mantiveram minha mente funcionando mesmo enquanto o fazia.

Contudo, enquanto dormia, senti uma mão, grande e forte, firme, cobrir minha boca e nariz, evitando que eu gritasse ou respirasse. Mesmo

assim, sentei-me enquanto retomava meus sentidos e o dono daquela mão se aproximou, tirou sua mão da minha boca e cobriu meus lábios com o indicador. Minhas mãos estavam, ambas, repousadas sobre o colchão, pois sabia que não era uma ameaça, mesmo furiosa.

— *Que diabos...*

— Shh, eu vim em paz — ele se sentou na ponta do colchão ao meu lado e passou o braço direito por cima das minhas coxas para apoiá-lo no colchão, bem perto de mim. Só podia vê-lo pela luz fraca que entrava pela janela.

Meu peito subiu e desceu com força e fuzilei-o.

— Vá embora!

— Não. Eu vou me explicar e você vai ouvir — queria continuar a protestar, mas diante daquele olhar, que me implorava, eu sempre me quebraria, sempre cederia a qualquer que fosse o seu pedido. Minhas mãos apertaram o lençol com força, muita força, mas não o impedi ou expulsei, mesmo sabendo que deveria. Quando não fiz nenhuma daquelas coisas, ele respirou devagar, parecendo estar cansado — Eu concordei com Renée em não te contar sobre Esme — admitiu francamente e

NACIONAIS - ACHERON

expirei, um pouco quebrada por dentro; era, de fato, algo que eu não esperava dele.

— *Por que?* — falei tão baixo que mal me fiz ouvir, franzindo as sobrancelhas com os lábios entreabertos.

— Você ainda não percebeu? — não falei nada por um breve segundo — Eu entendo sua raiva, entendo a sua reação, entendo como deve ter se sentido... Mas eu tinha motivos muito diferentes dos de Renée — Rafael inspirou devagar e olhou para os lençóis como se buscasse por algo, nem que fosse por coragem, ao continuar: — Você tem uma filha, Juliette — e fixou novamente seus olhos nos meus, com um junco entre as sobrancelhas e com a luz fraca que entrava pela janela iluminando os seus lindos olhos que sempre faziam com que eu traísse a mim mesma — Você tem uma garotinha que precisa de você.

“E eu pensei muito sobre isso tudo. Ela é tão *pequena* e esperta e... Tinha a você e ao meu pai, e agora ela só tem a você. Você não acha que ela já perdeu muito? — não consegui responder, tocada com as suas palavras; simplesmente arquejei e deixei que continuasse a falar lentamente — Ela

NACIONAIS - ACHERON

precisa de você. Precisa de você viva, então eu aceitei os planos de Renée para mantê-la fora disso. Para que você não se machucasse no processo — ainda não falei nada, incapaz — E além de tudo isso, além da Harriet... *Eu* me importo com você. Quando Renée veio até mim com isso...

— E, o quê? — consegui dizer, repuxando os lábios e mordendo-os quase que inconscientemente. Ele não entendeu de imediato, assim, soltei os lençóis e inclinei-me para frente, para ficar bem perto dele e olhá-lo no fundo dos olhos — Você não pode lidar com Esme e sabemos que ela não está sozinha. Foi altruísta, porém tolo. Rafael, sabemos que somos melhores juntos do que separados e se você armou essa história toda com Renée, saiba que não iria funcionar. Esme é só uma deles e pelo que sei até agora, podem existir centenas de caçadores como os que enfrentamos em Langley e Nova Orleans.

— Eu só queria que você ficasse fora disso — ele falou mais baixo, quase que com culpa, abaixando o olhar e fechando os olhos por um segundo. E, antes que eu pudesse me conter, ou mesmo me dar conta do que fazia, pousei a mão direita em seu

NACIONAIS - ACHERON

rosto,erguendo-o.

— Nós protegíamos um ao outro antes, nada disso mudou agora — ele me olhou com remorso, sem entender tanto quanto eu o porquê de eu o estar tocando, mas não soltei porque carecia de alguma proximidade — Eu protejo Harriet, é o que eu sei fazer. E enquanto isso, nos livramos das ameaças juntos.

— Você está certa — Rafael murmurou e colocou a mão sobre a minha, fechando os olhos mais uma vez, daquela, por apenas dois segundos, como se sentisse meu toque — Esme está no porão da mansão e tenho certeza de que ela tem muito o que nos dizer — sua revelação me pegou completamente desprevenida — Só precisamos saber como arrancar dele — ele desceu minha mão e depositou um beijo gentil em minha palma, murmurando contra ela: — Não vamos mais mentir um para o outro, isso sempre acaba mal.

— Tudo bem — sorri, mas Rafael se limitou a me olhar em concordância. Me olhou por muito, muito tempo e os lábios ainda pressionados contra minha palma quando Harriet entrou no quarto e nos pegou daquele jeito ao acender a luz.

NACIONAIS - ACHERON

Estava usando uma camisola rosa e completamente fora de moda quando Rafael soltou minha mão para se virar, surpreso. Tratei de parar de babar e fechar a boca para estreitar os olhos: — Querida... O que está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa? — ela parecia tão surpresa ao ver Rafael ali quanto ele, e caminhou até a cama agarrada a seu precioso urso de pelúcia que levava bem seguro próximo a seu peito.

— Eu tive um pesadelo — ela pareceu sem graça ao falar aquilo diante de Rafael e por um segundo, abaixou os olhos — Posso ficar aqui?

— Claro, meu amor — Rafael se levantou de maneira abrupta, como se sentisse que estava sobrando ali. Harriet subiu na cama pelo outro lado e ergui o cobertor para acomodá-la sob ele; minha garotinha rastejou até mim e agarrou-me, repousando a cabeça na altura do meu abdome, me fazendo deitar.

— Melhor deixá-la dormir — ele falou sem graça — Estamos em paz?

— Estamos — sorri-lhe enquanto depositava um beijo por entre os cabelos de Harriet — *Nos vemos amanhã* — murmurei e ele saiu andando de costas

NACIONAIS - ACHERON

até alcançar a porta e desaparecer através dela.

Pela manhã, mais cedo do que eu gostaria de acordar, Harriet estava pulando na cama, o que me fez sentar sobressaltada, paranoica com perigos iminentes quando escutei a porta da frente sendo aberta. Em menos de um segundo, eu estava fora da cama e com o antebraço pressionado na garganta de uma mulher, jogando-a contra a parede ao lado da porta.

Estranha e inesperadamente, ela não se parecia com uma inimiga, ou uma ladra de crianças, parecia assustada. Arregalou os olhos e prendeu a respiração quando a surpreendi: — Quem é você? — falei entre dentes.

— Senhorita Hohenfels... Eu... *Trabalho* aqui — ela gaguejou e entreabri os lábios, lentamente abaixando o braço para me afastar da moça. Não parecia ter mais que dezoito anos, cabelos negros longos e lisos e uma expressão doce no rosto, de quem não seria capaz de machucar uma borboleta sequer.

— Me... Me desculpe, eu não sabia...

— Mamãe... — virei-me para ver Harriet descer
NACIONAIS - ACHERON

as escadas e parar ao meu lado — O que aconteceu?

— Harriet, ahn... — mordi o lábio e coloquei as mãos nos quadris com o olhar baixo, sem saber como explicar-lhe, ou explicar àquela mulher, minha confusão e paranoia inexplicáveis — Essa é...

— Sophia, eu trabalho aqui — ela ofereceu um sorriso a minha filha, contudo, Harriet permaneceu atrás de mim, sem saber se ela era amiga ou inimiga.

Olhei para Harriet e corri os dedos pelos seus cabelos: — Vá se vestir para o café, querida — sorri e ela fez o mesmo, balançando a cabeça antes de sair correndo escada acima — Me desculpe de novo...

— Tudo bem, eu entendo — ela suspirou e sorriu, afastando-se da parede para fechar a porta. Notei, finalmente, que ela tinha algumas sacolas em mãos enquanto se encaminhava na direção da cozinha com um sorriso radiante, sendo assim, segui-a — Salém pode ser um lugar perigoso — Sophia colocou as sacolas sobre o balcão, sorrindo, e parei perto da entrada da cozinha — E eu não venho

NACIONAIS - ACHERON

muito aqui, então não se preocupe. Jon me disse que vocês estavam aqui e vim trazer algumas coisas.

— Você é bruxa? — ela ergueu os olhos e colocou uma mecha do cabelo para trás da orelha.

— Sim. Você, eu nem preciso perguntar — estreitei os olhos e me virei ao escutar a porta se abrindo de novo. Daquela vez, foi Rafael entrando por ela.

Era impressionante como ele acordava cedo para o que quer que tivesse que fazer, e *me* fazia acordar cedo também. Mas, mesmo tão cedo, só precisei piscar uma vez para ver que não estava mais sonhando, que ele estava mesmo caminhando na minha direção tão cedo, usando uma camisa azul-escura, sempre social demais, com os cabelos ligeiramente mais curtos nas laterais e perfeitamente penteado, sua barba *sexy* bem aparada e seus olhos faiscando quando parou de frente para mim.

— Você está pronta? — me olhou de cima a baixo, vendo que eu ainda estava com meu pijama; camiseta e short curto e brancos. Cruzei os braços enquanto ele passava por mim, com um habitual

NACIONAIS - ACHERON

copo de *espesso* e, ao ver Sophia, girei e ele parou ao meu lado — Sophia? — ela lhe ofereceu um sorriso que parecia oferecer o tempo inteiro.

— Rafael? Quanto tempo! — eles foram na direção um do outro e abraçaram-se no meio da cozinha como velhos amigos enquanto Rafael beijava-a no rosto.

— O que está fazendo aqui? — ela se afastou dele enquanto eu cruzava os braços com o ombro apoiado no batente, só observando aquela ceninha; Rafael parecia sempre conhecer todo mundo, a propósito, o que me irritava de tal forma que era melhor eu me calar — Em Salém. Não nos vemos desde... — ela parou de falar e ele sorriu, parcialmente de costas para mim.

— Problemas de família — eles trocaram olhares duvidosos, do qual eu só podia ver como os olhos castanhos de Sophia brilhavam só de olhar para ele — Eu tenho que ir, quer jantar comigo mais tarde? — *jantar? Como assim, jantar?* Que refeição mais romântica! Não podia ser um chazinho da tarde?

Apertando os lábios com raiva e... Indignação!, me virei para ver Harriet, já vestida, caminhar até mim com um sorriso: — Para onde nós vamos? —
NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu me concentrava nela, Sophia aceitou o convite de Rafael e eles trocaram telefones.

— Vamos tomar café da manhã, querida — levei-a até a cozinha e ignorei os dois. Sophia se afastou dele e se voltou para mim enquanto eu descobria como mexer naquela cafeteira que parecia ter mais botões do que eu já tinha visto durante a minha vida toda, mas consegui colocar os grãos e fazer um *latte* docinho para mim.

Em seguida, como estava frio do lado de fora, mesmo que o sol brilhasse fracamente, preparei chocolate quente para Harriet, que se sentou no banco do outro lado do balcão enquanto eu bebia meu *latte* de pé. Sophia foi embora depois de deixar as comidas ali e Rafael me olhou como se eu soubesse o que deveríamos estar fazendo naquele momento.

— Nós temos que ir.

— *Ir?* Para onde? — franzi o cenho.

— Ontem a noite, eu te falei sobre Esme... Achei que tivesse entendido o que eu quis dizer — ele inclinou o rosto, o que me fez sentir uma idiota por não ter entendido porque, basicamente, achei que ele só queria que as coisas ficassem claras entre

NACIONAIS - ACHERON

nós.

— Eu não posso — retorci os lábios e mantive seu olhar com as ambas as mãos apoiadas no balcão — Eu...

— Traga Harriet com você. Cassie vai adorar conhecê-la — arregalei os olhos, pois ele só podia ter ficado maluco se achava que eu levaria a minha filha para um lugar onde uma caçadora perigosa e maluca estava, além da família maluca, é claro. Engoli em seco e inclinei o rosto.

— Eu vou conhecer minha outra irmã? — o que eu estava pensando naquele momento era na *outra*, outra irmã, na verdade. Meu peito subiu e desceu enquanto eu calculava se aquilo era ou não uma ameaça.

Enquanto avaliava a minha expressão pesada e, assim como Harriet, esperava por uma resposta definitiva, provavelmente uma confirmação, Rafael deu um passo a frente e colocou seu café sobre o balcão para se inclinar e falar com Harriet em um tom doce: — O que acha de ficar comigo e minha irmã gêmea hoje?

— Irmã gêmea? Ela é igualzinha a você? — decerto ele sabia como despertar seu interesse em
NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa e Harriet tinha passado a gostar dele há algum tempo, o que me intrigava, pois aquela aproximação partia dele e eu queria saber o motivo daquele interesse todo.

— Somos bem parecidos, mas ela é mais bonita — ele lhe ofereceu um sorriso que me deixou paralisada, mesmo que o estivesse vendo sob um ângulo parcial — Você confia em *mim*? — ele se virou com as sobrancelhas franzidas e um sorriso meio bobo, de quem sorri para crianças para enganá-las.

Não respondi, enchi o peito de ar e desloquei meu olhar para Harrie: — Você quer ir? — não tinha feito muito aquela pergunta a ela ultimamente, sempre mandava que fizesse algo quando sua vida podia depender daquilo, mas comecei a pensar no quanto o livre-arbítrio lhe era importante quando ela me ofereceu um sorriso enorme.

— Quero — Rafael deu um sorriso de vitória e empertigou os ombros para olhar para Harriet — O que vamos fazer? — os olhinhos dela brilhavam.

— É surpresa.

— Eu vou me vestir, vocês vão... — comecei a dar a volta na bancada, sem saber exatamente como

NACIONAIS - ACHERON

dizer — *Ficar bem?*

— Claro — ele confirmou com toda a convicção que poderia haver em seu corpo e sorri de volta, já do outro lado.

— Coma alguma coisa, querida. Eu volto em cinco minutos.

Primogênita^[21]

— Você vai ficar bem?

— Claro que vou. Eu conheço todos os feitiços de proteção do mundo — ela falou com a propriedade de quem realmente os conhecia e me fez rir ao depositar um beijo em seus cabelos antes que me colocasse de pé.

— Cedrico vai ficar aqui com você — balancei a cabeça e balancei-me para frente e para trás, na tentativa de aliviar a paranoia na minha cabeça. Tinha certeza que Rafael não era um perigo para Harriet, do contrário, ele a protegeria, mas aquele era o meu trabalho e mesmo sabendo que lidar com Esme era algo que eu precisava fazer, não queria deixá-la ir com ele e com a gêmea boazinha.

— Alguém me chamou? — me virei para ver Cedrico descer as escadas; rapidamente, mas a uma velocidade humana para uma menina de sete anos não o visse praticamente voar por ela, e parou ao meu lado — Oi, você.

— Oi — sorri-lhe de volta com os braços em torno de mim mesma.

— Perdi alguma coisa?

— Não, só vamos dar uma de babá hoje — Cassandra falou animadamente, tomando Harriet pela mão — Eu vou te mostrar um lugar legal.

— Não, não... — Rafael interrompeu-a enquanto Cassandra estava agachada diante de Harriet, parecendo fazer mil planos quando ele a interrompeu. Ela ergueu o olhar para ele, ainda sorrindo, mas com o semblante sério e interrogatório — Nós vamos para outro lugar, bem diferente do que você está pensando, irmãzinha — ele falava com a propriedade de quem podia ler seus pensamentos.

— O quê? Você acha que uma criança fofa não quer brincar de bonecas? — deu para perceber que ela estava brincando.

— Eu tenho sete anos, não brinco de bonecas. O
NACIONAIS - ACHERON

que *você* fazia quando tinha a minha idade? — Cassandra olhou para Harriet e franziu o cenho, quase que desafiando-a, e cruzou os braços na altura do peito ao erguer milimetricamente o queixo.

— Eu praticava magia, como toda bruxinha.

— Vocês não vão praticar magia... — dei um passo a frente e comecei a falar, contudo, quando todos se viraram para ver minha cara preocupada, Rafael impediu minha aproximação ao pousar a mão esquerda no meu ombro.

— Não se preocupe com minha irmã sem miolos, *eu* estou no controle aqui — e olhou bem para Cassie, como que para deixar aquilo muito claro, e voltou seu olhar para mim, tirando drasticamente o sorriso do rosto e diminuindo a voz — Eu me livrei de Renée, só se preocupe com Esme e em obter respostas — ele afastou a mão e deu um passo para trás — Harriet vai ficar ótima em nossas mãos.

Menos de um minuto depois de eles terem saído pela porta e eu escutar o carro de Rafael se afastar, Cedrico ainda estava atrás de mim, como se esperasse que eu dissesse para *fazermos*: — Tem uma coisa que precisamos fazer — me virei para

NACIONAIS - ACHERON

falar e ele ergueu as sobrancelhas com uma expressão interrogatória. Respirei fundo e apertei os braços um pouco mais na altura do peito — Se vamos fazer isso, eu quero poder confiar em você — quando ele fez menção em me interromper, falei um quarto de voz mais alto, enfatizando cada palavra com cuidado — *E você sabe que eu confio*. Mas estou falando de *você* agora. Como um vampiro — descruzei os braços e fui até ele, parando perto o suficiente para escutar bem sua respiração — Então, como sinal de boa fé e confiança que você não vai arrancar a cabeça de ninguém, eu trouxe isso...

Enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei um anel de prata com uma preta negra em formato oval, não muito grande para não chamar atenção demais: — Você foi a primeira a concordar que eu não merecia um desses — ele olhou para o anel que estendi, mas não o pegou, limitou-se a me olhar — O que mudou?

— Tudo, Cedrico. Olhe a nossa volta — foi o que eu fiz em um segundo e mordi o lábio, balançando a cabeça — Temos mais inimigos do que aliados, se ainda não tiver percebido. E todo o papo de NACIONAIS - ACHERON

precisamos de você não foi em vão. Precisamos de você vivo e do nosso lado para derrotarmos os nossos inimigos, então... — gesticulei com o anel, aproximando-o mais de Cedrico, na altura do seu peito — *Eu* preciso de você do meu lado — sem hesitar mais, ele pegou o anel e colocou-o em seu dedo médio direito, fechando e abrindo a mão, acostumando-se a ele.

— Vamos fazer isso.

Fechei os olhos somente por um momento ao empurrar a porta, o suficiente para que Cedrico não a visse e para que o ranger da madeira preenchesse o ambiente. Fui na frente e desci as escadas no escuro, sentindo o cheiro de umidade e vendo o freezer ao lado dos degraus, imaginando se ainda guardariam sangue lá dentro. Cedrico ergueu o braço e puxou uma cordinha, acendendo uma luz enquanto eu parava no meio do cômodo com o lábio inferior entre os dentes.

— Por aqui — ele gesticulou e fui até uma porta de ferro pesada e antiga, com um buraco retangular com grades na altura dos meus olhos que me permitia ver que, no escuro do cômodo, havia uma

NACIONAIS - ACHERON

cadeira e uma garota amarrada a ela, mesmo que seu rosto estivesse oculto pelas sombras. Cedrico abriu o trinco e fui a primeira a entrar e encontrar uma luz como a outra, acionada por uma cordinha e que não iluminava tudo por completo, mas me permitia ver Esme suficientemente bem.

Estava amarrada, mãos e pernas, e desacordada com o rosto baixo e os cabelos emaranhados ocultando-o, ao que respirei fundo e ergui o queixo, sentindo o cheiro profundo da sálvia queimando ao lado da porta, em uma mesa antiga de madeira, dentro de um recipiente de pedra. Cedrico fechou a porta e parou ao meu lado.

— Tem sálvia queimando, então não você não pode usar magia aqui embaixo — ele falava baixo e olhei para ele, vendo seus olhos meigos bem de perto — Fora isso, é com você fazê-la falar.

— Nós passamos por isso na CIA — movi o olhar dele para Esme, sentindo-me mais diabólica e calculista, mais fria depois de ter entrado naquele lugar, assim como sugeriu o meu tom desprovido de emoções — Não posso dizer que não aprendi técnicas de tortura para mortais. Então posso dizer que... — com um suspiro dramático, umedeci os

NACIONAIS - ACHERON

lábios e comecei a tirar minha jaqueta para ficar só com uma regata branca — Não preciso de magia, Cedrico.

Um tapa sonoro de fez ouvir no cômodo e Esme levantou a cabeça. Ou melhor, bateu-a contra o espaldar da cadeira e despertou do que quer que a estivesse mantendo adormecida; segundo Cedrico, um feitiço de Renée.

— Ai! Juliette, eu não disse para matá-la.

— Também não me mandou ser gentil — coloquei as mãos cruzadas atrás das costas e olhei-a de modo firme enquanto Esme descobria onde estava e sorria rapidamente para mim.

— Eu sabia que nos veríamos de novo.

— E olha em que posição — sorri de volta para ela — Você também deveria saber que eu mantenho as minhas promessas — inclinei meu rosto para olhar bem naqueles olhos — Porque eu me lembro bem da que eu fiz a você de que rasgaria seu pescoço com minhas presas na primeira oportunidade.

— Vá em frente — ela provocou, como se sua vida não importasse tanto ou como se soubesse que

NACIONAIS - ACHERON

não era a minha intenção imediata — Porque você sabe — ela continuou após um momento de silêncio — que não vai fazer — Esme ergueu o queixo e manteve seu olhar de perto — *Você quer respostas* — ela murmurou.

Contra o que ela e Cedrico esperavam, não retaliei; ao invés disso, puxei as cordas que prendiam os seus pulsos e agachei-me para fazer o mesmo com as que estavam em torno dos seus tornozelos: — Julies, o que está fazendo? — Cedrico perguntou, sem entender meus pensamentos enquanto eu me colocava de pé e Esme massageava os pulsos.

— Eu tenho planos e acho que sei o local perfeito para executá-los — ofereci-lhe um sorriso malévolo — Pegue essa sálvia, vamos precisar dela.

— Achei que fosse ficar lá — Esme falou quando saímos da casa. Cedrico segurava a sálvia queimando e eu a segurava com força pelo cotovelo, empurrando-a para frente e fazendo-a andar — Mas vejo que já recebeu um voto de confiança da sua namoradinha — ela riu e

NACIONAIS - ACHERON

empurrei-a de forma brusca, irritada com aquela voz estridente e aguda.

— Cale a porra da boca e ande — ela retorceu os lábios com raiva e, com um rápido movimento, destranquei a porta da espécie de *casa de ferramentas*, onde podia ter de tudo, exceto ferramentas, e fi-la entrar. Acendi as luzes do pequeno cômodo, também com magia, e Esme parou no centro, sem entender o que estávamos fazendo ali, observando Cedrico quando ele deixou a sálvia ao lado da porta — Deite-se — ordenei-lhe, com meus planos mirabolantes na cabeça.

Lembrava-me perfeitamente bem da primeira vez em que estivera ali, naquele mesmo cômodo, deitada naquela mesma maca quando os Hamilton quase me mataram com magia; fora uma primeira vez e tanto e, desde então, fora uma sequência desastrosa de mortes e quase mortes causadas por aquela família adorável. E como eu não tinha o que seria *perfeitamente adequado* para fazer aquilo, lembrara-me da maca e pensei que ela serviria bem enquanto procurava nos compartimentos na parede, que estavam cheios de bugigangas para feitiços, uma corda. Quatro delas. Achei duas longas e jo-

NACIONAIS - ACHERON

guei uma para Cedrico, que amarrou os tornozelos dela, finalmente entendendo o olhar em meu rosto, e amarrei os pulsos: — O que você está fazendo? — Esme finalmente deixou transparecer alguma coisa que pudesse chegar perto de emoção, talvez medo e sorri, com a boca bem perto da sua orelha enquanto ela arregalava os olhos e fitava o teto.

— Não se preocupe, isso vai ser divertido — apertei bem a corda e ela cerrou os lábios, afinal, era só uma bruxinha má; sem o benefício da cura instantânea — Só não vou dizer que isso vai doer mais em mim do que em você, porque, você sabe...

Afastei-me da maca e procurei duas coisas nas prateleiras enquanto a mocinha se debatia atrás de mim e Cedrico parou ao meu lado: — Cuidado para não matá-la muito rápido, ainda precisamos arrancar dela algumas coisas... — pelo brilho em seu olhar, eu sabia que ele queria matá-la tanto quanto eu, mas também, precisávamos daquelas respostas, por isso, assenti.

— Tem certeza que quer ficar aqui? — murmurei ao encontrar o item número um, erguendo os olhos para a prateleira mais alta ao ver o número dois lá no alto, ao que Cedrico captou meu olhar e ergueu

NACIONAIS - ACHERON

o braço para pegá-lo.

— Eu quero — ele me entregou e manteve meu olhar de modo assassino — Deus me perdoe por isso, mas eu quero que ela sofra tanto quanto ela fez minha noiva sofrer. E quero ver isso e registrar na memória.

— Então, assim será — empurrei o pequeno galão de água sobre ele, que o pegou — Tem água do lado de fora?

— Tem, eu já volto — quando ele saiu, posicionei-me atrás da aprendiz de caçadora, que jogou a cabeça para trás para me olhar.

— Você sabe que eu não vou dizer nada, não importa o que você faça, e que eu não estou sozinha. Logo, outros caçadores virão atrás de mim — olhei para o tecido escuro em minhas mãos, dobrando-o e desdobrando-o com um sorriso suave e até meio convencido, mas eu só queria aproveitar aquilo, queria que ela sentisse o que Joseph sentira e até o que a noiva de Cedrico sentira. Queria que doesse.

Cedrico entrou de modo silencioso e fiquei acima dela, olhando-a dentro dos olhos; meu peito subia e descia com força e meus instintos mais primitivos

NACIONAIS - ACHERON

queriam torcer seu pescoço e matá-la ali mesmo, mas me controlei e apertei o pequeno pedaço de tecido na mão direita com toda a minha força.

— Por que você o matou? — não precisava de nomes, porque ambas sabíamos. Contudo, enquanto eu deixava a dor transparecer em meu tom, por mais gélido que ele fosse, ela ria.

— Porque foi divertido — ela falou entre dentes e inclinei o rosto com os lábios pressionados um contra o outro — Ele estava pensando em você quando enfiei uma adaga no peito dele.

— Então acho que isso vai ser divertido também — peguei a água das mãos de Cedrico, com as mãos coçando e o espírito assassino falando mais alto dentro de mim. Sussurrando algo como *vingança*.

— O que você está faz... — interrompi sua frase ao colocar o pano em seu rosto; mordi meu lábio e despejei a água sobre seu rosto coberto. Ela se moveu, desesperadamente, agitou os braços bem presos e as pernas, e emitiu gemidos semelhantes a gritos enquanto tentava respirar, sufocando pela falta de ar.

Contei exatos vinte segundos, despejando a água
NACIONAIS - ACHERON

bem devagar para que ela sentisse a dor, mas que não morresse tão rápido sem me dar tudo o que eu queria, e tirei o pano. Esme virou o rosto e cuspiu água, tossindo. Larguei a água no chão e apoiei o cotovelo direito na maca, bem ao seu lado para vê-la bem, fixar seu olhar de ódio e seu maxilar cerrado.

— *Eu simpatizo com você* — falei sorrindo, em tom arrastado, com o sotaque carregadíssimo vindo de maneira quase que inevitável enquanto eu imitava sua voz chata e continuei, muito séria:— Mas você machucou pessoas que eu amo. Você não foi uma boa menina, Esme.

Ela tossiu e respirou fundo, passou a língua pelos lábios e me fuzilou com o olhar, erguendo a cabeça tanto quanto pôde: — Isso foi pelo Rafael, não é? A pessoa que você ama? Porque com Joseph, você só fingiu viver o seu conto de fadas enquanto isso durou...

— Não finja saber nada sobre mim, porque você sabe. Você não sabe o que é família ou lealdade...

Esme riu, caiu em gargalhadas, o que me surpreendeu por mais que eu não quisesse deixar transparecer. Ela jogou a cabeça para trás e riu com

NACIONAIS - ACHERON

deleite durante alguns segundos até voltar o olhar para o meu e falar séria, quase que com raiva: — Eu *tive* uma família, eu *tive* um lar, *eu tive* pessoas pelas quais eu lutaria, pelas quais eu *morreria*, mas *vocês* tiraram isso de mim e eu vou tirar tudo de vocês também nem que isso seja a única coisa que eu faça na minha vida — ela deixou a cabeça cair na cama — Não vai tirar nada de mim, Juliette, porque eu não tenho mais nada para você tirar — ela fechou os olhos — Pode ir em seguir.

— Sabe, Esme... — mordi o lábio, sem me deixar levar por aquela emoção falsa para formar empatia — Confúcio disse uma vez... “Antes de partir em uma vingança, cave duas covas. Uma para você, outra para o inimigo”. Antes mesmo de começar, você já tinha feito a sua... — terminei de falar e fui imediatamente interrompida pelo toque do meu celular, que me levantei e me virei para pegar no bolso.

Era Rafael. Imediatamente, minha pele ficou fria só de pensar no motivo de ele me ligar tão cedo após ter saído, mas, como só atendendo para saber, peguei o celular e atendi-o perto da porta, sem querer sair dali nem por um segundo. Tinha a NACIONAIS - ACHERON

ciência de que aquela bruxinha má era perigosa, talvez fosse mesmo sem magia; mas melhor prevenir do que remediar.

— Oi, algum problema? — apoiei o ombro esquerdo no batente da porta e passei o braço direito a minha volta.

— Não, só liguei para ter certeza de que está tudo bem.

— Harriet está bem? Onde vocês estão?

— Na casa de Jane, não se preocupe, ela está ótima, já virou a favorita de Jane — ele sorriu despreocupado, mas meus ombros ainda estavam tensos, meu maxilar cerrado, e ele percebeu quando não respondi por um longo momento, balancei a cabeça de modo inconsciente e tolo, sabendo que ele não podia ver — Falar com ela vai fazer com que se sinta melhor? — ele falou em tom atencioso e olhei para o chão.

— Sim, por favor — escutei o som de um sorriso contido e uma expiração breve, em seguida, ele entregou o celular a Harriet — Oi, querida, está tudo bem aí?

— Sim, estou adorando a vovó Jane — ela sorria amplamente, mas me recusei a demonstrar um
NACIONAIS - ACHERON

sorriso.

— Nós falamos mais tarde em casa, quero saber de tudo. Mamãe está ocupada agora, eu tenho que desligar. Diga a Rafael que está tudo bem — com isso, desliguei e guardei o celular para me voltar para a infame prisioneira.

— Eu tenho uma coisa a dizer — mesmo enquanto falava, parecia fazê-lo contra a sua vontade. Esme engoliu em seco e me aproximei devagar dela, deixando claro com o olhar que estava escutando — Sobre Harriet — seus olhos pareciam mais escuros, enevoados e quando não falei nada, ela maneou a cabeça ligeiramente para a esquerda — É uma longa história, então vocês podem querer se sentar.

— Quando todos vocês estavam ocupados demais com vocês mesmos e esse triangulzinho amoroso sem sal, eu era só uma criancinha que vivia com a sua família nessa cidade. Meus pais, como qualquer boa família, estava preocupada com o que acontecia nesse solo amaldiçoado, com vampiros matando os bruxos — ela me olhou como se soubesse bem os que eu tinha matado há tanto

NACIONAIS - ACHERON

tempo, antes de continuar, alternando o olhar entre Cedrico e eu, que tínhamos nos sentado sobre caixotes velhos e escutávamos com atenção a sua historinha de ninar — Assim, eles decidiram que nos mudaríamos. E nos mudamos. Como bruxos, eles não queriam perder o contato com a natureza e não queriam que *eu* perdesse, por isso, mudamos para Nova Orleans, lar dos ancestrais, para que eu crescesse junto à minha magia — Esme balançou a cabeça.

“Mas Nova Orleans também não era segura. Havia caçadores, lobos e bruxos lá, assim como ameaças constantes a nossa paz e espíritos; não vivíamos em paz em meio a tantos seres sobrenaturais — Esme fechou os olhos e voltou seu rosto para o teto — Malcolm matou os meus pais quando eles tentaram acabar com ele, pelo nosso bem — seu peito subiu e desceu de modo irregular enquanto ela respirava — Pelo bem de todos, para salvar outras pessoas.

“Quando eles morreram, nós fomos para o *La Maison Des Roses* — ela continuava usando o plural, falando *nós*, nós o tempo inteiro, mas não ousei interrompê-la, esperei que Esme se

NACIONAIS - ACHERON

autoexplicasse — Foi lá que eu fui adotada pelos *suecos esquisitos* da organização. Eles são caçadores com habilidades especiais, consagrados por bruxos, também pertencentes ao mesmo grupo... Eles caçam bruxos e vampiros por todo o mundo, mas não qualquer um, os que se desviam de suas virtudes, dos deveres que lhe são dados pelos Ancestrais...

“Com nove anos, eu não podia ter muito discernimento com relação ao que eu estava prestes a entrar, mas fiz um pacto com eles. Eu estaria dentro se eles me dessem o que eu precisava para acabar com todos vocês. Derrubá-los um por um. E foi no que me concentrei durante todos esses anos. Os observei, aprendi como caçar, como me esconder, aprendi magia... Aprendi tudo que precisava e desde que Malcolm já estava morto, restava apenas vocês, responsáveis por terem tirado de mim *tudo* o que eu tinha.

— Você sabe que não fomos nós quem matamos seus pais, então... Por quê? Estávamos lutando ao mesmo tempo contra a mesma coisa.

— Essa família é amaldiçoada — Esme franziu os lábios ao dizer — Não foi *só* pela minha família,
NACIONAIS - ACHERON

mas pelos quais vocês mataram... Me tiraram da minha irmã e a transformaram em uma vocês — seu olhar de ódio voltou instantaneamente enquanto falava aquilo, com raiva.

— Do que... — balancei a cabeça e inclinei-a, confusa, com os lábios entreabertos enquanto minha mente não conseguia encontrar uma solução — De *quem* você está falando? — Esme virou o rosto para mim e balançou a cabeça.

— Da minha irmã — ela franziu os lábios com escárnio — Da menininha inocente que você tirou do orfanato para formar a sua família com Joseph, para fingir que vocês estavam bem, que se amavam demais e que você tinha esquecido os seus sentimentos por Rafael e seguido em frente... Harriet é a minha irmã.

Durante um longo minuto, eu não sabia o que dizer. Caímos em um silêncio profundo enquanto eu olhava para o chão, para os meus pés e quando não encontrei respostas em minha própria mente, usei minha velocidade vampira para sair dali tão rápido quanto eu podia abrir a porta e encontrar ar fresco.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Ir devagar nos fará durar mais^[22]

Cedrico me envolveu por trás e me virei para abraçá-lo, agarrando-o com uma força que eu desconhecia. Agarrei-o e enfiei o rosto em seu peito, em meio a toda aquela confusão, inspirando seu perfume de maneira inesperada: — Isso não é verdade, Cedrico... — balancei a cabeça, com os olhos arregalados, enquanto ele corria os dedos pelos meus cabelos — Ela está mentindo!

— Eu não acho que esteja — ele murmurou e mordeu o lábio. Eu não podia afirmar e aquilo era o que me matava — De qualquer maneira, podemos fazer um feitiço para ter certeza.

— Existe um feitiço para isso? — afastei-me dele com o cenho franzido, mas sem tirar minhas mãos dos seus braços, em choque. Tinha passado muito rápido de gelidez a uma montanha-russa de sentimentos e aquilo me assustava.

— Existe, sim. Eu posso te ensinar... — fui interrompida em meus pensamentos, e Cedrico em suas palavras, pelo toque do meu celular. Afastei-me completamente de Cedrico para pegá-lo e suspirei ao ver que era Markos. Provavelmente com mais meias palavras, enigmas, meios planos e nenhuma solução. Mesmo assim, eu precisava atendê-lo, mesmo que minha racionalidade dissesse que não.

— Só um segundo... — ergui o indicador para Cedrico, que me ofereceu um meio sorriso — Eu preciso atender...

— Parece que alguém está popular demais por aqui — balancei a cabeça e atendi.

— Espero que não esteja compactuando com os Hamilton tão cedo, nesta bela manhã luminosa — inclinei o rosto e franzi o cenho enquanto olhava para Cedrico, quase certa de que ele podia ouvir o que Markos dizia.

— Compactuar pode ser uma palavra... *Pesada*. Eu diria formando alianças...

— *Heiliger Strohsack!*^[23] — ele praguejou em alemão e empertiguei os ombros — Você *confia* neles?

— Olha, eu não sei se esse é o momento apropriado para discutirmos confiança, afinal, foi você quem surgiu todo enigmático com bilhetes ocultos e planos esquisitos...

— Não, querida — ele me interrompeu bruscamente, surpreendendo-me com o *querida* — Eu sei que não expliquei nada direito e também não te dei tantos motivos para confiar em mim, mas você confiava em mim antes, nada mudou agora.

— *Tudo* mudou agora — abruptamente, me virei de costas para Cedrico, com os lábios franzidos e com uma pontinha de irritação em minha voz — Não somos nós dois trabalhando juntos, operando drones, disparando mísseis e lutando em missões secretas... E pare de tentar me jogar contra os Hamilton. Eu cheguei à conclusão de que se lutarmos juntos, há uma grande possibilidade de sairmos vivos dessa. *Todos nós*.

— Julies, para. Não estou tentando *te jogar* contra
NACIONAIS - ACHERON

eles, só te fazer ver através do algo que tem te cegado. Eles são o seu ponto fraco...

— Markos — respirei fundo, com a voz firme e clara — Eu tenho uma proposta: você não precisa *gostar* deles ou *confiar* neles, mas precisamos trabalhar juntos. Acha que pode fazer isso? — escutei o som da sua respiração, repentinamente irregular, e ele demorou a responder enquanto eu também tinha a respiração pesada, com tantas coisas sobre as quais pensar, era difícil me manter concentrada em uma coisa só. Convencer Markos que *talvez* os Hamilton fossem nossos aliados, de que deveríamos trabalhar juntos contra os caçadores, e ainda tinha na cabeça a ideia daquela maluca ser irmã de Harriet.

Para mim, era demais.

— Confio em você. Se precisar de ajuda, se tiver um plano, estou dentro — engoli em seco.

— Ótimo — virei-me novamente para Cedrico, quase que lendo a expressão em seu rosto, seus pensamentos; para mim, era tudo muito claro. Apoiei meu peso na perna direita, completamente segura: — Porque eu tenho um plano.

— Que droga de plano você tem? — Cedrico pareceu intrigado quando enfiei o telefone no bolso.

— O que Esme disse... Sobre essa tal de *Organização*. Acho que sei como rastreá-los — passei por ele na direção da porta, mas Cedrico agarrou meu braço e me fez girar, com o rosto perto demais do seu.

— É melhor se sentar por cinco minutos e se acalmar, eu sei no que você está pensando. Não podemos fazer isso — abri a boca para protestar, mas Cedrico ergueu a voz e enfatizou suas palavras, pontuando cada uma delas com cuidado — *Nós dois já vimos a extensão dos poderes dessa garota.*

— Vamos ficar aqui parados esperando que eles venham até nós? — puxei meu braço com força, comprimindo os lábios momentaneamente — Eu não sei, mas eu odeio surpresas. Além disso, olhe para tudo o que perdemos depois que esses desgraçados entraram nas nossas vidas. Eu perdi Joseph, você perdeu a Jessica, e se você é um vampiro hoje, é por culpa deles — dei um passo para trás, esbravejando com raiva.

NACIONAIS - ACHERON

— Por que está gritando comigo? Eu estou do seu lado! — ele pareceu transtornado, franziu o cenho cuidadosamente e me encarou enquanto eu perdia a compostura.

— Eu não... Desculpe-me — dei alguns passos para trás — Eu não consigo pensar em nenhum plano melhor e... Isso está, claramente, mexendo comigo.

— Eu sei, mas não é na impulsividade que vamos resolver as coisas. Vamos sentar e pensar em um plano. O que acha disso? — fiz que sim, um bocado perturbada. Coloquei os dedos da mão direita na testa, pensativa.

— Você está certo, mas... Eu preciso saber se ela está dizendo a verdade.

— Eu entendo — Cedrico colocou a mão em meu ombro — Venha aqui... — ele desceu a mão até a base da minha coluna e, posicionado atrás de mim, foi me levando para dentro da mansão — Vamos esfriar a cabeça por um momento, está bem? — mordi o lábio e fiz que sim.

Como a tortura fora inutilizada pelas confissões da garota e eu simplesmente não conseguia pensar em

NACIONAIS - ACHERON

nada além do plano inicial de rastrear os caçadores, Cedrico e eu nos sentamos por cinco minutos no sofá, depois de bebermos sangue de bolsas no freezer, e discutimos por quê meu plano não daria certo. Ele me puxou afetuosamente e pousou minha cabeça em seu colo enquanto corria os dedos pelos meus cabelos: — Eu sei que isso mexeu com a sua cabeça, não precisa fingir que não. Mas vamos encontrar uma solução. Além disso, se Esme estiver falando a verdade, isso não significa que ela esteja ligada à Harriet...

— Significa que eu não posso matá-la — murmurei e fechei os olhos, cansada de tentar encontrar tantas respostas, apenas sentindo os dedos de Cedrico em meus cabelos de modo cálido e gentil, suave — Quero dizer... Que tipo de mãe eu seria?

— Ela não é realmente irmã da sua filha. Harriet nem sabe que ela existe, elas não cresceram juntas... Não é como se você tirasse isso dela, Julies. Olha, Esme escolheu isso, ela mesma disse... Ela escolheu a vingança ao invés da irmã, da família que ela ainda tinha, então não pense muito nisso.

NACIONAIS - ACHERON

— Você sabe que não tem como — acabei sorrindo, nervosa com aquela situação toda — Eu penso... E se Harriet soubesse? Ou se ela descobrir quando for mais velha que *eu* matei a irmã biológica dela?

— Então deixe comigo — quanto àquilo, eu não tinha resposta. Talvez o fato de o sangue de Esme não estar em minhas mãos não fizesse tanto diferença; talvez fechar os olhos e me omitir da questão também fosse uma forma de cumplicidade com aquilo — Olha — ele tirou meu cabelo do rosto e abri os olhos, me virando para olhar para ele —, não tem ninguém atrás da gente. Você e Harriet estão seguras aqui, então temos tempo para pensar. E se aqueles caçadores vierem atrás de nós, estaremos prontos para eles — foi impossível, diante daquele olhar que tentava me acalmar, tão perto do meu, não sorrir.

— Obrigada pelo consolo — ajeitei-me para ficar de frente para ele, que voltou a correr os dedos pelos cabelos.

— Sempre à disposição.

Sorri e olhei em seus olhos por um longo e intenso momento: — O que fazemos agora?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu tenho uma ideia. De um feitiço. Quer vir a biblioteca comigo? — fiz que sim e me levantei com um pulo.

— Do que precisamos? — perguntei enquanto abria a porta da biblioteca, fitando as centenas de livros de magia nas prateleiras que iam do chão ao teto.

— Daquilo — Cedrico passou por mim e apontou para o mapa sobre a mesa alta no centro do cômodo. Inclinei o rosto sem entender o significado do mapa aberto ali, ao que Cedrico parou diante dele como se o lesse com cuidado.

— Pra quê? — ele fez um gesto, me chamando, e me aproximei com cuidado, os passos lerdos e o rosto franzido em hesitação.

— Eu vou te ensinar um feitiço, loirinha — ele brincou e sorri — Só precisamos de um pouco de sangue da Esme e acho que seu planinho pode ser um pouco modificado.

— Eu não sei se entendi... — bem perto dele, ao seu lado, ergui o rosto, arregalei ligeiramente os olhos e esperei que ele me explicasse — O que esse mapa tem a ver com o sangue da Esme e o fato de localizarmos o resto deles?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vou pegar um pouco do sangue dela e já volto — fiz que sim, mas ele já não estava ali.

Respirei fundo e agitei os ombros, como que para relaxar de um modo esquisito. Cedrico estava ao meu lado, olhando para o mapa e para a tigela de pedra com o sangue de Esme.

— Ela ainda está viva, não está? — eu não poderia dizer por quê estava preocupada, ou por quê me importava se estaria ou não viva, mas perguntei.

— Claro. Respirando e com a mesma conversa fiada. Me certifiquei de que a sálvia ainda queimaria — balancei a cabeça, confirmando que entendia, mas não falei nada para não demonstrar que eu queria saber sobre ela. Cedrico me olhou e colocou quatro velas sobre o mapa, uma em cada ponta — Acenda as velas.

Esfreguei as mãos para esquentá-las e estendi-as, concentrando-me por um segundo para acendê-las; peguei a tigela com o sangue e Cedrico me ensinou o feitiço, a pronúncia das palavras. Depois de recitá-las e de eu tê-las aprendido, fechei os olhos e despejei o sangue sobre o mapa, fechei meus olhos, NACIONAIS - ACHERON

coloquei-a em um canto da mesa e estendi as mãos espalmadas, concentrando-me em minha magia e poder interior, mesmo que meus pensamentos tornassem a concentração difícil.

*Sanguinem, ostende mihi faciem nexum
Cognoscite hominis map,
et sanguis in signum,
et cum veneficiumsign
Quae mihi sunt*

As chamas das velas cresceram, pude sentir mesmo com os olhos fechados, e continuei recitando o feitiço, com cada vez mais ênfase, mais alto e forte. Fechei os olhos com mais força, sentindo que havia uma espécie de barreira me afastando, me empurrando de volta. Franzi o rosto com angústia, uma dor estranha no peito; tentei transpor a barreira enquanto minhas mãos estendidas sobre o mapa tremiam, todo o meu corpo lentamente se enfraquecia pelo esforço.

— Juliette, pare... — havia sangue em meu nariz, mas sentia que, aos poucos, eu conseguia passar pelos vários feitiços de ocultação e bloqueio, pela

NACIONAIS - ACHERON

força de vários bruxos. Podia senti-los como se estivessem bem diante de mim, conjurando contra toda a minha magia. Cedrico pousou a mão em meu ombro e minhas mãos tremeram com ainda mais força — Juliette! — ele agarrou minha mão direita, conectando-se a mim de modo forte e canalizei dele.

— *Sanguinem, ostende mihi faciem nexus...* — falei com mais força, como se algo me matasse lentamente de dentro para fora; minha voz saía junto a um terço de dor, mas o feitiço de bloqueio, que eu quase visualizava diante de mim, se esfacelava a cada segundo, e Cedrico me dava a força que eu precisava para continuar: — *Cognoscite hominis map, et sanguis map, et cum veneficium sign. Quae mihi sunt...*

Um grito inconsciente escapou da minha garganta e soltei a mão de Cedrico de repente, como se me queimasse; antes que pudesse abrir os olhos, caí no chão. Um segundo depois, consegui respirar, voltar à consciência e toquei meu nariz, vendo sangue em meus dedos: — Ei... Você está bem? — Cedrico abaixou ao meu lado e engoli em seco, com os olhos arregalados.

NACIONAIS - ACHERON

Levei um segundo para responder, avaliando momentaneamente se eu estava mesmo bem. Além do sangue em meu nariz e uma fraqueza que passaria logo, não havia nada de errado comigo: — Estou — com sua ajuda, levantei-me.

— Merda! Essa foi uma má ideia — pisquei e ele se afastou, avaliando-me como se não pudesse confiar na minha palavra sobre estar bem. Aproximei-me do mapa e balancei a cabeça, aceitando um lenço branco que Cedrico estendeu na minha direção.

— Obrigada — limpei meu nariz e vi os pontinhos perfeitamente marcados no mapa com o sangue de Esme — Foi um ótimo plano — apontei para Salém no mapa — Agora sabemos onde eles estão.

— E a marca no mapa vai mostrar se eles se moverem — ele observou o mapa com atenção, tão surpreso quanto eu. Havia pequenas gotas de sangue em *todos* os lugares; em Salém, a pontinha era minúscula, mas estava lá, como uma sombra de preocupação que pairava sobre nossas cabeças ou uma nuvem enegrecida nos seguindo por todos os lugares.

NACIONAIS - ACHERON

Em Nova Orleans, a marca de sangue era maior, assim como em Charlotte e Langley. Afinal, se eles estavam lá, o que estavam esperando? O que estariam armando? Cedrico e eu entreolhamo-nos, quase que nos entendendo, compartilhando nossos pensamentos como se pudéssemos lê-los apenas com um olhar.

Tudo em família^[24]

Apoiei ambas as mãos na mesa e inclinei-me ligeiramente: — Eu os senti — murmurei, voltando meus olhos para o mapa, preocupada com o sangue sobre nós. Balancei a cabeça e passei a língua pelos lábios com a boca seca e os pensamentos *eufemicamente* paranoicos — Eles são fortes, Cedrico — olhei para ele, balançando meu pé.

— Esme disse que há bruxos nessa tal de organização, Deus sabe quantos ou qual o tamanho do poder deles — Cedrico comprimiu os lábios, parecendo zangado, irado — Precisamos nos reunir. Precisamos de todo o poder que pudermos reunir — ele falou entre dentes.

— Está pensando em ir atrás deles? — falei mais

baixo, pressionando os lábios um contra o outro, nervosa, sem saber o que fazer.

— Não — seu tom foi incisivo, calculista, e Cedrico jogou os ombros para trás, ficando completamente ereto — Eles vão vir atrás dela. Esme é importante para eles, uma bruxa poderosa, e quando eles vierem, estaremos prontos!

No momento em que Cedrico e eu retornamos à sala, a porta se abriu e paramos do lado direito da escada enquanto Rafael entrava e a fechava: — Está tudo bem? — um junco de preocupação se formou entre as suas sobrancelhas.

— Sim — as palavras saíram estranhas da minha boca, pois todos os meus pensamentos estavam direcionados noutra direção — Onde Harriet está? — voltei a pensar claramente e Rafael se aproximou devagar.

— Com Cassandra, não preocupe. Onde Esme está?

— Bem presa — fui caminhando na sua direção, com o passo firme e decidido e ficando de frente para ele de modo que o surpreendeu — Aparentemente... Precisamos da sua família

NACIONAIS - ACHERON

reunida.

— Você estava praticando magia aqui, eu sei que precisa da minha família — foi a minha vez de fazer uma cara surpresa de quem não entendia nada; meio boba, aliás.

— Como assim, você sabe?

— Porque a magia da casa está conectada a cada um de nós — virei-me ao ouvir a voz autoexplicativa de Cedrico que soou como se tendesse a fazer um alerta.

— Então... — troquei o olhar entre os dois e apoiei os quadris no espaldar do sofá, cruzando os braços na altura do peito — O que fazemos agora? — olhei para Rafael — O ataque é a melhor defesa — em seguida, para Cedrico; o clima de tensão permanente havia se instalado ali e teimara em permanecer — Ou a defesa é o melhor ataque?

— Bem, primeiro... — Cedrico se aproximou com cautela, com um olhar que me deixara arrepiada de medo — Vamos deixar Rafael a par dos fatos.

Todos nos sentamos e Cedrico contou a ele o que tinha acontecido, porque eu mal tinha estrutura para abrir a boca. Apenas fiquei ali, quieta e sem emitir

NACIONAIS - ACHERON

ruídos ou fazer movimentos bruscos; Rafael fez aquela cara pensativa, meio zangada, de quem esmurraria alguém ou alguma coisa se pudesse, e deslizou os dedos pelos cabelos.

— No galpão... Esme disse que tinha planos para cada um de nós. Do que acha que ela estava falando? — foi quase que uma pergunta retórica pelo tom que ele usou, com a mão do queixo e os olhos passando por nós dois — Acho que vocês se importaram mais com a história comovente de uma pobre menininha órfã do que com o ponto principal aqui: há uma ameaça sobre todos nós e ela ainda estará aqui até que o último desses caçadores caía. Não se esqueçam disso só porque ela contou uma história triste — ele falou de modo gélido que arrepiou até os meus ossos e, antes que eu tivesse a chance de rebater suas palavras duras, Rafael se levantou e caminhou até a porta, saindo por ela e deixando-a dramaticamente escancarada ao fazer seu caminho da mansão até a casa de ferramentas, onde Esme ainda estava amarrada.

Arregalei os olhos diante da sua reação exasperada, nada contida como costumava ser, e imediatamente segui-o, a uma velocidade sobre-

NACIONAIS - ACHERON

humana, e alcancei-o no momento em que ele abriu a porta e entrou: — Rafael! — exclamei seu nome e fechei a porta, mas ele não se virou. Estava irado de maneira insólita e imprevisível; não fazia a menor ideia do que ele ia fazer e me surpreendi quando ele parou ao lado da maca e agarrou-a pelo pescoço, apertando-o com tanta força que o rosto pálido de Esme ficou instantaneamente vermelho, mesmo que ainda houvesse uma ferocidade vívida em seus olhos.

— Agora, você vai me dizer exatamente o que você e seu bando de caçadores fajutos estão planejando — ele falou entre dentes, apertando os dedos ainda mais em torno do seu pescoço.

Quase sem ar, a voz de Esme saiu estrangulada, embora com um estranho tom de ironia, ainda mais diante daquela situação: — Senão, o quê? Você vai me estrangular porque eu machuquei sua família feliz? Você é tão volátil e imprevisível, mas... — sua voz diminuiu ainda mais, assim como o sorriso que desapareceu a uma velocidade vertiginosa conforme ela se esforçava para respirar e falar — *Se fizer isso, nunca terá as respostas das quais precisa* — em um acesso de raiva que não pude

NACIONAIS - ACHERON

prever, embora o observasse de modo parcial, pronta para intervir caso ele passasse dos limites, Rafael apertou ainda mais o pescoço magrelo dela e colocou a mão esquerda sobre a direita, apertando a garganta de Esme, que se debateu, seu corpo se moveu enquanto ela arquejava, na busca desesperada por ar, engasgando e emitindo sons que indicavam que ele tinha ido longe demais.

— Eu *preciso* que você queime no inferno, sua desgraçada!

— Rafael, já chega! — ele não parou, apertou ainda mais sua garganta até Esme perder a consciência. Com três passos rápido, cheguei até ele e empurrei-o para longe dela, colocando-me entre os dois com uma ferocidade em meu olhar que eu mesma não conseguia reconhecer — *Eu disse que já chega!* — ergui minha voz e ele me encarou, com o rosto tingido de vermelho, como se quisesse me estrangular também ao me lançar um olhar que não poderia ter me desestabilizado mais nem se viesse como um soco no estomago.

— Acredito que você tenha feito a sua escolha — foi tudo o que ele disse ao se virar e sair dali.

Quando ele se foi, ergui o queixo e fiquei

NACIONAIS - ACHERON

paralisada por um momento, vendo a porta bater e escutando o som ecoar por todo o cômodo, sem me mover. Só ao fim de longos e paralisantes segundos foi que me virei e inclinei-me para que ficasse na mesma altura de Esme, que tinha o rosto e o pescoço muito vermelhos, quase roxos; estava desacordada e sua cabeça pendia para o lado esquerdo. Umedeci os lábios e, com uma arrepio esquisito pelo corpo, levei a mão direita à seu pescoço e senti seus batimentos fracos; fracos, mas estavam lá e foram o suficiente para me fazer expirar todo o ar que estivera prendendo praticamente desde que Rafael saíra dali.

— Ei — a porta abriu e fechou e Cedrico entrou enquanto eu me colocava de pé, com um estranho ar fúnebre — O que aconteceu? — ele olhou para Esme, depois, para mim.

— *O que aconteceu?* Seu irmão é maluco, foi *isso* que aconteceu — passei por ele como um furacão para sair dali e retornar à mansão — Aliás, onde você estava quando precisei de você?

Cedrico deu de ombros enquanto fazíamos o nosso caminho até a porta de entrada: — Você sabe que é melhor não ficar no meio de vocês dois

NACIONAIS - ACHERON

quando começam uma discussão — estreitei os olhos, olhando bem para ele, perguntando-me se ele estava mesmo falando sério ou quando iríamos rir da piada — Você sabe que estou falando sério, além disso, não tem magia naquele cômodo, você poderia ter lidado com ele — olhando sob aquele ângulo, ele estava certo.

Mesmo que eu não quisesse Esme morta por motivos que eu mesma não entendia, e menos ainda conseguia explicar, eu também não seria a primeira a partir em sua salvação quando ela precisasse de ajuda, aquele era um fato. Mas daí até Rafael tentar matá-la com as próprias mãos era um pouco mais além. Ele, a propósito, não estava na sala; ao me concentrar em escutar qualquer barulho, escutei o som dos seus passos contra o assoalho, assim como sua respiração irregular, sendo assim, não levei nem um segundo para parar diante da porta de seu quarto parcialmente escurecido e abri-la.

Há muito eu não pisava naquele lugar, nem tendia fazê-lo, mas Rafael, de algum jeito, como se fosse um dom divino, me tirava do sério e me deixava louca. Ele andava de um lado a outro pelo cômodo, com uma expressão zangada no rosto que eu nunca

NACIONAIS - ACHERON

tinha visto antes; nem há oito anos, ou durante nosso tempo na estrada. Nunca.

Quando tentei entrar, senti que havia alguma coisa. Meu pé encontrou uma barreira invisível no batente da porta e ele ergueu os olhos para me encarar, deixando claro que eu não era bem-vinda ali: — Saia daqui — falou claro e firme.

— Você não pode matar pessoas — apoiei ambas as mãos no portal, uma de cada lado enquanto ele chegava mais perto.

— Não posso? No que isso é melhor do que o que *você* faz? — parecia que a qualquer momento poderia implodir de raiva, só pelo modo com que me olhava quando parou diante de mim, perto demais; ficamos separados somente pela parede fina e invisível que ele erguera e que eu sentia dali. Magia forte e pura, do tipo que eu não conseguia quebrar nem com toda a minha força de vontade.

— Eu entendo... — comecei a falar em um tom mais emotivo. Queria que ele entendesse, mas estava difícil diante do sorriso de escárnio que ele exibiu ao afastar seus olhos dos meus por meio segundo.

— Você *não* entende! Ela ser irmã da Harriet não

NACIONAIS - ACHERON

muda nada em um piscar de olhos como mudou para você! — ele quase gritou, enfatizando bem para que eu entendesse de uma vez por todas.

— Ela machucou alguém com quem eu me importo, eu entendo. Indiretamente, ela também matou Cedrico, *eu entendo*. Mas também não posso fechar os olhos enquanto você faz o que quer como se ela fosse uma boneca de pano...

— Eu sei bem o que ela é, eu não queria torturá-la, queria matá-la. Você ainda não entendeu isso? Ela já disse o que precisávamos saber e se você está disposta a acabar com os outros, tem que estar disposta a fazer o mesmo com ela, independente do *suposto* parentesco com Harriet — havia uma fúria assassina em seus olhos que eu nunca tinha visto antes. E que, por ser desconhecida, me fez inclinar o rosto e olhar para o chão, sem mais forças para discutir.

“Você sabe que eu tinha uma posição bem diferente no começo... — ele continuou, ligeiramente mais calmo — Mas depois de tudo o que ela nos fez, nada do que ela disser vai mudar a opinião de nenhum de nós — ele exalou um curto suspiro — Infelizmente... Nem você, Juliette —

NACIONAIS - ACHERON

meu nome saiu da sua boca com um estranho pesar, como se lhe doesse dizer que eu não seria capaz de mudar sua decisão. Levantei a cabeça, sentindo-me internamente mais forte e capaz de lidar com os sentimentos confusos que ele me causava.

— Pois bem... — ergui o queixo e inspirei profunda e audivelmente — Então terá que passar por cima de mim — seu semblante se modificou de modo suave para surpresa e não entendimento com relação a onde eu queria chegar — Se quiser matá-la, terá que me matar primeiro.

Você decidiu que eu valia a pena ser salva^[25]

Já era tarde o suficiente. O dia transformara-se em noite e eu precisava ir embora quando o relógio do meu celular mudou para 18h02. Estava cheia dos Hamilton, ainda mais depois de Renée chegar com Elena; o ar parecia carregado e a atmosfera era insuportável com todas aquelas pessoas. Naquele momento, eu odiava a todos e os amaldiçoava mentalmente, mas, antes de partir, tinha uma coisa que eu precisava fazer.

Encontrei-me com Cedrico na cozinha, a única pessoa que entendia que eu não tinha surtado, e ele me ofereceu metade de um sanduíche que comemos

em silêncio, cada um de um lado do balcão, ambos com um dos cotovelos sobre ele enquanto nos entreolhávamos de modo complexo, sem palavras, apenas olhares que significavam mais do que poderiam ou deveriam; quando terminei, ele fez outro, sem uma palavra, e colocou em uma bandeja junto a um copo de chocolate quente para uma noite especialmente fria do fim de abril; incomum para uma primavera.

Esme estava no porão. Não mais amarrada, mas igualmente inutilizada pela fraqueza do seu próprio corpo humano e mortal. O cheiro de sálvia queimando era forte por todo ele, como uma barreira que eu podia sentir penetrar ao descer as escadas e procurar no escuro parcial pela cordinha interruptora que acendeu a luz e, guiada por ela e pelos insetos que voavam a sua volta, segui em linha reta, com a bandeja na mão direita, até a *cela*.

Se eu não estava maluca, teria desenvolvido Síndrome de Estocolmo, ou qualquer coisa inexplicável que pudesse explicar minha empatia por aquela garota. Talvez por ela ser tão miserável quanto eu me sentia naquele momento, talvez por ter passado por um inferno como eu passara quando

NACIONAIS - ACHERON

tinha a sua idade. Nenhum daqueles pensamentos explicavam o motivo de eu estar ali, tendo compaixão por alguém que tentara me matar, mas eles me consolavam, serviam de alento enquanto eu ia contra todas as pessoas com as quais eu me importava.

Talvez não todos os Hamilton, mas, mesmo odiando-os, eu tinha que admitir a mim mesma que me importava com eles e que eles também já tinham se arriscado para me salvar. Sendo assim, me sentia errada ao abrir o trinco de ferro da porta e acender a luz fraca da cela, onde Esme encontrava-se sentada no chão de cimento irregular, com os joelhos erguidos na altura do peito. Ela ergueu os olhos quando me viu; o cinza parecia mais claro e ela parecia séria, sem o sarcasmo ou o sorriso de vitória antecipada. Enfraquecida e humana, era difícil olhar para aquela menina e ver alguém tão perverso, pois não devia ter mais que dezesseis anos.

Deixei a porta aberta, pois não tinha a menor intenção de me demorar ali, e me virei para a esquerda dela, onde Esme se encontrava de frente para mim, para colocar a bandeja a sua frente.

NACIONAIS - ACHERON

Primeiro, achei que fosse me lançar um olhar de repulsa, chutar a bandeja na minha direção ou qualquer coisa que pudesse me ofender, mas, longe disso, Esme pegou o sanduiche e deu uma mordida.

Era difícil lembrar-me do que era humanidade quando eu não tinha uma, mas imaginei que se sentisse ainda mais fraca porque não comera nada o dia inteiro; Deus sabe quando comera pela última vez. Quando estava na metade, ela ergueu um pouco a cabeça, relaxando seus membros rijos de modo parcial, concluindo que eu não era uma ameaça iminente, e ergueu os olhos cinzentos, quase doces, para mim: — Obrigada por me salvar mais cedo — havia uma sinceridade em seu tom que me pegou desprevenida. Ela terminou de mastigar e esticou um pouco as pernas.

— Eu não fiz por você.

— Eu sei — Esme abaixou a mão e respirou devagar, pareceu procurar por palavras — Mas mesmo assim... Você ficou contra eles por mim. Por quê?

— Eu provavelmente não vou ser a sua salvadora, Esme. Mas também não serei seu carrasco, não vou manchar minhas mãos com o seu sangue — Esme

NACIONAIS - ACHERON

respirou fundo, com os olhos em seus joelhos enquanto terminava de comer. Enquanto isso, olhando-a de cima, avaliei-a com cuidado e toda a atenção merecida.

— Você não teria. Sabe... — ao terminar, Esme limpou as migalhas do pão da sua camiseta — Eu não te culparia se você me matasse ou... — balançando a cabeça, ela me ofereceu um sorriso desgostoso — Se não tivesse impedido Rafael de fazê-lo...

— Eu pensei nisso o dia inteiro — agachei-me ao sentir a necessidade de ter meus olhos na altura dos seus ao falar, e apoiei os antebraços em minhas coxas, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha — Pensei na Harriet e no que ela pensaria, sabe?! E cheguei a conclusão de que ela não precisaria saber de nada, independente do que aconteceu ou do que tivesse acontecido aqui. Ela é só uma criança, mas *eu* saberia, e estaria bem consciente de tudo quando olhasse para ela.

— E mesmo assim... — ela falou lentamente, parecendo estar confusa — Você decidiu que eu valia a pena a ser salva, Juliette. *Por quê?*

— Porque... Todos fizemos escolhas, Esme —
NACIONAIS - ACHERON

dei um sorriso quase que inconsciente, um que ela, claramente, não captara — Você escolheu se tornar o que você é e fazer as coisas que você fez. Escolheu abandonar sua irmã em busca de uma vingança sem fim que, no fim das contas, a tem como alvo. Então, eu não sei se você se importa com a Harriet ou se tudo isso foi pelos seus pais, mas...

— Eu me importo — ela falou num fio de voz, carregado pela emoção.

— *Você* sabe que nunca vai poder conviver com ela. Quando isso acabar, se você ainda estiver viva — também limitei minha voz a um murmúrio, vendo de modo claro como as emoções afetavam sua expressão — Joseph era tudo para ela e você o tirou dela, de mim... Tentou *me* matar. Harriet nunca vai te perdoar e acho que *isso* é pior do que ter deixado que você morresse mais cedo — Esme fechou os olhos e mordeu o lábio por um segundo.

— Então essa foi a sua vingança — dei de ombros e me levantei.

— Saber que depois de tudo isso, além de não ter sua família de volta, que não poderá nunca conviver com a que te restou... Essa foi a *sua*
NACIONAIS - ACHERON

vingança, Esme — dei um passo para trás em direção a porta enquanto ela remoía aquilo de maneira perceptiva — Beba seu chocolate enquanto ele ainda está quente.

Sumário

Parte 3 — Beijos roubados

Acho que já vi o suficiente

A canção do carrasco

O pássaro em uma gaiola dourada

Forma e vazia

Não estou perdida

Acho que vou gostar daqui

Só quero fazer isso certo para você

Eu sei bem o que isso significa

Doce nada

Parada no caminho da luz

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 3

Beijos roubados [\[26\]](#)

Acho que já vi o suficiente^[27]

Salém era essencialmente quente durante a primavera, mas quente *como* uma primavera, não como o inferno como fora minha experiência em Nova Orleans. Se era quente do lado de fora, era ainda mais em meu quarto, embaixo do cobertor quente, do qual me livreii parcialmente ao mesmo tempo em que Cedrico. Calor era uma coisa odiável a meus olhos, e minha pele pálida podia confirmá-lo com louvores, mas aquele até que era aceitável.

— Eu vou embora em um segundo... — foram as primeiras palavras de Cedrico, ao que me limitei a sorrir, com os olhos voltados para o teto.

— Ainda está cedo e a porta está magicamente trancada — sorri também, tentando recuperar o fôlego.

— Tudo bem, só me dê tempo para respirar — ele se virou de lado, com o edredom cobrindo-o até a altura do abdome e deixando seu lindo peito bronzeado à mostra — Se eu soubesse que sexo vampiro era assim, eu teria morrido há mais tempo — caímos na risada juntos e olhei as horas no rádio relógio ao lado da cama, confirmando que era madrugada e que Harriet estaria dormindo profundamente até, pelo menos, às sete da manhã.

Quando me voltei para Cedrico, ele estava mais sério: — O que foi? — perguntei, deixando meu tom bem humorado desaparecer rapidamente enquanto buscava seus olhos, iluminados somente pelo abajur de luz amarelada, e não muito eficiente, atrás de mim.

— Podemos falar sério agora? — fiz que sim e, como ele, virei-me de lado e apoiei-me em meus cotovelos, com a mão esquerda entre meus cabelos ligeiramente desalinhados — Você está bem? As coisas têm acontecido tão rápido nos últimos dias e hoje... Foi como uma avalanche — ele ergueu as

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelhas por um segundo e pegou minha mão direita, que estivera perigosamente perto dele, para depositar um beijo em minha palma.

— Acho que estou — ofereci-lhe um sorriso terno, tocada pela sua preocupação — É bom poder falar com alguém que não me odeie ou que não esteja completamente contra mim agora, para ser sincera.

— Também não estou completamente do seu lado, você sabe — ele abaixou minha mão e pousou-a sobre o colchão, mantendo a sua perto sem que desgrudássemos nossos olhos um do outro — Mas te entendo, então não vou te crucificar como os outros.

— Obrigada por isso — um sorriso sincero se insinuou em meus lábios e Cedrico se inclinou para tirá-lo de lá, penetrando seus dedos em meus cabelos e erguendo meu queixo.

— É melhor eu ir embora — sorri e concordei. Ele foi me soltando e se afastando até não me tocar mais e até eu não poder mais sentir o calor do seu corpo próximo ao meu; quando isso aconteceu, fechei os olhos e desabei na cama. Fiquei quieta, porém inquieta em meus incessantes pensamentos,
NACIONAIS - ACHERON

ouvindo o ranger suave do assoalho enquanto Cedrico catava suas roupas.

Ergui a mão e destranquei a porta, ao que o ouvi dar a volta e parar ao meu lado na cama, inclinando-se sobre mim e me fazendo abrir os olhos com um sorriso suave e incompreensível; estava sem camisa e tinha um sorriso doce e preocupado: — Você vai ficar bem? — murmurou.

— Vou, claro. Eu sempre fico — enlacei seu pescoço e me ergui um pouco para lhe beijar um adeus, ao que ouvi a porta se abrir e sentei-me abruptamente enquanto Cedrico se virava na direção da porta.

Inicialmente, achei que fosse Harriet e lembrei que nenhum de nós estava nu; eu usava um top preto que me cobria o suficiente em conjunto com o cobertor, e Cedrico estava quase vestido, com a camisa na mão. Mas, para minha surpresa, ainda mais pelo fato de não tê-lo ouvido chegar antes que estivesse à minha frente, era Rafael quem estava diante de mim. Ligeiramente desconsertado antes de empertigar os ombros e fingir que não tinha visto o que vira, mantendo um silêncio assustador enquanto eu decifrava seu olhar na penumbra.

NACIONAIS - ACHERON

— Esme quer falar com você — ele falou, finalmente, e abri a boca, como se quisesse tentar me explicar, mas antes que tivesse a chance, ele saiu e deixou a porta escancarada como um convite para que eu o seguisse.

Cedrico e eu nos entreolhamos de modo intenso e ele sabia que eu sabia o que ele pensava quando falou: — Vou falar com ele — fiz que sim e ele desapareceu.

Levantei-me rapidamente, sem me dar tempo para pensar e peguei uma calça, fiz um rabo de cavalo que enrolei com o próprio cabelo, sem tempo para procurar qualquer coisa elástica, em seguida, coloquei uma blusa branca e uma coisa de lã bege por cima, como imaginei que a temperatura deveria estar bem diferente de como estava ali. Só tive tempo de pegar meu celular, escutando sons no andar de baixo que escolhi ignorar e descer a uma velocidade humana, dando-me tempo para observar o panorama na sala de estar enquanto o fazia.

Cassandra estava parada próximo a porta com os ombros encolhidos, perto de Cedrico, que olhava para Rafael, de costas para os dois e perto do sofá; escutei o som da sua respiração como se escutasse

NACIONAIS - ACHERON

seus pensamentos. Tentava se acalmar depois de ele e Cedrico terem discutido alguma coisa e Cass parecia assustada por estar no meio dos dois, cada um deles com seu olhar mortal. Quando cheguei a sala, fui até Cass e Cedrico, pois estavam mais perto da porta e Rafael parecia a ponto de atirar qualquer coisa na direção de qualquer um que ousasse atravessar o seu caminho.

— Vem comigo, Juliette — Cedrico segurou meu braço e me fez passar por ele para ficar mais perto da porta, ao lado de Cassandra, enquanto oferecia ao irmão um olhar de poucos amigos.

— Não se preocupe, eu vou tomar conta da Harriet — o tom de Cassie foi estranhamente fragilizado, como se também temesse seu gêmeo perverso. Fiz que sim, sem entender exatamente o que estava acontecendo entre eles.

Antes de dar um passo para longe dali, com os olhos presos em Rafael, ele se virou de maneira abrupta, dando-me um susto imediato, e passou por mim, no espaço estreito entre Cass e eu, e saiu, deixando a porta.

Infelizmente, tive de segui-lo, junto a Cedrico, que abriu a porta do seu carro para mim e entrei

NACIONAIS - ACHERON

sem conseguir tirar os olhos de Rafael, que estava ao lado, quando ele saiu cantando pneus. Cedrico o seguiu na mesma velocidade e passei os braços em torno de mim mesma.

— Sobre o que estavam discutindo? — Cedrico apertou um pouco o volante, sem tirar os olhos da estrada que se estendia a sua frente.

— Não se preocupe, não era sobre você.

— Tudo bem, mas por que vocês estão... Agindo desse jeito, como se quisessem se matar?

— Nós estamos bem, Juliette — ele parecia se controlar para não me dar uma resposta mal humorada, portanto, aceitei a que me dera sem mais perguntas, afinal, se não era *sobre mim*, eu não tinha exatamente o direito de me meter. Se ele quisesse falar, já o teria feito, por isso me limitei a afundar no banco e apertar mais os braços a minha volta, sentindo que a temperatura tinha mudado de calor para frio cortante tão rápido que arrepiara até meus ossos.

Esfreguei os braços e praguejei mentalmente por não ter pegado nada mais quente quando Cedrico parou diante da imponente mansão e saímos do carro depois de Rafael ter entrado há quase um

NACIONAIS - ACHERON

minuto. Mordi o lábio e caminhei na direção da porta com certa hesitação, como se me preparasse para o que encontraria lá. Rafael só tinha dito que Esme queria falar comigo, talvez tivesse talvez dado mais detalhes antes que eu adentrasse o buraco se, tanto eu quanto seu irmão, estivéssemos mais vestidos. Enquanto caminhava pela sala ao porão, contudo, não era Esme quem dominava os meus pensamentos, e sim, Rafael e as palavras enigmáticas de Cedrico e minha curiosidade em saber sobre o que falavam.

Quando empurrei a porta entreaberta do porão, soltei os braços quando meu corpo foi impulsionado para frente e caí de cara no chão feito uma idiota.

— *Scheisse!*^[28] — praguejei alto, entre dentes, irritada com minha tolice e falta de atenção, mas me coloquei de pé rapidamente; com as mãos raladas e minúsculos grãos de terra no meu rosto, a dignidade afetada, mas inteira, apesar de tudo. A luz se acendeu e pude ver tudo com clareza.

— Ei, você está bem? — bati a poeira da roupa e respirei fundo quando Cedrico me olhou de cima a baixo, mantendo distância. Fiz que sim e dei passos

NACIONAIS - ACHERON

decididos na direção daquela parte bonitinha e específica do porão, onde a luz já estava acesa e Esme estava amarrada à cadeira a que estivera no dia anterior.

— Já era hora! — seu tom saiu cantado, bem humorado, e olhei para Rafael no canto do cômodo quando parei a porta e cruzei os braços na altura do peito.

— Espero que tenha um assunto interessante a tratar, levando em conta que são quatro da manhã — meu maxilar estava cerrado e meus olhos sérios enquanto eu fitava sua expressão com cuidado; o sorriso abandonou seu rosto e Esme maneou a cabeça com desdém.

— Alguns de vocês não dormem.

— O que foi? — Rafael ergueu as sobrancelhas quando o encarei, assim como Esme, por tempo demais.

— *Tortura noturna?* É sério? — apertei os braços, boquiaberta.

— Achou que eu fosse cruzar os braços, me sentar e esperar só por que foi o que você *mandou*? — ele se aproximou, mantendo seu rosto a exatos sete centímetros do meu. Parecia mais controlado

NACIONAIS - ACHERON

do que há poucos minutos, mas mesmo assim, a ira era perceptível em seu tom.

— Porque é o mais sensato a se fazer.

— Eu tenho mesmo que te lembrar de quem foi a primeira a concordar com *execução* aqui? — aproximamo-nos ao mesmo tempo e Cedrico colocou-se a meu lado, puxando-me suavemente para longe de Rafael antes que eu arrancasse seus olhos com as unhas; ao invés disso, me volvei para Esme, deixei que os braços caíssem ao lado do corpo e larguei Rafael de lado.

— Pois bem, diga logo o que tem a dizer — Esme ficou séria e comprimiu os lábios, com os grandes olhos acinzentados arregalados.

— Eu disse que iria falar com você, não com eles — de modo estranho, pelo modo como ela fixou seus olhos nos meus, foi como se quisesse dizer que confiava em mim, mas não em Cedrico e, principalmente, com certeza não confiava em Rafael.

— Não é como se isso coubesse a você — ele cruzou os braços na altura do peito e apoiou-se na parede ao lado da porta escancarada, do lado oposto à Cedrico. Uma pesada porta de ferro, obviamente, NACIONAIS - ACHERON

teria que ser o suficiente para suportar o peso dos olhares que eles lançavam na direção um do outro; fiquei entre os dois, de frente para Esme.

Alguém ali tinha que começar a falar e, naturalmente, não seria eu. Esme maneou a cabeça na direção de Cedrico: — Algum problema com o seu namorado?

— *O quê?* Ele não é meu namorado! — neguei em veemência e empertiguei os ombros; Esme se limitou a erguer os dela — Olha, se você me chamou para brincar, estou indo embora...

Virei-me para ir embora: — Não! Espere. Eu tenho mesmo algo a dizer — voltei-me para Esme e apoiei meu peso na perna direita — Eu disse que há mais bruxos de onde eu vim, e eles estavam planejando algo grande — ela respirou fundo e olhou para Rafael, em seguida, novamente para mim — Vocês precisam se reunir... — estreitei os olhos, odiando aquelas meia palavras e enigmas.

— Por quê?

— Porque existe um bruxo chamado Leonard — seus olhos se deslocaram de mim até Rafael e ela o olhou com atenção e repudio — E ele tem seu sangue — ele franziu o cenho suavemente, assim

NACIONAIS - ACHERON

como eu, que busquei seu olhar, tentando encontrar o fio que me guiasse ao fim daquela história macabra, contada em tom sussurrado e assustador.

— O que isso significa, Esme? — perguntei quando ela parou de falar. Lentamente, ela voltou os olhos até os meus, mais escuros, e seus cabelos caíram pelo rosto, despenteados e molhados; seu peito subiu e desceu com força e, após um longo momento de suspense, ela ergueu o queixo.

— Planejávamos ligar todos vocês. Exceto por você, é claro — ela fechou os olhos por um segundo — Eles ligam todos os Hamilton, assim, ficaria muito mais fácil...

— Espere, o que você quer dizer...

— Nos conectar um ao outro — Rafael se aproximou e parou ao meu lado, concluindo as coisas muito mais rápido do que eu poderia — Como uma ponte — ele ergueu a cabeça e nossos olhares se conectaram de modo intenso, que fez meu coração acelerar, batendo tão rápido que não consegui mais falar, apenas entreabri os lábios e fiquei em silêncio, apenas olhei para ele — Significa que se um de nós morrer...

— Os outros também morrem — Esme
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

completou e ambos nos viramos para ela.

NACIONAIS - ACHERON

A canção do carrasco^[29]

Meus olhos estavam arregalados, minha expressão paralisada; um momento depois, quando me preparei para falar, escutei um barulho no andar de cima. Rafael e eu nos entreolhamos, mas antes que qualquer um pudesse falar qualquer coisa, desloquei-me rapidamente até a sala, onde Renée estava. Não me ative a qualquer desavença enquanto ela descia as escadas rapidamente, e sim, aos fatos e ao que diabos estava acontecendo.

— O que houve? — perguntei quando meu olhar encontrou o dela.

— Eu não sei, mas acho que temos companhia — ela falou em tom apressado, com os olhos verde-escuros arregalados. Cedrico rapidamente se juntou

a mim, parecendo pronto para o que quer que pudesse acontecer, seguido por Rafael, mais humano, porém não tão muito mais lento. Respirei fundo devagar e estendi a mão, parada perto da escada, fazendo a porta se abrir.

— Não se preocupe, a casa é segura — foi Renée quem disse, mas, junto a sua voz trêmula, eu não tinha certeza se a casa era tão segura assim.

— Não tenho certeza... — comecei, fitando a escuridão enevoadada do lado de fora que produzia uma atmosfera assustadora.

— Estamos mais fracos, Cedrico morreu — Rafael começou a caminhar na direção da porta e quis dizer a ele que parasse, mas a voz não saiu de dentro de mim, assim, limitei-me a prender minha respiração, sem saber o que estaria por vir, com meus pensamentos presos entre ele e Harriet. Não conseguia nem pensar direito, para ser sincera; ele parou na porta, segurando-a, e se virou: — Preparem-se...

— Rafael, o que você está fazendo? — dei um passo à frente quando ele saiu, esquadrinhando o lado de fora da casa. Cedrico e eu trocamos olhares e Renée parou perto da porta enquanto eu ia, com

NACIONAIS - ACHERON

minha velocidade vampira, até o lado de fora, onde Rafael tentava enxergar alguma coisa através da névoa densa, que se alastrava e se aproximava, ocultando qualquer coisa que se movesse dentro dela — Me dê a sua mão — não esperei que ele atendesse meu pedido, pois limitou-se a me olhar de maneira estranha, sem entender o que eu queria fazer.

— O que você... — calei sua boca ao erguer sua palma para cima e fazer um corte irregular na sua palma — Ai! *O que você está fazendo?!* — fiz o mesmo com a minha e segurei sua mão, fechando meus olhos.

*Spiritus, da mihi vires
libera animam meam,
Et talem mihi propositum meum,
praesidio corpus meum,
et coniungere ones, qui est ad eam*

— Boa ideia, Juliette! — ele falou baixo quando deixei que ele soltasse minha mão; fuzilei-o com os olhos — Não bastava estar ligado a minha família, agora estou ligado a você.

NACIONAIS - ACHERON

— Fique quieto, é temporário e só estou tomando precauções...

— Bem, você esquece do fato de que *eu* posso morrer.

— Por isso temos um espírito do nosso lado, seu idiota — encaramo-nos por um longo momento até eu ver olhos amarelos através da névoa, mas eram baixos demais para serem os de um assassino enquanto caminhava em nossa direção. Rafael e eu demos um passo para trás, mas ao surgir, vi que era Eva e suspirei aliviada.

Rafael franziu o cenho, com os olhos fixos nos dela, como se se conectassem: — Ela disse que tem bruxos e caçadores na floresta — Eva foi se aproximando muito devagar, diferente do modo como um lobo geralmente o fazia, o que me fez inclinar o rosto. Mas percebi o motivo quando ela saiu completamente de dentro da névoa e inclinei a cabeça, franzindo a testa de forma dolorosa em reação a minha visão. Rafael abaixou na lateral do corpo dela e enfiou os dedos em seu pelo cinzento, enegrecido, um verdadeiro degrade de cores escuras, contrastando com seus olhos amarelos e frágeis, bem diferentes de como geralmente eram,

NACIONAIS - ACHERON

imponentes.

Eva ganiu e abaixou a cabeça enquanto a mão direita de Rafael alcançava a flecha na lateral do seu corpo, entre suas costelas; quando o fez, ela se deitou no chão, parecendo exaurida, sem mais forças para permanecer de pé: — Vai ficar tudo bem, eu vou tirar isso de você — ela ganiu para deixá-lo saber que entendia, mas seus olhos se fecharam e um junco se formou entre as sobrancelhas de Rafael, que ergueu os olhos até os meus.

— Precisa de ajuda?

— Não, apenas... — ele parecia estranhamente perturbado e fechou os olhos por um segundo.

— Entendi — passei por ele e penetrei a névoa, tentando enxergar através dela. Lentamente, dominava tudo a minha volta e tudo que eu conseguia ver dentro dela era a escuridão; meus passos foram leves, hesitantes. Minha garganta estava fechada e eu não conseguia respirar uma molécula sequer de oxigênio enquanto o frio cortava o meu corpo e uma sensação esquisita de medo dominava-o, *me* fazia ter medo também e não apenas por mim.

NACIONAIS - ACHERON

Quando esbarrei em alguém, minhas presas ficaram imediatamente visíveis e me preparei para usar magia contra o meu inimigo: — Ei, espere! — escutei aquela voz aguda e recolhi minhas presas, recuando um passo — Sou eu, sou eu. Calma — falou apressada. A respiração de Renée era pesada, mas ela se acalmou conforme eu o fiz — O que aconteceu?

— Segundo Rafael — me virei para frente, mantendo Renée a minha esquerda —, Eva disse que têm caçadores e bruxas *por aqui*.

— Bem, eles vieram para a morte então — Cedrico falou com a voz assassina, ao lado de Renée. A verdade é que nenhum de nós conseguia ver um único palmo a nossa frente, muito menos conseguiríamos matar alguém naquela posição. Cedrico se moveu a frente e, com minha audição vampira, pude ouvir, não muito longe, o som de gritos e ossos quebrando. Eram mais de um e, em seguida, senti o cheiro embriagante de sangue, que me atraiu direto para onde Cedrico estava.

Ele arrancou a besta das mãos de um homem, pelo que pude ver sob a luz branca e luminosa da névoa, e quebrou-a em seu rosto; estrategicamente

NACIONAIS - ACHERON

posicionada atrás do homem, quebrei seu pescoço quando ele cambaleou na minha direção. Não era um sueco brutamente como os outros, tinha a minha altura e usava roupas comuns quando caiu ao chão. Cedrico e eu nos entreolhamos, ambos sem entender o que estava acontecendo ali, com aquela névoa mágica e esquisita; ele olhou para cima, avaliando bem a coisa que nos cercava por todos os lados.

— Me dê a sua mão — ele pediu em tom autoritário; exigiu-a e peguei sua mão estendida na minha direção. Escutei o som dos passos de Renée se aproximando de nós — Preciso que vocês quebrem o feitiço — ele também pegou a mão de Renée — Concentrem-se na magia a sua volta e canalizem-na — fiz que sim e fechei os olhos, pegando a mão de Renée com a mão esquerda e me concentrando na forte magia que pairava a minha volta — Está funcionando... Continuem — lentamente, Cedrico foi soltando minha mão e a de Renée e largou minha mão sobre a dela.

Quis protestar, mas precisava me concentrar no feitiço, no que eu estava fazendo, em quebrar o feitiço e se Cedrico dissera que estava dando certo, NACIONAIS - ACHERON

precisava focar nele, fazê-lo funcionar para que ao menos pudéssemos ver o inimigo que estava enfrentando.

Continuei escutando mais gritos do meu lado direito, vindo da floresta, e os ganidos de Eva do meu lado esquerdo. Não entendia o que estava acontecendo, mas, uma vez que eu pudesse ver, o entenderia. De repente, senti um estranho choque e dei dois ou três passos bruscos para longe de Renée e abri os olhos, assustada; estava tudo tão claro quanto poderia àquela hora da noite. Inclinei o rosto e girei, observando bem o panorama a minha volta antes de usar minha audição para escutar os barulhos distantes: — Fique aqui — disse à Renée de maneira categórica antes de desaparecer dali para ir até Cedrico, que lutava contra três caçadores.

Quando cheguei até ele, três o cercavam. Ele chutou um na altura do abdome, lançando o corpo de um deles contra uma árvore, que caiu desacordado. Enquanto mordia o outro, que gritou em agonia, lidei com o último deles, que estava a três ou quatro metros de mim, ao lado de Cedrico, que estava de costas, e a distância foi o suficiente

NACIONAIS - ACHERON

para me acertar com uma flecha, atirando com a besta que estava em suas mãos. A flecha acertou meu peito e gemi de dor, indo até o homem sob seus gritos, arranquei a arma de suas mãos enquanto ele tentava se defender e me atacar, e mordi-o. O homem gritou, grunhiu e me arranhou, mas, por fim, caiu no chão enquanto seu sangue escorria pelo meu queixo até meu peito.

Cedrico jogou o corpo sem vida do outro homem no chão e foi na minha direção; claramente, ele fazia menos bagunça do que eu ao acabar com um daqueles caçadores desgraçados.

— Ei, calma aí — ele me apoiou. Colocou a mão esquerda na base da minha coluna e a direita em meu peito — Apenas respire, eu vou tirar isso de você — fiz que sim, prendendo a respiração. Apoiei-me em uma árvore e, embora tivesse acabado de me alimentar, a dor arrancava de mim todas as forças — Calma, respira — ele me ajudou a sentar e me olhou nos olhos, transmitindo-me confiança enquanto eu arquejava, buscando ar; agarrei sua mão com força e Cedrico foi puxando a flecha curta, mas com uma ponta que doía como o inferno e escutei o som de passos e patas contra o

NACIONAIS - ACHERON

chão de terra.

— Arranque o band-aid de uma vez, Cedrico...
— falei com dificuldade e ele puxou mais rápido.

— O que aconteceu? — ergui a cabeça minimamente e vi Rafael se aproximar e ajoelhar ao meu lado no momento em que Cedrico terminou de arrancar o pedaço de madeira do meu peito. Arquejei e apertei ainda mais a mão dele, que se livrou da flecha enquanto eu respirava fundo.

— Eva está bem? — meu olhar encontrou o de Rafael e ele inclinou o rosto, com uma expressão perturbada, como se aquele fosse o menor problema naquele momento e, também, como se se preocupasse comigo quando sabia que não deveria.

— Ela vai ficar — Cedrico me ajudou a ficar de pé. Minha camiseta estava manchada de sangue, assim como meu rosto, mas me sentia inteira, ao menos por ora. Rafael deu um passo para trás, mas não tirou os olhos dos meus. Cedrico se afastou de mim no momento em que teve certeza que eu podia ficar de pé — Venha, vamos voltar para casa. Foram emoções demais por hoje.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

O pássaro em uma gaiola dourada^[30]

Antes que eu voltasse a casa, Rafael estava lá há muito. Renée estava sentada no sofá com a cabeça inclinada e o mordia o polegar como se temesse que algo terrível acontecesse; estranhamente, parecia *assustada* e sua cara de medo assustou até a mim quando Cedrico fechou a porta e se juntou a mim.

— Onde Rafael está? — perguntei com o olhar suavemente arregalado. Renée se virou primeiro quando ele saiu da cozinha com Esme e deu a volta no sofá.

Renée se levantou de lá com um pulo e um juncos

formou-se entre as suas sobrancelhas quando ele a atirou no sofá. Por um segundo, Esme permaneceu sentada, meio caída com o cabelo loiro e sedoso caindo sobre seu rosto; devagar e com uma expressa assustada, ela ergueu o rosto e o encarou. Momentaneamente, fiquei sem saber o que dizer, sem entender exatamente o que se passava ali, assim, limitei-me a apertar minhas mãos em punhos até que minhas unhas curtas cortassem as palmas. Ao mesmo tempo, Rafael deu a volta no sofá e se sentou na mesa de centro, onde Renée estava de pé em sua lateral, tão imóvel quanto eu.

— Agora, você não me explicar exatamente do que estava falando lá embaixo — Esme manteve seu olhar, parecendo mais frágil do que eu já a tinha visto em qualquer momento; assustada, de fato. Mas antes que Esme pudesse fazê-lo, a porta se abriu e Eva entrou. Seus cabelos loiros estavam sujos de terra e folhas secas, assim como seu rosto, que também tinha arranhados minúsculos.

Contudo, não foi o que me chamou a atenção. E sim, o fato de que ela não usava nada além de uma camisa de Rafael e estava ligeiramente inclinada; lembrei que tinha me esquecido dela e do fato de

NACIONAIS - ACHERON

que ela tinha levado uma flechada. E, além de tudo, que não se curava tão rápido quanto eu.

— Se não for pedir demais... Será que poderiam me arranjar alguma coisa mais... *Apropriada* para vestir? — Renée foi a primeira a se mover, como se estivesse desesperada para dar o fora dali e aquela fosse a desculpa perfeita.

— Eu vou. Vem comigo — Eva atravessou a sala, passando por trás do sofá enquanto puxava a camisa para baixo. Como se pudesse fazê-la crescer cobrir mais do que seu comprimento permitia.

— Então, Esme, você não tem nada para me dizer? — Esme se sentou e tirou o cabelo do rosto, engoliu em seco e olhou bem para ele.

— Eu já disse o que tinha para dizer...

— Não falou tudo — Rafael a interrompeu, aumentando o tom da sua voz.

— Você não é exatamente a pessoa mais gentil do mundo para que eu me sinta tocada a te ajudar — a voz aguda de Esme soou mais infantil e irritada do que usualmente, assim como mais estridente e com a intenção de soar ameaçadora.

— Me ajudar? Você está se ajudando — ela engoliu em seco, claramente assustada, mesmo não
NACIONAIS - ACHERON

querendo demonstrar — Eu quero respostas ou vou fazer da sua estadia aqui um inferno...

— Rafael, já chega com isso! — falei de modo firme, dando um passo na direção dos dois. Ele levantou a cabeça, visivelmente irritado com minha interrupção.

— Preciso te lembrar do que ela fez a nossa a minha família?

— Preciso te lembrar do que a *sua* família fez a ela? — um juncos se formou entre minhas sobancelhas; já estava cheia daquilo, daquelas discussões sem sentido, de nunca chegarmos a lugar nenhum e de ele sempre agir como se estivesse certo. Rafael se colocou de pé e me encarou bem de perto, com seus olhos tão perto dos meus que poderiam ter desestabilizado a minha posição, mas não naquela situação. Estava determinada a não deixar que meus sentimentos levassem a melhor ou que intervissem e o deixasse achar que estava certo — Eu preciso te lembrar de que não temos magia nessa sala?

— Está me ameaçando agora?

— Eu não sei. *Eu preciso?* — estreitei os olhos, deixando claro que não iria recuar. Nem literal ou
NACIONAIS - ACHERON

tampouco figurativamente.

— Vocês dois, parem! — Cedrico segurou meu cotovelo suavemente e me puxou para trás, ao mesmo tempo, colocando a mão no peito de Rafael quando ele deu um passo a frente — Não vamos nos esquecer de quais são os nossos objetivos aqui — ele olhou para Rafael, bem sério — Matar a sangue frio nunca foi um deles.

— Claro que você iria defender sua namorada — Rafael deu um passo para trás e Esme alternou o olhar entre nós. De algum modo, ela parecia desconsertada naquela posição, sem palavra, apenas nos observando com uma expressão que indicava que ela estaria, em algum ponto, farta daquilo.

— Pelo amor de Deus, calem a boca, todos vocês! — Esme falou, interrompendo o clima tenso que se instalara entre nós e todos nos viramos em sua direção — Não suporto mais essa discussão sem sentido de vocês. Eu falo — ela arregalou os olhos e suspirou, com ambas as mãos apoiadas no sofá, sentada completamente ereta — Eu falo o que vocês quiserem saber, mas pelo amor de Deus, *calem a porra da boca*.

Ela parou de falar com um suspiro cansado e
NACIONAIS - ACHERON

voltou seus olhos para o chão: — Então fale logo — Rafael se afastou ainda mais de mim e tive a estranha sensação de que, daquela vez, não estabelecia apenas uma distância física, mas também emocional e aquilo partiu um pedacinho do meu coração de um jeito que eu não podia demonstrar. Fiquei de frente para Esme e esperei pela menina enquanto ela respirava fundo e erguia o queixo.

— A verdade é que eu não tenho mais detalhes sobre o feitiço como vocês gostariam que eu tivesse — ela balançou a cabeça, olhando em meus olhos — Mas quando eu disse que *tínhamos* um plano... Eu não sabia exatamente do que se tratava, apenas executei ordens. Peguei o sangue de vocês três — seus olhos se deslocaram pela sala, por cada um de nós — Eu sei que eles queriam ligar vocês, mas você... — ela voltou a me olhar, seus olhos cinza parecendo enevoados e maiores, mais assustadores — Há planos diferentes para o que queriam fazer e eu não faço ideia do que seja.

Inclinei o rosto, tentando determinar se ela estava ou não falando a verdade. A verdade, também, é que discernimento não era o meu forte, a minha

NACIONAIS - ACHERON

maior qualidade, e eu podia me equivocar quando se tratava daquilo. Cruzei os braços na altura do peito com uma expressão confusa no rosto, cansada, coberta de sangue e sem saber em quem confiar. Por mais incrível e surpreendente que pudesse parecer, depois daquela ação toda, meu celular ainda estava no bolso e, naquele momento em que todos fizeram uma cara de que estavam pensando, ele começou a tocar.

Dei graças a Deus quando ele o fez e passei por Cedrico com um quase suspiro de alívio para atendê-lo.

— Eu sei o que você vai dizer — era Cassandra e franzi o cenho imediatamente, sem entender o que ela quisera dizer — Mas não acha melhor Harriet ficar aí, onde é seguro?

— *Seguro?* Esse lugar está claramente muito longe de ser *seguro*, Cassandra — além dos nossos problemas atuais, eu ainda tinha que lidar com os dramas de Cassandra, em que eu tinha que acreditar que estava cuidando da minha filha da melhor maneira possível enquanto eu matava os monstros — Ela está bem?

— Dormindo como um anjo. Mas eu senti a

NACIONAIS - ACHERON

magia em torno da mansão e achei que talvez houvesse algum problema por aí. Está tudo bem? — passei o braço direito em torno de mim mesma e encolhi os ombros.

— Sim. Pensando bem, acho que você precisa se reunir com a sua família, eu estou chegando — sem mais explicações, desliguei e me virei, passando meus olhos por Cedrico e Esme para fixá-los em Rafael — Vem comigo, você vai me dar uma carona.

— Por que essa cara feia o tempo inteiro? — foi a primeira coisa que perguntei enquanto ele dirigia com mau humor.

— Eu já estou te dando a carona que você pediu, não abuse.

— Por quê? — perguntei, um pouco exasperada. Quando ele não respondeu, continuei: — Só para que você saiba...

— Eu não quero saber.

— ... Eu não estou apaixonada pelo Cedrico, nós apenas... Estávamos... *Aproveitando* o tempo.

— Você não precisa se explicar para mim — como ele se recusava a me olhar, também fixei
NACIONAIS - ACHERON

meus olhos na estrada a minha frente, que estava mais clara conforme o dia começava e o sol nascia, estranhando seu tom suave. Parecia tão calmo que quase fiz algum comentário indevido, mas me contive e mordi o lábio, pensativa, imaginando se ele tinha se importado com aquilo, de algum modo; se me ver beijar outra pessoa o afetava da mesma forma como vê-lo com Lauren mexera comigo.

Mas escolhi deixá-lo em paz com seus próprios pensamentos.

Quando parou na frente da minha casa, saí e agradeeci-o pela carona. Se todos os meus esforços tinham sido em vão até aquele momento, não era em um segundo que tudo mudaria de repente e como Cedrico tinha dito, quando ele estava bravo, era melhor não forçar, apenas deixá-lo. Assim que entrei, com o pensamento de que poderia tomar um banho e dormir por mais duas horas até Harriet acordar, encontrei-a na sala com Cassandra.

— Mamãe! — ela correu até mim e envolveu minhas pernas com os braços, com os olhos fechados — Você está bem?

— Estou, querida — minha voz derreteu e mordi o lábio enquanto Harriet levantava a cabeça. A
NACIONAIS - ACHERON

última coisa que eu queria era que ela me visse daquele jeito, coberta de sangue. Ouvi os passos de Rafael quando ele entrou na sala, ficando atrás de mim.

— Harriet... O que acha de eu te contar uma história enquanto sua mãe toma um banho? — surpreendi-me com o tom de Rafael e Harriet me olhou com seus grandes olhos preocupados.

— Está tudo bem, querida — inclinei-me para depositar um beijo em seus cabelos e ela passou por mim; só quando ela foi até Rafael, notei que tinha uma trança bonita nos cabelos, segurava seu ursinho na mão direita e estendeu a esquerda para pegar a mão de Rafael. Virei-me, tensa, e ele girou para não ter que me olhar.

— Você vai fazer chocolate quente para mim? — Harriet perguntou em tom sonolento, deixando claro que aquilo era decisivo para que ele obtivesse a sua empatia.

— Claro — Rafael diminuiu a voz, como se contasse um segredo — Também estou morrendo de fome. Vem — ele maneou a cabeça e lhe ofereceu um lindo sorriso enquanto se afastava —, vamos ver o que tem para comer — seu sorriso, na

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

verdade, não me deixou feliz; pelo contrário, partiu o meu coração pelo fato de eu saber que não era mim.

NACIONAIS - ACHERON

Forma e vazia^[31]

— O que aconteceu? — demorei vários segundos para respirar fundo e me virar.

— É melhor o seu irmão te explicar. Eu... — abaixei os olhos, fitando o sangue em minha roupa — Vou me trocar.

Desconfiada, Cassandra me deixou ir com um aceno. Desapareci escada acima e fui para o meu quarto, rapidamente arrancando aquelas roupas para um banho quente e finalmente consegui relaxar, tentar colocar a cabeça no lugar, mesmo que estivesse sendo complicado naquele momento. Submergi na água quente demais e deixei que ela sugasse meus problemas.

Voltei ao quarto secando o cabelo com uma toalha e usando um roupão caro e desnecessário, afinal, quem diabos sentia que havia a necessidade de bordar as iniciais em um roupão como Jon? Ninguém. Mas servia bem enquanto eu me jogava na minha cama com as pernas penduradas e ficava lá, sem pensar em nada, apenas olhando para o teto.

— Mamãe — virei a cabeça quando Harriet entrou no quarto e pulou na cama, sentando-se ao meu lado com toda a energia, mesmo que não passasse das seis da manhã. Estava mesmo tudo confuso demais nos últimos tempos para questionar.

— Oi, querida — sorri enquanto ela pegava meu celular sobre a cama. Como aquele era novo, o que eu tinha comprado no caminho para Nova Orleans, não tinha a foto que costumava estar no papel de parede: Harriet, Joseph e eu. Foi a primeira coisa a que ela se ateve — Rafael e Cassandra foram embora?

— Sim.

— O que você está vendo?

— Nada — ela pousou o celular no colo e puxou as pernas para a cama, para ficar ao meu lado, com

NACIONAIS - ACHERON

os olhos acima dos meus enquanto eu a encarava com um sorriso doce; um ao qual ela não retribuía, pois estava séria demais — O que aconteceu? Você estava cheia de sangue...

Virei-me na sua direção e apoiei-me em meu cotovelo. Meu sorriso desapareceu e foi substituído por um olhar preocupado enquanto eu tentava encontrar o de Harriet: — Não foi nada, eu estou bem.

— Eu tinha medo do seu trabalho de antes — Harriet guiou seus olhos até os meus, permitindo que eu visse a sombra de preocupação que pairava sobre eles, dominando sua expressão e escurecendo seu semblante; por um segundo, peguei a mim mesma procurando por uma alguma semelhança física entre ela e Esme —, mas eu não gosto do que você faz agora. Você se machuca.

— Querida, eu estou bem, estou aqui com você, não estou? — envolvi meu braço direito em torno dela, na tentativa de abraçá-la, mas Harriet abaixou a cabeça, balançando-a, e resistiu ao meu toque.

— O papai também estava, agora ele se foi. Não quero perdê-la — ela se inclinou e enfiou o rosto em meu ombro. Corri a mão pelas suas costas

NACIONAIS - ACHERON

gentilmente, afagando-a, correndo os dedos pelos seus cabelos.

— Eu prometo, querida, eu nunca irei abandoná-la — desajeitada sob aquele ângulo, beijei seu rosto, esperando alguma confirmação, qualquer coisa que confirmasse que ela entendia, mas apenas recebi choro e soluços de volta — *Nunca*. Sempre irei cuidar de você, não importa do quê ou por quê, assim como o seu pai fez.

— Você promete?

— Prometo, *Schatz* — Harriet balançou a cabeça, mas eu não podia ter certeza se ela estava completamente convencida, afinal, como eu podia lhe prometer uma coisa daquelas?

Eu poderia morrer. A qualquer momento, eu poderia morrer. Por magia, pelas mãos dos meus inimigos. Com uma simples estaca no coração. Eu não era imortal, de fato, estava apenas destinada a uma eternidade vazia e me dei conta daquilo naquele momento, enquanto depositava um beijo em meus cabelos de Harriet, fingindo que não me sentia tão vazia.

Fingi bravamente que ela foi tudo o que eu precisara como sempre fora, mas simplesmente não

NACIONAIS - ACHERON

conseguia mais me sentir daquele jeito. Faltava alguma coisa. O pior era que eu não sabia dizer o que era.

Deixei que Harriet se acalmasse e deixei-a em minha cama por tempo o suficiente apenas para encontrar alguma coisa para vestir e guardar a toalha, penteando os cabelos com os dedos antes de voltar à cama. Puxei a perna esquerda para cima quando me sentei e sorri para Harriet, que, naquele momento, tinha encontrado o fone no criado-mudo e escutava uma música no meu celular com uma expressão de curiosidade que me fez sorrir: — O que está ouvindo, querida?

— Eu não sei, que idioma é essa? — ela virou o celular e tirou os fones ao fim da música. *Blanco Y Negro*.

— É espanhol.

— E o que a música diz? — ela se arrastou para se sentar ao meu lado, recostando-se aos travesseiros ao mesmo tempo em que eu, ao que envolvi seus ombros com o braço esquerdo e me inclinei para beijar seus cabelos.

— Sobre pessoas bobas — murmurei, lembrando
NACIONAIS - ACHERON

de tudo o que acontecera entre Rafael e eu na estrada, afogada por aqueles pensamentos, vivendo mais no passado do que no presente — Que se amam, se odeiam, e que continuam brigando apesar de se amarem tanto... — ao terminar de falar, minha voz fora reduzida a quase nada.

— Como você e Rafael? — arregalei os olhos e apoiei-me em meus cotovelos para olhar para Harriet.

— Claro que não, meu amor, do que você está falando? — ela brincava com o fone, enrolava-o no indicador com ar de hesitação.

— Eu já sou grandinha, não sou boba. Você me deixa aqui e saí, luta contra o mal e volta... Eu sei de tudo. Sei, também, que você gosta dele e está tudo bem. Eu também gosto dele agora — franzi o cenho e abri a boca, sem emitir nenhum ruído, sem ter uma palavra a dizer; suas palavras pegaram-me desprevenida, aquela era a verdade — Só não entendo por quê vocês brigam tanto...

— Eu não faço a menor ideia — balancei a cabeça com sinceridade.

— Ele te magoou? — voltei a me deitar, olhando para o teto com um suspiro dramático.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu o magoei — murmurei num fio de voz.

— Então por que não pede desculpas? — era até bonito o modo como, para as crianças, tudo era simples e fácil. Como se pedir desculpa fosse consertar tudo e fazer as coisas ficarem bem.

— Eu já tentei isso, lindinha — fechei os olhos e relaxei os ombros.

— Rafael é legal, sabe? — sorri de modo imperceptível ao escutá-la falar de modo tão crescido, como se entendesse tudo o que dizia. De certo modo, suas palavras eram certas e válidas como as de um adulto, talvez mais — Ele só age desse jeito porque está magoado com você, mas ele se importa e ama você também. Então por mim, tudo bem.

— Eu amo você — beijei seus cabelos — Deixe-os de lado por um minuto, não precisa se preocupar com nada disso.

— Está bem, só queria que soubesse que eu gosto dele.

Envolvi-a com o braço direito e fechei os olhos com força, cansada, sentindo-me melhor com a proximidade à Harriet, com o fato de saber que ela estava segura e bem perto de mim. Mas um

NACIONAIS - ACHERON

pouquinho pior pela ciência de que a pessoa que eu mais amava no mundo, depois de Harriet, ainda estava naquela mansão maldita, talvez até correndo perigo. Não conseguia impedir meu coração de se despedaçar, em parte, com o pensamento de que eu não conseguia proteger todo mundo que eu amava.

Depois do que Esme dissera, e se algum dos Hamilton morresse? Nem que fosse a mais irrelevante deles, como Elena? Não conseguiria suportar perdê-lo, pois já me sentia sem forma e vazia o suficiente longe dele, mas certa de que, em algum outro lugar, com alguma outra pessoa, ele estava bem.

Eu não estou perdida^[32]

Pisquei sonolenta e apoiei o queixo na mão direita, inclinada sobre a bancada para ver Markos de perto enquanto ele fingia bem estar despreocupado, provando o café que eu lhe dera apenas para ser educada.

— Você está bem? Está tão pálida — ele pegou a caneca com as duas mãos e bebeu sem tirar os olhos dos meus. Harriet estava sentada ao lado dele, comendo os biscoitos de chocolate que meu querido chefe levava para ela e fingia não estar ouvindo o que dizíamos.

— Só cansada — assegurei-lhe em tom arrastado, as pálpebras pesadas. Não passava de onze e meia da manhã e eu estava morrendo de fome, tanto de

sangue quanto de um belo bife.

Markos pousou a caneca na bancada bem devagar e me olhou com intensidade, parecendo ler meus pensamentos.

— Então me deixe convidá-la para almoçar comigo e o meu irmão — retorci os lábios. Talvez um pouco de normalidade fosse boa para nós duas, mas Alaric não era muito normal, Markos menos ainda, e, por um momento, me peguei imaginando como seria bom passar um dia sem me preocupar com nada. Sem precisar salvar ninguém ou a mim mesma, sem precisar de feitiços para tanto, sem precisar matar ninguém.

Empertiguei-me e fiquei bastante ereta, com os olhos fixos nos de Markos. Li sua expressão com calma, sem me apressar em tirar conclusões: — *Além disso* — ele começou em tom cantarolado —, pense em como pode ser bom socar alguma coisa — e me ofereceu um sorriso com o canto dos lábios — O que você acha, Harrie? Quer conhecer o meu irmão?

— Acho que seria legal — ela falou sem muito entusiasmo, deixando seu copo de leite de lado.

— O que há de errado? — inclinei-me e franzi o

NACIONAIS - ACHERON

cenho, preocupada com seu tom, ainda mais depois de tudo o que ela dissera mais cedo — Você não quer ir?

— Eu quero que você fique aqui, onde é seguro.

— Eu estou segura, já falamos sobre isso. Agora — suspirei e lhe ofereci um amplo sorriso —, o que acha de nos divertimos?

— Alaric! — Markos gritou ao entrarmos em sua academia. Harriet estava parada ao meu lado como se estivesse com medo, pois o lugar estava assombrosamente escuro e me deu calafrios ao penetrá-lo.

— Tem certeza que ele está aqui? — murmurei para Markos, que estava bem perto de mim ao meu lado. Em um movimento que não pude prever, ele ergueu a mão direita de modo abrupto e estalou os dedos. No mesmo momento, as luzes se acenderam e parei, tendo até medo de quais seriam as extensões de suas *habilidades*.

— Vamos lá, Julies, não há nada para se temer — minha mão estava sobre o ombro de Harriet quando ele se virou, sorrindo — Ric deve estar em algum lugar por aqui...

NACIONAIS - ACHERON

— Aqui!

Virei-me para ver que Alaric tinha surgido do nada e estava bem diante de mim. Se a intenção dele era me deixar assustada, tinha conseguido tão façanha bem rápido, apenas ao exhibir um sorriso charmoso.

— Achei que não nos veríamos de novo nessa vida, Juliette.

— Nem eu — abaixei o tom de voz e seu sorriso se alargou.

— Markos disse que vocês viriam. Venha, vou lhe oferecer acomodações decentes — ainda sem muita reação a esboçar, segui-o, acompanhada de Markos, que habilmente passou a minha frente e se colocou do meu lado esquerdo.

— Meu irmão pode ser esquisito quando se trata de pessoas — ele falou baixo, com um meio sorriso esquisito.

— É, acho que já percebi...

— Mas ele é legal — franzi as sobrancelhas. A definição dele de legal era definitivamente diferente da minha, aquilo era certo, mas, apesar de Alaric parecer mesmo *estranho*, ou qualquer adjetivo que se pudesse dar a um *dragão*, coisa que

NACIONAIS - ACHERON

eu ainda tinha receio em absorver, pois ele parecia bem humano para mim, ele fora legal na primeira vez em que nos viramos.

Ou melhor, na primeira vez em que *eu* o vira, afinal, ele afirmara categoricamente que já me conhecia. Portanto, atribuí aquilo tudo ao fato de ele ser um ser sobrenatural e assustador e, segundo Markos, ter mais idade do que eu poderia contar. Segui-o até uma sala no mesmo corredor que conhecera quando estivera ali pela primeira vez e entramos em uma salinha com nada além de um sofá de três lugares e uma lareira.

— Para onde estamos indo? — olhei em volta e Markos fechou a porta quando entramos.

— Para nossa casa — ele murmurou de volta. Franzi o cenho sem entender, afinal, a sala não tinha nem uma janela, e enquanto eu raciocinava se era melhor fugir dali tão rápido quanto eu pudesse, Ric deu a volta no sofá, repousou a mão sobre uma das pedras acima da lareira e empurrou-a. Franzi o cenho e enrijei os ombros ao ver o que acontecia diante dos meus olhos, sem poder acreditar.

Quando ele o fez, a pedra afundou e o barulho de pedra se arrastando se fez ouvir na pequena saleta

NACIONAIS - ACHERON

quando a lareira *se moveu* e, não, eu não estava vendo coisas, para a esquerda. O fundo de pedra atrás dela se abriu e exibiu que havia alguma coisa por detrás da lareira, mesmo que estivesse escuro o suficiente para eu não conseguir ver o que era; claramente, era uma porta para algum cômodo secreto.

Uau! Como eu nunca tivera uma coisa legal daquelas em casa? Devia ser empolgante entrar dentro da lareira e poder deixar coisas atrás dela. Até mesmo morar detrás dela, o que parecia ser o caso: — Venha, Juliette, venha conhecer a nossa casa — o sorriso de Markos era empolgado quando ele estendeu o braço, convidando-me a seguir em frente; sorri de volta e dei a contornei o sofá, segurando a mão de Harriet, que estava impressionada com tudo aquilo.

— Então você mora detrás da lareira? — minha pergunta a Alaric saiu em um tom impressionado e ele sorriu.

— É um bunker — ele se aproximou e ficou mais perto de mim — Cuidado, tem uma descida de três metros — balancei a cabeça, demonstrando que tinha entendido, pois me sentia sem voz naquele

NACIONAIS - ACHERON

momento, e ele passou por mim, abaixando-se para entrar na lareira e desaparecer na escuridão — Vem, eu te pego — sua voz soou distante e com eco.

Markos, que tinha se aproximado por trás de mim, segurou a mão de Harriet, afastando-a da minha: — Vai na frente — virei-me parcialmente para ele, com um olhar ameaçador e suficiente para que ficasse claro que ele cuidasse dela nem que ela ficasse com ele por cinco segundos, ao que ele exibiu um sorriso lerdo e anuiu. Dei três passos, sentindo a calor reconfortante da pequena chama do meu lado esquerdo ao penetrar o vazio.

Não havia nenhuma fonte de luz lá dentro, assim, parei por dois segundos, sentindo-me um tanto perdida, sem saber por onde seguir. Tateei o espaço a minha volta e senti que havia uma parede à minha esquerda, uma parede muito, muito antiga, mas quando dei um passo a frente, procurando por qualquer coisa sólida, e imaginando que tivesse alguma escada por onde descer, afinal, Ric dissera que havia uma descida, pisei no nada e caí no vazio. Foi uma queda curta, claro, pois o chão estava bem abaixo dos meus pés e não foi ele que

NACIONAIS - ACHERON

meu corpo atingiu. E sim, braços. Mãos firmes me agarraram pela cintura antes que eu caísse, de fato, e me mantiveram de pé.

No escuro, meus instintos pareciam funcionar melhor, pois eu podia sentir seu toque com perfeição, assim como sua respiração, e senti ainda que havia uma parede às minhas costas. Alaric me soltou e deu um passo lento para trás, respirando irregular e debilmente, como se redescobrisse como fazê-lo: — Eu te disse para tomar cuidado.

— Me desculpe, estava tudo tão escuro — soltei o ar em meu peito e engoli em seco.

— Juliette, você está bem? — escutei a voz de Markos soar demasiada distante, embora ele estivesse a cerca de três metros acima de mim. Aquele lugar era essencialmente estranho e tentar explicá-lo parecia-me uma perda de tempo.

— Estou, me dê a Harriet.

— Você não parece ser muito boa em equilíbrio, eu a seguro — ouvi o som dos seus passos contra a terra quando Ric passou por mim, seguindo pelo lado direito, onde ficava a entrada. O mais incrível era que a luz externa não penetrava ali; era, no mínimo, curioso.

NACIONAIS - ACHERON

Antes que eu pudesse realizar qualquer tipo de protesto com relação a afirmação de Alaric, o som dos seus passos desapareceu e me virei, procurando-o no escuro, tentando ouvir seus passos ou a sua respiração, mas por um momento assustador, eu estava sozinha na escuridão e tudo o que eu conseguia escutar, era o som da minha própria respiração assustada e irregular.

— Ric... — comecei a chamá-lo, em pânico.

— Oi, eu estou aqui — ele reapareceu e expirei fundo — Você está bem, Harriet?

— Estou — escutei a voz dela — Por que é tão escuro aqui?

— Não se preocupe, logo vamos acender todas as luzes, está bem? — a voz de Alaric foi extremamente doce e gentil. Em seguida, escutei som de pés aterrissando no chão de terra bem ao meu lado, e supus ser Markos. Mesmo assim, sabendo que estávamos que os quatro ali, muito bem, fechei os olhos com força, me apoiei na parede atrás de mim e tentei, sem bons resultados, respirar profundamente.

— Juliette... — escutei a voz de Markos, mas não consegui lhe responder, apenas dei um pulo para o
NACIONAIS - ACHERON

lado quando ele tocou meu ombro — Você está bem?

Balancei a cabeça de modo inútil, sabendo que ele não podia me ver. Apertei os olhos com a sensação estranha de que não conseguia respirar, mesmo sentindo que respirava, como se a minha própria mente me pregasse uma peça: — Juliette, fale comigo. Fale alguma coisa — sua voz se tornou mais preocupada, mas continuei balançando a cabeça.

Não podia respirar ou tampouco falar. As mãos fortes de Markos deram um aperto leve no meu ombro direito e senti que ele estava do meu lado esquerdo, girando para se aproximar; de qualquer modo, sabendo ou não que estava tudo bem, eu não podia abrir os olhos. Era uma coisa inexplicável, como se meu cérebro desse comandos desordenados ao meu corpo, sem sentido ou motivo, e por mais que eu tentasse enfiar na cabeça que estava tudo bem, não conseguia me mover.

Minha garganta se fechava como se uma garra a apertasse e impedisse a passagem do ar: — Julies...

— Mamãe, você está bem? — escutei a voz em pânico da minha filha, seu tom quase choroso, mas
NACIONAIS - ACHERON

parecia estar distante demais para que fosse capaz de me alcançar. Markos colocou as duas mãos em meus ombros, segurando-os com força como se olhasse fixamente para o meu rosto ali, no completo escuro.

— Escuta, respire fundo, certo? — queria colocar na minha cabeça que eu estava bem, mas meu cérebro respondeu fazendo com que eu fechasse os olhos com ainda mais força — Diga que está me ouvindo, por favor — ele continuou preocupado. Por mais que eu pudesse tentar, as palavras se formavam na minha cabeça, mas não conseguiam encontrar o caminho à minha boca — Droga! — ele murmurou uma praga qualquer em alemão para a qual não consegui encontrar uma tradução na minha cabeça em meio a meu surto psicótico. E, enquanto eu tremia, Markos segurou meus pulsos e ergueu meus braços, de modo que ficassem pressionados contra o meu peito e me beijou.

Um de nós já não estava pensando claramente, fazer com que o outro também não o fizesse era loucura. Meu peito subiu e desceu com força, como se um peso fosse sendo aliviado dele e, por um momento, tive vontade de chorar pela atenuação de

NACIONAIS - ACHERON

uma dor que sequer esteve em mim, não além da minha cabeça, com toda a certeza. Arquejei e, cinco segundos depois, Markos afastou sua boca da minha. Abri os olhos e seus dedos foram soltando meus pulsos; minha respiração alta e acelerada era a única coisa que se podia ouvir naquele cômodo.

— Juliette! — Markos exclamou o meu nome e mordi o lábio, voltando a mim devagar, sem pressa demais — Você está bem? — sua voz chegou a mim carregada de uma dolorosa preocupação e emotividade que eu nunca tinha escutado.

— Eu... — gaguejei, tentando formar uma frase lógica, mas tudo o que consegui fazer foi inclinar meu corpo para frente e enfiar o rosto entre as mãos, em busca de ar.

— Essa foi uma má ideia — ele falou como se se amaldiçoasse, mas, naquele estado, eu não podia afirmar nada com certeza; nem se eu estava viva e respirando, menos ainda o que eu achava que escutara através do seu tom descontrolado.

— A minha mãe está bem? — escutei a voz de Harriet, que parecia ainda mais em pânico do que eu. Desejei encontrar minha própria voz para conseguir lhe dizer que eu estava bem, ou ao menos

NACIONAIS - ACHERON

que ficaria bem em algum momento — Mamãe, o que está acontecendo?

— Sua mãe está bem, querida — escutei a voz de Markos, em seguida, ouvi-o se virar na minha direção — Eu não sabia que você tinha nictofobia^[33]... — ele deixou a frase no ar e esperou por alguma resposta da minha parte. Ergui a cabeça e engoli em seco, tentando encontrar uma resposta para lhe dar.

— Eu não...

— É melhor sairmos daqui logo — escutei a voz de Alaric, pela primeira vez, extremamente séria. Como eu não podia ver nada, julguei que todos concordaram com a ideia, assim como o fiz em minha mente enquanto tentava responder as minhas próprias perguntas, como o que diabos tinha acabado de acontecer.

Markos segurou meu cotovelo direito e guiou meus passos com cuidado.

— Eu estou bem — finalmente consegui responder e ergui o queixo; deixando o ar sair, balancei a cabeça e murmurei, mais para mim mesma: — Eu também não sabia.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Acho que vou gostar daqui^[34]

Parecia-se com um corredor e, ao fim dele, tudo ficou claro. Do nada, surgiu a minha frente uma enorme sala de estar que parecia ter saído direto do século XX, com uma lareira a direita e uma decoração que saíra de moda há décadas. Fiquei parada no fim do corredor, que permanecia inalteradamente escuro, e avalei o lugar. Os tijolinhos na parede, os detalhes da decoração de ouro e o tapete caro no chão. O sofá no meio da sala era enorme, todo preto, o único item aparentemente moderno ali, pois o teto era tão alto que eu quase não conseguia enxergá-lo, assim

como a extensão do cômodo; do lado direito atrás do sofá, mas bem separado dele, havia uma porta que conduzia a um corredor. Além disso, nada era visível quando entrei ali. Harriet olhava em volta, bem segura por Ric, que estava determinado a não deixá-la se perder, e não sabia se reparava no lugar a sua volta ou se se preocupava que eu ainda estivesse pirada.

Umedeci os lábios e Markos passou por mim.

— Você está bem?

— Estou, obrigada — entrei na sala com cuidado, fitando o piso de madeira escura e elegante que se estendia por todo o lugar. De frente para mim, havia ainda mais um sofá, menor que o outro e da mesma cor que ele e uma mesa de centro de aparência sofisticada com o tampo de vidro.

A lareira, por sua vez, era enorme e não parecia mágica como a outra, mas ocupava grande parte da parede de frente ao sofá, deixando espaço apenas para uma grande mesa de madeira, encostada a parede ao seu lado com todo o tipo de bebida que poderia existir no mundo. Além de tudo aquilo, reparei que era bem frio ali, mesmo que a lareira cumprisse bem com o seu papel, não parecia ser o

NACIONAIS - ACHERON

suficiente para quebrar com a frieza do lugar.

— Acomodem-se, eu já volto — Ric alternou um olhar de quem estava preocupado, mas que queria parecer que não, entre Harriet e eu, passando-o brevemente pelo irmão. Harriet se voltou para mim com os olhos arregalados e Markos convidou-nos a nos sentarmos em torno da lareira, já que estava tão frio.

— Que lugar é esse, Markos? — sentei-me com as costas contra a lateral da lareira, esfregando as mãos de frio, fitando Harriet à minha esquerda, de frente para mim, e Markos enquanto ele se sentava.

— Como Ric disse, é um bunker, um lugar seguro. O lugar mais seguro que existe, para ser mais específico — expirei devagar, quase congelando — *Ric e eu* concordamos em compartilhá-lo com você — ele aumentou ligeiramente o tom da voz ao falar, como se soubesse que o irmão estava atrás dele quando Alaric surgiu daquele corredor atrás do sofá e me jogou uma coisa de lã.

— Como assim, compartilhá-lo comigo?

Inclinei-me para colocá-lo em torno de Harriet, que estava tão fria quanto eu. Conforme Alaric se

NACIONAIS - ACHERON

aproximava, mais quente o ambiente se tornava até que ele se sentou ao meu lado, desdobrou o outro cobertor azul-escuro e, sem pedir permissão, colocou-o gentilmente a minha volta. Não quis manter seu olhar, assim, me virei para Markos: — Achei que tivesse me convidado para passar um tempo entre amigos — eu não era completamente ingênua àquele ponto, mas achei que, ao menos, fossemos discutir estratégias em algum restaurante; como costumávamos fazer, o que servisse a melhor comida mais rápido.

— É, isso também — ele maneou a cabeça.

— Lamentamos muito o que aconteceu — Ric o interrompeu e fitei-o com calma, vendo a sinceridade em seu olhar enquanto ele falava devagar — Eu não fazia ideia de que ataques de pânico podiam acontecer com... — ele interrompeu sua frase, fitando Harrie por meio segundo, antes de comprimir os lábios um contra o outro e me olhar de novo — Mas Markos e eu concordamos que, se as coisas lá fora ficarem feias como eu imagino que possam ficar... Você terá um lugar seguro para ir — suas palavras me tocaram de um jeito profundo, de uma maneira que eu nem sabia

NACIONAIS - ACHERON

que poderia.

— Obrigada — murmurei com sinceridade — Isso significa muito para mim, obrigada — ele maneou a cabeça com um meio sorriso, como se as dispensasse e me voltei para Markos, que mantinha uma expressão plácida em seu olhar quase sempre denso e carregado.

— Deveríamos ir comer antes que esfrie — Alaric anunciou, quebrando o clima do momento, me fazendo sorrir ao fazê-lo tão abruptamente — Reúnam-se, eu vou trazer o prato principal, a cozinha está congelando — com aquele toque de bom humor, ele se levantou e saiu da sala enquanto nos reuníamos em torno da enorme mesa de centro.

Harriet se sentou ao meu lado e passei o braço em torno dos seus ombros, olhando para o lugar a minha volta. Entendia o quanto aquele lugar devia significar para Markos, sendo tão seguro quanto ele afirmara, que vivera fugindo de caçadores e imaginei que não tinha sido fácil a decisão de *compartilhá-lo* comigo. Aliás, tudo o que eu pensara sobre ele enquanto estava sem meus superestimados sentimentos não passara de uma besteira. Ele sempre fora o melhor chefe, já me

NACIONAIS - ACHERON

salvara algumas vezes, mesmo que um tiro não pudesse me matar, afinal, eu não podia me dar ao luxo de ser investigada pela CIA por levar vários tiros e não morrer.

Se estava confusa antes, naquele momento eu tinha certeza que, independente dos seus pensamentos sobre os Hamilton, eu já o admirava e o considerava ainda mais.

Meia hora depois, estávamos os quatro sentados em torno da mesa de centro terminando de comer bife com porções gigantes de batata frita, rindo de coisas bobas.

— Só então, Juliette começou a arrumar as coisas dela. E ao voltarmos, ficamos meia hora na sala do chefe por causa de um festival alemão...

— Não era só um *festival alemão*... — imitei sua voz e Markos sorriu — Era um *importante* festival alemão e o nosso chefe é um idiota — balancei a cabeça e comi a última das minhas batatinhas, saboreando-a bem, com o pensamento de que ela era tudo o que eu precisava — Nós temos que aproveitar as coisas boas da vida. Como... Boa comida.

NACIONAIS - ACHERON

— Isso você aproveita bem — ele pontuou e balancei a cabeça.

— Aceita uma bebida? — Alaric perguntou. Ele estivera mais pensativo durante o almoço, mas não menos participativo. Fiz que sim e ele se levantou para ir até a mesa de bebidas atrás de mim — Escolha o seu veneno — espiei por cima do meu ombro enquanto ele se servia uma dose dupla de uísque.

— O mesmo que você — voltei-me para Markos, que desviou o olhar do meu, e corri os dedos da mão esquerda pelos cabelos de Harriet, que terminava seu almoço completamente concentrada nele; ao ouvir os passos de Alaric do meu lado direito, ergui a mão direita para pegar o copo que ele estendeu na minha direção — Obrigada — ele se limitou a anuir.

— Harriet, o que acha de uma sobremesa de chocolate? — Alaric perguntou, posicionado atrás de Markos, oferecendo-lhe um gentil sorriso — Tem uma deliciosa esperando por você na cozinha.

Ela se virou para mim.

— Eu posso, mãe?

— Claro — depusitei um beijo em seu rosto e ela

NACIONAIS - ACHERON

se levantou correndo até Ric para aceitar a mão que ele lhe estendia — Só não coma demais.

— Pode deixar.

Quando saíram, Markos me olhou de modo intenso enquanto cada um de nós provava seu uísque.

— Por que sinto que você quer falar alguma coisa? — inclinei o rosto para perguntar e coloquei o copo sobre a mesa.

— Porque eu quero. Quero saber o que está acontecendo, se eu posso fazer alguma coisa para desfazer essa ruguinha de preocupação na sua testa... — suspirei e balancei a cabeça, entrelaçando meus dedos congelados.

— Acho que não.

— Quer me contar alguma coisa? — indagou com suavidade, em tom terno, deixando-me espaço se eu não quisesse, mas conforto se sim. Enquanto terminava minha bebida a goles curtos, contei a ele tudo o que acontecera desde que nos viramos e terminei de falar ao virar o último gole.

Markos me olhou com aquela cara pensativa e fez silêncio por um segundo, como se, diante daqueles fatos, não soubesse o que me dizer.

NACIONAIS - ACHERON

— Não vai falar nada? — franzi a testa quase que esperando por uma reação que fosse contra a tudo no que eu acreditava e seguia.

— Acho que... Se eles estiverem mesmo ligados, não tem muito que você possa fazer — ele falou com cuidado, pois sabia que tinha que dizer, mas ciente de que era a última coisa que eu gostaria de escutar. Deixei meus ombros caírem, sentindo-me um pouquinho derrotada.

— Tem que ter, Markos. Um feitiço para desfazer a ligação, sei lá — foi a vez dele de erguer os ombros.

— Bem, eu não entendo essas coisas de bruxos e feitiços tão bem quanto você. Mas só o bruxo que fez o feitiço pode desfazê-lo, certo?

— Não tenho certeza se isso se aplica a todos os feitiços. A verdade é que não tenho muita certeza de nada nesse momento.

— Lamento que aqui seja tão frio — ergui os olhos para Alaric enquanto ele se sentava ao meu lado e guardei meu celular para aceitar o uísque que ele estendeu na minha direção — Mas garanto que sempre temos bebidas para esquentar — sorri e

NACIONAIS - ACHERON

apertei o cobertor em torno dos meus ombros, sentada em posição de lótus perigosamente perto do fogo.

— Obrigada por tudo. Por ser tão legal comigo, eu acho — ele balançou a cabeça. Tomou um gole da sua bebida e fez o mesmo com a minha — Você não precisava confiar em mim ou... *Ser legal* — acabei sorrindo com o meu próprio nervosismo tolo. Como se não pudesse me envergonhar mais, calei a boca e tomei o uísque, que desceu queimando pela minha garganta, mas que me aqueceu ao fim de dois longos segundos.

— Meu irmão gosta de você — falou como se aquilo justificasse tudo — Por algum motivo... De algum modo, também simpatizei com você.

— Então... — girei o uísque no copo, fitando o líquido que se movimentava com languidez, a mesma que eu sentia. Não quis erguer meus olhos para Alaric — Como é ser... *Um dragão?* — diminuí o tom da minha voz, como se aquilo fosse um segredo a ser guardado a sete chaves. Ergui os olhos timidamente para encará-lo, sem saber se era seguro fazer-lhe perguntas.

Ric comprimiu os lábios, de modo que eu podia

NACIONAIS - ACHERON

ver com perfeição o modo como o fogo crepitava em seus olhos castanhos, fazendo-os brilhar de modo quase hipnótico; mesmo que o fogo parecesse ser mais digno do seu olhar do que eu, não conseguia fazer o mesmo, pois meu olhar estava preso nele, no modo como piscava; comprimiu os lábios como se o assunto fosse delicado demais, e colocou o braço sobre os joelhos para terminar com o último gole de seu uísque.

— Não vou cuspir fogo em você, não se preocupe — Alaric se virou e ficou me olhando. Me olhava como se houvesse algo que devesse ser observado com cuidado, que levasse tempo e cuidado ao fazê-lo, e me deixava extremamente constrangida ao fazê-lo.

— Vejo que estão se dando bem — virei-me de modo abrupto ao escutar a voz de Markos enquanto ele entrava na sala, surpresa por não tê-lo escutado se aproximar — Harriet está dormindo como um anjo — anunciou e deu a volta no sofá lentamente para se juntar a nós. Levei um tempo para conseguir fechar a boca e me voltar para o fogo, vendo que tinha derramado uísque na minha mão.

Balancei a cabeça, livrando-me do efeito de

NACIONAIS - ACHERON

hipnose que os dois, inexplicavelmente, me causaram por um momento, me fazendo sentir tola: — Aqui — Markos estendeu um lenço branco e bonito, que usei para secar minha mão direita.

Só quero fazer isso certo
para você^[35]

— Obrigada — ensaiei um sorriso e Markos pegou o lenço de volta antes de se sentar ao meu lado, entre Alaric e eu — Acho melhor eu ir embora...

— Não, não, não... Termine a sua bebida, ainda nem tive a minha chance de conversar com você — lentamente, bebi mais e esperei que Markos falasse, sentindo o incômodo no modo como Alaric me olhava, quase perfurando minha pele com aquele olhar quente.

— Nós conversamos...

— Sobre a CIA, loirinha — exprimi um som de surpresa contida e ele empertigou os ombros com suavidade, captando o olhar de Ric por um segundo

— Então, quando eu peguei férias, tive que falar que ia te ver... E fui orientado a *gastar todo o meu tempo e energia* para convencê-la a voltar. O mais rápido possível — mordi o lábio e balancei a cabeça, tomando um gole da bebida enquanto refletia sobre aquilo.

Em tese, eu tinha deixado claro que não estava mais na CIA. Também tinha deixado aquilo claro a Markos, que era meu superior, mas dentro de mim, eu não sabia se estava pronta para deixar a ação para trás. Afinal, o que eu faria depois? Compraria uma casa grande e me dedicaria a cuidar de um belo jardim? Por mim, eu adiaria aquilo até quando pudesse, quando meus dois meses acabassem e eu fosse forçada a tomar uma decisão.

Se não fosse pelos meus superiores, que fosse por mim mesma.

— Está certo, eu vou pensar nisso se ainda for para trabalhar com você — sorri para aliviar o clima e dei um soco no seu ombro. Markos fez o mesmo.

— Claro. Você é a melhor parceira que eu já tive. Eficiência é tudo, agente — ele sorriu de volta e me voltei para o fogo, um tanto pensativa enquanto o

NACIONAIS - ACHERON

fazia — Mas pense com carinho — ele continuou mais sério — Depois de tudo isso, voltar pode ser bom para você.

— É, eu sei — ele pegou meu copo vazio quando se levantou e caminhou até a mesa do lado oposto a lareira para preenchê-lo com mais uísque e servir-se com uma generosa dose dupla, voltando a colocar a tampa no elegante cantil de cristal e entregando-me o copo antes de voltar e servir o irmão.

— Obrigada — dissemos-lhe ao mesmo tempo e, ao abaixar a cabeça e o braço, aproximando-me da lareira para recostar-me do lado direito, meu olhar encontrou o de Alaric por um segundo. Apenas por um segundo e foi o suficiente para fazer minha pele ficar quente, instantaneamente invadida por um formigamento que fez com que eu me mexesse e acabasse com metade da bebida em um gole — Markos...

— Hmm... — ele se sentou diante de mim.

— Acho mesmo que deveríamos ir embora — comecei a me livrar daquela manta quentinha, mesmo tremendo de frio sem ela. Era como se, se não começasse a me livrar, não conseguiria sair dali

NACIONAIS - ACHERON

nunca mais, por isso, ergui-me do modo mais hábil que pude, olhando para Markos e esperando que ele fizesse o mesmo enquanto provava sua bebida sem pressa alguma.

De qualquer modo, meu olhar foi o suficiente para fazer com que ele se levantasse ao mesmo tempo em que Alaric. Ele pigarreou de modo esquisito e concentrei minha atenção em Markos: — Eu vou... Acordar Harriet...

— Eu faço isso...

— Não se preocupe — ele exibiu um sorriso calmo e pousou a mão em meu ombro com suavidade quando dei um passo a frente e fitei-o de modo incisivo — Só um segundo — ele ergueu o indicador e foi se afastando com cuidado.

Os passos de Alaric fizeram com que eu me virasse para ele para fazê-lo caminhar através da sala. Acompanhando seus movimentos, fechei a mão direita com força, deixando que minhas unhas cortassem a palma, e virei a bebida na boca. Os dois eram igualmente esquisitos no que se tratava de atitudes com humanos, ou vampiros, naquele caso, e um simples olhar de Ric era a coisa mais intrigante que eu nunca tinha visto em toda a minha

NACIONAIS - ACHERON

vida; a seu modo, impossível de se interpretar.

— Vem comigo — quando pisquei, ele não estava mais distante, andando de um lado a outro, estava diante de mim, pegando o copo de uísque vazio da minha mão enquanto eu o encarava com uma expressão de surpresa, de quem queria desesperadamente entender o que estava havendo.

— Como você... — dei um passo para trás, deixando-o pegar o copo da minha mão, fitando-o por inteiro com um junco entre as sobrancelhas — Como você faz isso?

Alaric ergueu as sobrancelhas e sorri, dando-me as costas para largar os dois copos sobre a mesa de bebidas. Relaxei e apoiei meu peso por completo na perna direita: — Isso, o quê? — virado para mim de modo parcial, Alaric colocou um copo muito devagar, como se apreciasse a cadência do momento, depois o outro, de maneira sinistra — Eu não fiz nada...

— *Isso* — dei um passo na sua direção, ficando no centro da lareira, virada de lado para encarar Alaric, que, de uma hora para a outra, evitava o meu olhar com veemência — Está tentando mexer com a minha cabeça?

NACIONAIS - ACHERON

— Claro que não.

— Então o que você fez? Como você estava do outro lado da sala em um segundo e no outro, está diante de mim? O que é isso, teletransporte?

— Teletransporte não existe, bobinha — ele ergueu os olhos com um sorriso convencido e inclinou o rosto enquanto eu estreitava os olhos, tentando ler sua expressão. Sem sucesso: — Vem comigo — ele estendeu a mão — Não se preocupe, Markos vai levar sua filha até você — respirei fundo e fechei as mãos em punhos apertados, com o maxilar tão rígido quanto meus ombros conseguiam ficar — É um convite — continuou, sério.

— Está bem — expirei profundamente e, com um passo de cada vez e tomada por uma onda de hesitação, aceitei sua mão. Alaric me girou e me fez andar em uma linha reta na direção diagonal de onde estávamos, na direção daquele corredor sinistro e escuro por onde entráramos.

— Segure a minha mão — ele sussurrou atrás de mim e pegou minha mão direita como se pegasse uma rosa delicada. Em um segundo, com apenas um passo, a escuridão invadiu tudo. Não havia nada

NACIONAIS - ACHERON

a minha volta além de frio e medo e, com meu lado bruxa, podia sentir as vibrações ruins como se não fosse apenas frio e escuro, mas se a própria morte me pegasse em seus braços para me levar com ela.

Durante toda a minha vida, não me lembrara de sentir mais medo do que senti naquele lugar, ou tanto pânico como se a um centímetro de mim, algo maligno aguardasse. Contudo, embora mergulhada em minha própria escuridão, a mão de Alaric, que estava entre minhas costas e meu ombro, atrás de mim e ao meu lado ao mesmo tempo, me guiava através da escuridão. Como não podia ver nada mesmo, fechei os olhos com força e comprimi os lábios com força; sentia-me até envergonhada por parecer tão amedrontada diante dele, que me guiava com destreza, me fazia dar um passo tão milimétrico que eu nem erguia os pés, e sim, os arrastava para me mover.

Apertei os olhos e parei de respirar, o vento foi se apoderando de mim, congelando minha pele e paralisado meus movimentos como um veneno: — Juliette... — escutei meu nome ser murmurado extremamente baixo e exprimi um som mínimo para indicar que eu ainda estava viva e ouvia —
NACIONAIS - ACHERON

Estamos indo bem, não estamos?

— Nem tanto — falei nervosamente, com a voz trêmula. A mão de Alaric agarrou a minha com mais força e ele me fez parar — O que você...

— *Shh... Abra os olhos* — ele murmurou tão perto da minha nuca que pude sentir seu hálito fresco perto do meu pescoço, arrepiando minha pele por mais difícil que a tarefa parecesse; a única parte aquecida do meu corpo era a minha mão direita, a que estava firmemente agarrada a sua, a ponto de quebrar seus dedos. Como diabos, naquele escuro dos infernos, ele sabia que meus olhos estavam tão firme e bravamente fechados? — Abra seus olhos, por favor...

Comecei a abri-los muito devagar, assustada enquanto o sentia erguer meu braço até a altura do meu rosto e com eles ainda fechados, pude ver uma centelha de luz, mínima, mas estava lá. Só então, criei coragem para fazê-lo, e ao fazê-lo, dei um passo assustado para trás, ao que Alaric colocou a mão na base da minha coluna para que eu não me movesse.

Arquejei e fitei a pequena chama diante de mim, a poucos centímetros do meu rosto, tão perto que

NACIONAIS - ACHERON

dava até medo. Provavelmente a partir da face tomada pelo pânico que eu exibia, Ric soltou a mão esquerda que estava nas minhas costas e girou minimamente para que eu pudesse ver seu rosto sob a chama bruxuleante e mordi o lábio: — Não se preocupe, não vai te queimar — alternei meu olhar ainda confuso do seu rosto até nossas mãos.

Minha expressão foi rapidamente substituída pela surpresa e por um sorriso, em tese, involuntário. Nossos dedos estavam entrelaçados, mas entre nossas mãos havia um espaço oco onde uma tímida esfera de fogo oscilava, arriscando crescer e desaparecer a qualquer momento; deslizei a língua pelos lábios, maravilhada, nunca tendo visto nada tão lindo e impressionante de perto. Era indescritível como aquela coisa tão pequena podia iluminar tudo a nossa volta, transformando a escuridão e o frio paralisante em calor e uma centelha de luminosidade.

— Como... — a palavra escapou dos meus lábios. Além de tudo, a pequena esfera de fogo não em queimou, o que era o mais impressionante naquilo tudo, não me fez nenhum mal. Do contrário, me revitalizou e me fez mais corajosa

NACIONAIS - ACHERON

com relação ao meu medo do escuro.

— Quer ver uma coisa legal? — fiz que sim com um sorriso bobo tomando conta do meu rosto. Ele soltou minha mão e deu um passo para longe, mantendo acesa a chama por um momento antes fechar a mão lentamente e fazê-la diminuir até desaparecer. O escuro, naquele momento, não me pareceu tão difícil de suportar depois de ter visto que eram apenas paredes que nos cercavam. Quando achei que não podia ver nada mais impressionante do que fogo, Alaric fez com que o fogo saísse da sua própria boca, indo na direção do extenso corredor e iluminando-o inteiramente até desaparecer no fim, que constituía mais paredes, como se não tivessem fim.

Quando o espetáculo acabou, quase bati palmas de tão maravilhada que estava, mas limitei-me a um sorriso que suspeitei que ele poderia ver mesmo que estivesse escuro demais para que eu pudesse ver que ele estava a minha frente quando me virei: — Uau, isso foi... Incrível!

— Obrigada, senhorita — sorri ainda mais diante do seu tom. Claro que eu estava muito abobada com tudo para ficar feliz com um truque de fogo

NACIONAIS - ACHERON

feito por um dragão que ainda me assustava um pouco, mas foi algo particularmente muito legal e não sentia nem mais um pingo de medo com relação a estar na total e completa escuridão — Eu vou te ensinar o caminho — senti-o pegar minha mão, ligeiramente mais sério e assenti, mesmo que ele não pudesse ver.

— Por que eu tenho a sensação de que estamos em um labirinto? — falei enquanto mordia o lábio, permitindo que as palavras saíssem de modo involuntário.

— Essa é a intenção, loirinha — ele ainda tinha um toque de bom humor na voz, contudo, seu tom chegou a meus ouvidos mesclado de uma sutil seriedade — O lugar foi projetado para isso e se você não conhecer o caminho, vai ficar perdida aqui.

— Você quer me fazer ficar perdida então? — isso, Juliette, boa piada! Mas saiu da minha boca acompanhada de um sorriso bobo que, graças a Deus, ele não podia ver. Enquanto isso, estiquei o braço esquerdo e deixei que meus dedos corressem pela parede enquanto andávamos para que eu conseguisse me lembrar o caminho, caso voltasse

NACIONAIS - ACHERON

ali algum dia sem a companhia de Alaric.

— Claro. Olha, você só precisa seguir em frente e vai chegar lá. Se você não tiver sido convidada, vai se perder na escuridão e não vai mais encontrar uma saída.

— Que coisa horrível. Não consigo pensar em nada pior do que ficar aqui dentro por cinco minutos, pior ainda ficar perdida — murmurei com sinceridade e balancei a cabeça com um suspiro ao me imaginar diante daquela situação.

— Não se preocupe com isso, você não está perdida — sua voz foi reconfortante e me fez relaxar os ombros e parar — Aqui, é aqui a saída. Você está bem?

— Acho que sim — Alaric soltou minha mão e senti no som dos seus passos que ele se afastara — Ric... Onde você está?

— Calma, eu estou bem aqui — em um segundo, ele estava diante de mim, perto o suficiente para que eu deixasse um suspiro aliviado sair do meu peito, sentindo-o subir e descer rápido demais em minha respiração irregular — Você está bem? — ele perguntou mais preocupado e, tolamente, balancei a cabeça — Você precisa superar esse

NACIONAIS - ACHERON

medo do escuro.

— Eu sei... É tão bobo... — inclinei o rosto para baixo.

— Não é isso... — senti seus dedos erguerem meu queixo e sua respiração próxima ao meu rosto; seu toque quente era reconfortante, mesmo em minha confusão — Só não quero que você fique perdida se eu não estiver aqui para te resgatar... — abri a boca para falar, mas as palavras parecerem ter ficado estranhamente presas entre minha garganta e meus lábios. E um minuto, um longo minuto, se passou entre o silêncio absoluto e o momento em que Ric me soltou e se afastou — Venha, vamos voltar lá pra cima. Você tem razão, esse lugar está começando a soar assustador.

— É, acho que é o melhor a se fazer... — murmurei, mais para mim mesma do que para ele.

Ric se colocou atrás de mim e segurou meus ombros, girando-me alguns centímetros e me fazendo andar três passos para frente: — Tenho certeza que você não está vendo, mas é só você pular que vai ficar atrás da lareira e tudo vai ficar claro de novo.

— Tem certeza? — eu tinha certeza que podia
NACIONAIS - ACHERON

pular, afinal, a altura não era tão considerável, três metros, talvez. Só que estava tão nervosa que tudo em mim parecia paralisado.

— Claro. Tome impulso e salte de uma vez, não hesite muito. Assim que atingir o chão, dê dois passos para frente e saia da lareira. É bastante simples — ele soltou meus ombros e ergui a cabeça. Claro, eu era uma vampira, podia fazer aquilo. Podia fazer qualquer coisa.

Mas precisei de uma respiração profunda, um sopro de coragem antes de me impulsionar para cima e saltar. Quando o fiz, atingi o chão e arquejei, mal acreditando que tinha conseguido, que não tinha feito um papel horrível diante de Ric, aliás, e que estava em terra firme: — Você conseguiu — a voz dele soou entusiasmada, porém distante.

— Eu consegui! — gritei de volta e sorri — Eu consegui! — murmurei mais baixo e dei os dois passos com a mão na parede a minha frente e me abaixei para passar pelo buraco na parede e sair de dentro da lareira, olhei a minha volta e saí de dentro dela — *Eu consegui.*

E sorri comigo mesma.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Eu sei o que isso significa^[36]

Na manhã de domingo, ao abrir a porta, eu estava completamente confusa ao ver Dahlia diante de mim, até pisquei para me certificar de que não estava vendo coisas, pois nunca a vira fora da sua casa; ou ao menos, não me lembrava de tê-la visto.

— Dahlia?

— Não vai me convidar a entrar? — ela tinha uma cesta em mãos e franzi o cenho antes de sair do caminho e escancarar a porta.

— Claro, entra — fechei a porta enquanto ela andava pela sala como se conhecesse bem o caminho até a cozinha, para onde a acompanhei. Ainda era cedo, mas Harriet e eu tomávamos café

da manhã. Assim que Dahlia entrou, Harriet largou suas torradas para correr até ela e abraçá-la.

— Vovó! — Dahlia tirou a cesta da frente para abraçá-la.

— Olá, querida — Harriet se afastou. Estava usando um vestido preto com flores rosas e tinha uma trança lateral que eu tinha feito em seus cabelos. Depois de Harriet implicar que queria uma como aquela, tive que procurar um vídeo na internet para aprender a fazer uma igual a da cantora Belinda.

Tinha ficado linda, mas, sinceramente, eu esperava que ficasse no seu cabelo por uma semana, pois levava uma hora e vários replays no vídeo para fazer. De qualquer modo, ela ficou linda com aquele cabelo ruivo invejável e aquelas trancinhas indo de um lado a outro e que deixava parte dele solto do lado esquerdo.

— Você está linda. Foi sua mãe quem fez essa trança? — Dahlia olhou para mim como se não acreditasse e peguei a cesta de sua mão enquanto estreitava os olhos com um sorriso.

— Foi, sim — Harriet pegou a mão dela e levou-a até o balcão e elas se sentaram enquanto eu dava a
NACIONAIS - ACHERON

volta por ele e via o que Dahlia levava naquele cesto — Coma um torrada — Harriet passou geleia em uma torrada e deu a ela.

— Obrigada — Harriet sorriu e voltou a atacar suas torradas enquanto Dahlia se voltava para mim, que comia um de seus pães doces deliciosos — Você tem falado com os Hamilton?

Ergui os olhos com um pão enorme que eu queria fazer caber na minha boca: — Na verdade, não — dei uma mordida e balancei a cabeça — Já tem uns dias. Por quê?

Dahlia ergueu os ombros como se aquele fosse o assunto menos importante do mundo.

— Bem, eu sei o que aconteceu. Sobre eles estarem ligados e a coisa toda — aquela não era bem a sua linguagem, por isso, sorri — Rafael me contou. Você o está evitando? — apoiei a mão direita no balcão e joguei todo o peso do meu corpo para aquele lado, pensativa enquanto terminava de comer aquela ambrosia dos céus.

— Na verdade... Acho que *ele* está me evitando. Não atende minhas ligações, não retorna minhas mensagens... Então deixei quieto. Quando acontecer alguma coisa, talvez voltemos a nos
NACIONAIS - ACHERON

reunir em uma reunião assustadora com todo mundo na sala.

Quando ergui os ombros, como se realmente estivesse tão despreocupada como queria que ela pensasse que eu estava, Dahlia limpou as migalhas da torrada de sua blusa preta com o cenho franzido; uma expressão sempre causadora de enormes preocupações.

— Eu conheço essa cara, Dahlia... — empertiguei os ombros e encarei-a com a cara mais séria que eu conseguia fazer — O que aconteceu?

— Além de todos eles estarem ligados? — ela estreitou os olhos. Aquilo já era ruim o suficiente, claro, mas pela expressão que ela tinha no rosto, eu estava certa que tinha mais. Algo pior por vir; ao contemplar minha expressão inflexível, ela também relaxou os ombros e deixou escapar um suspiro cansado — Não aconteceu nada — seu tom foi exclusivamente para me acalmar, mas não conseguiu fazê-lo completamente — Só achei que soubesse Rafael está em Charlotte...

— *Em Charlotte?* Como assim, *ele está em Charlotte?*

— Calma, ele está bem. Resolvendo a vida dele,
NACIONAIS - ACHERON

mas perfeitamente...

— Mas... *Como?* Ele não pode ir para onde quiser assim, do nada, simplesmente... *Ir* — só quando parei foi que me dei conta que tinha exagerado pelo modo como Dahlia me olhava e pelo modo como eu respirava irregularmente, boquiaberta por ela não concordar comigo.

— Você está exagerando um pouco, Juliette.

— Não, eu não estou — falei muito seriamente. Ele realmente não podia. Certo? Mesmo com toda a raiva dentro de mim, controlei-me, achando melhor não discutir aquilo na frente de Harriet; respirei fundo e balancei a cabeça enquanto girava artisticamente em meus calcanhares para abrir o armário mais alto que meu rosto e pegar duas canecas para preenchê-las com café.

Seria educado oferecer à visita, claro. Por isso, coloquei uma das canecas com café diante da Dahlia e concentrei-me na tarefa de tomar meu café forte para me acalmar. Fora uma coisa completamente irracional que se apossara de mim e se ele estivesse diante de mim, eu poderia até jogar mais cereal nele, contudo, aquele era o problema. O fato de eu não saber onde ele estava, de não poder

NACIONAIS - ACHERON

controlar ou monitorar suas atitudes impulsivas, e me irritava de um jeito que eu não podia *me* controlar. Custava ter respondido uma das duzentas mensagens que eu deixara no celular dele nos últimos dias? Acho que não.

— Eu vou lá pra cima — Harriet anunciou, levantando-se, entendendo que Dahlia e eu tínhamos nossas questões a serem discutidas, e deu a volta no balcão para pegar um pão doce com um sorriso enquanto eu me inclinava para depositar um beijo no seu rosto — Eu vou fazer um desenho — e com isso, ela me deu às costas e caminhou até a saída com o passo leve, quase saltitando até a sala.

— O que aconteceu entre vocês dois? — Dahlia pousou a caneca sobre a bancada e inclinou o rosto, buscando o meu olhar ao mesmo tempo em que eu evitava o dela — Juliette... — falou meu nome mais séria.

— Não aconteceu nada, claro que não — abaixei os olhos para o café e mordi o lábio, reflexiva — Não aconteceu nada...

— Claro que aconteceu, você acha que eu sou boba? O que é? Você não confia em mim ou não quer me dizer por causa do Joseph? — ergui os

NACIONAIS - ACHERON

olhos para ela, com a boca aberta prestes a falar antes de me calar e reavaliar o que estaria a dizer; ela sabia a resposta tanto quanto eu para ambas as perguntas. Mordi o lábio, fechei a boca e encarei-a de uma maneira confusa que ela sabia muitíssimo bem como interpretar.

— Nós dormimos juntos em Nova Orleans — murmurei, mal escutando minha própria voz. Não sabia o que esperar dela, era impossível precisar qual seria a sua reação, assim, apertei com força a caneca e fui dominada pela tensão por um longo momento. O olhar de Dahlia sobre mim era impossível de ser interpretado; neutro e calmo, misterioso de um jeito que só ela conseguia ser. De certo modo, não esperava dela nenhuma reação explosiva.

— Nós duas sabíamos que isso iria acontecer — ela falou e desvencilhou o olhar do meu para beber um gole do café, deixando-me paralisada, a encará-la como se esperasse por mais, algo mais profundo. Talvez uma reação de raiva que não chegou, ela apenas segurou a caneca de modo suave entre as duas mãos — O que está te incomodando, então?

— De verdade? Eu não sei. Talvez o fato de eu ter

NACIONAIS - ACHERON

colocado na minha cabeça que isso nunca deu certo, que não é agora que vai... Mas eu não consigo mais pensar em mim vivendo longe dele ou... Sem saber se ele está bem a cada segundo — funguei, diminuindo ainda mais o tom da minha voz, olhando para qualquer ponto do balcão de madeira escura, para qualquer lugar que não fossem os olhos de Dahlia, por mais que eu sentisse que eles podiam penetrar em minha alma — Não consigo mais esquecer que ele é humano e *tão* frágil no meio de tudo isso...

— E por que não diz a ele todas essas coisas que está me dizendo? Por que não o deixa saber como você se sente? — deixei um suspiro doloroso e exausto escapar dos meus lábios ao erguer a cabeça para encará-la. Se eu tinha começado, se também tinha começado a me emocionar ao tocar no assunto, eu sabia muito bem que confiaria em Dahlia para falar o que quer que fosse.

— Porque... — deslizei os dedos pelos meus cabelos de modo exasperado para, por fim, colocá-los detrás da orelha com um suspiro — Ele meio que me... *Pegou* na cama com Cedrico — mordi o lábio. Dahlia finalmente ergueu as sobrancelhas em

NACIONAIS - ACHERON

surpresa e entreabriu os lábios, interrompendo-se quando estava prestes a falar.

— Mas achei que Rafael...

— Não é o que você está pensando — caímos em um profundo silêncio e Dahlia ergueu a sobrancelha esquerda, claramente me dando espaço para que eu me explicasse já que não era *o que ela estava pensando* — Eu sou a vampira — não demorei a continuar, mas foi o suficiente para que ela me olhasse como quem já sabia daquilo — Eu tenho instintos e... *Isso* me ajuda a controlar a sede por sangue. E digamos que a última coisa que eu quero agora é perder o controle. Além disso, eu estive tentando ajudar Cedrico da melhor maneira que eu posso. Também não sou nenhum exemplo de autocontrole...

— É, entendi — Dahlia murmurou em tom arrastado e permaneci imóvel, avaliando-a enquanto ela descia o olhar até sua caneca e fingia estar interessada no café enquanto balançava-o em movimentos suaves antes de tomar um longo gole, terminando com todo ele — Tenho certeza que tudo vai se ajeitar no fim.

— Não se parece muito com você. Mentir para

NACIONAIS - ACHERON

encorajar.

— Não estou mentindo, estou... Desejando coisas boas para o futuro de duas pessoas com as quais me importo — aquilo era o mais próximo que eu chegaria com ela no quesito de discutir nossos sentimentos, mas, para mim, era o suficiente e limitei-me a um tímido sorriso — Vamos lá, coma os pães doces que eu trouxe para você — sorri e girei um pouco para pegar mais uma daquelas delicias calóricas.

Doce nada^[37]

Harrie, Dahlia e eu almoçamos coisas saudáveis como bife e vagem, que não eram exatamente a minha comida favorita, mas servia e, no fim da tarde, Harriet se voltou para seu desenho no qual ela estivera concentrada e o tempo esfriou, deixando Dahlia e eu na sala com a lareira acesa. Certifiquei-me que Harriet colocasse roupas quentes ao sair do banho e ir direto para o quarto e voltei para a sala depois da sua recusa em se juntar a nós. Usava meias de lã azuis, calça xadrez e uma folgada blusa de malha azul-marinho de mangas longas quando me juntei a Dahlia diante da lareira automática acesa. Puxei um pouquinho mais a poltrona e fiquei de frente para ela, sentando-me em posição de lótus.

— Eu falei com Rafael — estreitei os olhos enquanto Dahlia mexia no celular, coisa que eu nunca a via fazer, e ela o desligou — Ele disse que está voltando de Charlotte — falou lentamente, como se temesse o efeito das suas palavras em mim.

— Que bom, não é? Ao menos *você* sabe o que ele faz ou onde diabos ele está — meu tom foi amargo, mas não exatamente mal educado.

— A verdade é que... Gostei de ter vindo aqui, senti falta de Harriet depois de passarmos tanto tempo juntas e também quis verificar se estava tudo bem... — Dahlia suspirou longamente e balançou a cabeça com sutileza — Mas você deve ter imaginado que eu não sairia da minha casa para bater papo, certo?

— É, foi o que eu imaginei. Qual o problema e por que não falou mais cedo?

— Estamos esperando por um convidado especial — inclinei o rosto e apoiei-o nos dedos com o cotovelo no braço da poltrona. Busquei alguma resposta em seu olhar, mas ele não me dizia nada — Eu não vou muito com a cara dos Hamilton, você sabe. Então, como isso só cabe a duas

NACIONAIS - ACHERON

peessoas, eu chamei Rafael para cá, espero que não se incomode.

— Eu... — fechei os olhos por um segundo e me levantei de súbito — Eu vou fazer um chocolate quente.

Como eu era uma vampira, infinitamente mais rápida que Dahlia, abri a porta no segundo em que bateram nela. Estava com meu chocolate quente na mão direita, tão quente que poderia queimá-la, e tive que engolir em seco com dificuldade ao ver Rafael diante de mim. E piscar duas vezes enquanto minha boca entreaberta fazia com que eu me passasse por boba diante dele, vendo-o tão diferente de como eu costumava ver.

Tinha os cabelos bagunçados e uma carinha sonolenta *sexy*, parecia ligeiramente cansado, como se não quisesse realmente estar ali, e sim, em uma enorme cama com cobertores quentes, usando roupas tão casuais que não pareciam ser *adequadas* para ele, que, desde que eu conseguia me lembrar, usava roupa social como se fosse um padrão de vestuário. Porém, naquele momento, usava uma calça preta semelhante ao jeans, mocassins escuros

NACIONAIS - ACHERON

e... Camisa xadrez preta e branca.

Meu queixo caiu por um momento enquanto eu o avaliava de cima a baixo, claramente incomodando-o, até que Rafael pigarreou, chamando pela minha atenção de volta ao seu rosto enquanto meus olhos passeavam pelo seu corpo sem nenhuma intenção em ser sutil ou disfarçar para que ele não visse.

— Não vai me convidar...

— É, claro — abri mais a porta e coloquei uma mecha do cabelo para trás da orelha, sentindo que Dahlia me olhava mesmo de costas para ela, enquanto fechava a porta — Você está bem? — fingi que meu chocolate era importante, segurando-o com as duas mãos para levá-lo aos lábios enquanto encarava Rafael, e, só então, notei que segurava um café, do qual ele nunca se separava e que senti pelo cheiro que era um *latte*. Sem açúcar.

Rafael olhou para Dahlia do outro lado da sala por um segundo, depois para mim, levemente confuso.

— Estou ótimo — ele deu um gole curto e rápido no café — E você? — a pergunta saiu estranha da sua boca, de modo que apenas assenti e passei por ele, convidando-o a me seguir e acomodar-se na
NACIONAIS - ACHERON

poltrona que ficava de frente para a lareira, de modo que ficasse no meio das outras duas, entre Dahlia e eu. Foi o que ele fez, com uma ligeira centelha de hesitação enquanto se acomodava.

Tive a impressão de que, tanto quanto eu, ele não sabia o que estava fazendo ali, e por isso, limitei-me a tomar meu chocolate enquanto olhava para Dahlia, afinal, se ela tinha nos *reunido* ali, era ela quem deveria começar a falar.

— Pois bem... — ela assim o fez, remexendo-se brevemente com desconforto — Nós sabemos as ameaças que pairam sobre nós — sobre *nós*, na verdade, pois Dahlia não se incluía, mas não a interrompi, apenas guardei o pensamento para mim — E eu os chamei aqui para focar em Esme e no que ela revelou sobre sua família — ela falou olhando Rafael, que anuiu em entendimento, tão lindo e sério que eu só ficava olhando para ele, que tinha o rosto parcialmente voltado para Dahlia — Eu sei que nenhum de vocês quer sequer imaginar perder de um vocês, mas todos temos que encarar que vocês não são imortais e eu tenho uma ideia de pode desfazer a ligação — ela alternou o olhar entre Rafael e eu para ter certeza se queríamos

NACIONAIS - ACHERON

ouvir sua ideia.

Enquanto ela não falava, mordi o lábio até doer e inclinei o rosto, fazendo meu cabelo se soltar de onde estivera atrás da minha orelha e uma mecha cair pelo meu rosto, incomodando-me.

— Que ideia? — meu tom sugeriu cautela, pois eu tinha aprendido que o que aquela cidade dava, ela tirava, e tudo chegava com um preço. Talvez alto demais para se pagar.

— Acredito que a mais eficiente de todas, seria encontrar o bruxo e *obrigá-lo* a desfazer a ligação, pois cada feitiço é único e não conseguiríamos desfazê-lo nem se passássemos dias e noites tentando. Mas, por fim, depois de pensar muito sobre isso, eu cheguei a conclusão de que existe um segundo método que pode funcionar — seu olhar se tornou preocupado e me mexi, desconfortável, puxando as pernas para a poltrona como se o clima tivesse se tornado gelado de uma hora para a outra.

— Qual? — o tom de Rafael foi tenso na mesma proporção do meu e ele inclinou o rosto; Rafael e eu estávamos cientes de que não gostaríamos do que estaria por vir, pois, como ela dissera mais cedo, nos envolvia diretamente. Estava quase

NACIONAIS - ACHERON

gritando por conta daquele suspense todo.

— Um casamento desfaria a ligação. *Talvez* — ela enfatizou bem aquela palavra para que não restassem dúvidas de que aquilo se tratava de um bom palpite, algo que *poderia* vir a funcionar. Quando viu em nossos rostos que não estávamos entendendo nada, ou que estávamos chocados demais, ambos boquiabertos e além de qualquer reação, Dahlia ficou mais ereta e sua voz adquiriu um tom explicativo: — Se um de vocês morrer, a ligação estaria desfeita, mas não faria sentido, porque todos morreriam também, então eu pensei... *Tirar* um elemento da conexão criada pelo feitiço seria o suficiente para ter o mesmo efeito.

— Você sugerindo que nos casemos? — um junco se formou entre as sobrancelhas de Rafael e ele se inclinou para frente.

— Um casamento de bruxo, claro. Mas você está separado mesmo e isso não os obrigaria de modo algum a viverem juntos, como casal — seu tom passou de explicativo para defensivo. Quanto a mim, excluí-me totalmente daquela conversa ao ouvir suas palavras sobre ele ter se separado; afundei na poltrona e tomei um gole do chocolate

NACIONAIS - ACHERON

quente como se fosse um tônico fortificante do qual eu precisava desesperadamente para recuperar minhas forças, como se fosse os brócolis do Popeye.

Como ele estava separado? Parecia que eu não sabia mais de nada do que acontecia a minha volta, e, também, por que ele se preocuparia em me contar sobre a sua vida se nem amigos éramos? Tentei manter a calma e não fazer uma cena, não falar nada.

— Mesmo assim, Dahlia... — ele gesticulou na minha direção — Você ao menos se deu ao trabalho de explicar a ela no que isso implica? O que significa um *casamento de bruxos*? Porque é importante que ela saiba.

— Que eu saiba, o quê? É um casamento feito pelo regente na presença do *coven*, não é? — tentei parecer uma *expert* no assunto, mas aquilo era tudo que eu sabia; não fazia a menor ideia do que aquilo implicava e franzi as sobrancelhas com suavidade ao olhar para os dois.

— Isso nos ligaria para sempre — ele olhou para Dahlia com intensidade, odiando-a um bocado naquele momento — e está *completamente* fora de

NACIONAIS - ACHERON

cogitação.

— Para salvar a sua família? É assim tão ruim? — ele fez silêncio por um segundo e ela continuou, definitivamente mais incisivo e ligeiramente irritada com ele, com suas palavras, aparentemente com tudo; afinal, Dahlia nunca fizera parte daquele circo todo e só estava ali para tentar ajudar — Qual a alternativa? Cassandra é casada com um humano, Cedrico está *morto* — ela ergueu a voz: — E, que eu saiba, Juliette é a única bruxa fora da sua linhagem que ainda se preocupa o suficiente para querer ajudar, então, é, essa foi a única ideia que eu tive, por isso, me avise se tiver uma melhor.

— Por que vocês estão brigando? — quase pulei da cadeira ao ouvir a voz de Harriet e virei a cabeça para vê-la descer as escadas devagar, com os grandes olhos arregalados e assustados; coloquei-me imediatamente de pé, larguei o chocolate no móvel ao lado do abajur e caminhei até ela, que me alcançou no último degrau.

Inclinei-me e beijei seu rosto, penteando seus cabelos para trás com os dedos: — Ninguém está brigando, querida — beijei seu rosto e esperei que ela comprasse minha desculpa esfarrapada — Quer
NACIONAIS - ACHERON

se sentar conosco? — ela fez que sim com um aceno tímido. Sabia que tínhamos muito que discutir, mas sabia também que não podia trancar Harriet no quarto a cada vez em que precisássemos lidar com um assunto sério. Peguei-a pela mão e sentei-a no meu colo enquanto Dahlia e Rafael, em silêncio, nos encaravam.

— Podemos discutir isso em outro momento — no segundo em que Rafael se levantou, deixando claro que não se sentir tão confortável ali quanto eu queria que ele se sentisse, e deixando claro que iria embora, abri a boca para protestar, mas fui interrompida por Harriet.

— Você vai embora? — seu tom foi baixo, tímido e Rafael inclinou o rosto ao olhar para ela, a quem envolvi meus braços e descansei a cabeça no encosto da poltrona.

— Tem umas coisas que preciso resolver, lindinha — ele sorriu e estendeu a mão para bagunçar seus cabelos, o que ela aceitou e retribuiu seu sorriso com um ainda mais amplo; ele flexionou os joelhos para olhar nos olhos dela, conseqüentemente, também olhando nos meus: — Mas eu volto depois, prometo — seu sorriso

NACIONAIS - ACHERON

desapareceu rapidamente quando olhou para mim: — Você deveria conversar com Dahlia — Rafael ficou de pé com um olhar duro — Depois a gente se fala.

Depois disso, ele se foi. Como se nos vermos depois não fosse algo o qual ele fizesse qualquer questão. Se aconteceria ou não, tanto faz. Então, algo me passou pela cabeça e Harriet se levantou para ir até Dahlia, ao que coloquei-me de pé no mesmo segundo.

— Dahlia...

Ela ergueu a cabeça enquanto passava os braços em torno de Harriet.

— Sim?

— Você se importaria em tomar conta da Harriet por uma hora?

— Claro que não, estou morrendo de saudades dela — minha menina sorriu, assim como Dahlia — Está tudo bem?

— Está, claro. Eu só tenho que fazer uma coisa... — deixei a frase no ar e saí quase tropeçando nos móveis. Alcancei a chave do carro do outro lado da sala, ao lado do abajur mais perto da porta, e meu celular.

— Você vai sair descalça? — quando Dahlia falou, olhei para os meus pés e lembrei que estava de meias. Balancei a cabeça em confusão e umedeci os lábios, olhando a minha volta até achar minhas botas de salto quadrado e enfiei-me nelas antes de sair correndo na direção da porta.

— Eu volto logo.

Parada no caminho da luz^[38]

Mordi o lábio e suspirei enquanto o apertava com tanta força quanto eu conseguia. Meus braços estavam tão apertados em torno do seu pescoço e meu rosto tão firmemente pressionado contra seu pescoço que Markos cautelosamente ergueu as mãos e me abraçou de volta. Tinha um pouco de receio no começo, mas conforme os segundos se estendiam, ele apertou os braços a minha volta e me abraçou de verdade.

— O que houve?

— Você é o meu único amigo — afastei-me com um sorriso ensaiado no rosto e respirei fundo. Assim que eu ligara para ele, Markos me mandara

ir para a casa do irmão, que, segundo ele, também era dele.

Markos franziu o cenho em confusão. Estava na mesma sala da lareira, mas havia mais móveis do que na última vez em que estivera ali. No fundo da sala, no centro, tinha um moderno som, de onde se fazia ouvir pelo cômodo uma música meio romântico do Andrew Belle, mas que tocava baixa. De frente para a porta, um pouco a esquerda, havia uma ampla e extensa mesa de bebidas e Markos parecia confortável em uma calça e camisa folgadas em tons claros.

— Isso é um problema? — ele puxou meu ombro e me fez entrar na sala iluminada somente pela luz do fogo que crepitava na lareira, em seguida, fechou a porta e gesticulou na direção do sofá para que eu me sentasse.

— Não, é que... — sentei-me no sofá e esperei que ele fizesse o mesmo, mas ao invés disso, ele passou por mim e foi até a mesa de bebidas, serviu generosas doses de uísque e se sentou ao meu lado, oferecendo-me uma — Estou ficando viciada nisso — sorri e segurei o copo com as duas mãos antes de levá-lo aos lábios.

NACIONAIS - ACHERON

— Não existe coisa melhor no mundo para se ficar viciado — Markos apoiou o braço esquerdo no sofá e relaxou os ombros com um sorriso. Seus cabelos estavam desalinhados e ele parecia incomummente casual sob aquele ângulo escurecido — Então, o que aconteceu?

— É tão obvio assim? — abaixei o olhar para o copo e girei-o, fitando o líquido se movimentar enquanto eu mordia o lábio, repentinamente séria.

— Um pouco — ergui o olhar e contei tudo a ele. Absolutamente tudo porque, naquele momento, eu não tinha nenhum amigo e ninguém em quem confiar ou para quem contar o que tinha acontecido naquela tarde maluca e, para mim, confusa demais. Quando terminei, Markos me olhou com aquela expressão reflexiva e virei todo o conteúdo do copo de uma vez — Você está bem com tudo isso?

— Eu sempre estou bem — coloquei o cabelo para trás da orelha dos dois lados, em seguida, olhei para cima antes de voltar meu olhar até o seu — Eu só... Isso mexeu comigo de um jeito que eu não entendo. Quero dizer... — engoli em seco por um segundo — Eu não faço a menor ideia do que isso significa, mas... Eu sei que eu faria se fosse para

NACIONAIS - ACHERON

salvá-los...

— Eu te explico o que isso quer dizer — fiquei girando o copo entre as mãos, escutando o tilintar do meu anel contra o vidro, mais uma lembrança de Rafael passou pela minha cabeça. Da noite que passáramos juntos e de eu ter acordado no dia seguinte em seu carro, depois, de ele ter me dado o anel enquanto estávamos *de bem*. Mas afastei as lembranças para bem longe na minha cabeça e me concentrei em Markos — Quando dois bruxos se casam, isso inclui uma cerimônia toda formal diante de todo o *coven* a que eles pertencem e diante da regente. Essa cerimônia é irrevogável e eterna, significa que não pode ser desfeita e acho que ele quis que você entendesse as consequências disso antes de concordar, o que é honrável da parte dele, mesmo que isso, possivelmente, salve a sua família.

— Eu ainda não entendi o ponto negativo desse... *Casamento* — franzi o cenho e umedeci os lábios secos com a língua, começando a sentir os efeitos do uísque, mesmo que fossem mínimos. Markos se endireitou e mordeu o lábio inferior por um segundo.

NACIONAIS - ACHERON

— Vocês estarão conectados para sempre. Acho que você não entende as dimensões dessa ligação — ele balançou a cabeça de modo sutil.

— Não, eu acho que entendi, Markos — murmurei, olhando em seus olhos profundos e misteriosos.

— Se ele respirar, você poderá senti-lo, Rafael poderá sentir igualmente se você se machucar. E você nem imagina como pode ser se um dos dois morrer.

— O quê? O outro também morre? — estreitei os olhos com os lábios entreabertos, curiosa como se escutasse uma historia de terror.

— Você o ama agora, sofreria se ele morresse, certo? — eu era mesmo tão óbvia? Porque parecia que todo mundo sabia melhor sobre os meus sentimentos do que eu conseguia defini-los; Markos me esperou confirmar com um aceno tímido antes de continuar: — Imagine a sensação de ter seu coração arrancado de você enquanto você vive e respira, mas deseja não poder fazê-lo. Você pode não morrer, mas vai desejar estar morta para não se sentir do jeito como irá se sentir... — meus olhos se moveram pelo seu rosto por um momento

NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu buscava dentro de mim palavras que fizessem sentido.

— Mas... — murmurei tão baixo que mal pude me ouvir, mas Markos, sim — A intenção toda disso é salvá-lo.

— Não finja que estou falando uma bobagem, por favor... Rafael é tão mortal quanto uma rosa, não me diga que nunca pensou nisso. Que você não o protegeria se pudesse e nunca se pegou pensando nessa possibilidade... — finalmente soube o que via em seus olhos e minha conclusão me fez empertigar os ombros.

— Você perdeu alguém? — durante um segundo, ele não respondeu: — Alguém que você amava e com quem você se importava tanto quanto eu me importo com Rafael. Não foi?

— Não vou falar sobre isso — ele confirmou minhas suspeitas e desviou o olhar do meu para a lareira e virou o último gole do seu uísque com uma dor estranha em seu olhar. Sem me lançar outro olhar, ele pegou o copo que estava em minhas mãos e se levantou para ir até a mesa de bebidas e servir-nos de outra dose — Você precisa de outra dose para parar de falar bobagens — Markos

NACIONAIS - ACHERON

balançou a cabeça como se eu tivesse ficado maluca ao mencionar aquilo, e me vi estranhamente interessada de uma hora para a outra.

Markos foi colocando uísque em meu copo com ar cético, depois no seu, e quando achei que fosse tampar o cantil elegante, ele voltou e encheu mais o copo. Não sabia como andava a tolerância de um dragão, mas sabia que a sua era bem mortal pelo que já tínhamos ficado bêbados em nossas viagens pelo Velho Mundo. Com um olhar amargurado, ele me entregou o copo e se sentou ao meu lado para beber um longo gole. Estava distante, seu olhar parecia perdido e sua atenção imersa no fogo enquanto eu girava o copo com um milhão de perguntas na minha cabeça.

— Markos... — inclinei-me para frente na tentativa de captar seu olhar, mas ele o desviou do meu com precisão — Você pode falar, se quiser — ele não falou nada, se fechou ainda mais e terminou sua bebida como se fosse água, claramente remoendo alguma coisa dentro de si — Eu não quero ser o tipo de pessoa que vem aqui contar os meus problemas...

— Não, está tudo bem — ele se virou, com o

NACIONAIS - ACHERON

queixo erguido, parecendo me avaliar quando estreitou os olhos — Eu não quero falar, está bem? — não pareceu algo com que eu pudesse debater, então concordei com um aceno débil; bem, se ele não queria dizer, não havia muito que eu pudesse fazer ou falar.

— Acho melhor... — levantei-me com um ar estranhamente hesitante, parada diante dele enquanto tinha meu lábio inferior entre os dentes e uma expressão indecisa — Eu ir embora — com minha velocidade vampira, caminhei até a mesa de bebidas, deixei o copo e voltei-me a ele: — Nos falamos depois.

— Não, não precisa ir embora — ele desfez rapidamente a expressão tensa que tinha no seu rosto por algo mais suave, gentil e fez menção em se levantar — Você queria falar...

— Tudo bem, eu falei. Obrigada por ouvir, mas eu... Ahn... Preciso ir — esbocei um sorriso e me inclinei para lhe dar um meio abraço e depositar um beijo no seu rosto — A gente se vê depois — murmurei e me afastei.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 4 — Eles têm medo de algo que não entendem

Estou começando a me curar

E encontrar alguma fé

Você era tudo para mim e eu implorei a você que não fosse embora

Éramos muito jovens quando eu te vi pela primeira vez

Eu fecho os olhos e os *flashbacks* começam

Se você me machucar, tudo bem, querida, somente as palavras sangram

Minha linda amada, éramos perfeitos um para o outro

Eu estava errado

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 4

Eles têm medo de algo
que não entendem [\[39\]](#)

Estou começando a me curar... [\[40\]](#)

Remexi-me na cama e escutei a chuva do lado de fora enquanto abria os olhos. Tinha dormido de bruços e meus cabelos estavam uma bagunça quando o fiz, sem querer me livrar dos cobertores durante o dia inteiro. Podia ficar lá para sempre, na cama quente, envolta em lençóis quentes, mas alguém puxou o cobertor quente de mim, me fazendo gemer e me virar.

— Acredito que você já tenha dormido o suficiente para uma vida inteira — esfreguei o rosto com a mão direita, certa de que estava sonhando ao ver Rafael diante de mim tão cedo.

— Você deveria tentar dormir, está começando a afetar o *meu* sono — meu tom soou despropositalmente mal humorado. Odiava acordar cedo, aquela era a verdade, e Rafael adorava; adorava, sobretudo, *me* acordar cedo. Tinha que me lembrar de trancar a porta da próxima vez.

— Nós temos que conversar — estava todo bonito sério, mas não irritado, ainda mais usando xadrez. De tirar o fôlego. Sentei-me sem conseguir imaginar um jeito melhor de acordar que não fosse ele me acordando, não importando como fosse.

Mordi o lábio e suavizei minha expressão, despertando e me lembrando de tudo o que tinha acontecido no dia anterior. Tinha que concordar que uma conversa naquele momento era inevitável, necessária, até. Por isso, joguei minhas pernas para fora da cama e retorci os lábios ao erguer o queixo e fitá-lo.

— Posso lavar o rosto?

— À vontade — caminhei até o banheiro, preendi o cabelo em um rabo de cavalo frouxo, peguei minha escova e coloquei-a na boca enquanto fitava Rafael através do espelho. Era incrível como, a primeira vista, tudo passava despercebido e tudo o

NACIONAIS - ACHERON

que eu conseguia notar era seus lindos olhos e como pareciam cada vez mais lindos a cada vez em que eu o via, pois, só então, vi que ele tinha uma maçã verde na mão direita — Espero que não se importe... Não tive tempo para um café descente no caminho — franzi o cenho.

Por que não acordar e ao menos comer antes de ir *me* acordar? Lavei o rosto com a água morna e sequei-o antes de retornar ao quarto, sendo seguida pelo olhar atento de Rafael, que via cada passo que eu dava como se fossem importantes: — Algum problema com a sua família? — foi a pergunta mais apropriada a se fazer. Rafael ergueu os ombros.

— Estou ficando na casa da Eva, na verdade — estreitei os olhos e olhei para ele. Pouco a pouco, ficamos mais perto para sair do quarto e tomar nosso caminho pelo corredor a passos lerdos — As coisas podem ser um pouco intensas com a minha mãe.

— Sua mãe está aqui?

— É, ela chegou ontem e não me deixou em paz até eu sair — seu humor parecia estranhamente leve, e como estava tão falante, decidi perguntar também; no fundo, tinha que assumir a mim mesma

NACIONAIS - ACHERON

que tinha ciúme dele com Eva, contudo, antes que eu falasse, Rafael prosseguiu após uma hipnótica mordida na maçã enquanto eu enfiava as mãos nos bolsos da calça e descíamos as escadas juntos: — Eu conheci a mãe dela, Amanda — ele balançou a cabeça — Uma mulher e tanto — de algum modo, eu sabia que aquilo não significara o que tinha soado, assim, ele reduziu a voz a um murmúrio: — Na primeira vez em que a vi, ela me disse que tinha um caso com o meu pai quando ele vivia aqui...

Virei-me para ele com o olhar arregalado. Que audácia daquela mulher! Por um segundo, fiquei apenas boquiaberta e encarei-o enquanto Rafael me guiava a uma direção por onde eu nem sabia que estava indo, mas quando me dei conta, estávamos no fim da escada, indo na direção da cozinha.

— Eu sabia... Acho que te disse isso... — gaguejei e abaixei o olhar conforme nos aproximávamos da cozinha e nós dois paramos.

— É claro, você me disse — anuí e ergui o rosto para avistar Harriet na cozinha. Ela estava comendo, para minha surpresa, comida de verdade, não coisas compradas enlatadas. Tinha ovos, bacon e panquecas, as quais ela comia com calda de

NACIONAIS - ACHERON

chocolate — Esqueci-me de dizer que tinha uma criança faminta quando entrei... — ele brincou e sorri quando ela acenou para mim.

Lentamente me aproximei, encontrando tudo arrumado, tão arrumado que parecia estranho e fora do lugar.

— Acho que hoje teremos café da manhã descente — brinquei e Harriet sorriu, catando uma fatia de bacon do prato diante dela. Também tinham torradas, o que eu gostava de comer com todo o tipo de coisa como cobertura pela manhã.

— Meu irmão cozinha melhor que você, mãe — acabei rindo ao me debruçar sobre o balcão, sentindo os passos de Rafael enquanto ele se aproximava devagar. Me sentia imensamente inundada de felicidade ao ver os dois se dando tão bem.

— Isso é um fato, eu prefiro ser aquela que come — provei o bacon e exprimi um som constrangedor de quem apreciava uma boa e simples refeição — Está ótimo, eu não sabia que você cozinhava — ele terminou a maçã e parou ao meu lado com um sorriso modesto.

— Não dá pra comer pizza todo dia. Apreendi isso

NACIONAIS - ACHERON

na faculdade — quando ele se virou, mordi o lábio e fiquei séria.

— O que você estudou na faculdade? — vi-me repentinamente tomada pela curiosidade enquanto Rafael me servia café.

— Direito — aceitei o café ainda mais tentada a descobrir o que pudesse sobre ele.

— E quando você casou com a Lauren? — sua expressão mudou e ele inclinou o rosto.

— Há uns cinco ou seis anos — se ele não sabia ao certo quando se casara, eu gostaria de saber melhor o que aquilo significava. Contudo, limitei-me a beber meu café, aliás, tomar café parecia ser a única coisa que fazíamos juntos.

Fiz um movimento afirmativo com a cabeça, esperando que o seu bom humor durasse um pouco mais para que eu desfrutasse dele nem por um dia que fosse depois de todo aquele amargo. Provei seu café, forte e amargo, e aceitei as panquecas que ele colocou diante de mim, agradecendo com um sorriso. Sentei-me ao lado de Harriet e comemos juntas por um momento e não tirei os olhos de Rafael; eu tinha um bocado de perguntas na minha cabeça. Tinha uma imediata e repentina curiosidade

NACIONAIS - ACHERON

em saber tudo sobre ele, sobre a sua vida, tudo o que ele tinha feito nos últimos anos, as coisas que ele tinha experimentado e... Tudo.

Mas o que dominava meus pensamentos por inteiro, que ia além de qualquer curiosidade, era o que Dahlia tinha falado sobre Lauren e ele terem se separado, sobre ele ter ido passar o fim de semana em Charlotte e o que exatamente teria acontecido entre os dois. Lauren era o ser mais misterioso que eu conhecia; uma incógnita. Em uma hora, ela me odiava, noutra, queria ajudar e eu já tinha desistido de tentar compreender seu comportamento. Mas quando se tratava de nós duas com Rafael no meio, ela podia ser um pouco possessiva e assassina.

— Então... — ergui os olhos até os dele enquanto mastigava e gesticulei com o garfo para tentar aparentar desinteresse quando eu estava praticamente roendo as unhas — Está tudo bem em Charlotte?

— Sim, claro — ele colocou um pouco de café em uma caneca e bebeu-o a goles curtos enquanto estreitava seu olhar, avaliando-me com cuidado, como se não entendesse o meu interesse em Lauren e na sua vida, ou no que ele fazia — Você falou

NACIONAIS - ACHERON

com Dahlia sobre... — ele deixou a frase no ar.

— Na verdade... — mordi o lábio inferior e retorci os lábios, pousando o garfo no prato com cuidado — Eu falei com o meu amigo da CIA, Markos — Rafael ergueu as sobrancelhas de modo suave, como se não entendesse como Markos se encaixava naquilo, mesmo ciente de que ele estava tão envolvido naquilo como nós — Acho que tudo ficou muito claro pra mim agora — ele fez que sim com suavidade e apoiou a mão direita no balcão, calmo e reflexivo.

— Ele te falou sobre a ligação? — fiz que sim timidamente, com os cotovelos apoiados sobre o balcão e o coração loucamente disparado no peito.

— Eu sei que deve ser tudo muito repentino e que... Você não quer fazer isso, mas poderemos seguir em frente com as nossas vidas quando tudo isso tiver acabado — engoli em seco, falando do modo mais lento possível, como que na intenção de fazê-lo entender como aquilo era importante.

— Acho que... — ele abaixou os olhos para o balcão, com uma dor evidente em seu rosto, parecia angustiado, agoniado — Nós precisamos de um tempo para pensar isso — ele balançou a cabeça

NACIONAIS - ACHERON

como se confirmar aquilo a si mesmo fosse fazê-lo sentir-se melhor.

— De qualquer maneira... Você sabe que eu faria se fosse salvar a sua família, não sabe? — para salvá-lo, aquela era a verdade. Rafael fez que sim.

— Eu sei, e sei que isso significa *muito* para mim, para todos nós, mas é uma ligação, uma *conexão* muito profunda para atirar isso em nossos colos e nos fazer decidir em um piscar de olhos.

Anuí com tranquilidade. Eu entendia como ele se sentia, claro. Quando Rafael se virou; virei-me para Harriet, que terminava seu suco de laranja e me ofereceu um sorriso enquanto eu deslizava os dedos pelos seus cabelos: — Mãe... O que está havendo? — ela perguntou, preocupada.

— Está tudo bem, minha querida. Você quer fazer alguma coisa hoje? — como não tinha nada a fazer, então poderia me ocupar com o que Harriet quisesse nos ocupar.

— Podemos ir ver o tio Markos? — abri a boca e capturei os movimentos de Rafael com o canto dos olhos, hesitando em oferecer uma resposta a minha filha. Depois da noite anterior, eu não podia determinar com exatidão como estávamos, ou se

NACIONAIS - ACHERON

era a pessoa favorita dele. Nem mesmo se ele gostaria de me ver, contudo, depois de toda a conversa sobre ser amigo de Joseph, eu podia ao menos dar uma chance.

— Ele deve estar ocupado. Mas vou ligar para ele — ela sorriu amplamente e deslizei os dedos pelos seus cabelos — Termine seu café, querida — nem eu tinha terminado o meu quando saí da cozinha, gesticulando para que Rafael me seguisse.

— Então, qual a coisa com esse cara? — foi a primeira coisa que Rafael perguntou quando estávamos longe o suficiente para que Harriet não o escutasse, o que me fez franzir as sobrancelhas, estranhando sua pergunta. Na verdade, eu não sabia qual era minha coisa com Markos.

Sabia que, em algum nível, onde ele e meu marido tinham mentido para mim durante anos, eu confiava nele. Confiar era uma palavra difícil naqueles tempos, e se eu confiava nele já significava muito, até poderia chamá-lo de aliado a depender da situação, mas não o conhecia, de fato. Não sabia absolutamente nada sobre ele nem quando trabalhávamos juntos, menos ainda sobre sua vida sobrenatural e secreta. Comprimi os lábios

NACIONAIS - ACHERON

e peguei o telefone; abri a boca para falar, mas as palavras não saíram de imediato.

— Ele é um bom amigo — balancei a cabeça como que para confirmar minhas palavras.

E encontrar alguma fé^[41]

Quando Rafael não falou nada, disquei os números de Markos e encarei-o, esperando que Markos atendesse ou Rafael falasse qualquer coisa, pois seu olhar era veemente e desestabilizador. No terceiro toque, ele finalmente atendeu: — Loirinha... O que posso fazer por você? — para minha surpresa, não foi Markos quem atendeu, e sim, Alaric. Franzi o cenho e girei nos calcanhares para ficar de costas para Rafael, pois o modo como me olhava impedia-me de formular frases coerentes.

— Eu, ahn... Onde o Markos está?

— Resolvendo assuntos da Inteligência, algum problema? — demorei um segundo para responder e Alaric continuou, sério: — Você saiu quase

correndo daqui ontem...

— Não... — ergui os dedos da mão direita e deslizei-os pela testa — Não, está tudo bem, nós só conversamos e a coisa ficou estranha... De qualquer maneira — balancei a cabeça e deslizei a língua pelos lábios —, peça a ele para me ligar quando estiver aí.

— Está bem — com isso, desligamos e me virei de volta para Rafael — Então... O que sua mãe está fazendo aqui? — foi a primeira pergunta que saiu da minha boca, de modo involuntário — Aliás, onde ela mora?

— Em Nova York — falou sério, com os olhos fixos nos meus — Achamos melhor manter todo mundo junto, sabe? — fiz que sim de modo débil — Enquanto decidimos o que fazer...

Recostei-me na parte detrás do sofá e recoloquei o telefone sem fio no gancho e mordi o lábio.

— Como está a Esme? — meu tom diminuiu de maneira notável e Rafael mudou de posição, aparentemente desconfortável.

— Ainda viva. Você pensa em contar para a Harriet sobre ela? — ele murmurou e cruzou os braços na altura do peito, repentinamente perto

NACIONAIS - ACHERON

demais de mim. Inflei o peito sem saber o que dizer.

— Na verdade, não. Talvez se ela fosse mais crescida, mas Harrie é tão pequena, tão inocente... Eu não tenho o direito de tirar isso dela. Se eu decidisse contar, teria que deixar tudo claro. Sobre ela ser adotada, sobre toda essa loucura nas nossas vidas... Sobre os motivos da Esme e os pais biológicos dela terem sido assassinados — minha voz era mínima e eu prestava demasiada atenção a tudo a minha volta, como se Harriet pudesse surgir no ar a qualquer segundo — É melhor deixar isso como está — mudei de posição, prestes a continuar quando ele me interrompeu, no mesmo tom mínimo, mas mais suavizado do que o usual.

— Eu sei que temos brigado sobre ela e esses dois dias longe me fizeram pensar sobre os seus motivos, me fizeram... — ele apertou mais os braços e estreitou os olhos por um segundo; eu quase podia ver como ele procurava as palavras adequadas, escolhendo-as com demasiado cuidado — *Tentar* entender você. E não estou generalizando, mas... Estive tentando negar isso por muito, como se não me interessasse saber, só

NACIONAIS - ACHERON

que eu quero. Quero entender você, a pessoa que você se tornou agora e o quanto você mudou em tanto tempo. Por isso, acho que não tinha um ponto de partida mais adequado do que começar por Esme, que foi a pessoa que nos reuniu, em primeiro lugar.

— E você entendeu agora? — minha voz soou mais calma do que eu me sentia naquele momento, pois aquela conversa guiava-nos em direções diferentes para as quais eu queria.

— Em parte. Não vou dizer que não acho mais que você é maluca, porque eu acho, não vou mentir... Mas é que nunca me senti assim, sabe? Além de você, nunca me importei com alguém ao ponto de pensar no que essa pessoa poderia pensar das minhas ações... Tem a minha família, é claro, mas... Eu tentei pensar sob esse ângulo, em como você age com a Harriet, desse modo altruísta.

— Esse tempo todo, nós tentamos preservá-la, preservar sua inocência... Harriet não sabe que eu sou uma vampira e só contei a ela sobre bruxaria porque ela começou a desenvolver a dela muito cedo... Eu não sei como isso vai acabar, mas talvez o tempo passe e... Se Esme estiver viva no fim de

NACIONAIS - ACHERON

tudo isso, se tiver desistido dessa *vingança* sem sentido, *talvez* um dia Harriet vá saber sobre ela. Não agora — respirei fundo.

— Eu admiro isso, ela não tem nada a ver com isso — de repente ele se virou e descruzou os braços, permitindo-me notar uma nuance em seu olhar antes que o fizesse, deslizando os dedos pelos cabelos.

— Está tudo bem? — afastei-me do sofá, porém, quando dei um passo a frente, ele fez o mesmo para trás.

— Está — mordi o lábio, querendo insistir, mas sabendo que era melhor não, recuei um passo enquanto Rafael claramente se recompunha e se virava para mim mais uma vez, com o semblante mais duro e pragmático.

— O que a gente faz agora?

— Eu vou embora, tenho que falar com Dahlia — inesperada e surpreendentemente, ele se inclinou para me abraçar, depositando um beijo no meu rosto — Nos falamos depois — quando murmurou, tudo que consegui fazer foi assenti e deixá-lo se afastar.

Quis agarrar aquela camisa xadrez que ele usava,
NACIONAIS - ACHERON

agarrá-lo com força e mantê-lo perto de mim por mais um momento, pois a tensão entre nós era mais do que palpável, era inegável, e senti-lo se afastar me causava uma inexplicável dor física; por mim, ele poderia me abraçar para sempre e eu ficaria ali, no meio da sala, agarrada a ele nem que fosse em um simples abraço.

Mas Rafael se afastou rapidamente com um olhar de culpa e, sem mais uma palavra, foi embora.

Segundos depois, Harriet apareceu na sala e esbocei um sorriso para que ela não fizesse perguntas sobre o que estava acontecendo, pois nem eu sabia o que estava acontecendo direito para ser capaz de explicar a ela.

Abaixei e abracei-a por um segundo.

— O que acha de fazermos uma coisa legal hoje?

— Como o quê?

— Venha, eu tenho uma ideia.

Você era tudo para mim e
eu implorei a você não
fosse embora^[42]

Com as mãos firmemente enfiadas no bolso do meu casaco escuro, apertei meus dedos enquanto a chuva fazia barulho ao cair contra o telhado e molhava a pequena parte de cimento a minha frente antes de escorrer até a grama verde. Harriet estava estranhamente quieta e parecíamos ter encontrado uma paz pacífica e silenciosa.

— Meu pai gostava daqui — ela tirou a mão direita do bolso para apontar na direção do céu cinzento com nuvens cinzentas a nossa frente —

Ele me disse que quando fazia sol, ficava tudo bonito no céu e iluminado, antes de me trazer aqui — sorri para ela e Harriet o retribuiu, meio triste antes de enfiar a mão mais uma vez em seu casaco.

— Você está bem, *Schatz*? Eu sei que sente falta do seu pai...

— Eu estou bem — Harriet parecia tão séria que eu esperava que tivesse algo de errado em seu humor, assim, mordi o lábio, calculando qual seria a pergunta certa a se fazer — Eu quero aprender magia.

— O quê? — balancei a cabeça em confusão, sem ter certeza se ouvira direito suas palavras.

— Você disse que eu sou uma bruxa, por que não posso aprender a fazer feitiços?

— Harrie... — comecei a falar em um tom transtornado, mas fui drasticamente interrompida pelo som de passos e me virei para ver Dahlia sair da casa para se aproximar, me fazendo inclinar o rosto, boquiaberta.

— Ela está certa — Harriet se virou mais devagar, igualmente atenta às palavras de sua avó maluca — Toda bruxa deve ter o poder de controlar sua magia.

— Do que você está falando? Ela tem sete anos, Dahlia! — estreitei os olhos com raiva, deixando claro com um olhar para ela dar um passo para trás e parar de se intrometer nos meus assuntos com a minha filha.

— Mas eu faço oito em alguns dias — ela girou e parou de frente para mim, escolhendo o lado daquela mulher louca ao meu; sua posição era bem clara — Eu sou crescida o suficiente, além disso — Harriet ergueu o queixo, crescida demais para o meu gosto, enquanto o meu caía —, quem vai tomar conta de você?

— Harriet... — deslizei a língua pelos lábios e tirei as mãos do casaco de modo abrupto, tentando encontrar alguma entrada, mas não conseguia através daquele olhar duro e irreconhecível — Não cabe a você a tarefa de me proteger, sou eu quem deve protegê-la, Harrie... E eu irei protegê-la, eu irei até onde eu precisar ter que protegê-la...

— Mas eu quero. Se eu sou uma bruxa, por quê não posso aprender? — engoli em seco, usando de todo o meu autocontrole e empertiguei meus ombros.

— *Schatz...*

NACIONAIS - ACHERON

— Eu quero ficar com a minha avó — ela chegou mais perto de Dahlia, que colocou o braço em torno dos ombros da minha filha. *Minha*. Dei um passo para trás, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo ali, pois a cena toda parecia ser um filme de horror; franzi as sobrancelhas, sentindo-me horrível e amargamente traída pela minha filha e pela mulher que eu considerava ser uma aliada. Até uma amiga.

Mas eu não ia deixar aquela mulher colocar coisas na cabeça de Harriet daquele jeito. Não, de jeito nenhum: — Não, você não vai ficar com a sua *avó* — olhei bem para Dahlia para que ela entendesse quem dava as cartas por ali, que ela não podia fazer minha filha pensar que praticar magia e aprender feitiços era a coisa mais divertida do mundo.

— Mas eu quero ficar — Harriet deu um passo para trás com o olhar assustado, não fazendo a menor ideia do quanto estava me irritando e me deixando perto de rasgar o pescoço da pessoa mais perto de mim; Dahlia, naquele caso — Não quero ir com você...

— Eu não estou pedindo, estou mandando. Você vem comigo — a raiva crescia como se fosse uma
NACIONAIS - ACHERON

coisa viva em mim, enraizada e poderosa.

— Juliette — escutei meu nome e vi Rafael surgir na porta atrás de Dahlia, para se aproximar de mim, sendo a última pessoa no mundo capaz de me acalmar, sendo assim, a última que eu queria ver naquele momento, contudo, ao escutar meu nome na sua boca, respirei fundo e tentei me controlar, conseguindo não implodir, com dificuldade. Ele parou ao meu lado para falar baixo o suficiente para que só eu pudesse captar suas palavras com minha audição vampira: — Você a está assustando, venha comigo, respire por cinco minutos, por favor...

Sentindo-me incrível e irremediavelmente contrariada, ainda mais quando Dahlia deu um sorrisinho de vitória, segui Rafael até a calçada enquanto uma raiva tomava conta de cada fôlego meu e me cegava. Queria estrangular aquela mulher e drenar o sangue dela.

— O que deu em você? — suspirei ao encontrar seus olhos, que se moveram pelo meu rosto com preocupação, talvez pela hipótese de eu ter pirado de vez, e, de alguma maneira que eu não conseguiria explicar em mil anos, aquilo era tudo o que eu precisava — Juliette... — seu tom foi baixo

NACIONAIS - ACHERON

e parecia temer que eu fosse surtar de uma hora para a outra, porém, de modo inesperado, abracei-o. Surpreendi a nós dois em um ato desesperado na posição em que eu estava, sem nem saber mais o que fazer. Meu peito doía e eu não conseguia respirar enquanto ia apertando meus braços em torno dele, soluçando copiosamente sob a cobertura, bem no meio da calçada — Você está bem? — Rafael me envolveu lentamente com seus braços e arquejei.

— Eu não sei — foi tudo que consegui dizer, sem fazer a menor ideia de como me sentia. Parecia que um rolo compressor tinha acabado de me amassar e eu não sabia colocar exatamente em que pé estava, só queria abraçar Rafael e estar perto de alguém que eu conhecesse tão bem quanto a mim mesma.

— Olha pra mim — fechei os olhos com força enquanto ele me afastava e segurava meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha com cuidado — Se acalma — balancei a cabeça; era o que eu estava tentando fazer a cada respiração e conseguindo com muita lentidão. Só quando comecei a fazê-lo foi que me dei conta de que estava morrendo de fome, quase que

NACIONAIS - ACHERON

literalmente, como se minhas veias parecessem lixas dentro de mim, esfregando-se umas contra as outras e o som do sangue de Rafael pulsando parecia uma tortura para os meus instintos como o modo com que ele me olhava era uma tortura para o meu coração — O que aconteceu?

— Dahlia aconteceu — balancei a cabeça — Eu não quero isso para a Harriet... — fi-lo de modo mais veemente, mordendo o lábio até sangrar, no meu extremo; tanto emocional quanto na minha sede quase incontrollável e no modo como eu desejava sangue além de qualquer limite sano; dei um abrupto passo para longe dele, deixando seus braços no ar e me molhando antes de voltar à cobertura — Eu não posso deixá-la no meio disso...

— Me escuta... — sua voz parecia um sopro de razão me invadindo em meio a tanto caos interno — Você confia *em mim*? — levei um segundo para conseguir me concentrar e assentir — Vem comigo, cinco minutos... Você precisa se acalmar e está assustando Harriet, até a mim, na verdade... Então, por favor, respire fundo antes que faça algo que vá se arrepender.

NACIONAIS - ACHERON

Fiz que sim, sem conseguir me concentrar por completo em suas palavras durante um instante. Ao fim dele, inclinei o rosto e espalmei os dedos em minha testa; tinha plena consciência do que minha sede por sangue poderia me causar e/ou me levar a fazer, mas nunca deixaria chegar àquele ponto com Rafael. Nunca.

— Está bem, eu não quero que Harriet me veja desse jeito, eu preciso...

— Se alimentar — ergui os olhos e demorei um segundo para responder — Vem aqui — dei dois passos na sua direção e Rafael me levou até seu carro, que estava parado no meio-fio. Depois de abrir a porta para mim, tirei o casaco e fiquei com uma blusa sem mangas colada ao corpo; Rafael entrou todo molhado no carro e deu a partida enquanto eu respirava fundo ao observá-lo.

Estava congelando do lado de fora, mas ali dentro era quente como se eu tivesse saído da Sibéria para entrar em um forno bem aquecido, o que, por um lado, era reconfortante, pois assim meus dedos não congelariam, contudo, por outro, minha temperatura já era alta o suficiente sem o aquecedor ligado, e eu não podia nem mais responder por mim

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

enquanto Rafael dirigia. Eu estava meio *exaltada*, para dizer o mínimo, mas sua proximidade seria capaz de derreter o maior dos icebergs dentro de mim e me fazer ser o mais humana, mais do que uma humana de verdade. Não havia o que ele não provocasse em mim se não quisesse.

E em meio a meus devaneios, avaliei sua calma plácida e o quanto amá-lo era potencialmente perigoso e me colocava em uma linha tênue entre meus sentimentos e a minha moral. Sobretudo, sobre os sentimentos que eu tinha sobre a memória de Joseph.

Éramos muito jovens quando eu te vi pela primeira vez^[43]

Naquele momento, sentia-me livre de qualquer embaraço, sendo assim, fui direto ao ponto com ele, sem enrolar porque minha curiosidade estava a ponto de me matar: — Porque você e a Lauren se separaram?

— Isso não importa — por um momento, ele pareceu surpreso por eu saber, e depois, foi como se simplesmente se fechasse — Juliette, olha...

— Por quê? Porque você não a ama o suficiente?
— nem eu entendia como aquelas palavras saíam

da minha boca ou como eu tinha coragem o suficiente para pronunciá-las, mas meus anseios e instintos conseguiam, de alguma forma, sobrepor qualquer razão ainda existente em mim — Ou por quê *alguma coisa* aconteceu?

— Julies, por favor... — seu tom sugeria uma iminente agonia, como se lhe causasse alguma dor; aquele olhar dele, em qualquer outro momento, teria sido o suficiente para me fazer parar de falar sobre coisas que, claramente, o magoavam, mas eu não podia dizer que estava pensando direito naquele momento. Sentia-me impulsionada única e exclusivamente por instintos e impulsos selvagens que percorriam meu corpo como uma corrente elétrica, me dando energias e um novo fôlego — Não vamos falar nisso, Lauren não tem...

— Você sabe que não é só curiosidade — do lado de fora, um trovão se fez ouvir enquanto a chuva se intensificava, de modo que tive de aumentar minimamente o tom da minha voz: — Você e Lauren estão *juntos* há tanto tempo... Desde muito antes de nos conhecermos, então, se você tomou essa decisão... — deixei a frase no ar por um segundo, esperando que ele dissesse alguma coisa

NACIONAIS - ACHERON

quando o silêncio preencheu o carro, quebrado apenas pelo som da chuva; Rafael se limitou a tomar um fôlego entrecortado, profundo a seu modo, e retorceu os lábios, apertou o volante — O que te influenciou?

— Você pode, *por favor*, parar de fazer perguntas para as quais já sabe a resposta? Porque está começando a ficar irritante — ele se virou e ergueu as sobrancelhas por um segundo, visivelmente bravo, antes de voltar sua atenção para a estrada.

— Você pode parar, por favor? — ele me olhou com o canto dos olhos como se eu estivesse louca, pois estávamos no meio de uma estrada deserta, cercados somente por floresta dos dois lados, em meio a uma primaveril e torrencial tempestade.

— Não! Eu disse que você precisava se acalmar, acha que vou te deixar sair assim?

— Eu estou bem e sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma. Aliás... — consertei meu cabelo do lado esquerdo e arregalei os olhos quando ele travou as portas do carro, voltando-me para ele com uma voz mais irada do que o modo como eu me sentia, de fato: — Te deixar me trazer para cá foi um erro. Para onde está me levando?

NACIONAIS - ACHERON

— Um lugar para deixar você se acalmar — pelo modo como ele falava, poderia me fazer acreditar que o inferno era frio e que Salém era segura; em suma, acreditaria em qualquer coisa, por mais ilógica que pudesse parecer se fosse dita por Rafael enquanto ele me olhava daquele modo — Não estou te sequestrando, nós dois sabemos que eu não poderia fazer isso nem se quisesse.

De todas as coisas que eu poderia ter dito naquele momento para afrontá-lo, ou qualquer comentário sarcástico para lhe ofender, escolhi a opção mais inteligente: fiz silêncio, afundei no banco enquanto cruzava os braços na altura do peito e soltei um suspiro emburrado.

Cinco minutos depois, Rafael parou o carro diante de um lindo chalé, de tirar o fôlego, na verdade. Com uma varanda na frente e um balanço de madeira escura nele, como o resto do lugar; era elegante, com telhado colonial e pilastra nos dois lados da varanda, que conduzia a uma porta. O resto não dava para ver direito daquele ângulo, e também por causa da chuva, mas era indiscutível que era um lindo lugar.

NACIONAIS - ACHERON

— Que lugar é esse? — Rafael desligou o carro antes de se virar para mim com um ligeiro ar de hesitação tomando conta do seu rosto antes de ele responder.

— Minha casa, por ora — estava meio boquiaberta e aquilo era algo que eu não conseguia evitar, assim, sorri e virei o rosto — O que foi?

— Você. Depois daquela conversa fiada, você me trás para a sua casa? — virei-me para ele com o cenho franzido e um sorriso que não pude conter.

Contudo, diante daquilo, Rafael começou a gaguejar e, por fim, fechou a boca, retirando o cinto com habilidade.

— Eu sei exatamente o que está pensando, mas eu não tive a intenção de te...

Antes que ele pudesse continuar a falar bobagens, estiquei-me rapidamente e coleí minha boca a sua sem mais delongas, sem evitar mais fazer o que eu queria tanto e com tanta força; segurei seu rosto e apoiei meu joelho perto do câmbio, meio desajeitada, mas sem permitir que o local ou a posição me impedisse. Minha mão direita estava entre seus cabelos e a esquerda descendo pelo seu pescoço até seu ombro em busca de apoio; de fato,

NACIONAIS - ACHERON

aquela era a pior posição do mundo, mas com aquele beijo, era possível dar um jeito em qualquer situação.

Rafael se inclinou um pouco quando a surpresa deixou seu corpo e ele saqueou meu lábio com a mesma voracidade com que eu o agarrava para mim, enlaçou minha cintura com o mesmo desespero descomunal enquanto o céu desabava a nossa volta e deslocou a boca da minha para descê-la pelo meu pescoço e voltar a meus lábios; minhas mãos foram tateando cegamente pela sua camisa e abri dois dos primeiros botões, além dos dois que já estavam abertos, e mordi seu lábio, sugando-o entre os meus enquanto o calor infernal naquele carro me consumia por inteiro, arrancava meu fôlego.

— Vamos entrar... — seus dedos penetraram meus cabelos e afastou meu rosto do seu apenas o suficiente para que ele pudesse falar e voltar a me beijar.

Eu gostaria de ter a capacidade de falar, mas tudo o que eu conseguia fazer era puramente guiado pelo impulso, pelo meu lado irracional, que não pensava, apenas agia, e simplesmente voltei a beijá-lo, pois era a melhor coisa que eu já havia provado

NACIONAIS - ACHERON

no mundo inteiro, porque eu adorava a sensação de ter a minha boca contra a sua, de sentir a maciez dela e sua barba por fazer contra o meu rosto, de sentir seu toque e, sobretudo, o fato dele aquecer minha pele em meio àquela tempestade torrencial.

Meu cabelo estava completamente desgrenhado, pois tinha molhado um pouco e naquele momento, balançava e ia de um lado a outro, mas contanto que não me atrapalhasse, podia até ter vida própria; Rafael o jogou com extrema delicadeza por cima do meu ombro e mordeu meu pescoço, posicionando o polegar em meu queixo e me fazendo jogar a cabeça para trás, depois, beijou onde tinha mordido, onde deixara uma marca que eu podia sentir enquanto ela curava, e chupou, finalmente me convencendo que aquele não era o local mais apropriado para o que eu tinha na minha cabeça.

Agarrei-o pelas lapelas da camisa e endireitei os ombros para poder olhar em seus olhos faiscantes e ver como seu rosto era mais bonito a meio centímetro do meu, com sua linda boca entreaberta e seus cabelos bagunçados enquanto meus dedos se moviam por entre eles.

NACIONAIS - ACHERON

— Vem comigo — infelizmente, tivemos que nos afastar para sair do carro em meio aquela chuva infernal que não parecia ter fim. Dei a volta no carro e encontrei-o na frente da casa, bobamente voltando a ele para continuar a beijá-lo como se o mundo fosse acabar no próximo segundo, sem me atentar ao fato de que a varanda estava a dois passos de nós. Rafael foi o primeiro a raciocinar e afastar meu rosto um centímetro do seu, esfregando o polegar em minha bochecha antes de depositar um beijo rápido na minha boca — Vamos entrar... — ele murmurou e tudo que pude fazer foi balançar a cabeça e concordar.

Eu fecho os olhos e os *flashbacks* começam^[44]

Minha respiração era mínima enquanto meu indicador traçava círculos no peito nu de Rafael. Estava frio como o inferno e a chuva parecia ter piorado do lado de fora, mas ao seu lado, o clima era tórrido e até tenso. Conforme sua respiração se estabilizava, sentia como se tivesse que falar alguma coisa, mas eu queria me esconder sob aquele cobertor para não olhar em seus olhos naquele momento.

Fechei os olhos e inspirei profundamente, espalmando a mão sobre seu peito levemente bronzeado e os pensamentos cruzaram a minha

cabeça contra a minha vontade; era inevitável interromper o momento com meus pensamentos de que as coisas tinham mudado, que eu queria que mudassem ainda mais, mas havia uma parte dentro de mim que era do contra. De que as coisas se tornariam ainda mais complicadas quando eu tivesse que deixá-lo ao fim de tudo aquilo, que aqueles momentos que compartilhávamos juntos só fariam tudo doer mais quando eu precisasse fazê-lo.

Aquele pensamento me fez comprimir os lábios por um segundo e senti os dedos de Rafael erguerem meu queixo e seu polegar deslizar sobre meu lábio inferior enquanto conduzia meu olhar na direção do seu enquanto eu procurava forças dentro de mim para conseguir abrir meus olhos e olhar para ele, para o que me era motivo para tanto aflição. Porém, talvez eu é que não fosse forte o suficiente.

— Você está bem? — sua voz doce não passou de um murmúrio leve e suave que me deu o sopro de coragem que eu precisava para abrir meus olhos e apoiar meu queixo logo abaixo do seu ombro, sentindo o peso do seu olhar, que era suave, me fazia querer sorrir. E eu o teria feito se não fossem

NACIONAIS - ACHERON

meus pensamentos involuntários e paranoicos que eu tentava tirar da minha cabeça como se alguém a invadissem, penetrasse meus pensamentos e me fizesse agir contra mim mesma e minha própria felicidade.

— Não realmente — consegui falar. Poderia ter dito que sim para evitar a conversa que viria a seguir, mas sentia como se ele realmente se importasse com a resposta, por isso escolhi a sinceridade ao invés de uma mentira conveniente.

Rafael penteou meus cabelos molhados para os dedos quando uma mecha caiu pelo meu ombro sobre minha clavícula conforme me movi e mordi o lábio, ansiosa, amedrontada, assustada com tudo, mas ao mesmo tempo em que excitada pelo que viria, não importando o que fosse.

— Posso perguntar uma coisa? — nervosamente, depois de deixar ir todos aqueles instintos malucos e confusos, arranhei seu peito com suavidade, mantendo seu olhar — Já passamos por isso incontáveis vezes e não sei se quero continuar me magoando desse jeito, então... — ele comprimiu os lábios momentaneamente e expirei, sem saber exatamente como colocar o que eu queria dizer,
NACIONAIS - ACHERON

com o coração apertado ao fitar sua expressão agoniada — O que estamos fazendo aqui?

— Eu sei que eu amo você, disso eu sei, mas... Quanto ao resto... — balancei a cabeça e tentei recomeçar, sem saber quais eram as palavras adequadas, sem saber como colocar tudo aquilo que oprimia o meu peito para fora de mim, pois me sufocava como garras — Eu não quero mais passar nem um minuto longe de você, menos ainda *vários* anos... — tentei me acalmar e falar devagar, pois meu sotaque embargava a minha voz e queria que ele entendesse cada palavra, pois já era difícil o suficiente para mim dizê-las em voz alta. Nunca me sentira tão insegura, tão solta daquele modo, como se tivesse saltado de paraquedas sem os paraquedas, o medo que me invadia era paralisante — Eu não acho que consigo fazer isso.

“Então, eu sei que isso não funcionou tantas vezes antes, mas eu sei que o que eu sinto por você é o suficiente para me fazer tentar tanto quanto for preciso. E eu sei que você sente o mesmo — desesperadamente, eu esperava que sim —, e que eu te magoei... — inflei o peito de ar — Mas eu te amo, então, se você puder...

NACIONAIS - ACHERON

Ele interrompeu minhas palavras embaraçadas com um beijo doce que me tirou o fôlego, como se me erguesse em uma nuvem, dando-me a impressão de que eu estava flutuando. Contudo, ele mesmo quebrou o clima ao se afastar e beijar minha testa, rolando para o lado e levantando-se: — Posso tomar um banho? — sentei-me, ligeiramente desconsertada pelo modo abrupto com que ele quebrara o clima.

— Claro. Fique a vontade.

Como minha roupa estava completamente molhada, peguei uma camisa branca de botões de Rafael em seu armário e coloquei uma cueca dele, mas continuei morrendo de frio, com as pernas congelando e os pés no piso de tábuas corridas inesperadamente gelado. Meus cabelos estavam uma bagunça, molhados e jogados por cima do meu ombro direito enquanto eu avaliava o quarto com atenção. O armário ficava de frente para a cama enorme no centro do quarto, com a porta do lado esquerdo a cabeceira e uma janela de cortinas pesadas que estavam abertas, exibindo o dilúvio que despencava do lado de fora.

NACIONAIS - ACHERON

Do meu lado direito, ficava o banheiro, de onde Rafael saiu todo vestido. Com camisa de mangas longas e calça escura, descalço, com os cabelos molhados e casualmente jogados para o lado de um jeito que tive que apoiar a mão direita no armário para não cair enquanto o olhava de cima a baixo, com o queixo caído, notando ainda que havia uma penteadeira do outro lado da porta, de cor prateada e um estilo antigo e elegante, clássico e charmoso.

Rafael também me olhou por um longo momento e deslizou os dedos pelos cabelos, jogando-os para trás enquanto mordida o lábio: — Vem cá — sem hesitar, eu fui. Seu olhar pesado me fazia imaginar coisas, me fazia questionar o que ele estaria pensando naquele momento enquanto segurava meus pulsos e me puxava, com o seu corpo precisamente colado ao meu, enlaçando-o com os braços.

Ergui o queixo para ser capaz de olhar em seus olhos e poder sentir sua boca sobre a minha de maneira imperceptível. A verdade é que nunca me sentira tão vulnerável com alguém, como se eu desse a alguém poder contra mim e aquilo me deixava ainda mais paranoica; afastei meus

NACIONAIS - ACHERON

pensamentos daquilo e me entreguei completamente a seus beijos, sentindo seus dedos pressionados em meus pulsos, fazendo mais pressão conforme seu beijo se tornava mais profundo, mais denso.

Quando comecei a pensar que ele tinha se vestido muito, Rafael deu alguns passos para trás, puxando-me junto a ele e me girando. Abri os olhos de repente quando ele o fez, interrompendo o beijo com um sorriso gentil.

— O que foi?

— Sente aqui — ele soltou meus braços e com um sorriso intrigado, obedeci-o — Seu cabelo está uma bagunça — endireitei-me e fitei-o através do espelho enquanto mordia o lábio e sentia seus dedos correrem pelos meus cabelos, seguidos por uma escova de superfície macia em um vai e vem que me fazia querer relaxar e fechar meus olhos, relaxar e aproveitar enquanto Rafael o fazia.

— Não sabia que você era bom nisso.

— Eu sou bom em muitas coisas — ele murmurou com o olhar baixo, realmente empenhado em sua tarefa, desembaraçando os fios com cuidado para não doer, de tão ruim que estava

NACIONAIS - ACHERON

— Você está com fome?

— Na verdade — ergui ligeiramente o queixo e Rafael manteve meu olhar através do espelho, sem interromper seus movimentos gentis —, eu tenho que ir. Você sabe, Harriet...

— Me escuta — ele parou o que fazia por um momento para me olhar mais sério —, você sabe que não é a minha intenção interferir na forma como você cria a sua filha, mas pense um pouco em como ela deve se sentir — tentei refletir naquilo por um segundo — Ela perdeu o pai, você sempre se machuca e está em perigo praticamente o tempo inteiro... É difícil para ela, você vê? Se sentar e ficar vendo a pessoa que você mais ama se machucar.

— Eu tento, faço o melhor que posso — inflei o peito e Rafael voltou sua atenção aos meus cabelos, sem, contudo, tirar sua atenção de minhas palavras — Mas não gosto da influência de Dahlia sobre ela. Longe de mim querer afastar as duas, porque eu sei que Harriet a ama, mas você a conhece melhor do que eu. Harrie é uma criança, essa coisa de magia não tem nada a ver com ela... — soltei o ar do meu peito e entrelacei os dedos no meu colo

NACIONAIS - ACHERON

nervosamente.

— Eu não posso dizer se concordo completamente com você, porque fui criado no extremo oposto, mas... Dahlia é a última pessoa indicada a ensinar magia a qualquer um, portanto, se precisar de ajuda, ou até mesmo um *bruxo* mais adequado, você sabe que estou aqui — sua sinceridade era tocante, sobretudo, pelo modo como ele sempre estava lá para ir em meu socorro. Ergui a mão, peguei a sua, interrompendo seus movimentos, e segurei-a sobre meu ombro enquanto olhava para ele através do espelho, nós dois sorrindo, com paixão e felicidade inconfundíveis no rosto.

— *Eu te amo* — movi os lábios sem emitir nenhum som.

Rafael foi secar minhas roupas enquanto eu fuçava sua cozinha, roubando uma maçã de um cesto e caminhando pela sala como uma investigadora em uma cena de crime, com toda a atenção aos detalhes. Comi a maçã docílima e me sentei no sofá preto de veludo; corri meus dedos pelo braço do sofá enquanto fitava a tela antirreflexo da TV NACIONALIS - ACHERON

enorme a minha frente, presa a parede e acima de um aparador escuro. O chão era coberto por um tapete da mesma cor que o sofá, igualmente fofo enquanto eu afundava meus dedos do pé gelados nele, e uma bela mesa de centro com tampo de vidro de dois níveis ficava entre o sofá e o aparador. Sobre a mesa, estavam amontoados livros enormes e na parte de baixo, mais perto do chão, centenas de papéis estavam bagunçados.

Mordi a maçã com um evidente interesse por tudo ali, com os pensamentos ligeiramente dispersos ao pensar em tudo o que tinha acontecido ali; na verdade, pensando em tudo o que tinha acontecido desde que Rafael e eu nos conhecêramos, há tanto, tanto tempo. Parecia ter sido há uma vida inteira, pelo que eu podia me recordar. Desde a noite em que ele me vira de camisola no quarto de Alex e eu colocara os olhos nele, tudo tinha mudado.

Eu não podia dizer se tinha sido para melhor ou pior. De certo modo, para os dois lados. Mas dele, meus pensamentos voltaram a Esme e tudo o que mudado nas últimas semanas.

— Tudo bem? — virei-me de repente e abri a boca, sem palavras exatas. Sim, naquele momento

NACIONAIS - ACHERON

estava tudo bem.

— Sim — levei um segundo para dizer enquanto um suspiro escapava dos meus lábios e Rafael se aproximava de mim para colocar minhas roupas cuidadosamente dobradas diante de mim, sobre o braço do sofá — Obrigada — ele retribuiu meu sorriso de maneira sutil antes de sair do meu campo de visão — Você já se decidiu sobre... — deslizei a língua pelos lábios, escutando seus passos cuidadosos atrás de mim, na cozinha, escolhendo as palavras para soar da maneira mais suave mais suave possível — *a ideia* da Dahlia?

Se você me machucar,
tudo bem, querida,
somente as palavras
sangram^[45]

RAFAEL

Não entendia exatamente o que se passava dentro de mim naquele momento; nunca me sentira tão... Terrível e odiosamente egoísta. Se alguém olhasse de fora, poderia afirmar sem precisar de um segundo adicional que eu era um imbecil egoísta, afinal, aquela alternativa não era tão ruim, certo?

Ficar ligado a alguém para sempre se aquilo

NACIONAIS - ACHERON

salvasse minha família... *Certo?* Mas então, por que na minha cabeça aquilo soava tão horrível, como um pesadelo? Tudo estava um caos. Aqueles caçadores malucos aparecendo em nossas vidas, Lauren e eu nos separando, as coisas se complicando a um ponto irrevogável com Juliette. E nem dava para dar um passo para trás e reavaliar a situação, eu nem conseguia respirar o suficiente para colocar tudo no lugar.

Aquelas coisas me pareciam ser inimagináveis.

Tomei um gole de água enquanto avaliava a pergunta de Juliette com o devido cuidado que a questão merecia. Não estava pensando exatamente na minha família ou em um feitiço, mas em mim; em algum ponto deturpado que fosse, eu tinha que fazer aquilo ou não pararia mais com meu belo altruísmo sacrificial. Quando aquilo acabasse e tivéssemos *nos separado*, a ligação tornaria a distância pior, uma tortura; eu sabia bem como aquilo era, mesmo sem ter *sentido-a*, de fato.

Por isso a resposta não chegou rápido, por isso, enrolei o máximo possível como se um pouco de água fosse um elixir do qual eu precisava para sobreviver e enrolar ao máximo ter aquela conversa

NACIONAIS - ACHERON

enquanto Juliette se virava para me olhar. Deixei o copo sobre o balcão e espalmei as mãos sobre ele, visivelmente tenso; meus ombros estavam tão rígidos que doeu, assim como meu maxilar ao fitar seus olhos, seus cabelos casualmente jogados sobre os ombros e o modo como ela também estava tensa, como se pensasse demais naquilo e escolhesse as palavras para que soassem precisas, porém sutis, naquela linda cabecinha.

Juliette caminhou até mim com o passo leve e desfez sua expressão ao parar na ponta do balcão, com um sorriso que me fazia esquecer o que acontecia do lado de fora: — Você não precisa me responder agora — fiz que sim, sem a menor ideia de qual seria a resposta. Ou melhor, de qual seria a *resposta certa*.

— Eu pensei nisso, mas a verdade é que...

— Que talvez seja um sacrifício enorme para salvar as pessoas que você ama? — Juliette jogou o resto da maçã no lixo e pegou minhas mãos entre as suas, que estavam tão incrivelmente geladas quanto ela estava incrivelmente pálida ao erguer o queixo.

— Continue falando — cortei o espaço entre nós e puxei-a para ter acesso à sua boca sob um ângulo

NACIONAIS - ACHERON

melhor enquanto ela sorria e eu inclinava meu rosto para poder tocar seu nariz com o meu — *Eu adoro o seu sotaque* — murmurei antes de beijá-la. Juliette sorriu e realmente parou de falar para se entregar a meus beijos, completamente vulnerável, do jeito que eu gostava enquanto a envolvia.

Se eu estava andando em uma corda bamba e poderia morrer a qualquer segundo, ou se no dia seguinte eu fosse ligado a ela em um ritual, não importava, apenas decidi aproveitar um momento simbólico de paz, sem ninguém tentando matar a nós dois, ou sem que precisássemos lutar contra quem atentava contra pessoas com as quais nos importávamos. Viver o momento era a coisa mais importante ali e a que eu podia ter feito.

Ela se vestiu enquanto eu achava meus sapatos e terminou de colocar suas botas na sala, mais concentrada em mim do que na atividade que realizava.

— Você está bem? — Juliette abaixou os olhos para consertar as pernas da calça.

— Claro. Já parou de chover — ela se levantou com habilidade, com um sorriso um tanto
NACIONAIS - ACHERON

decepcionado. Passei a mão nas chaves do meu carro que tinha largado sobre o criado ao lado do abajur, para tanto, tendo que chegar mais perto de Juliette. Do lado de fora, já era quase noite quando fechei a porta com um pouco de magia e caminhamos até meu carro.

Estávamos ambos em silêncio, depois de tudo, parecia que éramos estranhos, sem saber o que dizer um ao outro ao entramos no carro e partirmos: — Para onde eu te levo?

— Para casa — seu olhar parecia perdido, à deriva, preso do lado de fora, pelas árvores que passavam e que pareciam captar sua atenção enquanto seu semblante permanecia calmo, inalterado, mas eu podia ver como estava pensativa, como mexia os dedos e mordia o lábio inferior, inquieta.

Queria falar alguma coisa, mas achei melhor ficar em silêncio ao alternar meu olhar entre Juliette e a estrada à frente quando o telefone dela começou a tocar. Sua respiração se acelerou e ela pareceu ter sido pega de surpresa enquanto procurava pelo celular no bolso do casaco repousado em seu colo, deixando sair o ar do seu peito de modo lento ao

NACIONAIS - ACHERON

atender.

— Oi, pai. Eu estou bem — ela não parecia ser a pessoa mais feliz ao falar com Jon. Juliette suspirou como se estivesse cansada enquanto ouvia o pai falar — Nós ainda não... Decidimos isso exatamente, mas... Seria legal, obrigada — ela mordeu o lábio nervosamente — Seria bom se você a trouxesse com você, Harriet gosta dela. Está bem, tchau — ela desligou e olhou para mim.

— Algum problema? — não queria que ela respondesse, mas quando me olhou por tanto tempo sem falar nada, senti-me no papel de ser aquele que o faria.

— Não, tudo bem, é só... Dahlia falou com Jon e, bem, eles estão criando um monstro em torno do que deveria ser uma coisa boa.

— O casamento? — aquela não era uma boa palavra, por isso, voltei meus olhos para a estrada, dirigindo mais rápido. Ao dizer aquilo, era como se se tornasse real de uma hora para a outra de maneira assustadora.

— É. Ele quer vir para cá porque acha que eu preciso de apoio — quase pude vê-la revirar os olhos e sua expressão de que não suportava aquilo

NACIONAIS - ACHERON

me fez sorrir para mim mesmo enquanto a olhava de soslaio.

— Na verdade... — tamborilei os dedos no volante após uma curva, onde diminuí a velocidade e não acelerei de novo, pois estávamos próximos demais de sua casa para eu querer abreviar a conversa — Se vamos nos casar, você precisa do seu pai aqui.

— *Se?* Achei que você ainda tinha dúvidas sobre isso — seu tom variou entre algo bem humorado e surpreso, passando pelo seu acentuado sotaque teuto-britânico e algo que eu não podia entender.

— É, eu tenho. O que estou dizendo é que... Você precisa dele como parte do seu *coven*.

— Nós dois sabemos que eu nunca fiz parte de nenhum. Salém me renegou na primeira oportunidade, logo, minha magia não está ancorada a nada — um sorriso sarcástico se insinuava em seus lábios e sorri-lhe de volta.

— Esse é um bom ponto, mas, Juliette — fiz mais uma curva para a esquerda, não propositalmente desviando o olhar do seu — Eu tenho o meu bem aqui e Jon representa suas origens, afinal, vocês estão unidos por sangue, ele é um bruxo... Bem, NACIONAIS - ACHERON

você entende.

Juliette fez que sim, sorrindo ainda mais amplamente: — É, eu entendi — quando parei o carro na frente da casa dela, já era noite e a única fonte de luz era a lâmpada acesa na varanda e os faróis do carro, que apaguei ao me virar para ela.

— Um dia. Só preciso de um dia para me decidir, também não posso enrolar para sempre e colocar minha família em mais perigo do que já estão — mais séria, ela pegou o casaco na mão direita e o celular na esquerda.

— Não importa o que aconteça, eu estarei aqui para ajudar você ou a sua família.

— Eu agradeço seus esforços, mesmo depois de tudo o que a minha família causou a você. E, para mim, significa muito saber que você faria isso — ela anuiu e ficou de lado, tomando um fôlego profundo e sonoro.

— Eu também não fui a melhor pessoa com nenhum de vocês, então... Acho que estou tentando compensar isso — Juliette consertou uma mecha do cabelo, o qual eu jamais me acostumaria a ver tão loiro, e um junco mínimo se formou entre minhas sobrancelhas; recostado no banco do carro, com a

NACIONAIS - ACHERON

mão esquerda ainda sobre o volante, avaliei sua expressão com atenção.

Eu não queria casar com alguém que encarasse aquilo como um carma, talvez um atenuante para coisas do passado que já tinham sido enterradas. E, ao mesmo tempo, eu não tinha uma escolha de verdade, tinha? Era aquilo ou esperar pelo próximo movimento do inimigo para liquidar toda minha família.

— Como Esme está? — Juliette diminuiu a voz e se inclinou alguns centímetros para falar, permitindo que a luz do teto recaísse sobre ela e iluminasse seu rosto de modo parcial. Ainda não tinha entendido qual a coisa com aquela garota, o que tinha acontecido que ela não tinha me contado a respeito daquela caçadora de araque e pseudobruxa, porque o fato de ela ser irmã de Harriet, para mim, não era motivo o suficiente para aquela merda de protecionismo toda.

— Viva — limitei-me a dizer em um tom endurecido, mas não de raiva como tinham sido em nossas últimas *conversas amigáveis* a respeito daquela garota — E provavelmente vai continuar assim até que saibamos o que mais ela sabe, NACIONAIS - ACHERON

porque, claramente, está barganhando sua vida com informações fragmentadas.

— Não vamos matá-la — Juliette buscou meu olhar como se a vida de Esme significasse muito para ela, e que inclinou o rosto, ergueu as sobrancelhas com suavidade, como se soubesse exatamente o controle que exercia sobre mim quando fazia aquilo, e entreabriu os lábios, prestes a falar alguma coisa quando se interrompeu — Por favor...

— Ela vive, por ora — Juliette relaxou os ombros, não muito convencida, mas sem ter com o quê contra-argumentar.

— Eu não sei o que hoje significou para você, mas... De qualquer modo, eu não quero mais brigar mais com você sobre essas coisas bobas que poderíamos resolver se agíssemos como adultos e... — ela soltou todo o ar que estivera prendendo ao falar rápido demais e terminou suas palavras: — *As resolvêssemos.*

— Está certo — não queria discutir sobre naquele dia, de qualquer maneira, e ela pareceu entender quando acenou e se afastou, pronta para sair. Estiquei o antebraço e puxei-a, indo na sua direção

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para beijá-la, não um adeus, mas uma esperada
continuação — Não vamos discutir.

NACIONAIS - ACHERON

Minha linda amada,
éramos perfeitos um para
o outro^[46]

Fugi da casa dela no meio da noite e voltei quando pude voltar a pensar adequadamente, e tomar um bom café para me recompor da noite mal dormida e das horas que passara acordado. Já eram oito da manhã e Juliette estava no sofá com Harriet, ligeiramente surpresa ao me ver, achando que eu tinha fugido para evitá-la: — Aceita? — ela aceitou o *latte* docílimo sem relutar quando parei atrás do sofá.

— Obrigada — Harriet ajoelhou no sofá e

colocou as mãos sobre o espaldar para olhar para mim.

— Você veio aqui para querer levar a minha mãe também? — pelo seu tom, pude perceber como aquilo a irritava.

— Não, lindinha — ergui o braço para consertar alguns fios do seu cabelo que caíam em seu rosto. Harriet me ofereceu um sorriso e se virou para se sentar direito. Juliette estava toda tensa, até fofa usando meias nos pés e com roupas leves de algodão, diferente de todo o couro e preto anterior, com os cabelos presos em um rabo de cavalo frouxo. Seus olhos pareciam atentos demais, de quem nunca conseguia relaxar ou respirar com tranquilidade, apenas fazê-lo como que não fosse por puro hábito; parecia ter se tornado tão paranoica quanto nós com o tempo — Você está bem? — perguntei no tom mais desinteressado possível enquanto tomava meu café.

— Claro — bem, com certeza. Decepcionada, talvez — E você? — Juliette apoiou o cotovelo direito no espaldar do sofá e se virou para mim com aqueles lindos olhos bem abertos, me fazendo dar um passo para trás para poder respirar.

NACIONAIS - ACHERON

— Acho que não cabe a mim enrolar mais — fui direto ao ponto, pulando as preliminares e os cumprimentos desajeitados para a parte pragmática; direto ao que importava — Ou... Tentar ter o controle de uma situação que eu, claramente, não consigo controlar...

Ela recebeu minha frase confusa com uma ligeira expressão de curiosidade, mas ela entendera bem minhas meias palavras, o suficiente para se levantar e deixar o café que eu tinha carinhosamente comprado para ela ao lado do abajur ao dar a volta no sofá. Dei uma última olhada em Harriet e notei que tinha um enorme quebra-cabeça sobre a mesa de centro, daqueles de mil peças e impossível de montar.

— Eu já volto para terminarmos isso, querida — ela segurou meu braço e me puxou com sua força sobrenatural através da sala até a cozinha — Isso por acaso tem a ver com o que aconteceu ontem? — ela me colocou contra a parede ao lado da porta da cozinha e ficou diante de mim, perto demais para que meu raciocínio fosse perfeito.

Por um momento, fiquei confuso, pois não sabia qual era a resposta certa, assim, levei dois segundos

NACIONAIS - ACHERON

a mais que o necessário para responder.

— Não, uma decisão completamente altruísta em nome da família da qual eu tanto quis me ver livre durante todos esses anos e, de certo modo, egoísta, porque também me incluo nessa equação — ela estreitou os olhos e deu dois passos para trás para apoiar as mãos nos quadris e passou o rosto pelo chão, com cara de quem avaliava se eu estava falando sério ou sendo sarcástico — Então... Você ainda está dentro?

— É claro, quando foi que eu pulei fora quando as coisas ficaram complicadas? — ela balançou a cabeça como se eu estivesse dizendo a maior loucura do mundo e saiu dali, me deixando falar sozinho.

— Então... — saí dali e fui atrás dela, que pegou seu café de volta e se sentou no chão, onde Harriet tentava resolver o quebra-cabeça pela metade.

— Eu faço a menor ideia de como isso funciona — ela me interrompeu e tomou um gole do café, que aparentou ser tudo o que ela precisava, mesmo que retorcesse o nariz pelo excesso de açúcar — Seria legal da sua parte explicar — Juliette falava comigo, mas continuava concentrada no quebra-

NACIONAIS - ACHERON

cabeça, como se fosse tão interessante que ela não pudesse tirar os olhos dele por um segundo.

— Acho que você vai precisar da ajuda de Dahlia — falei com cuidado e Juliette finalmente levantou a cabeça, com o olhar arregalado e uma cara engraçada que dizia que eu precisaria dar a ela um bom motivo para tanto — Para ela te ajudar com isso.

— Por que *você* não pode me ajudar com isso?

— Eu vou ficar fora nos próximos dias, mas tenho certeza que ela vai adorar te explicar como a coisa funciona...

— Espera! Do que você está falando? Como assim, vai ficar fora? Achei que estivéssemos juntos nisso e agora...

— Isso faz parte do *ritual*, Juliette. Eu tenho que fazer uma coisa agora e Dahlia vai te encontrar mais tarde para vocês conversarem — comecei a me afastar enquanto ela me encarava boquiaberta, chocada, como se eu tivesse ficado maluco — Ah, quando seu pai estiver aqui, mande-o vir me encontrar. Isso também faz parte — e saí quase correndo dali.

— Eu não achei que fosse viver para ver isso acontecer — Sophia falou enquanto fechava o portão da sua casa e caminhava até mim com um riso debochado.

— É tudo pelo bem maior, Soph — ela deu um ombro e me deu um abraço de dois segundos enquanto trocávamos beijos — Me desculpe por ligar, mas você é a única pessoa que pode me ajudar — murmurei ao olhar por cima do seu ombro e ver que a mãe dela nos encarava. Sophia fez o mesmo e mordeu o lábio por meio segundo, girando no salto do seu pé direito.

— Vamos sair daqui, a gente conversa no caminho — abri a porta do carro para ela e dei a volta rapidamente para sair logo dali e da sombra do olhar vigilante de sua mãe, assim, arranquei na direção das badaladas ruas de cartomantes e videntes fajutas — Eu posso falar que ela não é a minha pessoa favorita? — ela fingiu seriedade e sorri pelo seu humor leve me afetar daquela forma.

— Você só a viu uma vez.

— Ela tentou me matar...

— Você invadiu a casa dela.

— Eu não *invadi* — ela se defendeu e fez uma
NACIONAIS - ACHERON

curva. Comprimi os lábios e balancei a cabeça.

— Você não pode culpá-la por ela não saber o motivo de você *aparecer* na casa dela e, seja sincera, você teria feito o mesmo — Sophia cruzou os braços e afundou no banco. Talvez eu estivesse criando desculpas demais, certo, mas, *naquele caso*, eu achava que Juliette estava um pouquinho certa. Não se eu visse pelo lado que Sophia era minha amiga; sem tomar um lado, avaliei mentalmente, e eu teria feito o mesmo se uma desconhecida entrasse na minha casa.

— Você está certo. Jon é o culpado, *eu* teria feito o mesmo — sorri de maneira contida — Feliz? Sua amada estava certa...

— Ela não é... Isso — estacionei o carro diante da loja e Sophia empertigou os ombros, erguendo o queixo para me olhar bem nos olhos, com uma expressão penetrante em seus olhos ferozes.

— O que ela é para você, então?

— Soph... — forjei um sorriso sarcástico, cínico, até — Você sabe por quê vou me casar com ela...

— E *eu* digo que isso é loucura — ela deixou os braços caírem sobre seu colo, como em um último recurso desesperado na tentativa de resgatar o que
NACIONAIS - ACHERON

poderia ter restado de sanidade, a última gota, em meu corpo; de maneira abrupta e imprevisível, seu tom bem humorado desapareceu, sendo bruscamente substituído por algo complexo e sério demais para aquela menina: — Eu não acredito que você vai mesmo se casar com alguém por esses motivos toscos. Já imaginou como vai ser quando vocês se separarem? — ela parou por meio segundo para me oferecer a chance de resposta, continuando no mesmo tom frenético e corrido.

“Quando você se casar, você vai estar eternamente conectado a ela, seu corpo, mente... Seu coração, sua alma e não tem como voltar atrás. Além disso, sua *magia* vai se desprender, você será arrancado do seu *coven* para um novo, desconhecido. Sua magia vai estar ancorada — ela fez um gesto com as mãos, como se algo explodisse — *a nada* — Sophia parou de falar e, daquela única vez, vi-me completamente desprovido de ações ou reações, como se tivessem-me arrancado as palavras, capturado-as à força bruta — Então... Tem certeza que está disposto a ir até o fim com essa maluquice?

— Agora você conseguiu me assustar — foi tudo
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o que fui capaz de murmurar, ligeiramente extasiado.

NACIONAIS - ACHERON

Eu estava errado^[47]

Infelizmente, eu não tinha a opção de cair fora, então saí do carro e convenci Sophia a fazer o mesmo, já que tínhamos muito que fazer. Ela o fez a contragosto, me fuzilando enquanto fechava a porta e enfiava as mãos nos bolsos de sua jaqueta por conta do frio; juntando-se a mim para entrarmos na loja.

— Do que precisamos? — murmurei para ela quando vi tantas prateleiras com todas aquelas coisas, provavelmente era ali onde se podiam encontrar os ingredientes e agentes para todo o feitiço existente.

— Achei que tivesse sua própria lista — trocamos olhamos que indicavam que a coisa tinha sido um

pouco apressada demais para que eu tivesse tido tempo de elaborar uma *lista*. Só me lembrava dos passos por alto, de quando aprendera quando tinha doze anos, talvez menos. Sophia revirou os olhos e partiu na direção de uma prateleira, lendo algumas das informações contidas nos frascos antes que eu pudesse pegar uma cesta e segui-la. O espaço entre as prateleiras de um metro de altura era mínimo e eu duvidava que fôssemos precisar de qualquer coisa daquele lado; cobras e fluidos estranhos estavam nos frascos pelos quais Sophia demonstrava interesse — Quem é a bruxa que vai consagrar o ritual?

— Eu esperava que fosse... *Você* — murmurei e ela se ergueu lentamente — *Você* é a única amiga que eu tenho. Amiga bruxa — aproximei-me ainda mais dela para falar cada vez mais baixo, tendo que inclinar a cabeça para poder olhar bem para ela enquanto pedia um favor enorme, devido ao fato de ela ser notoriamente mais baixa — *Você* sabe que precisa ser uma bruxa fora da minha linhagem...

— E eu espero que você arranje uma, eu concordei em *fazer compras* com você, e não em realizar um ritual...

NACIONAIS - ACHERON

— Casamento — corrigi-a, arqueando a sobancelha esquerda levemente. Sophia me deu as costas e seguiu até o fim da prateleira, onde deu a volta e ficou de frente para a que estava acoplada a parede e media cerca de dois metros de altura. Como se escolhesse tomates frescos, ela pegou algumas ervas que nem ousei perguntar o que eram, apenas fui até ela para oferecer-lhe o cesto.

Inicialmente, aceitei seu silêncio e sua ajuda, colocando aquilo, não como uma recusa imediata, e sim, como que ela estivesse pesando a questão e avaliando-a com cuidado e tempo necessários. Mas, na minha cabeça, comecei a repassar todas as pessoas que eu conhecia para que fizessem aquilo. Não podia dizer que era exatamente sociável ali, nem que tinha amigos. Antes, Lauren era a bruxa fora da linhagem que eu conhecia. Antes de ter descoberto que ela era uma sereia, claro, além de ser a única pessoa do mundo a quem eu jamais pediria absolutamente nada.

Com os pensamentos dispersos, nem me dei conta quando Sophia me chamou, agitando um colar na minha cara: — Terra, Rafael!

— Sim, estou ouvindo.

NACIONAIS - ACHERON

— O que acha deste aqui? — avaliei o colar. Tinha o cordão de prata e uma linda selenita azul em forma de lua crescente que poderia ser visto se estivesse a dez quilômetros — Ou algo mais feio? Eu voto em algo mais feio — eu teria revirado os olhos se não fosse tão deselegante, mas fiquei contente com a volta rápida de seu bom humor ao tirar o objeto de sua mão.

— Eu gosto deste — inconscientemente, imaginei Juliette usando aquilo. Sophia revirou os olhos e me deu as costas para terminar perto do balcão, onde uma bruxa de verdade fingia que não nos vira entrar e ocupava-se lendo um livro antigo com capa de couro — Você já terminou?

— Sim, mas só aqui — encaminhei-me na direção do balcão, mais sério, e a mulher enfiou tudo em uma sacola de papel. Ervas e velas. Enfiiei o cordão em meu bolso e paguei tudo, querendo dar o fora dali — Acredito que precisaremos de um anel — Sophia continuou, como se a *pista* não tivesse me feito entender ainda o que ela quisera dizer. Guardei minha questão para o momento em que saímos, com o céu nublado sobre nós, as nuvens cinzentas e carregadas pairando sobre nós, NACIONAIS - ACHERON

ameaçando derramar um temporal muito pior do que o do dia anterior.

— Por que precisamos de um anel mesmo? — abri o porta-malas do carro e Sophia recostou-se nele, boquiaberta.

— Oi? Você vai casar e *eu* preciso te lembrar das convenções do casamento? Rafael, em que mundo você vive? — fechei o porta-malas e encarei-a, sério.

— Eu não queria tornar isso ainda mais simbólico, você sabe que eu acabei de me separar... — nem tornar aquele momento mais explicativo, por isso, apenas deixei a frase no ar e encaminhei-me até a porta do carro, a fim de encerrar o assunto.

— *Acabou*, literalmente. É hora de seguir em frente — ela começou a abrir a porta, mas, ao mesmo tempo, me fez parar e encará-la a uma distância curta demais para eu não ver como estava entusiasmada, mais do que Juliette e eu e talvez aquele fosse um bom papel para ela, já que alguém tinha que desempenhá-lo — E quando digo “seguir em frente”, quero dizer “para a Trade”, onde tem uma joalheria e, como você é rico — ela abriu a

NACIONAIS - ACHERON

porta, deixando claro que aquilo não era exatamente uma opção para mim —, vamos comprar um anel. Se o amor de vocês não durar... — Sophia expirou um suspiro exageradamente dramático —, ao menos os diamantes são eternos — ligeiramente contrariado, mas deixando-me afetar por ela mais do que eu gostaria, de fato, entrei no carro.

— O que acha deste? — ela apontou para um *solitaire* espalhafatoso que, dificilmente, seria o tipo de Juliette.

— Não é a cara dela — retorci os lábios. Nada ali se parecia muito com ela, na verdade. Se fosse por mim, poderíamos deixar a parte mortal para lá e nos preocuparmos única e exclusivamente com a parte sobrenatural daquela união. Passei os olhos pela mesa com tampo de vidro onde estavam os anéis e um me chamou a atenção. Era azul, com um diamante ligeiramente maior do que eu teria gostado ou escolhido em qualquer outro momento, mas era delicado e no momento em que coloquei meus olhos nele, não consegui imaginar ninguém mais usando.

NACIONAIS - ACHERON

Ficaria perfeito. Sophia guiou o olhar na mesma direção que eu e mordeu o lábio, colocando o cabelo atrás da orelha; estava sentada ao meu lado na joalheria enquanto a vendedora esperava que escolhêssemos com extrema paciência e um sorriso ensaiado: — Gostou desse? — levei um segundo para olhar para ela.

— O que foi? Esperava um clássico? — Sophia balançou cabeça e ergui meus olhos para vendedora, imaginando se os dedos de Juliette eram tão finos quanto eu me lembrava que fossem — Vou querer este.

Com movimentos lentos e o sorriso mais amplo, provavelmente pelo fato de que não ocuparíamos mais seu tempo com trocas de olhares furtivos: — Este três pedras — o lindo diamante azul ficava no meio e duas pequenas pedras o adornavam, pude ver melhor quando ele foi colocado diante de mim — custa quarenta mil...

— Eu vou levá-lo — joguei meus ombros para trás para sacar meu cartão e entregá-lo a vendedora, que sorria ainda mais, como se aquilo fosse humanamente possível — Vou querer... Esse colar também — apontei para um colar delicado com um

NACIONAIS - ACHERON

diamante rosa no formato de um coração. A mulher abriu a boca para falar, contudo, interrompi-a, fazendo meu cartão deslizar sobre o vidro, empunhando também um agradável sorriso — Não importa o preço — ela anuiu e retirou-se — Contento por ter me convencido? — Sophia sorriu e tocou meu ombro com o seu.

— Pode-se dizer que estou.

Ao deixarmos o lugar, eu não tinha certeza de para onde deveria ir. Estava com fome, simplesmente, e acreditava que não precisávamos comprar mais nada. Assim, Sophia e eu fomos para minha casa quando ela finalmente concordou em dar uma de bruxa e fazer o ritual de purificação requerido pela tal cerimônia casamento. Através de mensagens, tinha dito a Elena sobre a coisa toda e ela se encarregaria em levar os bruxos que nos odiavam até o lugar na hora, onde e quando fosse; parecia que tudo estava acontecendo mais rápido do que eu conseguia acompanhar.

Almocei com Sophia na minha casa e convenci-a a dar uma pausa, deixando-a saber que nem tudo era em torno de Juliette; talvez a maior parte, tudo, não. No meio da tarde, deixei-a em casa antes de ir

NACIONAIS - ACHERON

até a casa de Juliette; não que eu tivesse alguma coisa para fazer lá, claro, era apenas a força de um hábito do qual eu não podia me desprender nem com toda a minha força de vontade.

Harriet estava sozinha na sala quando cheguei e ergueu os olhos para mim como se me avaliasse enquanto eu me aproximava dela: — Harriet... — ela esboçou um sorriso descontente quando me sentei ao seu lado — O que houve? — ela desenhava alguma coisa abstrata que eu não podia entender, por mais que avaliasse seus contornos distorcidos.

— Eu não gosto daqui — Harriet levantou a cabeça com uma complexa expressão no rosto — As pessoas que eu gosto se machucam nesse lugar. Até você.

— Nós estamos bem e ficaremos bem — ajeitei-me no chão e esperei que ela confirmasse que entendia, mas Harriet pegou o lápis e voltou ao que fazia sem muito entusiasmo, claramente processando as palavras com a velocidade de uma criança de sua idade. Havia várias folhas sobre a mesa de centro e vários lápis de cor e canetinhas coloridas espalhadas por ela.

NACIONAIS - ACHERON

— Minha mãe diz a mesma coisa — ela inclinou o rosto e curvou a mão esquerda em seu desenho, me fazendo sorrir — E o meu pai também dizia.

Puxei uma folha e peguei um lápis amarelo e outro vermelho, exercendo minhas habilidades de desenho nulas, ao contrário de Harriet, que o fazia muito bem. Desenhei um boneco mal feito e horrível, o que a fez erguer os olhos para observar o que eu fazia.

— Você desenha muito mal — nós dois rimos e ela largou o lápis sobre a mesa — Você também não vai morrer, não é?

— Não, não vou. Nem a sua mãe — Harriet abaixou os olhos por meio segundo e consertou o cabelo com habilidade — Eu prometo — reforcei minhas palavras com ênfase ao erguer as sobrancelhas. Não tinha certeza se sim, ou se poderia prometer aquilo a ela, mas eu queria, por algum motivo, fazê-la se sentir melhor. E, a título de informação, eu tentaria de tudo para permanecer vivo e para garantir que Juliette também ficasse.

— Está bem — ela esboçou um sorriso e voltou sua atenção para o desenho; passei um momento observando-a antes de me ajeitar e enfiar a mão

NACIONAIS - ACHERON

esquerda no bolso.

— Comprei um presente para você — Harriet ergueu o olhar com desconfiança e franziu os lábios exatamente como sua mãe fazia.

— *Pra mim?* — falou como se fosse algo inacreditável quando tirei a caixinha azul de veludo azul-marinho do bolso.

— Claro — abri a caixa e mostrei-a o colar — Então... Você gostou?

— É bonito — ainda havia desconfiança em seu tom, assim, peguei-o e larguei a caixa sobre a mesa.

— Posso colocar em você? — Harriet hesitou, como se não soubesse se deveria aceitar presentes de estranhos, mas, por fim, como eu não era tão estranho assim, ela concordou e se virou, puxando os cabelos para me permitir colocar o colar nela e abotoá-lo.

— É bonito...

— Rafael? — ergui os olhos e vi Juliette descer as escadas com uma expressão surpresa no rosto. Harriet consertou o cabelo e levantou — O que está fazendo aqui?

— Você sabe... Apenas... *Verificando* — ela terminou de descer e sorriu para Harriet — Vim
NACIONAIS - ACHERON

trazer um presente para a Harriet — não fora aquele o único motivo que me fizera ir até lá, mas era uma desculpa adequada. Harriet mostrou a ela o colar e Juliette se sentou de maneira parcial no braço do sofá.

— Comprando minha filha com diamantes? — ela olhou para a pedra e mordeu o lábio, ainda mais surpresa do que antes, e sorriu ao me olhar novamente — Rafael, isso deve ter custado uma fortuna — foi a minha vez de rir.

— Desde quando você se importa com preços?

— Desde sempre?! — não foi exatamente uma pergunta, mas, para mim, soou como algo inacreditável. Dentro dos meus conhecimentos, o pai dela era um dos homens mais ricos do país e Juliette vivia em uma casa luxuosa em Langley, por isso, minha falta de palavras ao ouvi-la citar dinheiro como se, em qualquer momento da sua vida, tivesse sido um problema — Eu não sei o que passa pela sua cabeça, mas eu não sou rica — foi uma boa piada.

— Fala sério, não implique com um... Diamantzinho de nada — levantei, ligeiramente irritado por ela fazer uma cena diante daquilo.

NACIONAIS - ACHERON

— Não estou implicando, só estou surpresa — justificando-se, ela deixou as mãos caírem sobre as coxas como se se deixasse vencer daquela vez. Assim, sentei-me no sofá enquanto ela me olhava de cima e me avaliava. Harriet voltou sua atenção para os seus desenhos e nos ignorou completamente.

— São detalhes irrelevantes — Julies manteve meu olhar com um sorriso e fez que sim, escorregando para se sentar ao meu lado — Você está bem? — abaixei a voz, sem compreender minha necessidade em fazer a mesma pergunta. Juliette deu de ombros.

— Dahlia disse que eu tenho que fazer um bocado de coisas. Como... *Me purificar* — ela retorceu os lábios e balançou a cabeça; sua voz não passava de um murmúrio — Quem diabos faz essas coisas?!

— Bruxos, loira.

— Enfim... Falei com sua mãe — ela ficou mais séria e empertigou os ombros, cruzando as pernas com uma expressão de quem não se sentia a vontade ao citar minha mãe — Ela falou que vamos fazer... *Essa coisa* acontecer depois de amanhã.

— Depois de amanhã? — até eu fiquei surpreso, NACIONAIS - ACHERON

confuso com a rapidez com que Elena era capaz de fazer as coisas acontecerem. De qualquer modo, ao pensar por um segundo, o casamento era para acontecer tão rápido quanto fosse possível. Eu só não estava pronto para que fosse *tão* rápido — Você sabe... Isso tem que acontecer tão rápido quanto seja possível — falei a após me recuperar.

— É, claro, eu sei — Juliette levou um segundo para falar.

Levantei-me antes de me demorar mais do que deveria ali: — Eu vou indo. Me liga se precisar... — com uma ligeira, porém clara, decepção em seu rosto, Juliette concordou com um aceno.

Sumário

Parte 5 — Mate a todos

Leva um tempo para sossegar, meus ossos tremem
Até que o pânico se estabelece
Nosso tempo está acabado e não precisamos mais
dele
Por sua causa
Você não sabe que sangramos o mesmo?
Eu percebi que te amava no outono
Nós ainda temos tempo
Não haverá luz do sol se eu te perder
Não há amanhecer, não há dia, estou sempre neste
crepúsculo
Na sombra do seu coração

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 5

Mate a todos [\[48\]](#)

Leva um tempo para
sossegar, meus ossos
tremem^[49]

JULIETTE

— Ei, você está bem — fiz que não, ciente do quão confusa era aquela situação. Eu estava sentada no chão do banheiro, abraçada a meus joelhos como uma maluca, mal conseguindo respirar. Estava escuro o suficiente, pois eu estava ao lado do armário da pia com os braços em torno de meus joelhos, de modo que a luz iluminava somente meus pés pálidos. Rafael agachou ao meu lado e tocou meu antebraço.

— Eu não sei — fiz que não — Eu não sei... — deviam ser duas horas da manhã, mais ou menos — Me desculpe por ter te ligado.

— Está tudo bem, por que você não se levanta daí e vai para a cama? — balancei a cabeça e apertei meus braços ainda mais a minha volta. Estava frio e eu não sabia por quê não conseguia me levantar. Era como se meu corpo não respondesse aos meus comandos e nada funcionava. Eu teria me levantado dali se eu conseguisse, mas sentia-me paralisada por algo mais forte do que eu — Juliette... — ele se ajoelhou a minha frente e tirou meu cabelo bagunçado do rosto enquanto eu arquejava, com o lábio inferior entre os dentes — O que está acontecendo?

— Eu não sei, eu...

— Está tudo bem — inclinei a cabeça e Rafael puxou meu braço, consertando o meu cabelo. Ergui o rosto e encontrei seu olhar, fitando seu semblante carregado de preocupação, de ternura e tantas coisas mais. Foi como se nada mais tivesse importância e o mundo inteiro perdesse o seu significado, se tornasse preto e branco, restando apenas o verde-musgo dos seus olhos quando ergui

NACIONAIS - ACHERON

os braços, sentindo que, com aquela roupa, eles já tinham congelado há muito e eu nem os sentia mais.

Usava uma blusa de malha e mangas longas, mas um short xadrez e curto que nem parecia estar ali, pois minhas pernas estavam em contato com a madeira gelada. Abri a boca para falar alguma coisa, confundindo-me com tantas coisas que eu queria lhe dizer e aquelas palavras todas me sufocavam quando ergui as mãos e segurei seu rosto, trazendo-o para mim com um desespero fulminante, mortal.

Minha respiração saiu trôpega e Rafael estendeu a mão para se apoiar na lateral do armário ao se inclinar sobre mim. Quase fi-lo perder o equilíbrio com um movimento brusco, como se não houvesse mais ar no mundo e aquela fosse a minha última chance de respirar, ou de respirar o mesmo ar que ele. Ergui-me ligeiramente e girei, puxando-o comigo e desdobrando minhas pernas para esticá-las.

Me sentia incapaz de raciocinar sobre qualquer coisa naquele momento, fosse o que fosse, mortal ou trivial, foi Rafael quem me segurou pela cintura,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me fez enlaçar as pernas em torno dele e me ergueu para me levar de volta ao quarto e me colocar na cama.

NACIONAIS - ACHERON

Até que o pânico se estabelece^[50]

Enquanto Rafael fazia cafuné em meus cabelos, fechei meus olhos e suspirei com força: — Você está bem agora?

— Acho que sim — murmurei e engoli em seco. Não sabia se era melhor falar o que eu queria falar ou permanecer em silêncio — Posso perguntar uma coisa? — abri os olhos, mas não olhei para ele. Como estava escuro, fixei os olhos no vazio a minha frente, vendo parte do seu peito no escuro. Ele resmungou uma afirmação, me deixando sonolenta com seus movimentos lerdos em meus cabelos — Você não vai ficar com raiva? Ou... Me

dizer que isso não é da minha conta? — depois de tudo aquilo, eu não deveria tocar naquele assunto, mas era algo que eu precisava saber.

— Só se não for mesmo da sua conta — ele sorriu, bem humorado, mas só estava conseguindo aumentar a tensão que percorria o meu corpo — Pode falar, prometo que vou responder, não importa o que for.

— O que aconteceu entre você e a Lauren?

—Juliette... — ele se remexeu desconfortável e parou de mexer em meu cabelo, fazendo-me sentir falta de imediato e abrir a boca para protestar — Por que você quer falar nela?

— Porque... Você sabe por quê. Ela é importante para você, eu quero saber.

Rafael me fez erguer o rosto e olhar para ele: — Você sabe que eu amo você, não importa o que eu sinto pela Lauren — ele deslizou o polegar pela minha bochecha. Com aquela simples frase, sentia-me corroída pelo ciúme, mesmo que fosse extremamente irracional.

— Se você a ama, então, por que? — parecia confusão demais, e eu simplesmente não podia entender nada daquilo — Só me diz... Foi essa

NACIONAIS - ACHERON

situação toda? Ou... Ou o que aconteceu entre nós?

— Eu a amo — ele ergueu as sobrancelhas, pontuando cada palavra, enfatizando-as — Mas o que eu sinto por você não é nada com que se possa ser comparado. *Eu a amo*, mas estou apaixonado por você.

— E todos esses anos não te fizeram mudar de ideia sobre isso? — estava sendo tola, boba, irracional e insegura e sabia de tudo aquilo, mas eram coisas que eu não era capaz de controlar, de dizer a mim mesma para parar de agir daquele modo. Precisava saber se, depois de tudo, ele estava tão dentro quanto eu estava.

— A coisa é que... — ele afastou a mão, mas seu olhar estava cada vez mais concentrado em mim, nos meus olhos — Quando eu conheci a Lauren, tudo com ela foi completamente novo e desconhecido para mim. Eu nunca tive amor por parte dos meus pais, da minha família, não fazia ideia do que isso significava; que eu seria capaz de colocar outra pessoa antes de mim, que seria capaz de lutar por alguém com todas as minhas forças.

“E Lauren me mostrou tudo isso. Ela, literalmente, mudou a vida para a melhor e por
NACIONAIS - ACHERON

muito tempo, tudo na minha girou em torno dela, antes e depois de nos conhecermos. E eu gostava da mudança, do fato de ter alguém que se importava comigo, de ter alguém com quem me importar — ele desviou o olhar do meu, como que buscando por palavras enquanto meu coração se apertava no peito diante do seu tom doloroso, ferido; me fazia querer abraçá-lo e ser o bálsamo para suas feridas, ser tudo o que ele precisava — Talvez por isso, depois do que aconteceu há tanto tempo, eu estava feliz. Tinha a minha vida, meu emprego, gostava de como tudo estava em paz... — Rafael suspirou longamente e mordeu o lábio por um segundo — E talvez por isso, eu tenha demorado a me dar conta de que ela não é a mulher da minha vida.

“Você sabe que nenhum de nós é perfeito e que todos cometemos erros, mas... Ao analisar tudo o que tenho feito nos últimos anos, talvez viver perigosamente seja necessário. Com Lauren havia amor, mas... — ele balançou a cabeça, nomeando com cuidado as coisas — Eu sentia falta de paixão na minha vida, algo que me fizesse sentir vivo pela manhã, uma paixão que me dissesse que eu não estou apenas existindo, que não estou apenas

NACIONAIS - ACHERON

acordando e fazendo coisas automáticas porque me acostumei a fazê-las — ele finalmente abandonou o tom fúnebre e esboçou um sorriso afetuoso ao esfregar o polegar em minha bochecha, tocando meu lábio com suavidade — E, completamente contra a minha vontade, é como me sinto com você. Essa paixão me faz ser destemido diante de tudo pelo que passamos e diante de tudo o que estamos prestes a encarar.

Abri a boca para falar, mas depois das suas palavras, sentia como se não soubesse mais como falar: — Essas palavras são difíceis de seguir — murmurei e Rafael me beijou com suavidade. Naquele momento, me sentia verdadeiramente feliz e não acreditava que precisávamos de palavras, sentia como se fossem inúteis.

— Você me fez uma pergunta.

— Você pode ir embora e depois voltar como se não tivesse passado a noite aqui? — terminei de me vestir e peguei uma coisa elástica para prender meu cabelo. O dia mal tinha começado a nascer e, desde que Rafael acordava cedo demais, eu também não conseguiria mais dormir.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro — ele calçou suas botas caras, ajeitou a gola da camisa até que estivesse perfeita e parei diante da janela, vendo o quanto ele ficava um gato usando uma Prada preta e perfeita — Você já falou com a Harriet sobre... *O casamento?*

— Não, eu não sabia como — joguei meu peso para o lado direito e esbocei um sorriso — Mas parece que vocês se dão muito bem, não é?

— As crianças gostam de mim, é natural — ele exibiu um sorriso presunçoso, inclinado sob a luz parcial da primeira aurora do dia — Ela se preocupa com você — ele passou os olhos por mim enquanto passava de uma perna para a outra, ajeitando sua calça até que ficasse tão perfeita quanto o resto.

— Eu sei, mas acho que não posso fazer nada, posso? Eu tento dizer a ela que está tudo bem, mas... — soltei um suspiro e retorci os lábios, começando a me frustrar ao pensar naquilo. Tudo o que eu não queria era que Harriet crescesse naquele tipo de ambiente, mas era o que eu proporcionava a ela — Não posso fazer mais do que promessas vazias de que vai ficar tudo bem.

Rafael se levantou e foi na minha direção,
NACIONAIS - ACHERON

enlaçando-me pela cintura e aproximando seu rosto do meu: — É uma posição complicada, loirinha — ele colocou a mão em minha nuca, imobilizando-me para erguer meu rosto e colar sua boca a sua. Meus pensamentos estavam uma bagunça depois daquilo tudo, só tinha a consciência de que não queria mais me afastar, de que eu não sabia mais como lidar com Harriet e aquela coisa de magia, de que eu não queria esconder nada dela também e todos os pensamentos me preencheram a uma velocidade vertiginosa — Eu tenho que ir. Nos vemos amanhã — fiz que sim. Por mim, ele poderia ficar ali *até* amanhã, mas tive que dar um passo para trás e me recompor.

— Está bem. Eu vou ter que passar o dia com Dahlia, de qualquer jeito, e Jon disse que chega hoje e te encontra na mansão — apoiei os quadris na janela e coloquei as mãos ao lado do corpo, respirando fundo.

— Ah, é... Tinha até esquecido dessa parte.

— Qual a coisa com ele?

— Eu tenho que presenteá-lo com um objeto marcado com a minha magia, como uma oferenda e só posso me casar com você se ele aceitar — para

NACIONAIS - ACHERON

mim, aquilo tudo era complicado demais. Quando achei que era só dizer sim, surgiam aqueles passos todos, cheios de complexidade.

— Entendi. Nem sei o que mais eu faço, achei que esse dia seria... — balancei a cabeça por um segundo antes de erguer meu olhar para ele — Completamente diferente. Você sabe, vestido branco e flores e...

— Espera — por um segundo, ele pareceu confuso e franziu as sobrancelhas com suavidade, perto demais de mim — Achei que já tivesse feito isso antes... Que tinha se casado...

— Não realmente — gaguejei, um bocado desconsertada. Não queria falar sobre aquilo, na verdade, mas desde que o assunto surgira, seria melhor deixar tudo claro, como se uma conversa de cinco minutos fosse o suficiente para colocar quase nove anos em dia — Sem vestido branco ou peônias... Isso não importa — desencostei-me da janela e passei por ele, mais do que contente em encerrar aquela conversa — É melhor você ir — *o quê?* Nem eu entendia por que o estava mandando embora, mas imediatamente pensei em Harriet e que ela poderia acordar e procurar por mim —
NACIONAIS - ACHERON

Harriet pode...

— É, entendi — ele pegou a jaqueta sobre a cama e, ao passar por mim, depositou um beijo na minha bochecha — Tchau, loirinha.

— Querida, nós temos que conversar — fiz ovos e bacon no café da manhã. Do lado de fora, o sol começava a surgir depois de tanta chuva e tantos dias nublados. Sentei-me ao lado de Harriet para comer, morrendo de fome.

Eu estava sempre morrendo de fome, na verdade, mas me sentia especialmente faminta naquele dia: — O que é? — ela deu uma garfada nos ovos e me olhou, completamente alerta, mas ligeiramente mais receptiva à conversa do que antes.

Talvez Rafael estivesse certo antes e dar um tempo a ela no momento certo fosse exatamente o que nós duas precisávamos para nos reestabelecermos em meio a tempos tão conturbados.

— Eu tenho que te explicar uma coisa, sobre o que vai acontecer nos próximos dias — limpei a garganta e Harrie esperou por mim, que eu tivesse coragem e continuasse — Eu te prometi que tudo

NACIONAIS - ACHERON

ficaria bem, que eu ficaria bem, você se lembra? — falei baixo. Harriet fez que sim e respirei fundo, tentando colocar aquilo do modo mais suave possível para ela.

— Aconteceu alguma coisa ruim?

— Na verdade, não, querida, mas... — larguei o garfo no prato e respirei fundo, reorganizei meus pensamentos e palavras — Você gosta de Rafael, não gosta? E da irmã dele? — ela fez que sim.

— Eles estão bem? — seu tom mudou de leve para preocupado, carregado, e sua expressão se fechou.

— Tem uma coisa acontecendo e... Só eu posso ajudá-lo, você entende, *Schatz*?

— Como assim? Ajudá-los com um feitiço? — ela ergueu as sobrancelhas, claramente confusa.

— É, com um feitiço, mas... Um... *Feitiço diferente*, como... — nem eu sabia por que estava gaguejando tanto — Eu preciso fazer uma coisa, Rafael e eu...

— Mãe... Do que você está falando? Está tudo bem? — Harriet começou a entrar em pânico, mais do que eu.

— Nós temos que *fingir* uma coisa na frente de NACIONAIS - ACHERON

outros bruxos. Um casamento.

— Você vai casar com ele? — abri a boca e coloquei o cabelo para trás da orelha.

— É só de mentirinha, querida. Nada muda, são só eles quem precisam acreditar que é de verdade.

— E como isso vai salvá-los? Você me disse que mentir é uma coisa ruim...

— Eu sei disso, meu amor... Mas se não fizermos, eles podem se machucar, então... Você entende que eu só vou fazer isso porque eles precisam de mim? É tudo o que eu preciso que entenda, querida — consertei seu cabelo para trás da orelha e ela desviou o olhar do meu, desconfiada e pensativa.

— Então... Isso não é porque você gosta do Rafael?

— Harrie, querida, já falamos nisso... Rafael é meu amigo e seu também — esbocei um sorriso, ao que ela retribuiu debilmente.

— Mas você gosta dele — ela afirmou categoricamente, como se não restasse nenhuma sombra de dúvida sobre meus sentimentos por Rafael — Mãe, tudo bem por mim. Eu... Não sei se *quero* que você fique com ele, mas eu sei que vocês
NACIONAIS - ACHERON

cuidam um do outro do mesmo jeito que você cuida de mim — diante daquilo, não havia muito que eu pudesse dizer. A ideia era negar até o fim, mas como eu podia negar algo que era tão evidente?

— Está bem, Harriet, mas nada disso muda nada. Ele é meu amigo e amigos cuidam um do outro. O casamento não vai mudar nada entre nós, *Liebling*^[51].

— Eu entendi. E depois que vocês *casarem*, ele vai ficar bem?

— Vão, sim, querida. E... Eu ainda mantenho a promessa que eu te fiz de nos mudarmos para Nova York...

— Meu avô ainda vai vir aqui hoje? Com Hope?

— Claro — voltei minha atenção para o meu café após sua brusca mudança de assunto e achei melhor deixá-la com seus pensamentos, para permiti-la processar tudo o que eu tinha dito — O que acha de tomarmos sorvete? — dei uma enorme garfada nos meus ovos e enfiei na boca duas fatias de bacon — Nós três.

— Está bem — ela também voltou a comer e sorri amplamente por um segundo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Nosso tempo está
acabado e não
precisamos mais dele^[52]

Mas antes que eu pudesse relaxar, tive que deixar Dahlia tomando conta de Harriet para ir até a mansão. Não via Cedrico há dias e estava preocupada, além de precisar dar uma *checada* em Esme, só para me certificar de que ela ainda estava viva. Bem viva.

Contudo, quando entrei sem bater, tendo me esquecido que Elena estaria lá, encontrei-a na sala com Jon e Rafael, que se viraram para me olhar como se eu fosse a última pessoa da terra que fosse

provável aparecer ali.

Abri a boca para falar qualquer coisa, mas só fui capaz de dar um passo desajeitado e descer o degrau da sala, sem saber o que dizer. Rafael e eu tínhamos nossos *encontros secretos*, mais secretos do que a -A, de *Pretty Little Liars*, e meu pai e eu tínhamos discutido da última vez em que ele estivera em Salém. Elena nem era digna de comentários, já que ela concordava que eu ficava melhor morta.

Portanto, demorei um segundo para encontrar palavras: — Eu preciso falar com Esme — eles estavam perto uns dos outros em um semicírculo, de modo que Elena estava no meio dele e de frente para mim e só Rafael virou a cabeça para me olhar.

— Ela está no porão — foi ele quem esclareceu e ficou mais do que claro que o assunto era confidencial. Anuí e passei pela sala em minha velocidade vampira para dar logo o fora dali e entrar naquele lugar claustrofóbico.

Para a minha surpresa, as luzes estavam acesas, inclusive a da *cela* de Esme, para onde caminhei devagar para ver a porta aberta e Cedrico lá com ela. Era tão úmido ali embaixo que incomodava

NACIONAIS - ACHERON

meu nariz, mas, para minha segunda e maior surpresa, foi entrar e ver que aquela cadeira sinistra tinha sido retirada dali e que havia uma cama de solteiro, onde Esme estava sentada em posição de lótus com uma bandeja em seu colo, tomando uma sopa tão rala que parecia água.

Cedrico estava sentado aos pés dela e se virou para mim quando parei na porta, meio boquiaberta, olhando para todo o cômodo antes de tentar falar qualquer coisa, tentando descobrir qual tinha sido o Hamilton a ter um ataque de benevolência: — Ei, você.

— Oi — falei lentamente, com a voz arrastada e mordi o lábio. Esme parecia saudável, sem evidências de tortura, e seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo.

— Aconteceu alguma coisa? — parecia que ninguém me considerava bem-vinda ali naquele dia, ou em qualquer outro. Ou eu simplesmente tinha passado muito tempo fora e não fazia mais a menor ideia do que estava acontecendo ali.

— Não. Podemos... — gesticulei para o corredor — Conversar por um segundo?

— Podemos — ele se levantou e caminhou na

NACIONAIS - ACHERON

minha direção, me fazendo andar para trás para fechar a pesada porta de ferro.

— Então, ela ainda é uma prisioneira? — era a minha principal dúvida enquanto caminhávamos para fora dali.

— Em tese, sim, mas concordamos que Esme é uma ameaça neutralizada. Inclusive Rafael, que comprou até uma cama e roupas para ela — ele falou com um toque leve de humor, dando a entender que não exatamente concordava com a ideia do irmão.

— Ela falou mais alguma coisa?

— Bem, é claro que perguntamos a ela sobre essa ideia maluca de casamento, mas, além disso, nada — ele segurou a porta e gesticulou para que eu sáísse, o que fiz com evidente desconfiança.

— *Ideia maluca?*

— Somos todos crescidos, Juliette. Todos sabemos onde isso vai dar — no caminho entre a porta do porão e a cozinha, segurei seu antebraço e fi-lo girar para me encarar.

— O que você quer dizer com isso?

— Não vou opinar sobre isso, mas te desejo sorte — expirei pesadamente e soltei-o — Estou falando
NACIONAIS - ACHERON

de vocês dois, caso ainda não tenha ficado claro.

— É, eu entendi...

— Você acha que um casamento vai consertar as coisas e talvez funcione, há uma alta probabilidade, mas você bem sabe como você e Rafael são geniosos e nunca dão o braço a torcer por nada — Cedrico deu de ombros de maneira casual e crispei os lábios.

— Eu odeio dizer isso diante de tanta presunção, mas você está certo.

— Eu sei...

— Mesmo assim, eu não vim aqui para discutir sobre meus possíveis sentimentos, só para ter certeza de que Esme está viva e para mim é suficiente saber que ela concorda com isso — consertei os cabelos e olhei-o bem — Você está bem? Eu sei que tenho estado meio ausente e que *eu* deveria estar aqui para você...

— Não coloque tudo sobre seus ombros, eu estou ótimo — anuí.

— Está bem, então eu... Vou embora — Cedrico concordou sem nenhuma imposição. Realmente, eu não era bem-vinda ali por nenhum deles, nem pela prisioneira e nem pelo meu amigo.

NACIONAIS - ACHERON

Passei pela sala a uma velocidade assombrosa para evitar os Hamilton no caminho até meu carro, contudo, quando consegui usar as chaves para abri-lo, Rafael me puxou pelo cotovelo para me apoiar contra o porta-malas, segurando meus antebraços com o rosto muito perto do meu, como que na intenção de que ninguém nos visse. Sem nenhum esforço, libertei-me do seu toque e esperei que ele dissesse o que queria depois de praticamente ter me ignorado como se eu fosse uma incômoda partícula de poeira.

— Você está bem?

— É, estou, e você? — devolvi em tom um meio sarcástico, meio óbvio demais; um que ele claramente não entendeu, ou não se esforçou para fazê-lo, pois inclinou o rosto como um gatinho que me pedia para ser levado para casa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, Rafael! — exclamei. Com os olhos bem abertos e o queixo caído, comecei a me questionar se ele não estava fazendo de propósito, se realmente não sabia o que *estava acontecendo*

— O que vocês três estão armando? — deixei que meu tom soasse mais neutro ao cruzar meus braços

NACIONAIS - ACHERON

na altura do peito, impondo uma distância segura entre nós.

— Armando? Deus do céu, não estamos armando nada, é esse o problema? — ergui as sobrancelhas, como que indagando se tínhamos outro, mas sua expressão desfez a minha quando ele sorriu e colocou as mãos em meus braços pouco acima dos cotovelos — Eu não quis irritar minha mãe, ela está ajudando, e ela é a única pessoa que temos do nosso lado que pode fazer com que os bruxos apareçam naquela farsa amanhã, além disso, também não disse a ela sobre...

— Estarmos *meio que juntos*? — tomei cuidado com as palavras para não me enrolar nelas, mas parte da frase saiu em um tom irônico não planejado que fez com que Rafael inclinasse o rosto, com aquela expressão que me pedia para que não complicasse ainda mais as coisas.

— Olha, você tem seus motivos para não contar a Harriet, eu tenho os meus para não contar para a minha mãe. Você sabe que ela não gosta de você e que precisamos dela, então vamos manter assim por ora, está bem? — meus ombros ainda estavam rígidos e, mesmo que eu não pudesse discordar

NACIONAIS - ACHERON

dele, demorei-me a concordar também.

— Eu também não gosto da sua mãe — desvencilhei-me do seu toque — E eu, ao contrário dela, tenho motivos para isso — comecei a dar a volta e ir até a porta do carro, ao que ele, em um movimento previsível, me seguiu.

— Ela também tem motivos. Talvez não tão fortes quanto os seus, mas ela tem — me irritava vê-lo falar daquele jeito e eu não queria pensar que Rafael concordava com ela, mas tudo o que ele fez foi depositar um beijo fraternal em minha testa — Nos vemos amanhã.

Mordi o lábio quando Rafael se afastou e tratei de fazer o mesmo.

— Eu gosto deste — peguei um vestido branco na arara e mostrei a Dahlia, que demonstrou sua clara reprovação ao retorcer o nariz — Qual o problema?

— Isso não é apropriado... — agarrei o vestido como se ela fosse tentar arrancá-lo de mim.

— Desculpe se eu não sou a *noiva* mais entusiasmada com um vestido, mas esse casamento também não está sendo o casamento dos sonhos para ninguém — Cassandra se aproximou de mim

NACIONAIS - ACHERON

por trás e pegou o vestido da minha mão em meu momento de distração, avaliando-o.

— Isso, definitivamente, não é apropriado — afirmou categoricamente, sem receios como Dahlia o tinha feito, e recolocou na arara, deixando claro que aquilo não seria aceitável.

Na enorme loja com centenas de araras, o lugar estava mais para loja de departamentos do shopping do que para um lugar para se comprar um vestido de noiva. A dois metros a minha direita, Harriet estava sentada em um *puff* de costas para nós, tentando decidir-se entre vestidos. Voltei-me dela para Dahlia a minha frente, passando os olhos por Cassandra: — Eu não quero um vestido. Mas já que sou obrigada a querer um vestido, não quero um vestido espalhafatoso, me entenderam?

— Vamos encontrar isso, é só você superar seu pânico por compras — Cassandra passou por mim e deu olhada nas opções como se nenhuma delas fosse digna, até que pegou um vestido branco de alças, decote aceitável, marcado abaixo dos seios e que descia em um pinçado suave, imaculadamente branco, todo recoberto por uma delicada renda de branco gelo até os pés. Nas costas, ainda tinha um

NACIONAIS - ACHERON

corte oval elegante.

Talvez compras não fossem uma coisa tão ruim, mas eu duvidava que aquele também fosse, de longe, apropriado para um casamento, mesmo sendo adorável: — Espero que caiba em você.

Depois de comprar o vestido, fomos ao cabeleireiro, já que Cassandra insistiu que eu precisava cuidar do meu cabelo depois de tê-lo pintado, pois, segundo ela, minhas pontas estavam desidratadas. Como se eu me importasse, de qualquer modo! Mesmo assim, ao entrar no salão onde Cassandra tinha marcado uma hora mim, Harriet e ela, resolvi voltar ao meu antigo cabelo. Aquele tom de loiro, claramente, não tinha nada a ver comigo e estava na hora de eu voltar a mim antes de todos aqueles conflitos com humanidade e sentimentos que me fizeram pintar o cabelo antes. Voltar a ser eu mesma.

Tomada a minha decisão, deixei o papel nas mãos da cabeleireira que, segundo Cassandra, era “*superboa*”. Sério, quem diabos usava aquelas palavras? Quando ela terminou e vi meu cabelo preto diante do espelho e nunca me sentira tão feliz com algo tão bobo. Foi como se sentisse que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

voltasse ao meu lar, a mim mesma e me dei conta de que sentira absoluta falta daquilo. De mim.

NACIONAIS - ACHERON

Por sua causa^[53]

Mordi o lábio, agoniada com tanta maquiagem que Cassandra passava em mim, mas quando me virei para ver o resultado, parecia que tinha outra pessoa diante do espelho. Estava discreta, tive que fazer ameaças com sombra e batom, mas estava estranhamente bonita.

O dia anterior tinha sido uma bagunça e Cassandra tinha o mapa consigo que, pela manhã, dizia que nossos inimigos não estavam tão por perto assim, por isso, poderíamos todos respirar. Como ela dissera, a mansão toda tinha se transformado e abrigava convidados sobrenaturais enquanto eu evitava que Cassie mexesse no meu cabelo.

— Eles pareciam convencidos com essa coisa toda?

— É, claro, com o passado de vocês, ninguém nunca duvidaria que esse casamento não é real — ela ficou atrás de mim e fitei meu colo enquanto Cassandra fazia uma trança fina na lateral do meu cabelo e outra do lado direito, unindo as duas com cuidado, sem movimentos bruscos quando escutei passos e me virei.

— Pai? O que está fazendo aqui? — meu tom denunciou minha surpresa, ainda mais quando vi que ele usava terno e gravata ao entrar em meu quarto com um sorriso pacífico.

— Vim te trazer uma coisa — Cassandra terminou e disse que voltava depois, deixando-nos conversar — Como você está?

— Achando tudo isso muito estranho — levantei-me e terminei de cortar a distância entre nós para abraçá-lo com tanta força até quase esmagar seus ossos. Sua falta de reação inicial deixou mais do claro que estava surpreso, mas ele me abraçou de volta com a intensidade precisa da qual eu necessitava naquele momento, até que eu me sentisse confortada, que sentisse que tinha um lar e

NACIONAIS - ACHERON

alguém em quem pudesse confiar — Me desculpe — pressionei o rosto contra seu ombro e fechei os olhos, sentindo meu coração ficar apertado no peito, mínimo — Me desculpe, pai, eu sinto, eu fui... Infantil com você quando você esteve aqui, me desculpe...

Afastamo-nos e Jon pousou as mãos em meus ombros, mantendo-me perto: — Está tudo bem, eu entendo, você estava passando por muita coisa — fiz que não e respirei fundo.

— Você não deveria, *eu* estava errada. Eu estava zangada com tanta coisa naquele dia e joguei tudo sobre você, quem estava mais perto de mim. Como a morte da mamãe — dei de ombros casualmente, sentindo meu nariz queimar com a vontade de chorar — Por todos esses anos, eu nunca quis saber da minha irmã porque eu a culpava — fi-lo soltar meus ombros, com uma expressão chocada no rosto, sem palavras.

— Juliette, tanto tempo se passou...

— Eu sei, e mesmo assim, eu precisei mudar mais do que nunca, perder alguém que eu amava e correr o risco de perder outras para me dar conta disso — segurei suas mãos e esbocei um sorriso amarelo —
NACIONAIS - ACHERON

Eu quero que saiba que eu te amo. Sei que nunca fomos exatamente próximos, que eu sempre vi Friedrich como o meu pai e você como... Um tio próximo até ele morrer, mas éramos ligados, como uma família e eu mal te conhecia. Mesmo depois disso, depois da minha mãe morrer... — tomei um fôlego profundo — Eu me afastei em uma cidadezinha, casei sem você saber... Você nem conhecia a Harriet até alguns anos e eu lamento *profundamente* por isso porque sinto falta da minha família.

— Querida... — ele ergueu o braço e secou uma lágrima que escorria pelo meu rosto e que eu nem tinha me dado conta — Olha, eu sei que hoje, esse *casamento*, não é nada como você esperava e que tudo aconteceu de maneira confusa, abrupta e acelerada, mas eu estou aqui para te apoiar, é o que a família faz.

— Obrigada — sorri e abracei-o mais uma vez.

— Mãe — escutei a voz de Harriet e afastei-me do meu pai para vê-la entrar, usando um vestido azul-royal estonteante e com os cabelos presos em um penteado ainda mais, provavelmente por obra de Cassandra.

— Oi, querida. Você está linda — inclinei-me e ela sorriu, erguendo os olhos para Jon.

— Você também.

— Aliás, meu motorista está nos esperando lá fora — olhei para Jon com o cenho franzido e ele deu de ombros, como se fosse um *luxo necessário*, e acabei concordando. Na sala de estar, Cassandra estava perto da porta em seu deslumbrante vestido amarelo, harmonioso com seus cabelos dourado-escuros, preso de lado com uma presilha com uma pedra amarela. E tinha um sorriso enorme que dizia que nunca estivera tão feliz pelo fato de eu *me casar* com seu irmão, parecia não poder pudesse contê-lo, ou estar disposta a tanto. Assim, fomos os quatro até o Acura estacionado ali para a mansão dos Hamilton.

No caminho, Cassandra não parava de tagarelar sobre como estava tudo perfeito, que eles tinham até florescido o jardim para que tudo ficasse *perfeito*. A cada frase, a palavra surgia ao menos uma vez para descrever as circunstâncias e eu me pegava pensando em como as coisas seriam dali a frente. No fato de eu não saber como Rafael e eu estávamos e no fato de que eu tinha uma fagulha de

NACIONAIS - ACHERON

medo do que ainda estaria por vir e que, por isso, não conseguia relaxar e nem conseguiria até que tudo estivesse acabado. A humanidade e a mortalidade de Rafael faziam meu estômago se retorcer com a possibilidade de que algo lhe acontecesse.

Antes que eu pudesse pensar demais, até meu cérebro derreter, o motorista parou e percebi que tinha muita gente ali. Gente demais, *buffet* e simplesmente muita gente amontoadada diante da casa, do caminho até a porta e provavelmente muita gente na mansão. Muitos bruxos conversando como se murmurassem sobre o quanto eu era uma *bruxa ruim* e o quanto eles me odiavam, sem saber o que estavam fazendo ali.

— Pronta? — fiz que não.

— Não é hora para ataques de pânico, Juliette — Cassandra saiu do carro e levou Harriet pela mão enquanto meu pai, que estava na frente, saiu e deu a volta para abrir a porta e estender a mão para me ajudar.

— Você vai ficar bem — respirei fundo e aceitei o fato de que, para que aquilo funcionasse, eu tinha que sair do carro e foi o que fiz, não vendo o

NACIONAIS - ACHERON

restante dos Hamilton em lugar nenhum. Só que havia cadeiras chiques espalhadas pelo jardim e o caminho entre as duas fileiras enormes parecia-se com o caminho que eu tinha que trilhar até onde, inesperadamente, Sophia se encontrava com um longo vestido *preto*, contrariando o princípio básico de não *aparecer mais que a noiva*.

— O que eu faço? — murmurei, completamente perdida. Ninguém tinha me orientado muito bem com relação a que passos seguir.

— Eu vou te levar até seu noivo — ele fechou a porta do carro e encarei-o em pânico conforme todo mundo se virava para me olhar — Rafael vai te dar uma pedra e algumas palavras serão ditas. Nada que você precise temer.

— Está bem. Eu não estou com medo, claro que não — sorri e aceitei o braço que meu pai ofereceu, caminhando a um passo ritmado. Enquanto isso, todo mundo foi sentando e fazendo silêncio. Finalmente vi Rafael, que se posicionou ao lado de Sophia, usando um terno que o deixava ainda mais lindo, aliado a gravata-borboleta e ao fato de ele ter tirado a barba e ter um contido, porém satisfeito, sorriso no rosto.

NACIONAIS - ACHERON

Eu queria correr e pular sobre ele como uma maluca, mas acompanhei os passos suaves de Jon e andamos lentamente. Além de haver uma tribuna atrás dele, havia um arco de hera lindo, aliado ao sol fraco que lançava sua luz por todos os lados e deixava o ambiente alaranjado, tudo lindo demais. Mas nada se comparava a meu noivo irresistível, para quem Jon ofereceu minha mão e me colocou diante dele.

Rafael abriu a mão para revelar um cordão com uma linda pedra, uma selenita que emanava magia em forma lua crescente, colocando meus cabelos delicadamente para trás para colocá-la em meu pescoço. Sophia colocou-se detrás da tribuna e fez com que nos voltássemos para ela, quebrando o contato físico e visual.

— Juliette. Rafael — ela passou os olhos por nós dois com a expressão neutra e o queixo erguido — Hoje, vocês se unem aqui, diante do seu *coven*, e eu, em nome dos ancestrais, fui escolhida — algo em seu tom dizia que ela não se sentia muito contente por ter sido *escolhida*, e pelo que eu me sabia, não existiam mais ancestrais e ela não era a regente dos *covens*, mas limitei-me a escutar —

NACIONAIS - ACHERON

para dar um significado a esta ligação. Diante de todos vocês — ela gesticulou na direção dos bruxos ali presentes —, é que realizaremos essa cerimônia — e voltou-se para nós, repousando seu olhar incisivo sobre mim. Não tive dúvidas de que eu não era a pessoa favorita de Sophia — É da vontade de vocês dois que essa cerimônia se realize?

— Sim.

— Sim — falamos em uníssono, com os olhos fixos em Sophia, e ela pegou uma adaga que estivera todo aquele tempo sobre a tribuna e, embaixo dela, uma tigela de pedra. Sabendo exatamente o que fazer, Rafael estendeu a mão com a palma virada para cima e, sem nenhuma dó ou hesitação, Sophia deslizou a adaga pela sua palma e virou-a para baixo, de modo que ele sangrasse na tigela. Abri a boca, sem reação quando ele comprimiu os lábios diante da dor.

Sophia estendeu a mão e ofereci a minha, onde ela repetiu o mesmo processo, causando-me menos dor que do causara a Rafael, e minha mão curou rapidamente, me deixando com uma leve curiosidade pelo que viria a seguir. Sophia deixou a adaga sobre a tribuna e pegou nossas mãos ao

NACIONAIS - ACHERON

fechar os olhos.

*Spirituum, custodes vestibulorum
colligat et connectunt
et simul animabus illorum
unum faciunt amet
Coniungere cordibus eorum, et in mentibus eorum
Corporibus duobus faciunt unum
nec non et cum eis mors numquam scindendum*

Ao segurar sua mão, eu podia sentir com perfeição o modo como sua magia se conectava a minha e retorci meu rosto com a intensidade inesperada com que ele parecia *conectado* a mim, com que meu coração acelerou e todo o meu corpo se conectou ao seu, com tudo em mim, até minha alma, e todo o meu corpo se extasiou por um momento.

— Está feito — Sophia falou com pesar e pisquei, meio tonta, um bocado atônita, soltando a mão de Rafael para voltar a mim e recobrar minha plena consciência.

Depois daquela cerimônia ritualística assustadora,
NACIONAIS - ACHERON

os convidados se dispersaram enquanto eu me sentava por cinco minutos. Parecia que as coisas estavam borradas diante de mim quando me sentei no degrau da frente da mansão, deixando Rafael ir falar com os bruxos e fazer sabe-se lá mais o quê.

Virei-me quando Cedrico se sentou ao meu lado, usando paletó por cima da camisa com alguns botões abertos, e me estendeu uma taça de champanhe: — Você está bem?

— Não muito — aceitei o champanhe e virei-o de uma vez só — Como está nossa prisioneira? — ele pegou a taça vazia da minha mão e terminou o seu champanhe.

— Aproveitando a festa — ele fez um movimento com a taça de champanhe e vi Esme em um vestido preto solto comendo *pretzels* como se fossem coisa de outro mundo.

— Vocês a deixaram sair?

— Não se preocupe, ela não pode usar magia. E achamos melhor não chamar atenção com uma bruxa presa no porão, mas quando isso acabar, ela volta para lá — anuí, incapaz de falar e Cedrico levantou para colocar as taças em uma bandeja de um garçom e pegar mais duas — Onde está a

NACIONAIS - ACHERON

Harriet? Eu não a vi por aqui.

— Ela está com Cassandra — bebi mais champanhe e consegui ver um palmo a minha frente, melhor do que há alguns segundos — O que você acha que acontece agora?

— Como assim?

— Eu estou cansada de lutar, de acabar com o inimigo sem fim. Eu quero encontrar um lugar, ter uma casa...

— Com Rafael?

— Com Harriet — sorri e balancei a cabeça, pronta para mudar de assunto — Onde está o mapa?

— Por que tanta paranoia? — Cedrico bebeu mais champanhe e observei as pessoas que eu nem conhecia.

— Eu sou paranoica, minha filha está aqui e eu preciso encontrar Cassandra — levantei-me, começando mesmo a ficar paranoica, e entrei para procurar Cassandra e Harriet, encontrando-as na cozinha comendo *cappelletti* — Oi, querida.

— Essas coisinhas são ótimas — Cassandra agitou um *cappelletti* antes de enfiá-lo na boca, ao que Harriet concordou.

NACIONAIS - ACHERON

— Come um, mãe — Harriet me ofereceu e tive que aceitar, comendo o *cappelletti* de frango; podia dizer que era bom, mas não era a minha coisa. Eu preferia algo mais alemão e com menos carboidrato.

— É muito bom — sorri e senti alguém se aproximar, ouvi os passos e, mais do que isso, *senti* que ele se aproximava lentamente, bem antes de vê-lo, como se houvesse algo dentro de mim indicava que ele se aproximava. Talvez fosse aquela a conexão a que Markos referira-se antes, e, para mim soou assustador naquele momento quando Rafael tocou meu cotovelo com suavidade, como se espalhasse a mais pura energia pelo meu corpo, tão intensa que parecia com uma corrente elétrica intensa que poderia me queimar.

Sua magia parecia se conectar com a minha de maneira inexplicável, singular, me deixando tão extasiada que parei por um momento, até de pensar, para conseguir colocar meu corpo no lugar, fazê-lo realizar as funções básicas às quais estava acostumado a fazer e que lhe era tão simples como respirar, como antes que eu sentisse como se Rafael estivesse dentro de mim; não só em meu coração, NACIONAIS - ACHERON

mas na minha pele, pouco a pouco penetrando o meu sangue e se apossando de todo o meu ser.

— Tudo bem? — ele tinha tirado a gravata e aberto os primeiros botões de sua camisa impecavelmente branca.

— Claro — ofereci-lhe um sorriso falso, imaginando como diabos ele não estava surtando como eu estava.

— Podemos ir lá fora um minuto? — ele pegou um *cappelletti* e comeu-o a espera de uma resposta. Fiz que sim com a cabeça, um bocado boba ao olhar para ele.

— Eu já volto, querida — falei a Harriet.

— Não se preocupe, ela está em boas mãos — Cassandra falou com um sorriso doce que direcionou ao seu gêmeo. Segui Rafael até a sala e depois, até o lado de fora. A verdade é que eu queria que aquela festa acabasse logo, que aquelas pessoas estranhas fossem embora, era gente demais. Do lado de fora, tinha cerca de vinte bruxos e bruxas, conversando e trocando olhares uns com os outros ao nos ver. Rafael se livrou de sua taça de champanhe e caminhamos lado a lado em torno do espaço aberto — Você não me disse

NACIONAIS - ACHERON

que haveria essa festa toda aqui, achei que seria algo mais... *Discreto*.

— É, eu sei, mas você sabe como é a minha irmã, ela insistiu e achei melhor não discutir. Estamos sendo bons anfitriões depois de tanto tempo longe daqui — ele me olhou com cuidado e nossos passos desaceleraram ao mesmo tempo e parados um pouco mais distante do resto das pessoas, próximos a casa de ferramentas — Você está bem? Está se sentindo esquisita ou algo assim?

— Na verdade, sim. É uma coisa estranha que não consigo explicar o que é, está sentindo o mesmo? — ele inclinou o rosto e balançou a cabeça.

— Depende do que você chama de estranho, eu... — ele interrompeu suas palavras para soltar um grito agonizado, erguendo as mãos para levá-las à cabeça e cair de joelhos, assim como todos os bruxos ali caíram, deixando-me de pé, assim como Cedrico e três bruxos de sobretudo que surgiram na minha diagonal, assustadoramente perto como que saídos do nada.

Arregalei os olhos e abri a boca, sem saber o que estava acontecendo enquanto o bruxo do meio, que parecia ser o líder, tinha a mão estendida até todos

NACIONAIS - ACHERON

os bruxos caírem ao chão, gritando. O homem tinha olhos azuis profundos, cabelos castanho-claro e assim que coloquei meus olhos nele, ficou claro que era escocês ou qualquer coisa assim, os outros tinham cabelos e olhos escuros e pareciam obscurecidos pelo primeiro, que abaixou a mão, aproximando-se com um sorriso contido enquanto consertava seu longo e imponente casaco.

— Olá, queridos — ele ergueu a cabeça e olhou para mim quando fiquei de frente para ele. Cedrico cortou rapidamente os vários de distância, juntando-se a mim, e trocamos olhares, sem saber o que esperar daquele homem, que deixou seus lacaios para trás ao ficar de frente para nós, separado somente por três metros — Acredito que o meu convite tenha extraviado pelo correio sobrenatural.

— Quem é você? — franzi o cenho, meus olhos passando automaticamente pelos corpos caídos no chão, principalmente o de Rafael, a quem eu queria com um desespero desconhecido saber se ele estava bem.

— Leonard, receio que não tenhamos sido apresentados.

NACIONAIS - ACHERON

— Não, não fomos — meu desejo de matar aquele homem crescia diante daquele seu sorriso tolo, queria rasgar seu pescoço com minhas presas somente pelo pensamento de que ele tinha machucado o homem que eu amava, que minha filha estava lá e eu não me lembrava de ter sentido tanto pânico em toda a minha vida, mas também, tanta determinação.

— Eu vim fazer duas coisas aqui. Primeira, pegar minha bruxinha de volta. Segunda, terminar o trabalho que ela falhou em terminar — ele balançou a cabeça e pressionou os lábios um contra o outro, certamente desapontado pela *falha* de Esme — Ela é tão ambiciosa, mas, ao mesmo tempo tão... — ele ergueu os olhos e fechou-os por meio segundo — *Ingênua* e irada. Com raiva do mundo.

— Você não vai levá-la.

— Ah, querida... — Leonard soltou um suspiro cansado — Nós iremos. E se não quiser que eu mate você também, por ficar no meu caminho, saia — seu sorriso se transformou em um olhar feroz e ouvi os passos atrás de mim, virando-me apenas o suficiente para sair e ver Renée juntar-se a nós.

NACIONAIS - ACHERON

Fiquei sem entender por quê o feitiço que fez os bruxos dormirem, ou fosse qual fosse o estado deles, não a afetara, mas não me demorei em meus pensamentos sobre aquilo, apenas aceitei quando ela se juntou a nós, fechando as mãos em punhos e adotando uma postura defensiva de quem lutaria até a morte dos seus inimigos.

— É como ela disse, você não vai levá-la — Renée ergueu o queixo — Só por cima do meu cadáver.

Leonard ergueu as mãos e os bruxos atrás dele assumiram uma posição de ataque, tão prontos para matar como nós e eu, sinceramente, apenas esperava que Cassandra estivesse cuidando bem de Harriet e que meu pai estivesse bem. Além disso, eu não podia fazer muito naquele momento.

— Venham para a morte, então — minhas presas se alongaram e meu rosto se transformou enquanto dezenas de caçadores surgiam por dentro da floresta com besta e o semblante assassino ao sinal de Leonard, ao abaixar os braços. Eu estava pronta, sentia sede em acabar com todos aqueles malditos e vê-los mortos no chão.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Você não sabe que sangramos o mesmo?[\[54\]](#)

Não precisava de outro convite, pois, quando aqueles caçadores se aproximavam como uma sombra, ameaçando as pessoas que eu amava, partimos ao mesmo tempo para um ataque certo e mortal. Passei a uma velocidade ultrarrápida por Leonard e os bruxos que emanavam sua magia por todo o lado e arranquei a besta do caçador que estava mais perto, acertando seu rosto com ele até que ele caísse e usei a besta para atirar uma flecha em outro, acertando-o no pescoço.

Assim que terminei com os dois, mais dois surgiam atrás de mim, prontos para seu ataque quando dei a volta pela direita e, por entre árvores,

quebrei o pescoço dos dois, um com cada mão. A minha frente, mais um surgia e atirou uma flecha que não me acertou por pouco, pois abaixei-me e a ela ficou crava em uma árvore. Peguei a besta que tinha jogado ao chão para acertá-lo no peito, fazendo o homem largar sua besta e cair com uma expressão agonizante antes de fechar seus olhos de modo definitivo; havia mais deles ali, eu podia senti-los, mesmo que não pudesse vê-los.

Aproveitei a brecha no ataque para rasgar um pedaço do meu vestido que tornava meus movimentos lentos, deixando-o na altura dos meus joelhos e erguendo a cabeça, escutando tudo com cuidado e observando Renée ao longe enquanto ela lutava com dois caçadores. Alguma coisa me agarrou por trás, passou sua besta em torno do meu pescoço e apertou-o com força, deixando-me imediatamente sem ar, arfando por ele, e torci os braços para trás, puxei-o e fi-lo passar por sobre mim para cair ao chão, assim, peguei sua besta para cravá-la em seu peito. O homem cuspiu sangue e, com um espasmo, seu coração parou.

Esquadrinhei aquele trecho da floresta, vendo que havia mais deles diante da casa, mas nenhum

NACIONAIS - ACHERON

parecia ser um bruxo ou forte o suficiente para penetrá-la. Cheguei a Renée e matei um caçador que vi acertar uma flechada nela na altura do seu abdome e ela caiu com a respiração irregular enquanto eu avaliava a extensão do ferimento, tentando me manter racional e fria o suficiente para não me deixar tomar por sentimentos que fossem me atrapalhar naquele momento, enquanto ela perdia sangue, o mesmo que empapava minha mão direita.

— Juliette... — engoli em seco e arranquei a flecha do seu abdome, mordendo meu pulso para colocá-lo em sua boca, fazendo-a beber meu sangue — Atrás de mim — virei-me, ergui a mão direita e, com um movimento, quebrei o pescoço do caçador vestido de preto com magia.

— Fique aqui — falei a Renée e deixei-a deitada ao lado de uma bruxa que desmaiara quando Leonard chegara. Cedrico mordeu um dos caçadores enquanto eu precisei me virar e arrancar o coração de um deles. Quando me virei novamente, vi Leonard, com os dois bruxos ao seu lado como se fossem seus guarda-costas, com uma arma.

Quando fiz menção em antecipar seus movimentos, tudo aconteceu muito rápido, mais do que minha velocidade vampira ou meu raciocínio lógico. Um dos bruxos se voltou para mim e estendeu sua mão, bombardeando meu cérebro com tanta dor que me curvei, inerte e sem ação diante de tanta magia me atacando ao mesmo tempo como se ele tivesse a força de vinte bruxos consigo.

Levei as mãos à têmpora e enfiei as unhas em minha pele, tentando parar aquela dor aguda e intensa que parecia um martelo dentro da minha cabeça, deixando escapar um grito agonizado. Queria me levantar, lutar, não me entregar daquele modo, pois quando ergui minimamente meus olhos, Rafael se levantava no extremo oposto do jardim, distante demais para que eu conseguisse alcançá-lo quando Leonard apontou para ele uma arma e Esme se levantou em um rápido movimento: — *Não!* — seu grito ecoou pelo jardim, ao mesmo tempo em que o meu, dolorido, sôfrego e desesperado, evidenciando a dor que eu sentia em meu peito.

Os dois tiros os acertaram e Esme caiu, sendo amparada por Rafael. Minha cabeça latejava, explodia e mesmo assim, encontrei ainda alguma

NACIONAIS - ACHERON

força dentro de mim que me permitiu levantar e lutar contra minha própria mente e corpo contra aquele feitiço que me paralisou. Antes que o homem pudesse prever meus movimentos, consegui quebrar seu pescoço e soltar o ar em meu peito. Cedrico acabou com o outro bruxo e, como que num passe de mágica, Leonard puxou um dos lados de seu longo casaco e *desapareceu*. Arregalei meus olhos, mas não tive tempo para pensar nele, apenas corri para Rafael, que se sentou no chão e tomou Esme em seus braços.

Ajoelhei-me diante dele, boquiaberta, com o lábio inferior trêmulo de tanta preocupação ao ver sua camisa branca coberta de sangue e não só o de Esme: — Rafael... — seus braços a amparavam firmemente e havia sangue em sua boca, assim como em seu vestido. Seus olhos pareciam vidrados, opacos, sem vida; aquele cinza feroz, outrora vivo e alerta, parecia perder sua vida lentamente e eu fiquei ali parada, alternando meu olhar apavorado entre os dois sem saber o que fazer. Se *deveria* fazer algo, pois eu sabia que não podia, nem dar meu sangue a ela. Esme ergueu a mão direita, tateando o peito de Rafael até que seus

NACIONAIS - ACHERON

dedos estivessem cobertos de sangue.

Cobri minha boca com ambas as mãos, paralisada, além de qualquer reação. Meu instinto de sobrevivência e preservação tinha ido para o espaço no momento em que vira Rafael machucado, tudo sendo substituído pelo choque, pelo meu corpo extasiado. Não conseguia me mover e mal respirava.

— A bala... — Esme falou com dificuldade, engolindo em seco enquanto sua respiração falhava — É feita de um feitiço... Você precisa da cura...

— Esme... — Rafael segurou seu rosto e o corpo de Esme se tornou mole e ela fechou os olhos, sua cabeça pendendo para a esquerda. Apertei as mãos que cobriam meus lábios e respirei audivelmente, permitindo que as lágrimas escorressem copiosamente pelo meu rosto — Merda! — ele praguejou. Funguei e sequei meu rosto antes de me levantar e ir até Renée, para verificar se ela ainda estava sã e salva.

— Meu irmão... — sua voz foi fraca e ela virou a cabeça, ainda recuperando-se lentamente. Sua face estava pálida, como se a vida a deixasse lentamente, mas ao menos eu sabia que ela ficaria

NACIONAIS - ACHERON

bem — Ele está bem?

— Eu não... — balancei a cabeça e ajudei-a ficar de pé, notando que meu vestido estava manchado de sangue. Renée franziu as sobrancelhas com uma expressão perturbada ao esquadrinhar o jardim em busca de Rafael. Aparentemente, eu sabia que ele estava bem, mas também sabia por experiência que os sintomas não tardariam em aparecer.

Renée se levantou e foi até Rafael, que pegou o corpo de Esme em seus braços e levou-a para dentro, colocando-a em um dos sofás que estava no canto da sala, o outro não estava ali e alguns dos móveis tinham sido colocado no canto, próximos a parede. Enquanto isso, fui procurar Cassandra, Harriet e o meu pai, já que os garçons tinham desaparecido quase que com a mesma mágica que Leonard. Fui na direção da cozinha, andando com o passo acelerado conforme não as encontrava: — Harriet? Cassie?

— Aqui — escutei a voz de Cassandra e dei a volta no balcão para vê-la ao lado de Harriet sentada no chão. Ela suspirou completamente assustada e Harriet afundou o rosto em seu ombro ao me ver — Você está bem? — Cassie me olhou

NACIONAIS - ACHERON

de cima a baixo, vendo todo o sangue em mim quando agachei, retribuindo seu abraço.

— Estou — abracei Harriet com força e fechei os olhos, mais assustada do que Harriet ou Cassandra poderiam estar — Aconteceu uma coisa... — suspirei, com a respiração entrecortada e em pânico enquanto apertava minha filha em meus braços.

— O quê? — Cassandra se levantou, recuperando-se rapidamente, esperando, com o olhar arregalado e sua assustadora semelhança com o irmão, que eu dissesse de uma vez por todas — Meus irmãos... — ela abriu a boca duas vezes e em todas elas se calou, inclinando o rosto ao me olhar como se soubesse o que passava pela minha cabeça.

— Cass, eu... — ela passou por mim, tão tempestiva quanto o irmão e desapareceu, enquanto Harriet se afastava dos meus braços para me olhar.

— Mãe, o que aconteceu? — ergui o queixo, sem saber como lhe explicar ou até mesmo o que dizer.

— Querida... Eu... Eu... — gaguejei sem conseguir concluir uma frase sequer.

— Vai ficar tudo bem — embora surpresa com suas palavras e com o modo com que soou mais crescida do que deveria ser, Harriet envolveu meu

NACIONAIS - ACHERON

pescoço com os braços e me abraçou — Eu prometo, mãe.

Enfiei meu rosto em copiosas lágrimas em seus cabelos e abracei-a com força, mal conseguindo controlar a mim mesma diante de tanta coisa, tantos sentimentos ruins, tanta desgraça e tantos corpos a minha volta.

Eu percebi que te amava no outono^[55]

Procurei Rafael e encontrei-o em seu antigo quarto quando já era noite, escuro o suficiente para que eu visse apenas o volume que seu corpo fazia sob o cobertor, afinal, o quarto só estava iluminado pela lareira acesa a alguns metros dos pés da cama. Fechei a porta e me aproximei, colocando meu peso nos saltos da bota, sem querer me aproximar, com o medo dominando cada partícula do meu corpo. Mesmo assim, eu precisava fazer o que precisava fazer, por isso, expirando, sentindo que estava quente demais ali dentro, me sentei ao lado de Rafael, que deitava-se de lado, em algum lugar entre a consciência e alguma coisa que só existia

dentro da sua cabeça.

— Rafael? Você está bem? — coloquei a xícara de chá no criado para me concentrar nele, procurar seus olhos ou uma indicação qualquer de que ele estava ali, que me ouvia.

— Não muito — ele se virou mais, expondo seu rosto, e tirou os braços do cobertor — Morrer é um saco.

— Não diga isso — falei imediatamente, rápido demais, sem pensar, porque a ideia me assustava como o inferno e eu mal podia *pensar* em respirar sem ele, muito menos pensar em perdê-lo daquele jeito — Você não vai morrer, eu vou achar uma saída, eu prometo — minha voz saiu embargada e desviei o olhar dele, que se sentou, apoiando-se nos travesseiros. Peguei o chá e ofereci-o — Dahlia disse que vai atenuar os sintomas.

Com o olhar duro que me lançou, Rafael pegou o chá e bebeu-o, como que dissesse que *eu* sabia que nada seria definitivo, que nada poderia evitar sua morte iminente. Mexi em meus dedos enquanto ele o fazia e, por fim, após eternos breves segundos, Rafael deixou a xícara de porcelana ao lado do abajur para se voltar para mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Você quer deitar um pouco comigo? — sim. Sim, eu queria. Mas por outro lado, não. Mordi o lábio e abri a boca de modo débil, sem saber como responder. Eu queria, mas ao mesmo tempo, aquilo se parecia com uma despedida a qual eu não estava pronta para encarar. Rafael me ofereceu um sorriso e se afastou para o lado, colocando o braço sobre o travesseiro.

Era algo mais forte do que eu, sendo assim, inclinei-me e arranquei minhas botas para me aconchegar ao lado dele, enfiando-me sob o cobertor e deitando a cabeça em seu ombro, sem conseguir controlar as lágrimas que começaram a escorrer pelo meu rosto até sua camisa, a qual eu me agarrei, puxei com a mão direita e entrelacei entre meus dedos, fungando baixinho como se ele não pudesse escutar, enquanto corria os dedos pelos meus cabelos e me aproximava dele.

— Você deveria parar de ser tão chorona — Rafael murmurou em um tom bem humorado que me fez soluçar como uma criança. Tentei parar de chorar, mas era difícil enquanto o envolvia com meus braços na vã e falha tentativa de mantê-lo comigo. De preferência, para sempre.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não consigo. Eu preciso, mas não posso. Eu preciso encontrar um jeito... — soltei sua camisa e sequei o rosto com a mão direita, vendo que o ombro da sua camisa já estava completamente encharcado — Eu vou encontrar um jeito, uma cura — apoiei-me em meu cotovelo esquerdo e pousei a mão direita em seu rosto, buscando por algum resquício que confirmasse que ele tinha alguma esperança, que ele confiava em mim, porque além de esperança, eu não sabia mais o que restava — Você ouviu a Esme falar, existe uma cura e eu encontrá-la, eu prometo.

— Juliette — Rafael pegou minha mão delicadamente e desceu-a até seu peito, olhando para mim de maneira desencorajadora, que me fez chorar ainda mais e as lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto sem que eu tivesse algum controle — Esme está morta e acho que ela é a única pessoa no mundo que estaria disposta ajudar. *E ela morreu.* Por minha causa, então...

— Não foi por sua causa — libertei minha mão e sequei as novas lágrimas em meu rosto, conseguindo ajustar meu tom e conter meu sotaque irritante — Talvez ela tenha tentado... Fazer a
NACIONAIS - ACHERON

coisa certa, eu não sei. Mas Esme era uma bruxa e existem, sei lá, *um bilhão* de maneiras de contatar uma bruxa morta.

— Não sei se isso é tão fácil assim sem a ajuda dos ancestrais — ele inclinou o rosto — Quero dizer... Para onde ela foi? Onde ela está agora? Não fazemos a menor ideia.

— Eu irei encontrá-la, eu prometo — Rafael puxou meu cotovelo esquerdo e me fez deitar de novo.

— Só fique um pouco comigo — ele murmurou contra meus cabelos e fiquei quieta, apenas fechei meus olhos e tentei pensar em algum feitiço que me fizesse encontrar Esme.

O problema é que eu não conhecia nenhum e nem sabia se existiria em algum lugar.

Acordei poucas horas antes do amanhecer, me levantei, consertando o cobertor com cuidado sobre Rafael antes de sair, precisando de um pouco de ar fresco. Harriet dormia no quarto ao lado e dei uma passada lá para conferir antes de descer com a xícara em mãos. Duvidava que alguém estivesse acordado naquele momento, contudo, quando

NACIONAIS - ACHERON

cheguei à cozinha, Cassandra tomava café sentada à mesa com uma expressão fúnebre, os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo e roupas de algodão casuais. Além disso, ela não parecia ter dormido nada.

— Ei — ela ergueu os olhos e esboçou um sorriso amarelo ao me ver — Você está bem? — dei a volta na bancada e lavei a xícara, pegando uma caneca para me servir café e me sentar de frente para Cassandra.

— Fisicamente, sim — tomei o café, sem saber o que dizer a seguir enquanto ela fazia o mesmo — Você sabe... — ela pousou a caneca sobre a mesa, segurando-a com as duas mãos, e deslizou a língua pelos lábios, balançando a cabeça em seguida — Quando você é uma bruxa e tem um gêmeo... Isso muda tudo. E já tinha aceitado o fato de que eu nunca estaria ligada a ninguém como você e Rafael estão ligados agora, de que eu estava bem e amava Alex, mas... Tem essa coisa da qual eu *não consigo* me livrar — ela piscou e desviou o olhar do meu para tomar um fôlego profundo — É como se... — Cassandra franziu o cenho e relaxou os ombros, como que buscasse palavras — Uma parte

NACIONAIS - ACHERON

minha morresse junto.

— Ele não vai morrer — afirmei categoricamente, mas, dentro de mim, em meu íntimo, eu sabia que não tinha aquele poder. Que eu não podia impedir o que eu sabia que aconteceria — E eu preciso da sua ajuda para salvá-lo, Cassie.

— Você sabe que eu faço qualquer coisa pelo meu irmão. Se tiver um plano, me diga — ela arregalou ligeiramente os olhos — Você tem um plano?

— Eu preciso de um feitiço — fiz uma pausa breve, esperando-a processar — Um preciso para contatar Esme. Ela disse que existe uma cura para aquela bala. E eu tenho motivos o suficiente para acreditar que ela conhece esse feitiço...

— Mas nós não temos uma conexão com o outro lado, não podemos acessá-lo — Cass balançou a cabeça.

— Então teremos que criar um.

— Juliette... — ela suspirou longamente, olhou para seu café e mordeu o lábio antes de olhar mais uma vez para mim — Você não sabe que do que está falando... É loucura. Com os ancestrais, poderíamos criar um círculo e falar através deles, NACIONAIS - ACHERON

mas... Não tem como fazermos isso sem a ajuda deles.

— Podemos obter a ajuda deles — inclinei-me para sussurrar e Cassie inclinou o rosto para o lado, exatamente como seu irmão quando queria indicar que escutava tudo com toda a sua atenção — Trazendo-os de volta.

— Não podemos... — preparei-me para interrompê-la, mas quando abri a boca, ela continuou: — Olha, eu sou a pessoa mais interessada em meu irmão, faria qualquer coisa, mas estou dizendo que não podemos trazer os ancestrais de volta, nem se quiséssemos. Trazê-los de volta exige um sacrifício e Deus sabe o inferno que nossa estadia aqui se tornaria se isso acontecesse.

— *Nossa estadia aqui?* Por Deus, Cassandra. Estamos falando de Rafael — balancei a cabeça.

— Não podemos realizar um sacrifício de um inocente só para chamar Esme de volta para que talvez, *talvez*, ela saiba como curar o meu irmão — ela me interrompeu de modo abrupto — Eu amo o meu irmão e vou fazer qualquer coisa por ele, mas temo que teremos que encontrar outro jeito —
NACIONAIS - ACHERON

respirei fundo ao me dar conta de que falhara em obter o apoio de Cassandra quando ela se levantou e saiu da cozinha, deixando-me sozinha com os primeiros raios de sol começando a brilhar.

Enquanto ninguém aparecia, peguei uma bolsa de sangue no porão, pois já me sentia internamente fraca para começar a dissecar. E todo mundo parecia ter uma jugular apetitosa e succulenta naquele momento sob meus olhos. E, por fim, voltei a sala e me sentei, pensando no que eu poderia fazer. Segundo Cassandra, precisávamos de um *sacrifício* para trazer os ancestrais de volta para, assim, podermos contatar Esme, e além de tudo isso, ela apenas dissera que a bala tinha uma cura, não deixara exatamente claro que ela conhecia a tal cura. Mas eu tinha que fazer alguma coisa.

— Oi — ergui os olhos e vi Cedrico parado perto de mim, sentando-se no sofá ao meu lado — Tudo bem com você?

— Não, na verdade, não. Eu... — balancei a cabeça e envolvi-o com os braços — Não estou — suspirei longamente e Cedrico me abraçou de volta.

— Eu sinto muito. Tudo isso aconteceu de maneira tão... Inesperada — funguei e respirei

NACIONAIS - ACHERON

fundo, apertando-o ainda mais, entrelaçando meus dedos em sua nuca e com vontade de chorar só pela conversa em tom fúnebre e reduzido.

— Eu também.

— Nós vamos continuar procurando por uma cura até o último segundo — afastei-me e inspirei longamente.

— Achei que você não tinha esperança depois de Dahlia dizer que não tem uma cura — consertei meu cabelo detrás da orelha e suspirei, com minha respiração entrecortada, difícil.

— Sabe... É o meu irmão, eu não tenho mais nada, apenas esperança — fiz que sim e umedeci o lábio, tomando um novo sopro de coragem.

— Eu não consigo mais... Não consigo pensar em mais nada. Talvez Esme fosse a única que soubesse um jeito, uma cura... Eu não sei — balancei a cabeça e pressionei meus dedos gelados sobre minha testa por dois segundos.

— Respire fundo, nós vamos encontrar alguma coisa — balancei a cabeça e comprimi os lábios enquanto o fazia..

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Nós ainda temos tempo^[56]

Não havia muito que eu pudesse fazer, e quando precisei de Dahlia, ela simplesmente desapareceu. Meu pai foi embora, dizendo que Hope precisava dele, assim como Elena, como se não se importasse com o filho, mas disse que “*procuraria um modo*”. Aquela família parecia uma piada, aquela era a verdade. Cedrico, Cassandra e eu passamos o dia inteiro na biblioteca procurando por um feitiço que pudesse salvá-lo, assim como Harriet, que ajudava-nos a seu modo. Renée estava com Rafael no andar de cima, tomando conta dele.

Mas, provavelmente, já tínhamos lido todos aqueles livros dez vezes ao longo do dia e não

havia nada neles, absolutamente *nada* e ao cair da noite, meus olhos doíam, eu nem conseguia mais ler, pois as letras começaram a ficar borradas e os desenhos começaram a subir das páginas e a andar, dançando a minha frente. Parecia que eu estava ficando louca, assim, fechei os olhos com força e bati o livro com força, saindo apressada dali, deixando os três boquiabertos.

Deus do céu, o que diabos estava acontecendo comigo?

Parei na sala e coloquei a mão na altura do estômago, olhando a minha volta. Havia música ou aquilo estava na minha cabeça também? Apertei os olhos e me concentrei na minha própria sanidade, no que restava dela, esperando que aquilo fizesse aqueles sons pararem, porque, por que diabos alguém estaria tocando piano enquanto procurávamos por respostas? Fechei os olhos e tentei afastar aquilo, encontrar um local na minha mente como eu costumava fazer, e me sentei no sofá com o corpo curvado para frente, com a cabeça entre as mãos.

Havia uma parte só minha na minha mente, uma que ninguém nunca poderia. Nem magia, nem

NACIONAIS - ACHERON

tortura física ou o que quer que fosse; aprendera aquilo com Malcolm enquanto ele me torturava e aperfeiçoara na CIA, enquanto me torturavam durante o meu treinamento. Fui me acalmando, os sussurros foram desaparecendo gradualmente, tornando-se vozes arrastadas e indistinguíveis, como uma oração ou uma maldição.

— *Juliette. Juliette! Eu estou aqui para você* — balancei a cabeça debilmente e afastei aquilo de mim. Precisava ter a consciência de que eu era forte o suficiente para tanto, de que eu estava no controle ali, de que eu podia mandar em mim mesma.

— Juliette! — arquejei com o ar preso na minha garganta e levantei a cabeça de modo abrupto, repentino, ao escutar meu nome e senti-lo quebrar toda a ilusão que eu tinha sobre estar estava ficando louca, junto a toda a paranoia e a sensação de que algo me perseguia — Você está bem? — Rafael se aproximou de mim dando a volta no sofá e pude apreciar o mundo silencioso de novo, escutando apenas grilos cantarem do lado de fora, muito distantes. O som do piano cessara, levando as vozes e os sussurros malignos junto.

— Você estava tocando piano? — a pergunta era

NACIONAIS - ACHERON

irracional, pois eu tinha a impressão de que aquilo estava na minha cabeça, be, fundo dentro dela. Ao fixar minha expressão perturbada e meus olhos arregalados, algo se modificou em sua expressão e Rafael foi até mim, preocupado.

— Estava — um junco suave se formou entre suas sobancelhas e umedeci os lábios, olhando para cima com os dedos cravados no estofado do sofá ao meu lado. Abri a boca para falar, mas tornei a fechá-la, olhando a minha volta, sentindo que estava lentamente perdendo a sanidade — Você está bem? — algo em sua expressão indicava que algo o perturbava e muito, e fi-lo manter distância de mim, temendo qual seria a minha próxima reação diante da falta de palavras, conseqüentemente, a não resposta a sua resposta.

Teoricamente, eu estava bem. Mas algo me perturbava e estava dentro de mim, na minha cabeça, intrínseco em mim, e eu não podia olhar em seus olhos e mentir descarada e deliberadamente só para fazê-lo se sentir melhor porque ele estava morrendo. Quando olhei para baixo, fitei meu colo, meus pés enfiados em meias que eu tinha encontrado no quarto dele e que ficaram grandes

NACIONAIS - ACHERON

demais, me fazendo puxá-la e escondê-las sob a calça azul-clara. E, por fim, olhei para o lado e recolhi imediatamente minhas mãos, vendo que tinha perfurado o sofá com minhas unhas, como se fossem garras afiadas.

— Não — olhei para minhas mãos, depois para ele, sem saber o que estava acontecendo ali, sem entender o que estava acontecendo *comigo* — Eu não...

— Está tudo bem...

— Não... — murmurei com o lábio inferior trêmulo, olhando para ele, depois para minhas mãos novamente. Pisquei com força e Rafael puxou meu braço e me fez levantar — O que você está fazendo?

— Você está surtando, eu também, precisamos de um pouco de ar — agarrando minha mão sem me dar chance de defesa, Rafael abriu a gaveta do criado ao lado do sofá e escolheu uma chave entre tantas outras e me levou com ele. Queria protestar qualquer coisa, mas os sussurros entrecortados iam e vinham, me fazendo franzir o cenho em agonia — Não se preocupe, minha irmã vai tomar de Harriet — ele abriu a porta e abriu a boca, mas não falei

NACIONAIS - ACHERON

nada, apenas olhei-o por um momento e passei por ele, saindo pela noite.

Para a minha surpresa, Rafael não estava com as chaves do seu carro, e sim, com a chave da moto de Cedrico quando me levou à garagem: — Essa coisa ainda funciona? — cruzei os braços por conta do frio e ele deu de ombros, jogando-me um capacete.

— É o que vamos descobrir...

— Isso é loucura. Não vou te deixar pilotar essa coisa — montado na lustrosa Harley, ele girou a chave e acelerou-a, fazendo aquela máquina emitir um ruído alto que ecoou pela garagem. Abri a boca para protestar, mas me interrompi diante do seu sorriso entusiasmo.

— Vamos lá, quantas outras oportunidades você vai ter de dar uma voltinha comigo? — Rafael girou em um círculo perfeito e posicionou a moto para que eu subisse, fazendo um gesto com a cabeça, sorrindo. Havia uma faísca inegável em seus olhos, uma energia, uma chama que não podia ser apagada, quando coloquei o capacete ao subir, segurando nele, que só usava uma camisa preta de mangas longas, fina demais para o frio daquela noite de outono — Pronta?

NACIONAIS - ACHERON

Fiz que sim e apertei-o ainda mais quando ganhamos a noite; fechei os olhos e virei o rosto para a direita, sentindo o vento contra o meu rosto como se fosse descolar a minha pele enquanto Rafael corria a mais de cem quilômetros por hora e continuava a acelerar.

— Para onde estamos indo? — gritei por cima do vento e ele sorriu através do espelho, não me dando nenhuma pista, portanto, coube a mim tentar adivinhar enquanto corríamos pela estrada para uma direção que eu não me lembrava de conhecer, contrária ao centro, depois, passamos por uma estradinha estreita de terra batida e escura, a lua era a única a nos guiar — Rafael! Que lugar esquisito é esse?

— Você vai ver — franzi o cenho, sem nem entender por quê ainda tinha medo daquela coisa quando não tinha mais medo de nada.

Bem, quase nada.

— Você se lembra desse lugar? — ele segurou minha mão para que eu me apoiasse para tirar as meias com um enorme sorriso. Tinha até me esquecido dos sapatos enquanto escutava coisas

NACIONAIS - ACHERON

que não existiam.

— Claro — um sorriso surgiu em meu rosto de modo repentino e inesperado enquanto seguia-o através das flores. Das íxias que Cedrico me dissera há tanto, tanto tempo antes, que fora Lauren a florescê-las. Eram flores africanas, segundo eu podia me lembrar, e acreditava que não poderiam florescer fora de seu continente sem um pouco de ajuda.

A luz iluminava as cores intensas. Paramos em meio a elas, em um espaço um pouco aberto e sentamo-nos lado a lado. Eu passei o braço direito em torno de Rafael e ele passou o seu pelos meus ombros, beijando meus cabelos: — Eu já disse que prefiro muito mais você morena? — ele murmurou e fechei os olhos.

— Não diga... Não diga essas coisas — soltei-o e afastei seu braço — Eu passei o dia inteiro lendo grimórios, procurando por respostas... E *nada*.

— Deve ser por isso que você estava vendo coisas — ele me puxou novamente e encostei o rosto em sua camisa, sentindo seu perfume enquanto minha mão descia pelo seu abdome para levantar sua camisa — O que você está fazendo?

NACIONAIS - ACHERON

— Apenas verificando — havia um curativo em seu abdome, quase na lateral do seu corpo, e a bala tinha entrado e saído como que por mágica, mas ainda parecia algo... Humano. Mortal, mas humano, ainda não como Cedrico ficara depois de um dia — Você deveria estar em casa.

Ergui o olhar, preocupada, e ao invés de ser razoável e concordar comigo, Rafael segurou meu pulso direito, aproximando seu rosto do meu, lentamente capturando meu lábio inferior entre os seus e inclinando o meu corpo para trás: — *O que você está fazendo?* — murmurei enquanto suas mãos prendiam meus pulsos acima da cabeça, enquanto a grama pinicava minhas costas e minhas pernas, principalmente meus pés descalços.

— Eu vou morrer — ele murmurou quase sem ar — Preciso aproveitar o tempo que eu tenho para fazer as coisas que eu amo — inconscientemente, sorri e ergui a cabeça para permitir que minha boca encontrasse a sua.

— Isso é bom, *mas você não vai morrer* — pontuei cada palavra com ênfase, mas ele não disse nada, apenas voltou a me beijar.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Não haverá luz do sol se eu te perder^[57]

Harriet me abraçou com toda a sua força e fechei meus olhos, apertando-a contra mim tanto quanto pude enquanto Jon aguardava diante de mim, com a porta aberta e a mala de Harriet.

— Eu te amo, *Liebling* — corri meus dedos pelos seus cabelos e ela apertou os braços que estavam em torno do meu pescoço — Eu te amo muito, não se esqueça disso, tudo bem? — ela se afastou e fez que sim, cabisbaixa — Eu te amo demais.

— Também te amo — mordi o lábio, apreensiva e deposei um beijo em sua testa, tirando uma caixinha do bolso — Seu presente de aniversário — ela pegou e manteve minha mão na caixa — Abra

mais tarde — beijei seu rosto de novo.

— Vou sentir sua falta — ergui-me rapidamente e engoli em seco, olhando para o meu pai. Harriet enfiou a caixa de veludo no bolso e Jon pegou sua mão.

— Por favor, cuide bem dela — coloquei os cabelos atrás das orelhas e olhei-o com a expressão perturbada, sem saber mais o que dizer quando passei os polegares nos passadores do jeans. Era muito cedo para que eu pudesse me despedir de maneira apropriada da minha filha, mas eu sabia que ela ficaria muito melhor com o meu pai, que Nova York era mais seguro para ela.

Que não era seguro para ela estar comigo. Jon e ela foram se afastando, caminhando até o carro enquanto eu apertava a porta para fechá-la com o coração apertado: — Você está bem? — fechei a porta com cuidado e me virei para Cass com o coração partido.

— Estou — ergui o queixo e esbocei um sorriso — Rafael está dormindo? — ela fez que não e subi as escadas. Acordado, porém sedado.

Sentei-me ao seu lado na cama e peguei sua mão, angustiada ao vê-lo daquele jeito sem poder fazer

NACIONAIS - ACHERON

nada, com dor, esperando a morfina fazer efeito. Estava usando no pescoço o colar que ele me dera naquela tarde tão distante e ele parecia formar uma conexão, criar uma ponte até ele. Havia sua magia dentro dele, eu podia sentir tanto quanto sentia sua magia através de mim com o toque da sua mão. E como a força da sua desfalecia, eu sentia que o mesmo acontecia com minhas esperanças.

Levei sua mão direita a meus lábios e deitei-me ao seu lado, encolhendo-me com os olhos fechados para tentar impedir que as lágrimas encharcassem sua camisa e inchassem o meu rosto, e apertei sua mão. Mesmo que ele não tivesse consciência o suficiente, eu não tinha forças o suficiente no meu corpo, ou sanidade na minha mente, para aceitar que ele partisse sem que eu estivesse ao seu lado, para evitar continuar pensando; evitar que minha mente perambulasse por cada memória que eu tinha, imaginando cada feitiço que poderia nos oferecer uma solução.

— Eu sinto muito — as lágrimas escorreram pelo meu rosto e coloquei a mão direita em seu rosto, esperando desesperadamente que ele abrisse seus lindos olhos verde-musgo, que ele ficasse bem —
NACIONAIS - ACHERON

Isso foi tudo minha culpa... — soluzei e deixei meus dedos descerem até seu peito — *Isso é tudo minha culpa*, eu sinto muito. Desde que eu entrei na sua vida... *Eu* trouxe tudo isso para a sua vida, e eu sinto muito.

— Deveria sentir mesmo — levantei-me num sobressalto e arregalei os olhos, boquiaberta ao ver Lauren com o ombro apoiado na porta e os braços cruzados. Uma postura inflexível aliada a sua expressão de ódio quando ela caminhou lentamente até mim, descruzando seus braços e deixando-os cair do lado do seu corpo dramaticamente. Eu, que estava chocada demais para falar, sequei rapidamente meu rosto — Afinal, você fez isso com ele.

— Lauren? — murmurei, confusa.

— Não, Madre Teresa — ela revirou os olhos e levantei-me, ao que ela me afastou com um gesto desdenhoso e checkou os sinais vitais de Rafael enquanto eu me perguntava o que diabos ela estaria fazendo ali e se podia ajudar de qualquer maneira, por que não tinha feito nada antes?

— O que você...

Ela se virou de modo abrupto e ficou de frente
NACIONAIS - ACHERON

para mim, com o rosto muito perto do meu.

— Preciso que me escute com *muito* cuidado. Eu gostaria de ter uma cura para isso, mas não tenho, então... Estamos sem tempo — fitei seu rosto muito bem. Seus cabelos pareciam mais loiros, na altura do pescoço e cacheados, e tinham uma trança na lateral, deixando-a ainda mais bonita, de algum modo, com aquela aura de sempre. Lauren enfiou a mão direita no bolso do seu jeans colado e tirou de lá seu colar. *Aquele* colar. O colar que Rafael usara há tanto tempo para me colocar no mundo prisão — Você sabe que não sou bruxa, não posso usar magia, então preciso que você...

Minha mão tateou o criado atrás de mim e girei com o olhar arregalado para me afastar dela, que parou de falar, abaixou o braço e ergueu o queixo.

— Eu não vou fazer isso, não vou colocá-lo naquele inferno. No mesmo inferno onde eu vivi por meses e desejei estar morta — balancei a cabeça — Não vou. Ainda temos tempo o suficiente para continuar...

— Não temos! — ela falou categoricamente, entre dentes, e engoli em seco, calculando mentalmente se deveria aceitar o que ela dizia ou

NACIONAIS - ACHERON

continuar com minhas esperanças tolas — Nós *não* temos tempo — ela ergueu o colar e agitou-o na altura do meu rosto — O colar vai nos dar tempo para continuar procurando.

— Eu não posso, Lauren! Só a possibilidade de fazer isso me trás pânico, trás de volta todas as memórias de tudo que aconteceu comigo quando *eu* estava naquele lugar...!

— Isso não é sobre você e Friedrich não vai estar lá para torturá-lo — ela deu um passo na minha direção e estreitou os olhos — Sua última chance. Se não fizer, ele vai morrer em menos de duas horas — ela relaxou os ombros como se falasse de uma casualidade — Dessa vez... *Para sempre*.

Abri a boca para negar de novo, olhando para Rafael por cima do ombro dela. A verdade é que eu não tinha alternativa, não tinha outro meio, não podia salvá-lo nem fazer nada melhor do que Lauren propusera. Havia um conflito intenso dentro de mim entre fazer o que era certo ou deixar as coisas como estavam. E eu simplesmente precisava intervir de alguma forma, assim, agarrei o colar da mão de Lauren e me sentei ao lado de Rafael, envolvendo-o em minha mão e olhando para

NACIONAIS - ACHERON

Lauren.

— O que eu faço?

Ela se sentou a minha frente, pegou o colar da minha mão para colocar sobre o peito de Rafael e segurou minhas mãos firmemente: — É um feitiço de magia negra, você sabe...

— É, eu sei. O que eu faço?

— Feche os olhos — fiz o que ela disse e concentrei-me na sensação que eu tinha da sua magia conectada com a minha, mesmo ciente de que não era exatamente magia, era um poder forte que eu nunca sentira antes, mas era como se sentisse sua verdadeira magia. Como se tocasse sua aura, sua fonte de poder, e era mais forte do que qualquer coisa que eu sentira na minha vida.

— Latim?

Ela fez que não e ergueu suas mãos lentamente, bem pouco, segurando minhas mãos mais forte.

— Búlgaro. Repita comigo — assenti.

*Predaĩ te tazi dusha na sveta
Ostavi tova tyalo pochtı m ũ rtvo
Zaklyuchena ot drugata strana
Kato nakazanie*

*Zaklyuchete go ot tazi strana
Dokato tozi dogovor ne go reshi za pris ũ data si*

Repeti as palavras com ela e abri os olhos. A pedra azul estava brilhando a Rafael abriu os olhos por um segundo, como se agonizasse em algum lugar. Lauren agarrou minhas mãos quando fiz a menção em soltá-las, e logo, os olhos dele se fecharam e Lauren me soltou e me olhou de modo intenso, alternando os olhos entre nós dois.

— Eu acho que... Acho que está feito — arregalei os olhos e chequei seus batimentos.

Rafael estava morto.

Não há amanhecer, não há
dia, estou sempre no
crepúsculo^[58]

— Você *acha*? — virei-me para Lauren com o olhar arregalado, perplexa.

— Eu não sei, eu... — ela se levantou, boquiaberta, andando para trás com a mão na testa, deslizando-o pelos cabelos, em choque — Eu não sei, está bem? — ela ergueu ligeiramente a voz, alarmada, e me levantei, peguei o colar e fui até ela, estendendo na sua direção.

— Então acho melhor você descobrir — ela pegou o colar com a mão direita e segurou-o entre as duas mãos, fechando os olhos, balançando a

cabeça com o rosto franzido, angustiado — Lauren, Rafael está morto, é melhor que você tenha certeza do que está fazendo!

— Eu não tenho — ela abriu os olhos e deixou os braços caírem ao lado do corpo, evidentemente descontrolada — Eu não sei, não estou sentindo nada e, você viu, o colar brilhou... — seus olhos estavam arregalados e Lauren os fechou, cabisbaixa e pensativa enquanto eu começava a surtar, a ter minha respiração interrompida pelo desespero que começava a me dominar, pelo pensamento de que toda aquela coisa do colar tinha sido tão em vão quanto os meus esforços e que Rafael podia estar mesmo morto — Eu preciso da Cassandra, eu... — ela saiu praticamente correndo pela porta e dei uma última olhada em Rafael, fazendo-lhe uma promessa mental de que tentaria tudo o que estivesse ao meu alcance para salvá-lo.

Cassandra estava na sala quando Lauren chegou, com o olhar arregalado, transmitindo sua paranoia a Cass, que deu um pulo de onde estava e passou os olhos por Lauren até chegar a mim, que parei no último degrau, sentindo a velocidade lenta com que meu coração batia, quase parando.

NACIONAIS - ACHERON

— O que aconteceu? — nenhuma de nós falou nada, eu, porque não conseguia, porque algo em minha garganta me impedia de falar, apenas me apoiei no corrimão da escada e fiquei ali, parada, completamente apoiada nele a observar o que acontecia diante de mim quando Cedrico e Renée entraram na sala — Lauren?

— Eu não sei — Cassandra tomou o colar das mãos dela sem dificuldade, passando os olhos pelos irmãos, que se posicionaram com o mesmo olhar tenso detrás do sofá de frente para ela — Ele estava quase morto, achei que ao menos teríamos mais tempo, mas... — Lauren engoliu em seco. Não me lembrava de tê-la visto daquele jeito nunca. Nunca tão transtornada, nunca tão em pânico. *Nunca* — Talvez ele estivesse fraco demais para conseguir sobreviver...

— Não diga isso! — Cassandra vociferou e fechou os olhos para se acalmar enquanto voltava a se sentar no chão para colocar o colar sobre a mesa de centro, respirando fundo para fechar os olhos e estender as mãos espalmadas acima do cordão, concentrando-se.

A pedra azul começou a brilhar como se

NACIONAIS - ACHERON

tivessem acendido uma lâmpada dentro dela, produzindo uma luz cada vez mais forte, mais cegante. Os dedos de Cassandra tremularam e ela apertou os olhos, inclinando o rosto com uma expressão complexa, como se agonizasse, claramente sentindo alguma coisa; talvez não dor física, mas algo estava errado, muito, muito errado. Inspirei profundamente e o ar se perdeu na minha garganta enquanto eu me sentava no degrau da escada e cobria meu rosto com as mãos, meus cabelos foram caindo pelo meu rosto, ocultando minha expressão enquanto as lágrimas embaçavam a minha visão. Balancei a cabeça e inspirei lentamente.

— Tem alguma coisa errada... — Cassandra falou e ergui a cabeça — Eu não sinto nada. Não tem nada aqui — levantei-me em um impulso, caminhando em um passo decidido na direção de Cassandra para parar de frente para ela com somente a mesa entre nós.

— Tente de novo — seus olhos estavam cheios de lágrimas quando ela balançou a cabeça e mordeu o lábio.

— Juliette, eu sinto muito... — conforme as

NACIONAIS - ACHERON

lágrimas escorriam pelo seu rosto, ela tentou secá-las — Ele se foi.

— *Faça novamente!* — gritei, descontrolada e peguei o colar, estendendo na direção dela, tremendo — Faça. De novo. Cassandra — pontuei cada palavra com cuidado e ênfase. Todo mundo estava olhando para mim e Cassandra pegou-o, mais ao ver minha expressão do que por acreditar que aquilo fosse funcionar.

Ela se levantou e Cedrico pegou meu cotovelo, puxando-me e fazendo com que eu girasse, com minha respiração acelerada, entrecortada e trôpega: — Sente-se um pouco, se acalme — mordi o lábio e abri a boca para falar alguma coisa, meu lábio inferior começou a tremer, ao que cobri a boca com a mão direita, inclinando-me em evidente descontrole, como se tivesse levado um soco no estomago ao me sentar, e finalmente deixei tudo sair.

Cassandra, que estava diante de mim, secou o rosto, limpou suas lágrimas contidas e colocou o cordão mais uma vez sobre a mesa para se concentrar na magia contida nele que, naquele ponto, nem eu podia sentir. Cass fungou e um

NACIONAIS - ACHERON

brilho opaco surgiu no cordão enquanto ela focava nele, inspirava e expirava tranquila e lentamente. Ao fim de longos segundos, ela os abriu e olhou diretamente para mim quando balançou a cabeça.

— Não tem nada, Juliette.

— Não, não, não... Isso *não* pode estar acontecendo — engasguei com o ar em minha garganta e inclinei meu corpo. Escondi o rosto entre as mãos, com todo o meu corpo em choque, sem conseguir me mover, mal podia respirar e as lágrimas saíam sem controle dos meus olhos, escorrendo pelo meu rosto e mãos — Isso não pode estar acontecendo, me diga... — ergui os olhos para ela e soluzei — Não! Isso não está acontecendo, me diga que ele não está morto. Faça de novo, eu tenho certeza que ele está aí em algum lugar... *Er kann nicht tot sein*^[59] — abaixei o rosto, repetindo aquilo um milhão de vezes, enfiando o rosto entre as mãos — *Versuche es noch einmal*^[60]. Tente de novo, por favor... — sequei o rosto com as costas das mãos — Por favor, por favor... Tente de novo, eu fiz tudo certo, ele *tem* que estar aí.

— Ele não está, Juliette — ela abaixou o tom da voz, reduzindo-a a um murmúrio. Inspirei em busca

NACIONAIS - ACHERON

de algum controle e consertei meu cabelo detrás da orelha. Cassandra secou uma lágrima e expirou com força — Eu sinto muito, eu tenho certeza que você fez certo, mas... — ela balançou a cabeça e olhou para o lado, onde Lauren tinha se sentado no sofá, poucos centímetros ao lado dela, com o choque estampado em seu rosto, em seguida, Cass me olhou de novo: — Talvez Lauren esteja certa, talvez... *Talvez* ele estivesse fraco demais para suportar o feitiço, para suportar a passagem.

Não consegui falar nada, apenas apoiei meus cotovelos em meus joelhos, controlando meu choro convulsivo e copioso. Eu não podia acreditar naquilo, não podia aceitar aquilo. Eu precisava encontrar um jeito de levá-lo de volta para mim e não acreditava que ele estava morto, não podia. Em meu coração, em meu coração comprimido e dolorido, eu nunca seria capaz de aceitar que ele tinha morrido, que simplesmente me deixara depois de tudo.

Assim, levei alguns minutos para conseguir me recompor e erguer-me, com um novo sopro de coragem em meu peito, com uma esperança renovada que eu nem sabia de onde tinha saído

NACIONAIS - ACHERON

quando me sentei diante de Cassandra e estendi minhas mãos para ela, com o colar entre nós.

— Me coloque lá — falei com a voz ainda trêmula, mas notoriamente mais calma — *Eu* vou encontrá-lo.

— O quê? — ela expirou e franziu o cenho em confusão — Juliette...

— Me coloque lá — enfatizei minhas palavras e ergui ligeiramente as palmas, oferecendo-as a ela. Virei a cabeça para olhar para Cedrico, que estava no sofá — Preciso canalizar de você.

— Tudo bem — ele concordou sem hesitar e enquanto se sentava, Renée deu a volta no sofá e fez o mesmo, pegando a mão de Cassandra, que ainda estava em choque, sem palavras.

— Tudo bem, vamos fazer isso — Cassandra se levantou e passou por nós na direção da cozinha, olhando para Cedrico no meio do caminho — Tire a mesa do lugar — levantamo-nos e fui lentamente me recuperando do choque para entrar em ação, o que eu já estava acostumada a fazer.

Nós quatro tiramos a mesa de centro, a afastamos e, em seguida, removemos o tapete, deixando espaço para que o círculo que eu sabia ser

NACIONAIS - ACHERON

necessário para me mandar de volta para o lugar onde eu vivera um dos meus piores pesadelos. Ao menos, eu estaria sozinha lá, sem Friedrich, e repassei mentalmente os passos para que eu conseguisse voltar, tendo certeza que eu conhecia o feitiço.

— Você não vai precisar voltar — girei em meus calcanhares e olhei para Cassandra, que foi se aproximando com dois frascos em mãos, mandando-nos nos afastar para desenhar um amplo círculo no espaço que tínhamos aberto na sala e desenhou alguns símbolos abstratos e desconhecidos, que me fizeram franzir o cenho, ao que ela se levantou e ficou de frente para mim apenas por tempo o suficiente para dizer: — Eu vou trazê-la de volta — e se virou para Renée e Cedrico — Eu conheço um feitiço — ela deixou os frascos sobre a mesa de centro.

— Pode canalizar de mim também — Lauren se manifestou e Cass fez que sim — Fonte inesgotável de magia, eu garanto.

— Está bem — ela olhou para mim — Deite-se dentro do círculo — obedeci e ela colocou o colar sobre minha barriga, onde minhas mãos se

NACIONAIS - ACHERON

encontravam — Eu vou parar seu coração por vinte minutos, é todo o tempo que você tem para encontrá-lo antes que eu a traga de volta — remexi-me e assenti.

— O tempo é mais lento lá, vinte minutos é o suficiente — ela balançou a cabeça. Cedrico, Lauren e Renée ficaram perto do círculo, porém, do lado de fora, e deram as mãos enquanto Cassandra colocava as mãos em meu peito, onde meu coração batia acelerado e minha respiração se normalizava aos poucos.

— Boa sorte do outro lado — anuí e fechei meus olhos, esperando que a morte fosse rápida. Que fosse rápida e que o tempo fosse o suficiente. Sobretudo, que Rafael estivesse lá em algum lugar. Em qualquer lugar.

Eu só precisava encontrá-lo.

Na sombra do seu coração^[61]

Estar de volta foi impactante, mas coloquei-me rapidamente em ação, ciente do curto prazo do qual eu dispunha para encontrar Rafael e, para minha sorte ou azar, eu estava deitada no chão da sala de estar da mansão. Meu pescoço doía quando me levantei e pisquei enquanto olhava em volta. A sala estava vazia, assim como a cozinha enquanto eu vasculhava o lugar e começava a entrar em pânico, imaginando se ele realmente não estaria ali.

Se não estaria em lugar nenhum.

Mas ao menos durante aqueles vinte minutos, enquanto o meu coração estava parado do outro lado, eu *precisava* ter esperança e era a ela a que eu

me agarrava enquanto subia as escadas, quase tropeçando nos degraus de tão rápido. Afinal, se ele não estivesse na casa, eu precisava sair dela para continuar procurando pela cidade até encontrá-lo e não era uma viagem curta de um ponto a outro, por isso, comecei abrir as portas desordenadamente, encontrando todos os quartos dolorosamente vazios.

— Rafael, onde você está? — minha voz foi apreensiva, desesperada e murmurada quando abri a última porta e deixei que a derrota se abatesse sobre mim, conforme permitia que meus braços caíssem ao lado do meu corpo ao mesmo tempo em que um suspiro escapava dos meus lábios e meu coração acelerava — *Onde você está?*

A resposta chegou a mim em forma de música. *Clair de Lune* estava sendo tocava no andar de baixo, de modo que corri tão rápido quanto pude para chegar ao escritório, tropeçando no último degrau e encontrando apoio no corrimão para conseguir ficar de pé. Estava ficando sem tempo, não estava certa de quanto teria se passado até eu acordar e iniciar minha procurar, mas saber que ele estava lá me dava um novo sopro de esperança e

NACIONAIS - ACHERON

coragem para continuar, para acordar e continuar a minha procura por uma cura, fosse o que fosse.

E abri as portas duplas do escritório, entrando sem esperar anúncios e sem mais delongas. Estava escuro, mas ele estava lá, de costas para mim, tocando piano com paixão, como se nada estivesse acontecendo, e me aproximei, quase tremendo de alívio, afinal, Cassandra estivera errada em sua conclusão e ainda tínhamos tempo. Era incrível que ainda tivéssemos tempo.

— Eu te esperei — definitivamente, aquela não era a voz de Rafael, de modo que dei um passo para trás e tentei usar toda a luz disponível na sala, que era mal iluminada, para descobrir quem era enquanto me afastava a passos assustados, e o homem parou de tocar. Abri a boca para falar qualquer coisa, examinando sua silhueta assustadora em busca de evidências que confirmassem sua identidade. Usava camisa e calça sociais pretas, assim como seus sapatos italianos caros quando se virou, mal me dando tempo para sair, pois ele foi na minha direção e me vi paralisada pelo medo.

Quando testei minha velocidade vampira, vi-me
NACIONAIS - ACHERON

sem ela e corri na direção da sala de estar, sendo seguida por aquele maluco nas escadas, que agarrou meu tornozelo e torceu-o com tanta força que me jogou no chão e eu podia jurar que ouvira meus ossos serem retorcidos e dobrados. Estava boquiaberta, assustada, sem saber o que estava acontecendo, perguntando-me como ele fora parar ali e, sobretudo, onde Rafael estaria. Mas antes que pudesse continuar a procurá-lo, eu precisava estar viva para tanto, pois quando caí, ele me virou, puxando meu corpo e me fazendo deslizar em pânico para posicionar-se abaixo dele. Agitei inutilmente meus braços e gritei como se alguém pudesse me ouvir.

— Eu te esperei por tempo demais — cada palavra saiu da sua boca nojenta com ênfase, pontuada lentamente.

— Me larga — com meu tornozelo direito provavelmente quebrado e sentindo uma dor dos infernos que eu não sentia há quase uma década, ele apertou suas mãos em minha garganta, impedindo-me de respirar — Socorro...

— Você sabe que não tem ninguém aqui — um sorriso diabólico surgiu em seu rosto e ofeguei, NACIONAIS - ACHERON

agitando os braços, acertando seu rosto duro como pedra. Magia também não funcionava, me dei conta, então eu teria que apelar para a minha força física reduzida.

Meus membros começaram a perder a força conforme o sangue parava de circular pelo meu corpo e fechei os olhos por um momento, escutando uma risada de vitória enquanto eu calculava qual seria o meu próximo movimento. Sim, eu precisava de um, por mais que nada surgisse magicamente na minha cabeça. Ergui o joelho esquerdo, o único que consegui, e chutei-o entre as pernas, fazendo-o me fraquejar, mas não me soltar. E, em um último movimento desesperado, chutei-o repetidas vezes, alternando entre joelhadas e chutes, por fim, acertando um soco bem dado, uma vez que eu podia respirar minimamente de novo, na sua garganta.

Ele caiu para o lado e levantei rápido, mas não o suficiente. Ao engatinhar por dois degraus, descalça, ele agarrou meu tornozelo possivelmente quebrado e olhei para baixo para vê-lo se virar, rastejando pelos degraus quando, em um movimento rápido, ação do reflexo, agarrei-me aos

NACIONAIS - ACHERON

balaustres para impedi-lo de me arrastar de volta para onde pudesse me matar, e chutei seu rosto com meu novo apoio, por fim, fazendo-o me soltar ao pisar com toda a minha força sobre sua mão e sentar-me sobre o degrau, sem soltar os balaustres que eram meu único apoio, para lhe acertar um chute certo com o pé direito.

Segurara-me, agarrara-me, com tanta força ao balaustre, que o amolecera, assim, forcei um pouco, sem tirar os olhos daquele homem, e consegui arrancá-lo com dificuldade. Era a única coisa que eu podia usar como arma ali, em vista da minha situação, quando terminei de subir as escadas e entrei no quarto de Rafael, o primeiro ao lado da escada, lembrando-me que a chave sempre ficava na porta, e tranquei-me lá, vendo que minha blusa estava rasgada e parte da minha barriga, exposta.

Segurei o balaustre com toda a minha força e, ofegante, tentei me acalmar, olhando ao redor em busca de um possível modo de fuga, mas, na verdade, eu não podia fazer nada. Eu não era vampira, tampouco era uma bruxa, e não podia sair; e aquele pensamento de que eu estava sozinha ali, de que se eu não encontrara Rafael ali, significava

NACIONAIS - ACHERON

que ele estava realmente morto, assim, agarrei o balaustre com as duas mãos, perto do meu peito e comecei a chorar e soluçar, escorregando pela porta.

— *Cassie, me tira daqui.*

— Shh, não faz barulho — ergui a cabeça, boquiaberta ao ver Rafael se aproximar de mim e me coloquei de pé tão rápido quanto conseguir para ir até ele e abraçá-lo, vendo-o sair de dentro do banheiro, que tivera a porta fechada.

— Ah, meu Deus... — apertei meus braços em torno dele e suspirei, afundando meu rosto em seu pescoço enquanto ofegava, sem saber se deveria ficar feliz ou ainda em pânico por ainda estar ali e, pior, por ele estar ali e eu não ter os meios para tirá-lo — Você está vivo? — me afastei e toquei eu rosto, com a boca meio aberta e o balaustre ainda na mão direita.

— Estou, mas talvez não por muito tempo — Rafael fixou os olhos na porta — Você tem um plano para sair daqui, não tem? — ele segurou minha mão e me colocou ao seu lado — Você chamou pela Cassie...

— É, eu tenho, mas precisamos *te* tirar daqui e...
NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem — Rafael me guiou até sua cama e me fez sentar na borda — Me escute com cuidado. Você vai sair daqui, vai ficar tudo bem comigo, tudo bem? Não se preocupe, eu sobrevivi a coisas piores.

Mesmo em pânico, repudiando a possibilidade, eu sabia que não podia tirá-lo dali e nem ficar ali para ajudá-lo, por isso, limitei-me a assentir quando Rafael segurou meu rosto, junto a meu cabelo emaranhado, e me beijou longamente, com paixão.

— Nós vamos ficar — ouvimos passos no corredor e ele olhou para a porta sob o ranger do assoalho cada vez mais perto de nós, como em um assustador filme de terror — Agora... — Rafael me olhou de novo, alarmado — Alguma coisa que eu precise saber sobre esse lugar?

— Ahn... — busquei na minha memória qualquer coisa que pudesse ajudá-lo — Tem uma loja de armas no centro, na frente do antigo apartamento do meu pai. Pegue as armas e fique lá, assim que eu descobrir alguma coisa, vou te mandar uma mensagem ou uma arma, qualquer coisa. E... O dia é sempre o mesmo, então quando amanhecer, se você tiver mudado qualquer coisa, NACIONAIS - ACHERON

ela vai voltar a ser como era antes — ele assentiu e ouvimos um forte chute na porta que me fez encolher os ombros e Rafael ergueu ligeiramente os seus, preparando-se para o iminente ataque.

— Tudo bem, sairei daqui assim que tiver a chance.

— Pegue isso — levantei-me e entreguei-lhe o balaustre. Não era exatamente uma arma, mas podia servir como uma. Rafael a pegou com cuidado, avaliando como poderia usá-la quando outro estrondo se fez ouvir e sua voz soou levemente assustada.

— Mais alguma coisa que eu precise saber? — segurei seu rosto e beijei-lhe profundamente, ofegante.

— Eu te amo — falei sem ar, sentindo que o feitiço começava a me afastar dele — Eu te amo e prometo que vou te tirar daqui.

Vi seu rosto quando ele franziu as sobrancelhas, abalado, o que ele queria demonstrar, ser forte quando eu sabia que estava tão assustado quanto eu.

— Eu também te amo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Leia um trecho do último volume da
saga VERFLUCHT:

Entrelaçados

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Foi com dificuldade que consegui me levantar, ainda muito chocada e abalada com o que acontecera no mundo prisão. Cedrico me ajudou a levantar quando viu que eu estava machucada; deveria estar curada, mas não estava. Sentei-me no sofá, com lágrimas de pânico nos olhos enquanto Cassandra avaliava meu tornozelo com um olhar preciso e atento.

— Juliette, o que aconteceu? Você o encontrou?
— ela perguntou aflita e ignorei a dor intensa e crescente em meu tornozelo para secar o rosto, tentando me recompor para falar.

— Sim, ele estava lá, mas...

— O que aconteceu com você? — um suspiro escapou por entre os lábios de Cassandra quando ela se sentou ao meu lado — Pelo amor de Deus, o que aconteceu? Meu irmão está bem?

— Ele não está, Cass — balancei a cabeça e empertiguei os ombros — Ele não estava sozinho,

também.

— O quê? — ela fungou e respirou fundo — Isso não é possível...

— Mas é a verdade — retorci o rosto e movi o pé com cuidado conforme ele começava um lento e doloroso processo de cura — Com Jeremy. Ele tentou me matar e Rafael não provavelmente não está nem um pouco melhor.

— *Jeremy?* Não... — ela balançou a cabeça e inclinou-se para trás quando olhei para Lauren, que estava do outro lado da sala.

— Onde o colar esteve por todo esse tempo? — eu não tinha certeza se fora com ela, mas também não podia falar se não.

— Com Joseph — usei as mãos apoiadas no sofá para me ajeitar, encolhendo meus ombros enquanto procurava por uma conexão na minha mente. Mas aquilo não fazia sentido, não depois de tudo o que acontecera depois de Malcolm, depois de *nós dois*. Eu não podia acreditar que *ele* trancara Jeremy lá. Tinha que ter uma explicação razoável que não o envolvesse. Lauren tinha os braços em volta de si quando se aproximou com um passo hesitante — Olha, eu não sei por quê ele queria o colar, mas

NACIONAIS - ACHERON

depois de usá-lo para trazer seu avô e Izabel de volta, ele me pediu para ficar um pouco mais com ele — ela ergueu os ombros, exasperada, mas tão surpresa quanto todos nós — Eu não sabia porquê ele o queria e, sinceramente, não dei muita importância.

— Isso não pode estar acontecendo — cobri a boca com a mão direita, em choque. Eu queria que Joseph estivesse diante de mim naquele momento para que pudesse me dar explicações, pois o que começava a se formar na minha mente me assustava e, junto ao que estava acontecendo de verdade, voltei a ouvir aqueles mesmos sussurros a minha volta.

Vozes indistintas, uma magia poderosa a minha volta.

— Talvez ele quisesse vingança — escutei a voz de Renée se distanciar, sua imagem se tornar borrada e trêmula enquanto eu tremia e enfiava o rosto entre os joelhos, apertando os olhos para tentar bloquear coisas que estavam na minha mente, em meu coração, me perturbando e tirando de mim toda a paz e sanidade — Depois de descobrirmos sobre Freya e a verdade sobre a

NACIONAIS - ACHERON

morte de Amelia, ninguém nunca *falou* sobre isso, como se nunca tivesse acontecido.

— *Você não pode me alcançar, estou longe demais agora* — inconscientemente, em minha agonia, agarrei a pedra em meu pescoço. Não era o colar que Rafael me dera naquela cerimônia, e sim, o presente de Joseph. Apertei-o com força com os antebraços sobre os joelhos e o rosto baixo, a voz se fazendo distinta e alta na minha cabeça — *Não finja como se não pudesse me ouvir. Você fez isso comigo quando tudo o que eu fiz foi te amar. A você e a Harriet* — e era a voz de Joseph. Alta e clara na minha cabeça como se fosse ele quem falasse, substituindo a voz de Renée, que desaparecera por completo enquanto ela falava com Cedrico e Lauren — *Isso é tudo sua culpa, Juliette. Você fez isso comigo.*

— Saia da minha cabeça! — levantei-me sobressaltada e arranquei o cordão do meu pescoço, lançando-o do outro lado da sala. Ele passou por Lauren antes que pudesse encontrar o chão, e ela deu um passo para o lado com o olhar arregalado, assim, fiz meu caminho para fora daquele lugar antes que alguém pudesse me dirigir a palavra.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Mantenha contato com através das
redes sociais:

 www.aneholtmuller.weebly.com

 www.instagram.com/annehmullerfc

 www.facebook.com/aneholtmuller

 www.amazon.com/author/aneholtmuller

 www.skoob.com.br/autor/7924

 www.goodreads.com/author/show/15449960.Ane_Holt_Mul

Se você gostou, deixe sua avaliação ♥

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Boa leitura!

[1] Referência à canção “Shadow”, Birdy.

[2] Referência ao trecho da canção “Long & Lost”, Florence + The Machine.

[3] “Querida”, em alemão.

[4] Referência ao trecho da canção “Shop To Wreck”, Florence + The Machine.

[5] Referência ao trecho da canção “Shop To Wreck”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.

[6] Referência ao trecho da canção “Delilah”, Florence + The Machine.

[7] Referência ao trecho da canção “Queen Of Peace”, Florence + The Machine.

[8] Referência ao trecho da canção “Lifted”, Birdy.

[9] Referência ao trecho da canção “Deep End”, Birdy.

[10] Referência ao trecho da canção “We Are Never Ever Getting Back

Together”, Taylor Swift.

[11] Referência ao trecho da canção “St. Jude”, Florence + The Machine.

[12] Referência ao trecho da canção “Delilah”, Florence + The Machine.

[13] Pastel doce alemão consumido principalmente no Natal, feito de laranja e limão cristalizados, nozes, avelã, amêndoas e especiarias (como anis, canela anis, canela, cardamomo, coriandro, cravo, gengibre, noz moscada, pimenta), mel, farinha, açúcar e ovos.

[14] Referência ao trecho da canção “Bad Blood”, Taylor Swift.

[15] Referência ao trecho da canção “I Know Places”, Taylor Swift.

[16] Referência ao trecho da canção “Keeping Your Head Up”, Birdy.

[17] Referência ao trecho da canção “Keeping Your Head Up”, Birdy.

[18] Referência ao trecho da canção “Keeping Your Head Up”, Birdy.
Continuação do capítulo anterior.

[19] Referência à canção “Civil War”, Guns ‘n Roses.

[20] Curta trégua durante uma guerra ou conflito. Referência ao filme “Armistice”, 2013.

[21] Referência ao filme “Firstborn” (Primogênita), 1984.

[22] Referência ao trecho da canção “Lines”, Lucy Rose.

[23] “Putá merda!”, em alemão.

[24] Referência ao vigésimo primeiro episódio da décima primeira temporada da série de TV “Supernatural” (Sobrenatural).

PERIGOSAS

[\[25\]](#) Referência ao terceiro episódio da oitava temporada da série de TV “The Vampire Diaries” (Diários De Um Vampiro).

[\[26\]](#) Referência ao trecho da canção “Blank Space”, Taylor Swift.

[\[27\]](#) Referência ao trecho da canção “Lost It All”, Birdy.

[\[28\]](#) “Merda!”, em alemão.

[\[29\]](#) Referência ao livro “The Executioner’s Song”, de Norman Mailer.

[\[30\]](#) Referência ao trecho da canção “A Bird In A Gilded Cage”, Harry Anthony.

[\[31\]](#) Referência ao oitavo episódio da primeira temporada da série de TV “True Detective”.

[\[32\]](#) Referência ao trecho da canção “Hometown Glory”, Adele.

[\[33\]](#) Medo do escuro.

[\[34\]](#) Referência à canção “I Think I’m Gonna Like It Here”, Elvis Presley.

[\[35\]](#) Referência ao trecho da canção “Heart Of Gold”, Birdy.

[\[36\]](#) Referência ao trecho da canção “Carry You Home”, James Blunt.

[\[37\]](#) Referência à canção “Sweet Nothing”, Calvin Harris e Florence Welch.

[\[38\]](#) Referência à canção “Standing In The Way Of The Light”, Birdy.

[\[39\]](#) Referência ao trecho da canção “It Will Rain”, Bruno Mars.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- [\[40\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy.
- [\[41\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.
- [\[42\]](#) Referência ao trecho da canção “Love Story”, Taylor Swift.
- [\[43\]](#) Referência ao trecho da canção “Love Story”, Taylor Swift.
- [\[44\]](#) Referência ao trecho da canção “Love Story”, Taylor Swift. Continuação do capítulo anterior.
- [\[45\]](#) Referência ao trecho da canção “Photograph”, Ed Sheeran.
- [\[46\]](#) Referência ao trecho da canção “Hear You Calling”, Birdy.
- [\[47\]](#) Referência ao trecho da canção “Hear You Calling”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.
- [\[48\]](#) Referência ao filme “Kill ‘Em All”, 2017.
- [\[49\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, Birdy.
- [\[50\]](#) Referência ao trecho da canção “Terrible Love”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.
- [\[51\]](#) “Querida”, em alemão.
- [\[52\]](#) Referência ao trecho da canção “Light Me Up”, Birdy.
- [\[53\]](#) Referência à canção “Because Of You”, Kelly Clarkson.

NACIONAIS - ACHERON

[\[54\]](#) Referência ao trecho da canção “Where’s My Love?”, SYML.

[\[55\]](#) Referência ao trecho da canção “Back To December”, Taylor Swift.

[\[56\]](#) Referência ao trecho da canção “Falling Slowly”, Glen Hansard e Marketa Irglova.

[\[57\]](#) Referência ao trecho da canção “It Will Rain”, Bruno Mars.

[\[58\]](#) Referência ao trecho da canção “Cosmic Love”, Florence + The Machine.

[\[59\]](#) “Ele não pode estar morto”, em alemão.

[\[60\]](#) “Apenas tente de novo”.

[\[61\]](#) Referência ao trecho da canção “Cosmic Love”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.